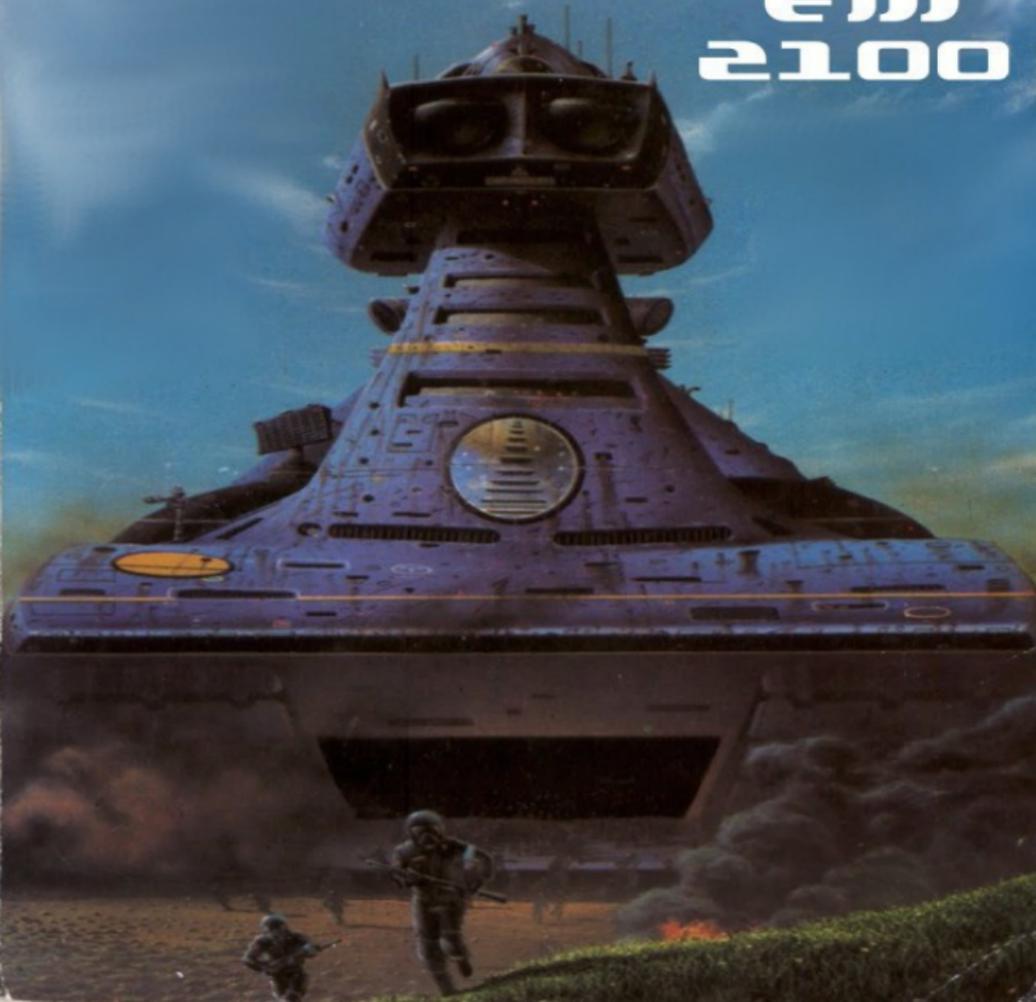


ROBERT A.  
**HEINLEIN**

**REVOLTA  
EM  
2100**



ROBERT HEINLEIN

**REVOLTA EM 2100**

Tradução de  
MAVIA ZETTEL

© Street and Smith Publications, Inc. 1939, 1940  
Título original: *Revolt in 2100*



**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**

Para  
Stan e Sophia Mullen

## ÍNDICE

O Homem e a Obra  
Se isto continuar  
Coventry  
O desajustado

## ROBERT A. HEINLEIN

### O Homem e a obra

Ao leitor menos avisado poderá parecer um número secreto, cabalístico. Talvez seja. Porém trata-se de uma data deste mundo real: a do nascimento de um cavalheiro (na plena acepção da palavra) norte-americano, que recebeu no registro civil o nome de Robert Anson Heinlein.

Cresceu como qualquer outro menino, brincou igual aos outros e nunca foi um leitor apaixonado de ficção científica, como a maioria dos escritores do gênero. Na idade devida, entrou para a Academia Naval, formou-se e foi servir na Marinha, tendo se reformado devido a uma doença grave. No seu tempo de serviço, no entanto, distinguiu-se por habilidade na esgrima, chegando a ser campeão.

Voltando à vida civil, casado e tendo, de ganhar a vida, dedicou-se a uma infinidade de atividades, inclusive a de corretor de imóveis. Foram tempos difíceis, pois o ganho nessas atividades, somado ao de inativo militar, dava estritamente para a sobrevivência do casal. Um dia, no período mais agudo de caixa baixa, leu numa revista popular o regulamento de um concurso de contos de ficção científica, prometendo um prêmio bastante razoável. Resolveu arriscar e obteve o primeiro prêmio. Sua reação revela uma descoberta interior: "Nunca pensei que fosse tão fácil". Era a sua vocação profissional que emergia. Passou a acumular, como uma rotina, prêmios em vários países, inclusive o mais cobiçado, o Hugo, quintuplicado, como se pode ver sobre a lareira de sua linda casa da Costa do Pacífico. Em 1964, sobreveio a crise de criação. Durante dez anos foi incapaz de escrever uma linha. Estava exausto.

Na década de cinquenta, no entanto, causou o maior rebu nos meios literários americanos com a publicação de *Starship troopers*, num instante de aguda crise política nos Estados Unidos, com a caça às bruxas e o macarthismo obscurantista. Foi acusado de fascista porque nesse romance a estrutura social do mundo exigia que o cidadão, para votar, tivesse servido nas forças armadas. Houve debates na televisão, os estudantes promoveram mesas-redondas e Mr. Heinlein, com sua firme tranquilidade, disse: "Esse é um mundo futuro possível, como o é a Terra dominada por uma teocracia. Por quanto tempo não sei".

Em 1974, Robert A. Heinlein (o esquecimento desse A. o deixa invariavelmente furioso) reapareceu em plena carga, com um romance admirável, *Não temerei o mal*, seguido de *Time enough for love*, do mesmo nível do seu clássico *Um estranho numa terra estranha*.

O livro que agora vão ler é o segundo da série intitulada (não por Heinlein, mas pelos editores) HISTÓRIA DO FUTURO que, em seu conjunto, é sem dúvida a mais importante criação do autor de *Columbus was a dope*.

## SE ISTO CONTINUAR

### 1

Fazia frio na trincheira. Bati minhas mãos dormentes uma contra a outra, parando, de repente, com medo de perturbar o Profeta. Meu posto naquela noite era exatamente do lado de fora de seus aposentos pessoais — um posto obtido graças à minha exagerada preocupação em ser hábil e esperto ao montar guarda... mas agora não tinha a menor vontade de chamar atenção sobre a minha pessoa.

Naquela época eu era jovem e não muito brilhante — um legado recentemente saído de West Point e um guarda nos Anjos do Senhor, a guarda pessoal do Profeta Encarnado. Ao nascer, minha mãe consagrou-me à Igreja e, aos deztoito, meu tio Absalão, um censor leigo sênior, pediu ao Conselho dos Anciãos minha designação para a Academia Militar.

West Point agradou-me. Ah, juntei-me à eólica comum dos colegas de classe, a queixa quase ritualista comum a toda vida militar, mas, para dizer a verdade, gostei da rotina monástica — em pé às cinco, depois aulas e conferências sobre assuntos intermináveis da educação militar, estratégica e tática, teologia, psicologia de massa, milagres básicos. Às tardes exercitávamos com espingarda de vórtice e dinamitadores, manobrávamos tanques e fortalecíamos nossos corpos com exercícios.

Não me sobressaí muito na graduação e não tinha lá muitas esperanças de ser designado para os Anjos do Senhor, mesmo tendo-me candidatado a isso. Mas sempre tirei notas altas em piedade e me dei bem na maioria das matérias práticas; fui escolhido. Isso me fez quase pecaminosamente orgulhoso — o regimento mais sagrado das hostes do Profeta, onde mesmo os soldados rasos eram oficiais comissionados e cujo Coronel-em-Chefe era a Espada Triunfante do Profeta, marechal de todas as hostes. No dia em que fui investido do broquel brilhante e da lança usada pelos Anjos, jurei que me prepararia para o sacerdócio, tão logo minha promoção a capitão me tornasse qualificado.

Mas esta noite, meses depois, embora meu broquel continuasse brilhando muito, havia uma mancha em meu coração. De algum modo a vida em Nova Jerusalém não era o que tinha imaginado em West Point. O Palácio e o Templo estavam sendo alvejados por intriga e política; padres e diáconos, ministros de Estado e funcionários do Palácio pareciam todos engajados numa escalada para o poder e o favor nas mãos do Profeta. Mesmo os oficiais de minha corporação pareciam corrompidos por isso. Nosso orgulhoso lema, "*Non Sibi, Sed Dei*", tinha agora um sabor amargo em minha boca.

Não que eu próprio não tivesse pecados. Antes de juntar-me à luta pela preferência profana, tinha feito algo que em meu coração sabia ser o pior: olhei com desejo para uma mulher consagrada.

Por favor, entendam-me melhor do que o fiz na ocasião. Eu era um homem fisicamente bem desenvolvido, mas uma criança em experiência. Minha mãe foi a única mulher que tinha conhecido bem. Quando garoto, no seminário juvenil, antes de ir para Point, parecia ter medo de meninas; meus interesses se dividiam entre as lições, minha mãe e a nossa tropa paroquial do Querubim, na qual era um líder patrulheiro e um constante vencedor de distintivos de mérito em tudo, da carpintaria à memorização da Escritura. Se houvesse um distintivo do mérito a ser ganho no que diz respeito a garotas — mas é claro que não havia.

Na Academia Militar eu simplesmente não vi mulheres, nem tive muito o que confessar sobre maus pensamentos. Meus sentimentos humanos estavam ainda bastante congelados e meus inquietantes sonhos ocasionais eram vistos por mim como tentações enviadas pelo Velho Diabo. Mas Nova Jerusalém não era West Point e os Anjos não eram proibidos nem de casar, nem de manter ligações adequadas e tranquilas com mulheres. É bem verdade que a maioria de meus colegas não pedia permissão para casar, uma vez que isto significaria transferência para um dos regimentos regulares, e muitos deles ambicionavam o sacerdócio militar — mas isso não era proibido.

Nem as diáconas leigas que faziam trabalhos domésticos no Templo e no Palácio estavam proibidas de casar. Mas a maioria delas eram velhas criaturas desleixadas, que me lembravam minhas tias, pouco inspiradoras de pensamentos românticos. De vez em quando, costumava conversar com elas nos corredores, mas não havia mal nisso. Nem estava particularmente atraído por nenhuma das irmãs mais moças — até que encontrei Irmã Judith.

Tinha montado guarda nesse mesmo lugar durante mais de um mês. Era a primeira vez que montava guarda fora dos aposentos do Profeta e, embora tivesse ficado nervoso quando designado inicialmente para isso, naquele momento estava alerta apenas à possibilidade do guardião-vigilante fazer suas rondas.

Naquela noite, uma luz tinha brilhado rapidamente no fundo do corredor interno do lado oposto ao meu local de guarda e ouvi um som de pessoas se movimentando; olhei para meu cronômetro de pulso — sim, deviam ser as virgens oficiando para o Profeta... eu não tinha nada com isso. Todas as noites, às dez, a vigilância delas era trocada — sua "montagem de guarda", como eu chamava, embora nunca tivesse visto a cerimônia e nunca devesse ver. Tudo o que eu realmente sabia sobre isso é que as convocadas para a guarda durante as próximas vinte e quatro horas disputavam na hora o privilégio de atender pessoalmente a sagrada presença do Profeta Encarnado.

Ouvi vagamente e virei as costas. Talvez um quarto de hora depois, uma silhueta delgada, engolfada por um casaco escuro, deslizou junto a mim em direção ao parapeito, lá parando e olhando para as estrelas. Tinha puxado meu dinamita-dor no ato, guardando-o mansamente, assim que percebi tratar-se de uma diácona.

Imaginei que ela fosse uma diácona leiga. Juro que não me ocorreu tratar-se de uma consagrada. Não havia nenhuma regra no meu livro de obrigações dizendo-me para proibi-las de vir para fora, mas nunca tinha ouvido falar de alguma que o tivesse feito.

Acho que ela não me viu antes de eu falar com ela.

— A paz esteja com você, irmã.

Ela pulou e sufocou um gritinho, depois refez-se com dignidade para responder:

— E com você também, *irmãozinho*.

Foi então que vi em sua frente o Selo de Salomão, a marca da família pessoal do Profeta.

— Perdão, Irmã mais Velha. Não tinha visto.

— Não estou zangada.

Pareceu-me que ela me convidava a conversar. Sabia que não era correto conversarmos em particular; seu ser mortal estava dedicado ao Profeta tanto quanto sua alma ao Senhor, mas eu era jovem e solitário — e ela era jovem e muito bonita.

— Você vai atender ao Consagrado esta noite, Irmã mais Velha?

Balançou a cabeça:

— Não, essa honra me foi negada. Minha sorte não foi lançada.

— Deve ser um privilégio grande e maravilhoso servi-lo diretamente.

— Sem dúvida, embora não possa dizê-lo por experiência própria. A sorte ainda não me favoreceu.

E acrescentou impulsivamente:

— Estou um pouco nervosa com isso. Sabe, não estou aqui há muito tempo.

Apesar dela ser hierarquicamente superior a mim, sua demonstração de fraqueza feminina me comoveu.

— Tenho certeza de que se comportará com crédito.

— Obrigada.

Continuamos conversando. Soube que ela estava em Jerusalém há menos tempo ainda do que eu. Tinha sido educada numa fazenda no norte do Estado de Nova Iorque, tendo sido destinada ao Profeta no Seminário de Albany. De minha parte, contei-lhe que nasci no Meio-Oeste, a menos de cinquenta milhas do Poço da Verdade, onde o Primeiro Profeta encarnou. Disse-lhe então que meu nome era John Lyle e ela respondeu-me que se chamava Irmã Judith.

Tinha-me esquecido completamente do guarda de plantão e de suas rondas antipáticas e estava pronto para conversar a noite inteira, quando meu cronômetro soou o quarto de hora.

— Nossa! — exclamou Irmã Judith. — Devia ter voltado direto para minha cela.

Começou a afastar-se rapidamente e parou de súbito:

— Você não vai me prejudicar... John Lyle?

— Quem, eu? Nunca!

Continuei pensando nela durante o resto de minha guarda. Quando o guarda fez sua ronda, eu estava um pouco menos do que alerta.

Uma coisinha poderosa para encontrar o caminho da loucura, não é? Um único trago já é o bastante para um abstermão; não conseguia afastar Irmã Judith do meu pensamento. No mês que se seguiu eu a vi meia dúzia de vezes. Uma vez passei por ela na escada rolante; ela estava descendo e eu subindo. Nem sequer nos falamos, mas ela me reconheceu e sorriu. Passei aquela noite inteira subindo

a escada rolante em meus sonhos, sem conseguir descer e falar com ela. Os outros encontros foram tão triviais quanto esse. De outra feita, ouvi sua voz chamando-me suavemente: "Alô, John Lyle". Voltei-me apenas a tempo de ver uma silhueta encapuzada passando pelo meu ombro e entrando por uma porta. Uma vez eu a vi alimentando os cisnes no fosso; não ousei aproximar-me, mas creio que ela me viu.

O jornal *Temple Herald* trazia ambas as listas de serviços, meus e dela. Tinha de dar um plantão em cinco; as Virgens tiravam a sorte uma vez por semana. Assim, foi só depois de um mês que nossos plantões coincidiram. Vi o nome dela — e jurei que conseguiria montar guarda outra vez naquela noite no posto de honra diante dos aposentos do Profeta. Não tinha nenhuma razão para achar que Judith iria procurar-me lá fora na trincheira — mas meu coração estava certo disso. Nunca em West Point gastei tanto cuspe-e-polimento; poderia usar meu escudo como espelho para me barbear.

Mas já eram quase dez e meia e nem sinal de Judith, embora eu tivesse ouvido as Virgens reunirem-se no corredor exatamente às dez. Tudo o que conseguira com o meu esforço tinha sido ficar em pé de plantão no posto mais frio do Palácio.

Possivelmente, pensei, mal-humorado, ela sai para flertar com o guarda de plantão sempre que tem uma oportunidade. Lembrei-me com azedume que todas as mulheres são vassalas da perversão e sempre o foram desde a Queda do Homem. Quem era eu para pensar que ela me tivesse privilegiado com uma amizade especial? Provavelmente, ela achou a noite muito fria para importar-se comigo.

Ouvi passos e meu coração pulou de alegria. Mas era apenas o vigia fazendo suas rondas. Saquei minha pistola e pedi-lhe a senha. Sua voz respondeu-me:

— Vigia, como está a noite? Redargüi automaticamente:

— Paz na terra. — E acrescentei: — Está frio, Irmão mais Velho.

— É o outono que está chegando — ele concordou. — Está friozinho mesmo dentro do Templo.

Passou por mim com sua pistola e a cartucheira de bombas paralisantes batendo em sua armadura quando andava. Era um pateta simpático e geralmente parava para umas palavras amistosas; mas essa noite ele estava ansioso para voltar ao calor da sala dos guardas. Voltei a meus pensamentos amargos.

— Boa noite, John Lyle.

Quase caí de costas. Em pé no escuro, sobre a arcada, estava Irmã Judith. Consegui balbuciar "boa noite, Irmã Judith", enquanto ela andava em minha direção.

— Psiu! —; ela alertou-me. — Alguém pode nos ouvir. John, John Lyle, finalmente aconteceu. Fui sorteada!

— Hein? — Soltei. E acrescentei então desajeitadamente: — Parabéns, Irmã mais Velha. Que Deus mostre Sua face para iluminar o seu serviço sagrado.

— É, é, obrigada — respondeu-me depressa. — Mas, John... eu pretendia roubar uns minutos para conversar com você. Agora não posso mais. Tenho que estar no quarto de paramentos para doutrinação e prece agorinha mesmo. Vou ter que correr.

— É melhor se apressar — concordei. Estava desapontado por ela não poder ficar, feliz por ela ter sido honrada com a escolha e exultante por não me ter esquecido. Que Deus a acompanhe.

— Mas eu precisava contar a você que fui escolhida. Seus olhos brilhavam com o que pensei ser alegria sagrada; o que me disse depois alarmou-me:

— Estou apavorada, John Lyle.

— O quê? Com medo? — Lembrei-me de repente como me senti, como minha voz falhou quando pela primeira vez eu comandeí um pelotão.

— Não tenha medo. Você vai ser ajudada.

— Espero que sim! Reze por mim, John. E partiu, perdendo-se no corredor escuro.

Rezei mesmo por ela e tentei imaginar onde estava, o que estava fazendo. Mas, como sabia muito pouco sobre o que se passava dentro dos aposentos pessoais do Profeta, tanto quanto uma vaca sabe de cortes marciais, logo desisti e pensei simplesmente em Judith. Depois, uma hora ou mais, meu sonho foi interrompido por um grito agudo dentro do Palácio, seguido de uma agitação e passos correndo. Disparei para o corredor interno e encontrei um monte de mulheres agrupadas diante do portal dos aposentos do Profeta; pararam quando chegaram ao corredor e levantaram sua carga do chão.

— Qual é o problema? — perguntei, puxando minha arma lateral de modo bem visível.

Uma Irmã mais Velha parou diante de mim:

— Não é nada. Volte para seu posto, rapaz.

— Ouvi um grito.

— Não é de sua conta. Uma das Irmãs desmaiou quando o Sagrado requisitou seus serviços.

— Quem era?

— Você é bastante metido, irmãozinho. — Encolheu os ombros. — Irmã Judith, se isso lhe interessa.

Não parei para pensar mas vociferei:

— Deixem-me ajudá-la!

E corri para dentro. Ela barrou meu caminho.

— Você enlouqueceu? As irmãs dela a levarão de volta para sua cela. Desde quando os Anjos açodem Virgens nervosas?

Poderia tê-la facilmente empurrado com um dedo, mas ela estava com a razão. Recuei e voltei contra a minha vontade para meu posto.

Durante os próximos dias não consegui deixar de pensar em Irmã Judith. Quando não estava de guarda, rondava as partes do Palácio que tinha liberdade para visitar, esperando avistá-la. Ela podia estar doente ou confinada em sua cela pelo que certamente tinha sido considerado uma quebra grave da disciplina. Mas nunca a via.

Meu companheiro de quarto, Zebadiah Jones, notou meu estado de espírito e tentou animar-me. Zeb era três graus hierárquicos acima do meu e eu fui seu calouro em Point; agora ele era meu melhor amigo e único confidente.

— Johnnie, meu filho, você parece um cadáver no seu próprio velório. O que é que está matando você?

— Hein? Nada. Talvez má digestão.

— É? Está bem, vamos dar uma volta. Ar puro vai fazer você se sentir bem.

Deixei-me conduzir para fora. Falou-me somente de banalidades até chegarmos ao imenso pátio que circunda a torre sul, onde estávamos livres do perigo de dispositivos visuais e auditivos. Quando estávamos bem longe de todos, disse-me suavemente:

— Vamos lá. Desembuche.

— Ora, Zeb, não posso ficar incomodando os outros com isso.

— Por que não? Pra que serve um amigo?

— Ah, você ficaria chocado.

— Duvido. A última vez que me choquei com alguma coisa foi quando, num jogo de pôquer, tirei 4 cartas iguais e um ás de quebra. Isso restabeleceu minha fé em milagres e tenho me conservado relativamente imune desde então. Vamos lá — isso é o que se pode chamar de comunicação privilegiada — sou um conselheiro mais velho, etc. e tal.

Deixei-me persuadir. Para minha surpresa, Zeb não se escandalizou, ao saber que eu me tinha interessado por uma diácona sagrada. Assim, contei-lhe a estória toda e acrescentei minhas dúvidas e preocupações, as apreensões que vinham aumentando em mim desde o dia em que me apresentei para servir em Nova Jerusalém.

Balançou a cabeça tranquilamente:

— Posso imaginar o quanto isso deve ter afetado você, conhecendo-o como conheço. Mas me diga uma coisa, você não falou nisso em confissão, falou?

— Não — admiti, constrangido.

— Então não fale. Esconda o jogo. O Major Bagby tem uma mente aberta, não ficaria chocado. Mas ele pode achar necessário informar seus superiores. Creio que não gostaria de enfrentar a Inquisição, ainda que você fosse a inocência personificada. Na verdade, principalmente se você está inocente, como sabemos, todo o mundo tem pensamentos ímpios de vez em quando. Mas o Inquisidor pretende encontrar pecados; e se não encontra, continua procurando.

À idéia de que eu poderia ser submetido ao Inquérito, meu estômago quase virou do avesso. Procurei disfarçar, pois Zeb continuou calmamente:

— Johnnie, meu caro, admiro sua piedade e sua inocência, mas não as invejo. Às vezes muita piedade é uma desvantagem maior do que pouca. Você fica chocado pelo fato de que política é tão importante para dirigir um grande país quanto cantar salmos. Agora, veja o meu caso: notei as mesmas coisas quando era novato aqui mas, como não esperava nada diferente, não fiquei chocado.

— Mas...

Calei-me. Essas observações soavam dolorosamente como uma heresia. Mudei de assunto.

— Zeb, o que é que você imagina que tenha incomodado tanto Judith a ponto dela desmaiar na noite em que serviu o Profeta?

— Ué! Como é que eu posso saber? — Olhou-me rapidamente e desviou o olhar.

— Bem, eu pensei que você soubesse. Geralmente você sabe de todas as

fococas do Palácio.

— Bem... Esqueça, amigão. Não tem a menor importância.

— Então você *sabe*?

— Não foi o que eu disse. Talvez eu pudesse construir uma boa hipótese, mas você não quer isso. Então, esqueça.

Parei de andar e plantei-me diante dele, encarando-o:

— Zeb, qualquer coisa que você saiba, ou possa imaginar, eu quero saber. É importante pra mim.

— Calma! Você estava com medo de me escandalizar. Pode ser que eu não queira escandalizar você.

— O que você quer dizer com isso? Fale!

— Calma, já disse. Lembre-se de que estamos dando uma voltinha, sem a menor preocupação, falando sobre coleção de borboletas e nos perguntando se vamos comer ensopadinho outra vez no jantar.

Ainda irritado, deixei-me levar. Ele continuou, ainda mais calmo:

— John, você obviamente não é do tipo que aprende as coisas apenas encostando o ouvido no chão. E ainda não estudou nenhum dos Mistérios Íntimos, já estudou?

— Você sabe que não. O oficial de classificação psicológica ainda não me convocou para o curso. Não sei por quê.

— Eu devia ter deixado você ler alguns trechos enquanto eu estava estudando o assunto. Não, isso foi antes de você se formar. É uma pena, porque explicam as coisas numa linguagem bem mais delicada do que a que sei usar, justificando inteiramente cada detalhe, se você se interessa pela dialética da teoria religiosa. John, qual é a sua noção dos deveres das Virgens?

— Bom, elas o visitam, fazem a sua comida e outras coisas.

— É isso mesmo. E outras coisas. Essa Irmã Judith, uma inocente camponesa pelo que você me descreveu, é bastante devota, não é?

Respondi, meio empertigado, que sua devoção foi o que primeiro me atraiu nela. Talvez acreditasse nisso.

— Bem, pode ser simplesmente que ela tenha ficado escandalizada ao ouvir uma discussão meio leiga e cínica entre o Sagrado e, digamos, o Grande Tesoureiro, sobre impostos e dízimos, e a melhor maneira de arrancá-los dos camponeses. Pode ter sido um troço desses, embora o escriba para uma entrevista desse tipo dificilmente seria uma Virgem inexperiente no seu primeiro dia de serviço. Não, é quase certo que tenha sido o "e outras coisas".

— O quê? Não estou entendendo. Zeb suspirou.

— Você é mesmo um dos inocentes de Deus, não é? Santo Deus, pensei que você soubesse e que fosse apenas cabeça dura demais para admitir. Ora, até os Anjos andam com as Virgens de vez em quando, depois que o Profeta não quer mais nada com elas. Isto sem falar nos padres e nos diáconos. Lembro-me de uma ocasião em que...

Interrompeu-se subitamente, ao olhar para mim:

— Apague esta expressão do rosto! Quer que alguém nos observe?

Foi o que tentei, com pensamentos terríveis em conflito dentro da minha mente. Zeb continuou calmamente:

— Eu tenho a impressão, se isto lhe interessa muito, que a sua amiga Judith ainda merece o título de "Virgem" tanto no sentido físico da palavra como no espiritual. Pode ser até que ela continue assim, se o Sagrado estiver tão zangado com ela como deve estar. Possivelmente ela é tão bronca quanto você e não entendeu as explicações simbólicas que lhe deram, fundindo a cuca quando as coisas chegaram a um ponto em que ela não podia deixar de entender. E então ele deu-lhe um chute. Não é de admirar.

Parei outra vez, murmurando expressões bíblicas que eu mal pensava que soubesse. Zeb também parou e ficou olhando para mim, com um sorriso de tolerância cínica.

— Zeb — disse-lhe, quase suplicando — são coisas horríveis. Horríveis! Não me diga que você está de acordo!

— De acordo? Mas é tudo parte do Plano. Lamento que você não tenha sido chamado para estudos superiores. Escute, vou fazer um rápido sumário. Deus não desperdiça nada, certo?

— Isso me parece doutrinação.

— Deus não exige nada do homem que esteja acima de suas forças, certo?

— Sim, mas...

— Cale a boca. Deus ordena que o homem prolifere. O Profeta Encarnado, sendo especialmente sagrado, deve ser também especialmente prolífero. Essa é a essência da coisa; você vai entender os pontos principais quando estudar o assunto. Enquanto isso, se o Profeta pode humilhar sua carne a fim de cumprir com seu dever, quem é você para levantar um tumulto? Responda.

Não pude responder, é claro, e continuamos nosso passeio em silêncio. Tinha de admitir a lógica do que ele me tinha dito e reconhecer que as conclusões baseavam-se nas doutrinas divulgadas. O problema era que eu queria me descartar das conclusões, jogá-las fora como se fosse alguma coisa venenosa que eu tivesse engolido.

No momento, me consolava a idéia de que Zeb tinha certeza de que Judith não tinha sido molestada. Comecei a me sentir melhor, dizendo-me que Zeb tinha razão, que não me cabia, decididamente, fazer julgamentos morais sobre o Sagrado Profeta Encarnado.

Minha imaginação já estava passando para um outro ponto, pensando que meu alívio em relação a Judith devia-se unicamente ao fato de eu ter olhado para ela pecaminosamente, que não podia de modo algum haver uma norma para uma diácona sagrada e outra para o resto delas, e estava começando a me sentir infeliz outra vez quando Zeb parou de repente.

— O que é isso?

Corremos para o parapeito do pátio e olhamos para o muro abaixo. O muro sul fica perto dos limites da cidade.

Uma multidão de cinquenta ou sessenta pessoas estava subindo a rampa que leva aos muros do Palácio. Diante deles, correndo com a cabeça voltada, ia um homem vestindo um longo gabão. Dirigia-se ao portão do Santuário.

Zebadiah olhou para baixo e respondeu sua própria pergunta:

— Esse é o motivo da algazarra: parte do populacho apedrejando um pária. É possível que ele tenha sido descuidado o bastante para ser pego fora do gueto

depois das cinco.

Olhou bem para baixo e sacudiu a cabeça:

— Acho que ele não vai conseguir.

A previsão de Zeb concretizou-se na hora: uma pedra enorme atingiu o homem entre as omoplatas, ele cambaleou e caiu. Agarraram-no imediatamente. Ajoelhou-se com esforço, foi atingido por uma dúzia de pedras e caiu encolhido. Soltou um gemido agudo e fraco, colocando uma dobra de seu gabão sobre seus olhos escuros e seu forte nariz romano.

Momentos depois, não se tinha mais nada para ver, a não ser uma pilha de pedras e um pé proeminente num chinelo. Estremeceu e aquietou-se.

Virei de costas, enojado. Zebadiah captou minha expressão.

— Por que — perguntei na defensiva — esses párias insistem na heresia? Parecem caras tão inofensivos, sob outros aspectos.

Olhou-me com as sobranceiras arqueadas:

— Talvez não seja heresia para eles. Você não viu aquele cara submeter-se ao seu Deus?

— Mas aquele não é o verdadeiro Deus.

— Ele devia ter outra opinião.

— Mas eles já deviam saber a verdade; já lhes ensinamos isso muitas vezes.

Ele sorriu de um modo tão irritado, que explodi:

— Não entendo você, Zeb! Não dá pra entender! Há dez minutos você estava me ensinando a doutrina correta; agora me parece que está defendendo a heresia. Concilia as duas coisas.

Deu de ombros:

— Ah, posso brincar de advogado do diabo. Fiz parte do grupo de debate em Point, lembra-se? Um dia vou ser um teólogo famoso, se o Grande Inquisidor não me agarrar primeiro.

— Bem... me diz uma coisa: você acha certo apedrejar os ateus? Não acha?

Mudou de assunto rapidamente:

— Você notou quem atirou a primeira pedra?

Não notei e disse-lhe isso; só me lembrava de que tinha sido um homem em trajes locais e não uma mulher ou uma criança.

— Foi Snotty Fassett. — Zeb torceu os lábios.

Lembrava-me muito bem de Fassett; era duas classes acima da minha e fez de meu ano de calouro algo que quero esquecer.

— Então foi assim — respondi lentamente. — Zeb, não creio que tenha estômago para o serviço de inteligência.

— Claro que não como um *agent provocateur* — concordou. — De qualquer modo, acredito que o Conselho precise desses incidentes de vez em quando. Esses rumores sobre a Conspiração e tal...

Peguei a última observação:

— Zeb, você acha mesmo que exista essa tal de Conspiração? Não posso acreditar que haja uma deslealdade organizada contra o Profeta.

— Bem, é certo que houve alguns problemas na Costa Oeste. Mas deixe isso pra lá; nosso trabalho é montar guarda aqui.

Mas nós não pudemos deixar isso pra lá; dois dias depois a guarda interna foi dobrada. Não podia entender como haveria qualquer perigo real, já que o Palácio era tão sólido quanto qualquer fortaleza que já tenha sido construída, com seus abrigos subterrâneos à prova até de bombas de desintegração nuclear. Além disso, quem entrasse no Palácio, mesmo vindo do Templo, teria que apresentar uma senha e identificar-se uma dúzia de vezes, antes de se aproximar do Anjo de guarda fora dos aposentos do Profeta. Entretanto, pessoas ocupando altos postos estavam agitadas; algo estava acontecendo.

Mas eu estava muito satisfeito de saber que tinha sido designado para parceiro de Zebadiah. Montar guarda, em pé, durante o dobro do tempo habitual, foi quase compensado pelo fato de tê-lo para conversar comigo — pelo menos, para mim. Quanto ao pobre do Zeb, incomodei a paciência dele sem parar, durante as longas noites de vigília, falando de Judith e do quanto eu estava infeliz por causa do modo como as coisas eram em Nova Jerusalém. Até o dia em que ele me perguntou, no meu tempo de calouro:

— Escute aqui, seu João-bobo — num tom ríspido — como você está apaixonado por ela?

Tentei tirar o corpo fora. Não tinha admitido nem para mim mesmo que o meu interesse fosse além de uma preocupação com o bem-estar dela. Ele me interrompeu de chofre:

— Ou você está, ou não está. Decida-se. Se está, vamos conversar objetivamente. Se não, pare de falar nela.

Respirei fundo e mergulhei:

— Acho que estou, Zeb. Parece impossível, eu sei que é pecado, mas é isso aí.

— É tudo isso e loucura também. Mas não se pode ter uma conversa sensata com você. Bem, então você está apaixonado por ela. E daí?

— O quê?

— O que é que você quer fazer? Casar com ela? Pensei nisso com tanta angústia, que cobri meu rosto com as mãos:

— Claro que quero — admiti. — Mas como é que eu posso?

— Exatamente. Não pode. Não pode sem ser transferido daqui; e ela, pelo tipo de voto que fez, não pode casar de jeito nenhum. E nem ela pode de modo algum quebrar o voto, uma vez que já foi consagrada. Mas, se você puder encarar os fatos cruamente, sem ficar vermelho, há muito que você pode fazer. Vocês dois podem ficar bem aconchegados, se você conseguir superar esse seu puritanismo infernal.

Uma semana antes, eu não teria entendido onde ele queria chegar. Mas agora eu sabia. Não consegui sequer ficar seriamente zangado por fazer uma sugestão tão infame e pecaminosa; ele tinha razão. E um pouco dessa mancha estava agora em minha própria alma. Balancei a cabeça:

— Você não devia ter dito isso, Zeb. Judith não é uma mulher qualquer.

— Está bem. Então esqueça o que eu disse. E a ela também. E pare de falar nela.

Suspirei, esgotado:

— Não seja grosseiro comigo, Zeb. Tudo isso é demais para mim.

Olhei de um lado para o outro e arrisquei-me a sentar no parapeito. Não estávamos de guarda junto aos aposentos do Sagrado mas no muro leste; nosso vigia, Capitão Peter van Eyck, era gordo demais para ir até lá mais de uma vez durante a guarda; então me arrisquei. Estava exausto por não ter dormido muito ultimamente.

— Desculpe.

— Não se zangue, Zeb. Esse tipo de coisa não é pra mim e com certeza também não é pra Judith... pra Irmã Judith.

Sabia o que queria para nós: uma pequena fazenda de mais ou menos cento e sessenta acres, como aquela em que nasci. Porcos, galinhas, crianças descalças de rostos sujos e felizes e Judith, com o rosto iluminado quando eu viesse do campo, enxugando a transpiração do rosto com seu avental para que eu pudesse beijá-la... sem nenhuma outra ligação com a Igreja e o Profeta além do culto dos domingos e os dízimos.

Mas isso não era possível nem nunca seria. Afastei a idéia de minha mente.

— Zeb — continuei — só por curiosidade, você insinuou que essas coisas estão sempre acontecendo. Como? Vivemos aqui fechados e vigiados. Não me parece possível.

Sorriu para mim de um modo tão irônico e cínico, que tive vontade de esbofeteá-lo, mas sua voz nada tinha de esquiua.

— Bom, só por exemplo, vamos ver o seu caso...

— Fora de cogitações!

— Só por exemplo. Irmã Judith não está livre neste momento; está presa numa cela. Mas...

— Como? Ela está *presa*? — pensei confusamente no Inquérito e no que Zeb me contou sobre os inquiridores.

— Não, não! Ela não está nem sequer trancada. Disseram-lhe para ficar lá, é só isso, com orações, pão e água pra lhe fazer companhia. Estão purificando seu coração e instruindo-a em seus deveres espirituais. Quando ela enxergar as coisas pelo prisma correto, será sorteada outra vez. E aí não vai desmaiar e se comportar como uma adolescente boba.

Refreei minha primeira reação e tentei pensar nisso calmamente.

— Não. Judith nunca vai fazer isso. Nem que ela fique na cela para sempre.

— Tem certeza? Eu não teria tanta. Eles podem ser muito persuasivos. Como é que você se sentiria sendo catequizado por turmas de revezamento? Mas vamos admitir que ela veja as coisas de um outro prisma, só pra eu poder terminar minha estória.

— Zeb, como é que você sabe dessas coisas?

— Ora, homem! Já faz mais ou menos três anos que estou aqui. Pensa que não andei por aí ouvindo os boatos? Você estava preocupado com ela — e andava um bocado chato, se quer saber. Então um passarinho me contou umas

coisas. Mas continuando. Ela vê pelo prisma certo, é sorteada, executa seu serviço sagrado junto ao Profeta. Depois disso é chamada uma vez por semana como as outras e talvez seja sorteada uma vez por mês ou menos. Dentro de um ano — a menos que o Profeta encontre algo excepcionalmente belo em sua alma — deixarão de pôr o nome dela entre as possíveis sorteadas. Mas não é preciso esperar tanto tempo, embora seja mais discreto.

— Tudo isso é vergonhoso!

— É mesmo? Imagino que o Rei Salomão tivesse que usar o mesmo sistema; tinha mais mulheres penduradas no pescoço do que o Sagrado. Daí por diante, se você conseguir chegar a um acordo mútuo com a Virgem em questão, é só seguir os hábitos bem conhecidos. Há um presente a ser oferecido à Irmã mais Velha e renovado quando necessário. Vamos ter que quebrar uns galhos, e eu posso te dizer quais. Esta imensa construção tem um monte de escadas de serviço escuras. Observando-se todos os hábitos, não há nenhuma razão para que quase todas as noites eu esteja de guarda e você não, e que você não encontre algo quente e acariciante em sua cama.

Estava quase explodindo pela maneira fria com que ele expunha os fatos, quando minha imaginação saiu pela tangente:

— Zeb, agora sei que você não está dizendo a verdade. Estava só brincando, seja franco. Há um olho e um ouvido em algum ponto de nosso quarto. Ora, mesmo que eu tentasse encontrá-los e cortá-los, eu simplesmente teria a guarda de segurança batendo na porta em três minutos.

— E daí? Há um olho e um ouvido em cada sala daqui e você não toma conhecimento.

Fiquei simplesmente de boca aberta.

— Não toma conhecimento — ele continuou. — Escute, John, uma fornicaçãozinha eventual não é uma ameaça à Igreja — traição e heresia são. Isto simplesmente vai entrar em sua folha de serviço e nada vai ser dito sobre o assunto — a menos que peguem você mais tarde por algo muito mais importante, e nesse caso podem usar isso para enforcá-lo ao invés de fazer as acusações reais. Meu velho, eles *gostam* de anotar esses pecadinhos em seus arquivos; aumenta a segurança. Eles devem se sentir apreensivos em relação a você, o que é lógico; esse tipo de homem é perigoso. E é possivelmente por isso que nunca foi chamado para altos estudos.

Procurei meter na minha cabeça os interesses cruzados subentendidos, encaixar as peças e desisti.

— Simplesmente não entendo. Escute, Zeb, tudo isso não tem nada a ver comigo, ou com Judith. Mas eu sei o que *tenho* de fazer. De algum modo tenho de tirá-la daqui.

— Humm... um esplêndido portão de saída, meu velho.

— É o que tenho a fazer.

— Bem... eu gostaria de ajudá-lo. Acho que poderia levar um recado para ela — acrescentou, incerto.

Peguei-o pelo braço.

— Podia, Zeb? Ele suspirou.

— É preferível você esperar. Não, não ajudaria nada alimentar idéias românticas na sua cabeça. Mas agora é arriscado. Muito arriscado, considerando-se que ela está sendo disciplinada por ordem do Profeta. Você ficaria engraçado, olhando pra baixo diante da corte marcial, encarando a sua própria lança.

— Eu arriscaria até isso. Ou mesmo o Inquerito.

Não me lembrou de que ele próprio estava correndo ainda mais riscos do que eu. Simplesmente disse-me:

— Muito bem, qual é o recado?

Pensei por um momento. Tinha de ser curto.

— Diga-lhe que o novato com quem ela falou no dia em que foi sorteada está preocupado com ela.

— Mais alguma coisa?

— Sim! Que ela decida o que quer que eu faça!

Hoje a frase me parece retumbante. Sem dúvida, era. Mas mostra exatamente como eu me sentia.

No almoço do dia seguinte, encontrei um pedaço de papel dobrado em meu guardanapo. Engoli a comida e me escapei para lê-lo.

"Preciso de sua ajuda", estava escrito, "e lhe sou muito grata. Pode encontrar-se comigo hoje à noite?" Não estava assinado e tinha sido batido numa tira comum de ditafone, usado em qualquer parte do Palácio ou fora dele. Quando Zeb voltou para o quarto, mostrei-o. Deu uma olhada e falou, num tom despreocupado:

— Vamos tomar ar. Comi demais, estou quase dormindo. Assim que chegamos ao pátio aberto e nos livramos do olho e do ouvido ocasionais, ele me xingou em voz baixa e controlada.

— Você nunca vai ser um conspirador. Metade do pessoal deve saber que você achou alguma coisa em seu guardanapo. Por que, por amor de Deus, você devorou a comida e saiu disparado? Depois, ainda por cima, me entrega o papel lá no quarto. Como você deve saber, o olho leu e fotostatou-o como prova. Onde é que você estava quando fizeram a distribuição de cérebros?

Proteste, mas ele me interrompeu.

— Esquece! Sei que você não pretendia colocar uma corda nos nossos pescoços. Mas boas intenções não servem pra nada quando o auditor militar lê as acusações. Agora, meta uma coisa na sua cabeça: o princípio número um da intriga é nunca ser visto fazendo algo fora do comum, por mais insignificante que possa parecer. Você não imagina como um desvio mínimo dos padrões parece importante para um analista treinado. Devia ter ficado no refeitório o mesmo tempo de costume, continuado por ali, papeado como sempre depois e então esperar, até que você estivesse seguro para ler o bilhete. Bem, cadê ele?

— No bolso de meu colete — respondi humildemente. — Não se preocupe, vou mastigá-lo e engoli-lo.

— Não tenha pressa. Espere aí. Afastou-se e voltou em poucos minutos:

— Tenho aqui um pedaço de papel da mesma forma e tamanho; vou passar pra você disfarçadamente. Troque os dois

e então você pode comer o verdadeiro, mas não se deixe ver fazendo a troca,

ou mastigando o verdadeiro bilhete.

— Está bem. Mas o que é que tem no segundo pedaço de papel?

— Algumas anotações sobre o método de ganhar no jogo de dados.

— É? Mas isso também é irregular!

— Claro que é, seu cabeça-dura. Se eles pegarem você com uma prova de jogo de azar, não vão suspeitar de nenhum pecado mais sério. Na pior das hipóteses, o capitão vai comê-lo vivo, multá-lo em uns dias de pagamento e em algumas horas de contrição. Entenda isto, John: se você tiver de ser suspeito de alguma coisa, tente fazer com que as provas sejam de uma transgressão menor. Nunca tente provar que é inocente como os lírios do campo. Sendo a natureza humana o que é, suas chances serão maiores.

Acho que Zeb tinha razão; meus bolsos devem ter sido revistados e a prova fotografada assim que troquei de uniforme para desfilar, pois meia hora depois fui chamado para o escritório do Oficial Executivo. Pediu-me que abrisse os olhos em relação a jogos de azar entre oficiais mais jovens. Advertiu-me de que era um pecado em que detestava ver seus oficiais mais moços caírem. Bateu no meu ombro quando eu estava saindo:

— Você é um bom rapaz, John Lyle. A bom entendedor... não é?

Zeb e eu estávamos de meia guarda no portal sul do Palácio naquela noite. Metade da guarda passou sem sinal de Judith e eu estava nervoso como um gato em casa estranha, embora Zeb tentasse me acalmar, mantendo-me estritamente dentro da rotina. Depois de muito tempo, ouvimos passos macios no corredor interno e uma sombra apareceu no umbral da porta. Gesticulando, Zebadiah me orientou para ficar no posto e foi verificar. Voltou quase em seguida e acenou-me para que me juntasse a ele, enquanto punha um dedo diante dos lábios. Tremendo, entrei. Não era Judith mas uma mulher estranha que me esperava lá no escuro. Comecei a falar mas Zeb botou sua mão na minha boca.

A mulher me pegou pelo braço e impeliu-me para dentro do corredor. Dei uma olhada para trás e vi a silhueta de

Zeb cobrindo nossa retaguarda. Minha guia parou e me empurrou para dentro de um nicho quase escuro como breu, tirando então das dobras de suas vestes um pequeno medidor, que brilhava fracamente em sua borda. Girou-o para cima e para baixo, rodou-o, parou-o de repente e tornou a guardá-lo.

— Agora você pode falar — disse baixinho. — Estamos seguros.

Ela desapareceu.

Senti um toque suave na minha manga.

— Judith? — murmurei.

— Sim — respondeu tão baixinho, que mal pude ouvi-la. E então meus braços estavam em volta dela. Deu um gritinho e logo os seus braços estavam em torno de meu pescoço e pude sentir sua respiração em meu rosto. Beijamo-nos desajeitadamente mas com avidez frenética.

Não é da conta de ninguém o que nos dissemos e nem eu poderia contar de modo coerente, se o tentasse. Chamem nosso comportamento de asneira romântica, de namorico de retardados com um toque de ignorância e de vidas mal-vividas. Mas por acaso pessoas inexperientes amam menos do que as outras?

Chamem isso do que quiserem, riam-se de nós, mas naquele momento estávamos mergulhados nessa querida loucura mais preciosa do que rubis e ouro fino, mais desejável do que a sanidade mental. Se você nunca passou por isso e não sabe do que estou falando, tenho pena de você.

Ficamos então um pouco mais calmos e conversamos mais sensatamente. Quando tentou falar-me da noite em que foi sorteada, começou a chorar. Eu a sacudi e disse:

— Pare com isso, querida. Não precisa me contar. Eu já sei.

Ela engoliu em seco e disse:

— Mas você não sabe. Não pode saber. Eu... ele... Sacudi-a outra vez.

— Pare com isso. Pare imediatamente. Não chore mais. Eu sei, com exatidão. E também sei pelo que você vai passar ainda, a menos que tiremos você daqui. Não há tempo para lágrimas ou nervosismo; temos que fazer planos.

Durante muito tempo ela se conservou em profundo silêncio e depois disse lentamente:

— Você acha que eu devo... desertar? Pensei nisso. Meu Deus do céu, como pensei nisso! Mas como é que eu posso?

— Não sei ainda. Mas vamos imaginar um modo. *Temos* que encontrar.

Discutimos possibilidades. O Canadá ficava a apenas trezentas milhas e ela conhecia a parte norte de Nova Iorque; na verdade, era a única área que ela realmente conhecia. Mas a fronteira lá era mais fechada do que qualquer outra, com barcos de patrulha, muros de radar no mar, arame farpado e sentinelas na terra e... cães-sentinelas. Fui treinado com esses cães; não aconselharia meu pior inimigo a desafiá-los.

Mas o México era simplesmente impossível de tão longe. Se ela rumasse para o sul, seria provavelmente presa em vinte e quatro horas. Ninguém daria conscientemente abrigo a uma Virgem sem véu; sobre a lei inexorável de cumplicidade qualquer boa samaritana seria tão culpada quanto ela, acusada da mesma traição pessoal contra o Profeta e encontrando morte idêntica. Ir para o norte seria um caminho mais curto, pelo menos, embora significasse o mesmo negócio de viajar de noite, esconder-se durante o dia, roubar comida ou seguir com fome. Uma tia de Judith morava perto de Albany; ela estava certa de que sua tia correria o risco de escondê-la até que algum jeito fosse dado para que ela cruzasse a fronteira.

— Ela vai nos proteger. Tenho certeza.

— A nós?

Devo ter parecido idiota. Até que ela dissesse isso estava tão preocupado com o único problema de como fazê-la escapar, que ainda não me tinha ocorrido que ela esperasse que nós dois fôssemos embora.

— Quer dizer que você pretendia me mandar embora *sozinha*?

— Bem... acho que não tinha pensado no problema de outra maneira.

— Não!

— Mas escute, Judith, o negócio urgente, o que tem de ser feito o quanto antes," é tirar você daqui. Duas pessoas tentando viajar e se esconder estão muito mais sujeitas a serem descobertas do que uma. Simplesmente não faz sentido...

— Não! Não quero ir.

Pensei no assunto, rapidamente. Eu ainda não tinha me dado conta de que "A" envolve "B" e que eu próprio, ao incitá-la a desertar, era tão desertor em meu coração quanto ela. Disse-lhe:

— Bem, você vai primeiro, isso é que é importante. Me diz onde a sua tia mora e espera por mim.

— Não vou sem você.

— Mas você *tem* que ir. O Profeta...

— É melhor isso do que perder você agora! Naquela época eu não entendia as mulheres — e ainda não entendo. Dois minutos antes, ela estava calmamente planejando arriscar-se a morrer de modo doloroso para não submeter seu corpo ao Sagrado. Agora quase que estava aceitando negligentemente o fato para não enfrentar uma separação mesmo temporária. Não entendo as mulheres; às vezes penso que elas não têm a menor lógica.

— Escute, minha querida, ainda não imaginamos como vamos sair do Palácio. É provável que seja totalmente impossível escaparmos os dois juntos no mesmo momento. Você entende isso, não entende?

Respondeu-me teimosamente:

— Talvez. Mas não gosto da idéia. Bem, como é que vou sair? E quando?

Tive de confessar outra vez que não sabia. Pretendia consultar Zeb assim que fosse possível, mas ainda não tinha a menor noção.

Mas Judith tinha uma sugestão:

— John, você conhece a Virgem que trouxe você aqui, não? Irmã Madalena. Sei que podemos confiar nela e ela *deve* querer nos ajudar. É muito esperta.

Comecei a argumentar com dúvidas mas fomos interrompidos pela própria Irmã Madalena.

— Depressa! — disse-me rapidamente, enquanto deslizava para o nosso lado. — Volte para a trincheira!

Disparei para fora, escapando por pouco de ser surpreendido pelo vigia, que fazia suas rondas. Trocou as senhas com Zeb e comigo, querendo conversar, o idiota.

Instalou-se num dos degraus da entrada e começou a relembrar orgulhosamente uma vitória insignificante de esgrima na semana anterior. Tentei desanimadamente ajudar Zeb no bate-papo normal de um homem aborrecido por uma noite de vigília.

Finalmente, levantou-se.

— Já passei dos quarenta e estou ficando meio gordo, talvez. Mas acredito piamente que tenho um punho e um olho tão rápidos quanto os de vocês jovens.

Endireitou o bainha da espada e acrescentou:

— Acho melhor dar uma volta em torno do Palácio. Hoje em dia toda precaução é pouca. Dizem que a Conspiração está se ativando outra vez.

Pegou sua lanterna e iluminou o corredor.

Fiquei gelado. Se ele inspecionasse aquele corredor, estava fora de dúvidas que iria notar duas mulheres agachadas em um nicho.

Mas Zebadiah falou calmamente, sem preocupação:

— Um momento, Irmão mais Velho. Quer me mostrar como é que foi o contragolpe que usou para ganhar a última rodada? Foi muito rápido para eu perceber.

Ele engoliu a isca.

— Com prazer, meu filho!

Afastou-se dos degraus e veio para onde havia mais espaço.

— Puxe sua espada. *En garde!* Cruze as espadas em linha de "sixte". Afaste-se e me ataque. Assim! Segure a estocada e eu vou lhe mostrar devagar. Quando a ponta da sua espada aproximar-se do meu peito (Peito, pois sim! O Capitão Van Eyck era pançudo como um canguru!), eu aparo o golpe com a parte próxima ao cabo da minha e forço contra você como segundo contragolpe. Até aqui, como no livro. Mas eu não completo o contragolpe. Forte como é, você tanto pode aparar como contragolpear. Ao invés disso, como a ponta da minha espada vai para baixo, eu coloco a sua fora da direção certa — ele fez a demonstração e a lâmina cantou — e ataco você em qualquer ponto, do queixo ao tornozelo. Vamos, agora tente fazer o mesmo comigo.

Foi o que Zeb fez e repetiram a demonstração; o vigia recuou um passo. Zeb pediu-lhe para fazer tudo de novo para aprender direito. Recomeçaram repetidas vezes, sempre mais depressa, com o vigia recuando sempre para evitar por um triz a ponta da espada de Zeb. É estritamente contra os regulamentos treinar com espadas de verdade e sem máscara e couraça, mas o vigia era realmente muito bom... um espadachim tão preciso e tão confiante de sua própria habilidade em não cegar Zeb de um olho e de não deixar Zeb feri-lo. Apesar de minha agitação galopante, observava-os com atenção; foi uma bela demonstração de uma arte militar útil antigamente. Zeb pressionou-o bastante.

Terminaram cinquenta jardas do portal e a igual distância do quarto da guarda. Podia ouvir o vigia bufando por causa do exercício.

— Foi ótimo, Jones — ofegou. — Você assimilou tudo elegantemente.

Bufou outra vez e acrescentou:

— Felizmente para mim uma luta real não dura tanto tempo. Acho que vou deixar você inspecionar o corredor.

Voltou-se em direção ao quarto da guarda, acrescentando alegremente:

— Deus o guarde.

— Vá com Deus, senhor — respondeu Zeb adequadamente, levando o cabo de sua espada ao queixo a título de saudação.

Assim que o vigia dobrou a esquina, Zeb colocou-se em alerta de novo e eu voltei correndo para o nicho. As mulheres ainda estavam lá, encolhendo-se contra a parede do fundo.

— Ele já foi, tranquilizei-as. Nada a temer por enquanto. Judith tinha contado nosso dilema à Irmã Madalena e discutimo-lo em sussurros. Aconselhou-nos firmemente a não tentar chegar a alguma decisão naquele momento.

— Estou encarregada da purificação de Judith; posso prolongar isso por mais uma semana, talvez, antes que ela seja sorteada outra vez.

— Temos de agir antes disso! — disse eu.

Judith parecia ter sobrepujado seus temores, agora que tinha entregue seus problemas à Irmã Madalena.

— Não se preocupe, John — disse docemente. — Há chances de que não seja sorteada outra vez de qualquer modo. Devemos fazer o que ela aconselhar.

Írmã Madalena torceu o nariz desdenhosamente:

— Quanto a isso você está enganada, Judith. Assim que você voltar ao serviço, será sorteada, pode ter certeza disso desde já. Apenas — acrescentou — você pode passar por isso. Todas nós passamos. Se parecer mais seguro...

Parou de repente e pôs-se a escutar.

— Psiu! Fiquem bem calados.

Deslizou silenciosamente fora de nosso círculo.

Uma luz fina como a ponta de um lápis brilhou e esparramou-se numa figura agachada fora do nicho. Saltei e caí sobre ele, antes que pudesse levantar-se. Tão rápida quanto eu,

Írmã Madalena agiu; agarrou-o pelos ombros e derrubou-o. Ele estremeceu e acietou-se.

Zebadiah veio correndo, colocou-se ao nosso lado.

— John! Madalena! — Seu sussurro estava tenso. — O que houve?

— Pegamos um espião, Zeb — respondi rapidamente. — O que vamos fazer com ele?

Zeb acendeu sua lanterna.

— Você o nocauteou?

— Ele não vai despertar — respondeu a voz calma de Madalena, vinda do escuro. — Enfiei uma vibrolâmina na sua costela.

— Nossa!

— Zeb, tinha que fazer isso. Dê-se por satisfeito de não ter usado a espada e não sujar o chão com sangue. Mas o que vamos fazer agora?

Zeb recriminou-a mansamente, ela aceitou as recriminações.

— Vire-o de barriga para cima, John. Vamos ver quem é. Foi o que fiz e a lanterna iluminou outra vez.

— Olhe, Johnnie, é Snotty Fassett. Calou-se e quase pude ouvi-lo pensar.

— Bem, não vamos desperdiçar lágrimas com *ele*, John!

— O que, Zeb?

— Fique de guarda lá fora. Se alguém vier, estou inspecionando o corredor. Tenho de me livrar dessa carcaça em algum lugar.

Judith quebrou o silêncio:

— Há uma abertura para o incinerador no andar de baixo. Eu vou ajudá-lo.

— Mocinha corajosa! Vá andando, John.

Quis reclamar que aquilo não era trabalho para mulher mas calei-me e saí. Zeb pegou-o pelos ombros, as mulheres uma perna cada uma e resolveram bem a situação. Voltaram em minutos, embora estes parecessem intermináveis para mim. Sem dúvida, o corpo de Snotty foi reduzido a átomos antes deles voltarem. Devíamos nos sair bem desse caso. Na ocasião isso não me pareceu assassinato e ainda não me parece; fizemos o que tínhamos de fazer, pressionados pelos acontecimentos.

Zeb foi objetivo.

— Isso muda as coisas. O nosso revezamento deve chegar em dez minutos; temos de planejar alguma coisa em menos tempo do que isso. E então?

Nossas sugestões foram todas ridículas, a ponto de serem impraticáveis, mas Zeb nos deixou falar. E então foi direto ao ponto:

— Escutem, não se trata mais de ajudar Judith e você a sair de uma situação. Assim que derem por falta de Snotty, nós, os quatro, estamos em perigo mortal de Inquérito. Certo?

— Certo — concordamos a contragosto.

— Mas ninguém tem um plano? Ninguém respondeu e Zeb continuou:

— Então vamos precisar de ajuda... e só há um lugar onde podemos consegui-la. A Conspiração.

### 3

— A Conspiração? — repeti bobamente. Judith deu um soluço horrorizado.

— Mas... mas isso significa a perda de nossas almas imortais! Eles adoram Satã!

Zeb voltou-se para ela:

— Não acredito. Ela o encarou:

— Você é um conspirador?

— Não.

— Então, como é que você sabe?

— E como — insisti — *você* pode lhes pedir ajuda?

— Eu sou, como Zebadiah sabe — respondeu Madalena. Judith encolheu-se, afastando-se dela, mas Madalena pressionou-a com palavras:

— Escute, Judith. Sei como você se sente. Eu mesma fiquei tão horrorizada como você está agora diante da idéia de alguém se opor à Igreja. Então aprendi, como você está fazendo, o que realmente se esconde atrás dessa fraude que nos levam a acreditar. — Colocou um braço em torno da jovem, prosseguindo: — Não somos adoradores do diabo, querida, nem lutamos contra Deus. Combatemos apenas contra esse Profeta sui-generis que pretende ser a voz de Deus. Junte-se a nós, ajude-nos a combatê-lo, e nós ajudaremos você. De outro modo, não podemos correr o risco.

Judith procurou ver seu rosto pela fraca luz vinda da entrada.

— Jura que é verdade? A Conspiração luta só contra o Profeta e não contra o Senhor?

— Juro, Judith.

Judith respirou fundo, estremeando.

— Que Deus me guie — murmurou. — Vou seguir a Conspiração.

Madalena beijou-a rapidamente e voltou-se para nós, os homens:

— Bem?

— Se Judith está metida nisso, eu também estou — respondi imediatamente. E murmurei então para mim mesmo: — Meu Deus, perdoe meu juramento. Eu tenho de fazer isso!

Madalena disse, zangada:

— A sugestão foi minha, não foi? Mas somos todos uns grandes idiotas e o Inquisitor vai quebrar nossos pescoços.

Não tivemos mais oportunidade de nos falarmos até o dia seguinte. Tive pesadelos sobre o Inquérito e coisa pior e ouvi o barbeador de Zeb zunindo alegre no banheiro. Entrou no quarto e puxou minhas cobertas, enquanto se dirigia para a porta, com uma alegria sem sentido. Detesto que me puxem as cobertas, mesmo quando estou me sentindo bem, e não posso suportar animação antes do café da manhã; puxei-as de volta e tentei ignorá-lo mais ele agarrou meu tornozelo.

— Levante-se, meu velho! Você está perdendo o radiante sol de Deus. O dia está lindo. Que tal duas voltas rápidas em torno do Palácio e voltar para uma chuveirada fria?

Tentei me livrar da mão dele e chamei-o de algo que abaixaria minha nota em piedade, se o ouvido o captasse. Continuou me agarrando e seu polegar estava apertando meu tornozelo de modo nervoso; comecei a me perguntar se Zeb estava ficando biruta. Foi então que me dei conta de que ele estava batendo um código.

"F-I-Q-U-E - N-O-R-M-A-L -", os pontos e traços diziam, "N-Ã-O - M-O-S-T-R-E - S-U-R-P-R-E-S-A - V-A-M-O-S -S-E-R- - C-H-A-M-A-D-O-S - P-A-R-A - E-X-A-M-E - D-U-R-A-N-T-E - O - P-E-R-I-O-D-O - D-E - R-E-C-R-E-I-O -E-S-T-A - T-A-R-D-E".

Espero não ter mostrado surpresa. Dei respostas mal-humoradas à torrente de besteiras que ele continuou dizendo, levantei-me e comecei as tarefas matinais, pondo-me em ordem para iniciar mais um dia. Depois de uns minutos, achei um pretexto para pôr a mão em seu ombro e bati a resposta.

"E-S-T-Á - B-E-M - E-N-T-E-N-D-I"

O dia foi uma desgraça de monotonia nervosa. Cometi um erro na parada de gala, coisa que não fazia desde o tempo da maldita caserna. Quando finalmente meu dia de obrigações acabou, voltei para o quarto e encontrei Zeb com os pés no ar-condicionado, fazendo um acróstico no *New York Times*.

— Johnnie, meu anjo — disse, olhando para mim — qual é a palavra de seis letras que significa "Puro de Coração"?

— Você nunca vai precisar saber — resmunguei. E sentei-me para tirar minha armadura.

— Por que, John? Você acha que nunca vou alcançar o Reino de Deus?

— Talvez, depois de dez mil anos de penitência. Houve uma leve batida na porta, que se abriu com um empurrão, dando passagem a Timothy Klyce, oficial sênior de nosso refeitório e tenente no posto de capitão, que fungou e disse, com o sotaque nasalado de Cape Cod:

— Olá, camaradas, que tal dar uma volta? Pareceu-me que ele não podia ter escolhido uma hora pior. Tim era um cara duro da gente se livrar, além de ser o mais meticulosamente devoto da corporação. Eu ainda estava tentando encontrar uma desculpa, quando Zeb falou:

— Não me importo de ir, com a condição de irmos em direção à cidade. Tenho umas compras pra fazer.

Fiquei confuso com a resposta de Zeb e ainda tentei tirar o corpo fora,

alegando um trabalho escrito a fazer, mas Zeb cortou a minha:

— Deixa o seu trabalho pra lá. Eu ajudo você hoje à noite. Vamos.

E fomos, enquanto me perguntava se ele estava com medo de passar por aquilo.

Fomos pelos túneis subterrâneos. Andei silenciosamente, imaginando se Zeb talvez pretendesse se livrar de Klyce na cidade e voltar rapidamente. Tínhamos acabado de entrar em uma curva do caminho, quando Tim levantou a mão num gesto para enfatizar algo do que estava dizendo a Zeb. Sua mão passou junto a meu rosto, senti um leve jato em meus olhos — e fiquei cego.

Antes que pudesse gritar, mesmo antes que reprimisse o impulso de fazê-lo, ele segurou firme o meu braço, enquanto continuava falando, sem se interromper. Seu agarrão em meu braço me guiava para a esquerda, enquanto minha lembrança da curva me convencia de que deveríamos ter dobrado para a direita. Mas não fomos de encontro à parede e depois de alguns momentos a cegueira passou. Parecia que estávamos andando no mesmo túnel, com Tim entre nós dois e segurando-nos pelo braço. Não dissemos nada, nem ele; parou-nos então diante de uma porta. Klyce bateu uma vez e escutou.

Não pude entender a pergunta, mas ele respondeu:

— Dois peregrinos, devidamente guiados.

A porta abriu-se. Ele nos fez entrar e ela fechou-se silenciosamente atrás de nós. Estávamos diante de um guarda mascarado e de armadura, com sua pistola-detonadora apontada para nós. Movendo-se para trás, bateu uma vez em uma porta interna; imediatamente um outro homem, armado e mascarado como o primeiro, apareceu e encarou-nos. Perguntou a Zeb e a mim em separado:

— Você declara seriamente, por sua honra, que, sem ter sido levado por amigos ou influenciado por motivos mercenários, livre e voluntariamente ofereceu-se para servir nessa organização?

Cada um de nós respondeu:

— Declaro.

— Vende os olhos deles e prepare-os.

Capacetes de couro que cobriam tudo menos nossas bocas e narizes foram enfiados em nossas cabeças e amarrados sob nossos queixos. Recebemos então a ordem de despir toda a roupa. Foi o que fiz, enquanto ferroadas me batiam. Perdia meu entusiasmo rapidamente, pois não há nada que faça um homem se sentir mais abandonado do que tirar suas calças. Senti então a picada aguda de uma injeção em meu braço e, pouco depois, embora estivesse acordado, parecia-me estar sonhando e não me senti mais nervoso. Uma coisa fria foi encostada em minha costela do lado esquerdo de minhas costas e me dei conta de que muito possivelmente era o cabo de uma vibrolâmina, precisando apenas do toque do pino pra que eu caísse tão morto quanto Snotty Fassett. Mas isso não me assustou. Aí começaram as perguntas, muitas perguntas, que eu respondia automaticamente, incapaz de mentir ou de sair pela tangente, se quisesse. Lembro-me delas aos pedaços: "por sua

livre e espontânea vontade?"; "de acordo com os antigos costumes estabelecidos"; "um homem, nascido livre, de boa reputação e bem recomendado".

Então, por muito tempo, fiquei tremendo de frio no chão ladrilhado, enquanto uma discussão animada continuava em torno de mim; tinha algo a ver com as razões que me levaram a ser aceito. Podia ouvir tudo e sabia que minha vida dependia daquilo, bastando uma palavra para que uma lâmina de eletricidade fria fosse acionada em meu coração. E percebi que a discussão estava se encaminhando contra mim.

Foi então que uma voz de contralto juntou-se ao debate. Reconheci a da Irmã Madalena e sabia que estava responsabilizando-se por mim. Mas, dopado como estava, não dei importância; apenas agradou-me ouvir sua voz, como um som amigável. O cabo da vibrolâmina afastou-se de minhas costelas e senti outra vez a picada de uma injeção. Reanimei-me rapidamente de meu estado de tonteira e ouvi uma voz forte de baixo entoando uma prece:

— Concedei-nos Vossa ajuda, Pai Todo-Poderoso do universo... amor, paz e verdade para honrar Vosso Santo Nome. Amém.

E então a resposta em coro:

— Assim seja.

Fui conduzido pela sala, ainda de olhos vendados, enquanto me faziam mais perguntas. Eram de natureza simbólica e respondidas pelo meu guia, em meu lugar. Pararam-me então e me foi perguntado se queria fazer um juramento solene pertencente a este grau, tendo-me sido garantido que isso não interferiria de nenhum modo com meus deveres para com Deus, comigo mesmo, minha família, meu país ou meu próximo.

— Quero — respondi.

Pediram-me a seguir que me ajoelhasse no joelho esquerdo, com minha mão esquerda segurando o Livro, enquanto a mão direita fixava uns instrumentos.

O juramento e as obrigações eram o suficiente para gelar o sangue de qualquer um o bastante idiota para fazê-lo sob intenções falsas. Logo após, perguntaram-me o que, nas presentes condições, eu mais desejava. Respondi como tinha sido instruído a fazer:

— Luz!

E a venda foi retirada de meus olhos.

Não é necessário nem adequado recordar o resto de meu aprendizado como um irmão recém-chegado. Foi longo e de uma beleza solene e não houve nele nenhum vestígio de blasfêmia ou de adoração ao demônio, que os mexericos geralmente nos atribuíam; muito ao contrário, era cheio de reverência a Deus, amor fraternal, retidão, e incluía o aprendizado de princípios de uma profissão antiga e honrosa e o sentido simbólico de instrumentos de trabalho de então.

Mas devo mencionar um detalhe que me surpreendeu tanto, que quase caí de costas. Quando me tiraram a venda, o primeiro homem que vi diante de mim e vestido com os símbolos de seu trabalho e com uma expressão de dignidade sobre-humana foi o Capitão Peter van Eyck, o gordo onipresente vigia de minha guarda — *Mestre* dessa sociedade!

O ritual foi longo e o tempo curto. Quando encerramos o rito da sociedade, reunimo-nos em conselho de guerra. Disseram-me que o confrade sênior tinha decidido não admitir Judith como irmã da ordem de nossa sociedade agora,

embora a sociedade estivesse decidida a protegê-la. Ela seria mandada para o México e era melhor, dadas as circunstâncias, que ela não soubesse dos segredos que não precisava saber. Mas Zeb e eu, sendo da guarda do Palácio, poderíamos ser de grande utilidade; assim sendo, fomos aceitos.

Judith já tinha recebido instruções hipnóticas, e com isso esperavam impedi-la de dizer o pouco que já sabia caso fosse mandada para o Inquérito. Disseram-me que aguardasse, sem me preocupar; os confrades sêniores dariam um jeito de pôr Judith fora de perigo, antes que ela fosse chamada a ser sorteada. Tive de me satisfazer com isso.

Durante três dias seguidos, Zebadiah e eu apresentamo-nos durante o período de recreio da tarde para aprendizado, cada vez tomando um caminho diferente e com precauções diferentes. Estava claro que o arquiteto que projetou o Palácio tinha de ser um dos nossos; aquele enorme edifício escondia armadilhas, passagens e portas, que certamente não apareciam nas plantas oficiais.

No fim do terceiro dia, fomos inteiramente aceitos como confrades sêniores, qualificados com a rapidez somente possível em tempos de crises. O esforço quase estourou meus miolos; tive de me esforçar mais do que jamais precisara em meu tempo de escola. Uma extrema perfeição era exigida e havia uma quantidade impressionante de coisas a serem decoradas; o que talvez tenha sido muito bom, pois ajudava-me a não me preocupar. Ouvimos somente alguns rumores sobre o desaparecimento de Snotty Fassett, fato muito mais agourento do que teria sido uma investigação formal.

Um oficial de segurança não pode desaparecer, sem que seu sumiço seja notado. Havia uma remota possibilidade de que Snotty tivesse recebido uma designação errante e que não precisasse apresentar-se diariamente a seu chefe; mas era muito mais provável que ele estivesse onde fora morto porque algum de nós era suspeito e disseram a ele que nos seguisse. Se esse era o caso, aquele silêncio calmo significava apenas que o oficial de segurança estava nos dando mais corda para enforcarmo-nos enquanto seus psicotécnicos analisavam nosso comportamento. Nesse caso, a ausência de Zeb e a minha, de qualquer local, durante nosso tempo livre durante vários dias seguidos, era quase certo ser um dado que entrou em um gráfico. Se todo o regimento levantou a mesma suspeita, nossos índices pessoais então ganharam uma fração de pontos cada um daqueles dias.

Nunca fui lá muito vivo nesses assuntos e sem dúvida me sentiria simplesmente aliviado à medida que os dias passassem sem nenhum problema claro, se não fosse o fato de ter sido discutido mais de uma vez no local de reunião. Eu nem sequer sabia o nome do Guardiã da Moral, nem onde ficava o seu escritório de segurança; e não devíamos saber. Sabia que ele existia e que se apresentava ao Grande Inquisidor e talvez ao próprio Profeta, mas era só o que sabia. Descobri que meus colegas de associação, apesar da quase inacreditável penetração da Conspiração no Templo e no Palácio, sabiam pouco mais do que eu, pela simples razão de que não tínhamos nenhum irmão, nem um único, no quadro do Guardiã da Moral. A razão era simples: a Conspiração era tão minuciosa e cuidadosa na escolha de futuros confrades, de *persona* e de potencialidades psicológicas, quanto o serviço era em examinar possíveis oficiais

da inteligência; e os dois tipos eram tão diferentes quanto um ganso de um bode. O Guardião nunca aceitaria um tipo de personalidade que poderia se ver atraído pelos ideais da Conspiração e, por sua vez, meus confrades nunca admitiriam um tipo — bem, digamos, como Fassett.

É compreensível: antes que a medida psicológica tivesse se tornado uma ciência matemática, um esquema de espionagem podia falhar em função de uma mudança de opinião por parte de um homem-chave. Bem, o Guardião da Moral não tinha essa preocupação: seus homens *nunca* mudariam de opinião. É compreensível também que nossa própria confraria, nos seus primeiros dias, quando estava sendo peneirada e fortalecida para as provações futuras, tenha feito correr sangue no chão das salas da associação — não sei; esses fichários foram destruídos.

No quarto dia não fomos chamados para ir à sala da associação, tendo-nos sido dito que nos mostrássemos onde poderíamos ser vistos para compensar nossa ausência desabitual. Estava passando meu tempo livre no salão próximo ao do refeitório, folheando revistas, quando Timothy Klyce chegou. Olhou-me, cumprimentou-me com um aceno e começou a folhear uma pilha de revistas:

— Essas revistas velhas deviam estar no consultório de um dentista. Algum de vocês viu o *Time* desta semana?

Sua reclamação dirigiu-se a toda a sala; ninguém respondeu. Ele voltou-se para mim:

— Jack, acho que você está sentado em cima dele. Levanta um minuto.

Resmunguei e obedeci. Ao abaixar-se para pegar a revista, sua cabeça aproximou-se da minha e ele murmurou:

— Apresente-se ao Mestre.

Já tinha aprendido um pouco, de modo que continuei lendo. Dei um tempo, larguei a revista de lado, espreguicei-me e bocejei, levantando-me então e dirigindo-me lentamente para o lavatório. Mas passei por ele e, poucos minutos depois, estava entrando na sala da associação. Vi que Zeb já estava lá, bem como vários outros irmãos; estavam reunidos em torno de Mestre Peter e de Madalena. Podia sentir a tensão na sala.

— Mandou me chamar, Adorado Mestre? — perguntei. Olhou para mim, depois para Madalena. Ela disse, devagar:

— Judith foi presa.

Senti meus joelhos dobrarem e tive dificuldade em ficar de pé. Não sou normalmente tímido e coragem física é comum em mim. Mas, se um homem é atingido em sua família ou nas pessoas que ama, você o afeta em um ponto em que está desprotegido.

— A Inquisição? — consegui dizer, ofegante.

Seus olhos estavam cheios de piedade:

— Achamos que sim. Levaram-na esta manhã cedo e está incomunicável desde então.

— Alguma acusação foi feita? — perguntou Zeb.

— Publicamente, não.

— Hum... Parece mau.

— E bom também — discordou Mestre Peter. — Se for o que estamos pensando, refiro-me a Fassett, vocês quatro têm provas contra e poderiam ter sido presos imediatamente. Pelo menos, de acordo com os métodos deles.

— Mas o que podemos *fazer!* — perguntei.

Van Eyck não respondeu. Madalena disse docemente:

— Não há nada que você possa fazer, John. Você não poderia atravessar várias portas com sentinelas para chegar até ela.

— Mas não podemos simplesmente não fazer nada! O Mestre da associação disse:

— Calma, meu filho. Maggie é a única de nós que tem acesso à parte interna do Palácio. Temos que deixar o caso nas mãos dela.

Voltei de novo para ela, que suspirou, dizendo:

— Sim, mas possivelmente posso fazer muito pouco. E saiu.

Esperamos. Zeb sugeriu que ele e eu saíssemos e continuássemos sendo vistos em nossos locais de costume; para meu alívio, van Eyck vetou a sugestão:

— Não. Não podemos ter certeza se a proteção hipnótica de Irmã Judith é suficiente para protegê-la em sua provação. Felizmente, vocês dois e Irmã Madalena são os únicos que ela pode comprometer, mas quero vocês aqui, a salvo, até que Madalena descubra o que puder. Ou deixe de voltar — acrescentou pensativamente.

— Judith nunca nos trairia! — falei sem pensar. Balançou a cabeça tristemente.

— Meu filho, *qualquer um* trai *qualquer coisa* sob o Inquérito, a menos que esteja adequadamente protegido por compulsão hipnótica. Vamos ver.

Não tinha prestado atenção em Zeb, ocupado como estava com meus próprios pensamentos. Subitamente, ele surpreendeu-me, dizendo, irritado:

— Mestre, você está nos prendendo aqui como bonecos, mas mandou Maggie sair para pôr sua cabeça na ratoeira. Suponha que Judith *tenha* aberto o bico? Vão agarrar Maggie imediatamente.

Van Eyck balançou a cabeça.

— Claro. Esse é o risco que temos de correr, já que ela é a única espiã que temos. Mas não se preocupe com ela. Nunca vão prendê-la. Ela se suicidaria antes.

A afirmação me chocou; até então estava muito entorpecido pelo risco de Judith. Mas Zeb explodiu:

— Cretino! Mestre, nunca devia tê-la mandado sair. Van Eyck respondeu suavemente:

— Disciplina, meu filho. Controle-se. Isto é uma guerra e ela é um soldado.

Virou de costas.

Assim, esperamos... e esperamos... e esperamos. É difícil explicar a qualquer um que não tenha vivido à sombra da Inquisição como a gente se sente. Não sabíamos de nenhum detalhe mas às vezes víamos alguns infelizes que passaram por ela. Mesmo que os inquisidores não exigissem o *auto da fê*, a mente da vítima ficava geralmente prejudicada, freqüentemente destruída.

Naquele momento, Mestre Peter felizmente mandou o Vigia júnior nos

examinar quanto aos progressos feitos na memorização do ritual. Zeb e eu fizemos sombriamente o que nos foi pedido e fomos forçados com delicadeza implacável a nos concentrarmos naquela retórica complicada. De algum modo, quase duas horas se passaram.

Finalmente, ouvimos três batidinhas na porta e Tyler fez Madalena entrar. Pulei de minha cadeira e corri para ela:

— Então? — perguntei. — Então?

— Calma, John — respondeu, cansada. — Eu a vi.

— Como ela está? Está bem?

— Melhor do que poderíamos esperar. Sua mente ainda está intacta e, aparentemente, não nos traiu. Quanto ao resto, ela pode ficar com uma cicatriz ou duas. Mas ela é jovem e saudável; vai se recuperar.

Comecei a perguntar por mais fatos mas o Mestre me interrompeu:

— Quer dizer que eles ainda não a puseram no Inquérito. Nesse caso, como foi que você conseguiu vê-la?

— Ora! — Madalena sacudiu os ombros como se fosse algo pouco digno de ser mencionado. — O inquisidor que faz a acusação do caso dela é um velho conhecido meu; combinamos uma troca de favores.

Zeb tentou interromper mas o Mestre repreendeu-o:

— Quietos! — E acrescentou, rispidamente: — O Grande Inquisidor não está cuidando disso pessoalmente? Nesse caso, presumo que não suspeitam que pode ser um caso da Conspiração?

Maggie franziu as sobrancelhas:

— Não sei. Parece que Judith desmaiou logo no início do processo; talvez não tenham tido tempo de verificar essa possibilidade. De qualquer modo, pedi um intervalo para ela até amanhã. A desculpa foi deixá-la recuperar suas forças para mais interrogatório, é claro. Vão recomençar amanhã de manhã cedo.

Van Eyck socou a palma da mão:

— Eles não podem recomençar! Vigia Sênior, fique aqui! Os outros, saiam! Menos você, Maggie.

Saí, deixando algo por dizer. Queria falar a Maggie que ela poderia ter minha proteção para qualquer coisa, bastando mover um dedo.

O jantar àquela noite foi uma provação. Depois que o capelão zumbiu sua bênção, tentei comer e conversar mas parecia-me ter um cordão apertado em torno de minha garganta, impedindo-me de engolir. Sentado perto de mim estava Pata-de-Urso Graça-de-Deus, meio escocês, meio iroquês. Graça foi um colega de classe mas não era meu amigo; raramente nos falávamos e naquela noite ele estava mais taciturno do que nunca.

Durante a refeição, ele apoiou sua bota na minha; afastei meu pé com impaciência. Mas pouco depois seu pé estava de novo tocando o meu e comecei a bater contra minha bota: "fica quieto, idiota", ele soletrou. "Você foi escolhido. Vai ser durante sua guarda esta noite. Detalhes depois. Coma e comece a falar. Leve uma longa fita de adesivo para sua guarda. Seis polegadas por um pé. Repita minha mensagem."

Conseguí não sei como bater a confirmação, enquanto continuava a fingir que comia.

Revezávamos a guarda à meia-noite. Assim que os outros guardas se afastaram de nosso posto, contei a Zeb o que Graça tinha-me passado à mesa e perguntei-lhe se tinha o resto de minhas instruções. Não tinha. Quis falar mais mas ele me interrompeu; pareceu-me mais impaciente do que eu.

Fiquei andando de um lado para o outro em meu posto, tentando parecer alerta. Àquela noite, nossa posição era na parte norte da trincheira oeste; nosso turno cobria uma das entradas do Palácio. Aproximadamente uma hora se tinha passado, quando ouvi um silvo vindo da entrada escura. Aproximei-me cautelosamente e percebi uma forma feminina. Era muito baixa para ser Madalena e nunca soube quem era ela, pois enfiou um pedaço de papel na minha mão e desapareceu no corredor escuro.

Voltei para junto de Zeb.

— O que devo fazer? Lê-lo com minha lanterna? Parece-me arriscado.

— Abra o papel.

Foi o que fiz e descobri que o que estava escrito brilhava no escuro. Eu podia lê-lo mas era muito tênue para ser apreendido pelo olho eletrônico. Li:

*No meio do horário da guarda, exatamente quando soar a campainha, entre no Palácio pela porta onde recebeu este. Quarenta passos adiante, pegue a escada a sua esquerda; suba dois lances. Siga cinqüenta passos para o norte. A entrada iluminada a sua direita leva aos aposentos das Virgens; há um guarda nessa porta. Não vai lhe opor resistência mas você deve usar uma bomba paralisante para dar-lhe um álibi. A cela que procura fica no fim do corredor central, a este e oeste dos aposentos. Haverá uma luz sobre a porta e uma Virgem de guarda. Não é uma das nossas. Deve imobilizá-la completamente mas está proibido de feri-la ou matá-la. Use a fita adesiva como mordaca, vende seus olhos e amarre-a com as roupas dela. Pegue as chaves, entre na cela e tire Irmã Judith. É provável que ela esteja inconsciente. Traga-a para o seu posto de guarda e entregue-a ao vigia de sua guarda.*

*Deve apressar-se ao máximo a partir do momento em que paralisar o guarda, pois um olho pode vê-lo quando passar pela entrada iluminada e o alarmar soar imediatamente.*

*Não engula este bilhete; a tinta é venenosa. Jogue-o na abertura do incinerador do topo da escada. Deus esteja com você.* Zeb leu-o por cima de meu ombro.

— Você só precisa — disse de modo sinistro — é da capacidade de fazer milagres à vontade. Assustado?

— Sim.

— Quer que eu vá com você?

— Não. Acho melhor obedecer às ordens como nos são dadas.

— É melhor mesmo, se conheço bem o Mestre da Associação. Além disso, pode muito bem acontecer de eu ter de matar alguém de repente, depois que você for. Vou ficar cobrindo sua retaguarda.

— Espero que sim.

— Agora vamos calar a boca e agir como militares. Voltamos a andar de um lado para o outro de nossa guarda.

As duas baladas surdas do meio de nossa guarda, escorei minha lança contra a parede, tirei minha espada, a armadura, o elmo e o resto das tralhas cerimoniais que éramos obrigados a usar mas que me atrapalhariam agora. Zeb estendeu uma mão enluvada para a minha e apertou-a. Saí.

Dois — quatro — seis — quarenta passos. Tateei no escuro a parede esquerda e achei uma abertura, passei o pé no chão em torno de mim. Ah, aqui estão os degraus! Já estava em uma parte do Palácio onde nunca tinha entrado; movimenteimei-me, procurando adivinhar às cegas no escuro, desejando que a pessoa que escreveu as instruções soubesse disso. Um lance, dois lances, e quase caí de cara quando pisei no degrau "de cima" que não existia.

Onde estava a maldita abertura para o incinerador? Devia estar ao alcance da mão e as instruções diziam "no topo da escada". Debatia-me furiosamente entre acender ou não a lanterna, quando minha mão esquerda tocou em seu fecho; com um suspiro de alívio, liberei-me da prova que poderia ter incriminado tantos outros. Comecei a dar a volta, quando fui imediatamente tomado de pânico. E se aquilo não fosse a abertura do incinerador? Poderia ser a porta de um elevador de entrega? Mais uma vez tateei no escuro, procurando-a, e enfiei minha mão lá dentro.

Minha mão chamuscou-se, mesmo através da luva; puxei-a rápido, com alívio, e decidi confiar em minhas instruções, não duvidando mais. Mas havia uma curva a quarenta passos da passagem e isto não foi mencionado no bilhete; parei e fiz um reconhecimento muito cauteloso, observando tudo ao redor da curva ao nível do chão.

Vinte e cinco pés adiante estavam o guarda e a porta. Acreditava-se que ele fosse um dos nossos mas não me arrisquei. Saquei uma bomba de meu cinto, lancei-a com um toque com um mínimo de intensidade, puxei o pino e contei cinco segundos para permitir a distância em linha reta. Então joguei-a e agachei-me junto à curva para me proteger dos raios.

Esperei outros cinco segundos e botei a cabeça pra fora. O guarda estava caído no chão, com sua frente sangrando um pouco onde um fragmento do envólucro da bomba o tinha atingido. Corri e passei por cima dele, tentando correr e não fazer barulho ao mesmo tempo. A passagem central para os aposentos das Virgens estava meio escura, com apenas lâmpadas noturnas azuis brilhando, mas pude enxergar e cheguei ao fim da passagem rapidamente, dando uma acelerada. A guarda feminina da cela, ao invés de estar andando de um lado para o outro, estava sentada no chão, com as costas na porta.

Devia estar provavelmente cochilando, pois não olhou logo pra cima. Quando o fez, viu-me e não teve tempo de fazer planos: saltei sobre ela. Minha mão direita abafou seu grito; com o lado da esquerda bati no lado de seu pescoço. Não foi um golpe mortal mas não tive tempo de ser gentil; ela amoleceu o corpo.

Metade da fita adesiva sobre sua boca, a outra metade sobre seus olhos, rasgando depois sua roupa para amarrá-la — e correndo, correndo, correndo o tempo todo, pois um homem da segurança poderia já estar movimentando eletronicamente o olho que com toda a certeza estava na entrada da porta, vendo o guarda inconsciente. Achei as chaves numa corrente em torno de sua cintura e segurei-as com um silêncio apologetico pelo que tinha feito. Seu corpo franzino era quase infantil; parecia ainda mais desprotegida do que Judith.

Mas não havia tempo para apreensões ternas; encontrei a chave certa, abri a porta e logo minha amada estava em meus braços.

Estava em um sono pesado e perturbado, possivelmente drogada. Resmungou quando a levantei mas não acordou. Mas sua veste escorregou e pude ver parte do que lhe haviam feito. Jurei pela minha vida, enquanto corria, fazer com que o homem que lhe fizera aquilo pagasse sete vezes, se tivesse resistência para viver tanto.

O guarda continuava onde o tinha deixado. Pensei que tivesse me livrado dessa, sem ter sido observado pelo olho eletrônico ou acordado alguém, e estava passando por cima dele quando ouvi um ruído no corredor atrás de mim. Por que as mulheres são inquietas durante a noite? Se essa mulher não tivesse se levantado da cama, sem dúvida para fazer alguma coisa que deveria ter feito antes de deitar-se, eu poderia muito bem não ter sido visto por ninguém.

Era tarde para silenciá-la, simplesmente corri. Uma vez passada a curva, estava na escuridão bem-vinda mas ultrapassei a escada. Tive de retroceder e preocupei-me com ela, descendo às apalpadelas, degrau por degrau. Podia ouvir gritos e vozes agudas em algum lugar atrás de mim.

Assim que cheguei ao térreo, voltei-me e vi o portal delineado contra a luz noturna do céu, todas as luzes acenderam-se e os alarmas começaram a soar. Corri os últimos poucos passos adiante e quase caí nos braços do Capitão van Eyck. Ele arrancou-a de meus braços sem uma palavra e correu em direção à esquina do edifício.

Fiquei parado estupidamente, olhando-os, quando Zeb me fez recobrar a razão, pegando minha armadura e enfiando-a em meus braços:

— Acorda, cara! — sussurrou, — Esse alarma geral é pra nós. É de se supor que você esteja de guarda!

Amarrou minha espada na cintura, enquanto eu fechava minha armadura, enfiou meu capacete na cabeça e jogou a lança em minha mão esquerda. Paramos então, um de costas para o outro diante do portal, pistolas sacadas, em posição de defesa, como manda o manual de disciplina, totalmente alerta. Aguardando ordens posteriores, não era esperado nem permitido que fizéssemos mais nada, uma vez que o alarma não havia soado em nosso posto de guarda.

Paramos como estátuas por muitos minutos. Podíamos ouvir o som de passos correndo e de senhas. O Oficial de Dia passou correndo pelo Palácio, enquanto abotoava sua armadura sobre seus pijamas, ao mesmo tempo que corria. Quase matei-o, antes que respondesse minha senha. O revezamento da guarda passou em tempo acelerado, culminando com a troca da guarda.

Gradativamente, a excitação foi passando; as luzes continuaram acesas mas alguém lembrou-se de silenciar o alarma. Zeb arriscou um sussurro:

— Que diabo aconteceu? Você se saiu mal?

— Sim e não.

Contei-lhe sobre a Irmã insone.

— Hummmm! Bem, meu filho, isso deve ensiná-lo a não ficar vadiando por aí com mulheres quando estiver de serviço.

— Não confunda as coisas, eu não estava vadiando com ela. Simplesmente, ela saiu de sua cela.

— Não estou me referindo a esta noite — disse friamente. Calei-me.

Cerca de meia hora mais tarde, antes de terminar o horário da guarda, a turma de revezamento tornou a marchar. Seu chefe parou-os, nossos revezadores tomaram nosso lugar e fomos liberados. Voltamos à sala da guarda, parando mais duas vezes no caminho para deixar revezadores e recolher homens de nossa divisão.

## 5

Diante da porta da sala da guarda, fomos interrompidos na parada interna e mantidos em observação. Lá ficamos durante cinquenta minutos mortais, enquanto o Oficial de Dia andava em torno de nós, olhando-nos. Um dos homens da fileira de trás mudou de posição. Teria passado despercebido numa parada de gala, mesmo na presença do Profeta, mas naquela noite o Oficial de Dia repreendeu-o imediatamente e o Capitão van Eyck anotou seu nome.

Mestre Peter parecia tão zangado quanto seu superior, que realmente não escondia seu aborrecimento. Jogou várias outras iscas, chegando a parar diante de mim, dizendo ao guarda que anotasse meu nome por "não estar com as botas devidamente engraxadas"; o que foi uma calúnia, a menos que as tenha arranhado em meus esforços para limpá-las. Não ousei olhar para baixo mas encarei-o nos olhos e não disse nada, enquanto ele também me encarava friamente.

Mas seu modo de agir lembrou-me a palestra de Zeb sobre intriga. As maneiras de van Eyck eram exatamente as de um oficial subordinado traído e envergonhado por seus próprios homens; como eu me sentiria, se fosse de fato inocente como um bebê?

Zangado e seguro de minha inocência, decidi. Inicialmente, interessado e estimulado pela excitação, depois zangado por ter sido chamado atenção, como um calouro. Estavam tentando nos dobrar através de uma espera cansativa; como eu me teria sentido, digamos, há dois meses atrás? Inteiramente convicto de minha virtude, isto me teria ofendido e humilhado: ter de ficar em pé como um marginal, esperando para chorar por um cartão de racionamento, para depois ser colocado no relatório como um cadete com manchas de sopa em seu jaquetão.

Até o Comandante da Guarda chegar, o que se deu quase uma hora depois, meus lábios estavam brancos de ódio. O processo foi simulado mas a emoção

era real. De qualquer forma, nunca fui mesmo com a cara de nosso Comandante. Era um homem baixinho e orgulhoso, com o olhar frio e um modo de encarar seus subalternos como se visse através deles sem vê-los. Parou agora diante de nós, com seu hábito de padre meio jogado para trás em seus ombros e seus polegares dentro do cinto da espada.

Olhava-nos fixamente:

— Que Deus me ajude, vocês são realmente Anjos do Senhor! — falou suavemente no meio do silêncio mortal. E depois latiu: — E então?

Ninguém respondeu.

— Falem! — berrou. — Alguém de vocês sabe. Respondam-me! Ou preferem enfrentar o Inquérito?

Um murmúrio percorreu nossas fileiras, mas ninguém falou. Correu seu olhar por nós outra vez. Seu olhar captou o meu e encarei-o ferozmente.

— Lyle!

— Sim, reverendo senhor?

— O que sabe sobre isso?

— Sei que gostaria de me sentar, reverendo senhor! Franziu a testa, mas logo seu olhar brilhou divertidamente frio:

— É melhor ficar de pé diante de mim, meu filho, do que sentar diante do Inquisidor.

Mas continuou andando e passou a incomodar com perguntas o homem que estava a meu lado.

Importunou-nos interminavelmente, mas Zeb e eu, ao que parece, não recebemos nem maior nem menor atenção do que os outros. Desistiu, finalmente, e ordenou diretamente ao Oficial de Dia que nos dispersasse. Não me deixei enganar: tive certeza de que cada palavra foi gravada, cada expressão filmada, assim como cada analista estava diagramando as informações contra cada um de nossos padrões comportamentais, antes de voltarmos a nossos alojamentos.

Mas Zeb é um fenômeno. Já estava bisbilhotando os acontecimentos da noite, especulando inocentemente o que poderia ter causado semelhante confusão, mesmo antes de chegarmos ao nosso quarto. Tentei comportar-me dentro do que tinha decidido que seria minha reação "típica" e reclamei da maneira como tínhamos sido tratados.

— Somos oficiais e cavalheiros — queixei-me. — Se ele acha que somos culpados de alguma coisa, eu preferiria uma acusação formal.

Fui para a cama ainda brigando, depois fiquei deitado, acordado e preocupado. Tentei convencer-me de que Judith devia estar em local seguro, senão os oficiais superiores não estariam confusos. Caí no sono ainda agitado.

Senti alguém tocar-me e acordei instantaneamente. Logo relaxei, ao identificar no toque daquela mão o sinal de reconhecimento da associação.

— Silêncio! — uma voz que não reconheci sussurrou em meu ouvido. — Devo aplicar-lhe um tratamento para protegê-lo.

Senti a picada de uma injeção no meu braço; em poucos segundos, relaxei e sonhei. A voz murmurava:

— Você não viu nada estranho na guarda hoje à noite. Até o alarma soar, sua

guarda transcorreu sem incidentes.

Não sei durante quanto tempo a voz continuou murmurando.

Fui acordado uma segunda vez, por alguém que me sacudia brutalmente. Encondi-me sob o travesseiro e disse:

— Saia daí! Vou perder o café da manhã.

Alguém esmurrou-me entre as omoplatas; voltei-me e sentei-me, piscando. Havia quatro homens armados no quarto, com dinamitadores na mão, apontados para mim.

— Venha conosco! — ordenou o que estava mais próximo de mim.

Envergavam o uniforme dos Anjos mas sem o emblema da unidade. Tinham a cabeça coberta com uma máscara preta que só deixava ver-lhes os olhos e por causa destas pude saber quem eram: funcionários do Grande Inquisidor.

Nunca pude acreditar que aquilo pudesse mesmo acontecer comigo. Não *comigo*... não com Johnnie Lyle, que sempre se comportou bem, que foi o prestígio de sua paróquia e um orgulho para sua mãe. Não! A Inquisição era um mau espírito, mas um mau espírito para pecadores — não para John Lyle.

Com um pavor nauseante, entendi, quando vi as máscaras, que já era um homem morto, que minha hora tinha chegado e que estava finalmente diante de um pesadelo do qual não podia acordar.

Entretanto, ainda não estava morto. De algum lugar tirei a coragem necessária para me mostrar zangado:

— O que *vocês* estão fazendo aqui?

— Venha conosco — a voz sem rosto repetiu.

— Mostre-me a ordem. Vocês não podem simplesmente arrancar um oficial da cama quando têm vontade...

O chefe fez um gesto com sua pistola; dois deles agarraram-me pelos braços e arrastaram-me pela porta, enquanto um quarto entrou em formação atrás de mim. Mas sou bastante forte e dificultei o trabalho deles, enquanto protestava:

— Vocês têm que permitir que me vista, pelo menos. Não têm o direito de me arrastar meio nu, por maior que seja a emergência. Tenho o direito de me apresentar com o uniforme de meu posto.

Surpreendentemente, a apelação funcionou. O chefe parou:

— Está bem. Mas apresse-se!

Enquanto movimentava-me como se estivesse apressado, protelei tanto quanto ousava — emperrando o fecho-éclair de minha bota, atrapalhando-me, desajeitado, com toda minha vestimenta. Como poderia deixar algum tipo de mensagem para Zeb? Algum tipo de sinal para mostrar aos confrades da associação o que tinha acontecido comigo?

Finalmente tive uma idéia, não muito boa, mas a melhor que me ocorreu. Tirei roupas do armário, algumas que precisava, outras dispensáveis, e, no bolo, um suéter. Enquanto separava o que tinha de vestir, consegui arrumar as mangas do suéter na posição usada pelos colegas da associação ao darem o Sinal de Grande Saudação de Perigo. Peguei então as roupas que estavam jogadas e comecei a colocá-las de volta no armário. Imediatamente, o chefe encostou seu dinamitador em minhas costelas, dizendo:

— Não se preocupe com isso. Já está vestido.

Desisti, jogando as roupas inúteis no chão. O suéter continuou esticado como um símbolo para quem pudesse lê-lo. Enquanto me levavam, rezei para que o empregado não o "arrumasse", tirando-lhe o significado antes que Zeb o visse.

Vendaram-me, assim que chegamos na parte interna do Palácio. Descemos seis lances, quatro abaixo do nível do chão, imaginei, e chegamos a um compartimento cheio do silêncio irrespirável de um túmulo. A venda foi retirada de meus olhos. Pisquei.

— Sente-se, meu filho. Sente-se e fique à vontade. Vi-me diante do próprio Grande Inquisidor, vi seu sorriso caloroso e amigo, bem como seus olhos de cão pastor.

Sua voz suave continuou:

— Lamento tê-lo tirado tão brutalmente de sua cama quente, mas há uma informação necessária à nossa Sagrada Igreja. Diga-me, meu filho, você teme a Deus? Claro, claro que sim; sua piedade é bem conhecida. Logo, não se vai incomodar de ajudar-me nessa bobagenzinha, mesmo que chegue atrasado para o café da manhã. É para aumentar a glória de Deus.

Voltou-se para seus interrogadores mascarados e vestidos de negro, que planavam atrás dele.

— Arrumem-no. E por favor, sejam gentis.

Fui imobilizado rápido e rudemente, mas sem dor. Tocavam-me como se me encarassem como coisa morta a ser manipulada de modo tão impessoal como uma maquinaria. Despiram-me até a cintura, colocando uma bandagem de borracha em torno de meu braço direito, eletrodos em meus punhos, que amarraram com força, outro par de eletrodos em meus pulsos, um terceiro par em minhas têmporas, um pequeno espelho na pulsação de minha garganta. Num painel de controle na parede esquerda, um deles fez uns ajustes, ligando então um botão, e na parede em frente uma sombra mostrou meu funcionamento interno.

Uma luzinha dançava quando meu coração batia, uma linha ondulada em um iconoscópio mostrava a pressão de meu sangue subindo e descendo, outra semelhante movimentava-se com minha respiração e havia várias outras que não entendi.

Voltei minha cabeça para o outro lado e concentrei-me em lembrar os logaritmos naturais de um a dez.

— Está vendo nossos métodos, meu filho. Eficiência e delicadeza é o nosso lema. Agora, diga-me, *onde você a deixou!*

Interrompi o logaritmo de oito:

— Deixou quem?

— Por que você fez isso?

— Desculpe-me, reverendíssimo senhor. Não sei o que acha que eu fiz.

Alguém bateu-me forte, pelas costas. As luzes na parede agitaram-se e o Inquisidor estudou-as pensativamente, dizendo a seguir ao seu assistente:

— Injete.

Mais uma vez fui picado por uma injeção. Deixaram-me descansar, enquanto a droga fazia efeito; passei o tempo entregue ao esforço de relembrar

logaritmos. Mas logo isso tornou-se difícil demais; fui ficando sonolento e lânguido, nada parecia importar-me. Senti uma leve curiosidade infantil sobre o que se passava em torno de mim, mas nenhum medo. Logo a voz suave do Inquisidor interrompeu meu devaneio com uma pergunta. Não me lembro qual foi, mas tenho certeza de ter respondido com a primeira coisa que me passou pela cabeça.

Não posso dizer quanto tempo isso durou. Quando acharam conveniente, trouxeram-me de volta à realidade, pontualmente, com outra injeção. O Inquisidor estava examinando uma mancha roxa superficial e um pequeno ponto avermelhado no meu antebraço direito. Fitou-me:

— O que causou essa marca, meu filho?

— Não sei, reverendíssimo senhor.

Naquele momento, disse a verdade. Meneou a cabeça pesarosamente:

— Não seja ingênuo, meu filho, e não pense que eu sou. Deixe-me explicar" uma coisa a você. O que vocês, pecadores, nunca se dão conta é de que o Senhor sempre vence. Sempre. Nossos métodos se baseiam em amor-delicadeza mas agem com a infalibilidade de uma pedra que cai e com o mesmo resultado predeterminado. Primeiro, pedimos ao pecador que capitule perante o Senhor e responda com a bondade que permanece em seu coração. Quando tal apelo ao amor falha, como aconteceu com você, usamos então as práticas que Deus nos deu para abrir a mente inconsciente. É só até aí que geralmente o Inquirido tem de ir, a menos que algum agente de Satã tenha agido antes de nós e fechado o sagrado tabernáculo da mente.

Fez uma pausa, prosseguindo no mesmo tom:

— Bem, meu filho, acabo de voltar de um passeio pela sua mente. Encontrei nela muitas coisas recomendáveis, mas também achei, em negra escuridão, uma parede que foi levantada por algum outro pecador. E o que eu quero, o que a Igreja precisa saber, está atrás dessa parede.

Talvez tenha demonstrado satisfação ou talvez as luzes me tenham denunciado, pois ele sorriu tristemente e acrescentou:

— Nenhuma parede de Satã é empecilho para o Senhor. Quando encontramos tais obstáculos, só há duas coisas a fazer: uma é dar tempo suficiente para que eu possa destruir essa parede, lentamente, delicadamente, pedra por pedra, sem nenhum prejuízo para sua mente. Gostaria de ter tempo para fazê-lo, gostaria mesmo, porque você é um menino de bom coração, John Lyle, e seu mundo não é o dos pecadores. Mas, se a eternidade é longa, o tempo é curto. A segunda alternativa é ignorar a falsa barreira do inconsciente e assaltar diretamente a mente consciente, com os recursos do Senhor nos guiando.

Olhou para o outro lado, ordenando:

— Preparem-no.

Sua equipe sem rosto enterrou um capacete de metal em minha cabeça e outros preparativos foram feitos no painel de controle.

— Escute aqui, John Lyle — disse, apontando para o diagrama na parede. — Sem dúvida você sabe que o sistema nervoso humano é de natureza parcialmente elétrica. Há uma representação esquemática de um cérebro, a parte inferior é o tálamo; cobrindo-o, está o córtex. Cada centro sensorial está ali marcado, como

você pode ver. Suas características eletrodinâmicas já foram analisadas. Lamento informá-lo de que teremos de heterodinar sua percepção natural.

Começou a afastar-se mas logo voltou-se para mim:

— A propósito, John Lyle, resolvi me dar ao trabalho de cuidar de você pessoalmente, nessa fase, pois meus assistentes, tendo menos experiência nos serviços do Senhor do que minha humilde pessoa, às vezes confundem zelo com destreza e transportam inesperadamente o pecador para sua recompensa. Não quero que isso lhe aconteça. Você é apenas uma ovelha desgarrada e meu propósito é salvá-lo.

— Obrigado, reverendíssimo senhor.

— Não me agradeça, mas sim ao Senhor, a quem sirvo Entretanto — continuou franzindo levemente a sobrancelha — este assalto frontal à sua mente, embora necessário, é inevitavelmente doloroso. Você me perdoa?

Hesitei por um instante apenas:

— Perdô-o, sagrado senhor.

Olhou para as luzes e disse estranhamente:

— Um equívoco. Mas estão perdoados por ele; a intenção foi boa. — Acenou para seus auxiliares silenciosos: — Comecem.

Uma luz cegou-me, uma explosão estourou meus ouvidos. Minha perna direita contraiu-se de dor, dando então um nó numa câibra interminável. Minha garganta contraiu-se; senti-me asfixiado e tentei vomitar. Algo me atingiu no plexo; curvei-me e não conseguia respirar.

— Para onde você a levou?

Um barulho começou baixo e suave, tornando-se mais e mais alto, intensificando-se em volume e decibéis até parecer mil serras sem corte, um milhão de lápis de ardósia guinchando, ondulando-se a seguir numa gritaria uivante que dilacerava a fina parede da razão.

— Quem ajudou você?

Um calor agonizante atingiu minha virilha; não podia livrar-me dele.

— Por que você fez isso?

Coçava-me todo, intoleravelmente, e tentei rasgar minha pele. Mas meus braços não me obedeciam. A coceira era pior do que a dor; a dor seria mais bem-vinda do que a coceira.

— Onde ela está?

Luz... som... dor... calor... convulsões... frio... desfalecimento... luz e dor... frio e desfalecimento... náusea e som.

— Você ama a Deus?

Calor cauterizante e frio chocante... dor e uma contusão em minha cabeça que me fez gritar.

— Para onde a levou? Quem mais está metido nisso? Desista e salve sua alma imortal.

Dor e uma infundável desproteção à escuridão exterior. Creio que desmaiei. Alguém estava me esbofeteando junto à boca:

— Acorde, John Lyle, e confesse! Zebadiah Jones entregou você.

Pisquei e não disse nada. Era desnecessário estimular um estado de torpor, nem eu estava em condições de fazê-lo. Mas as palavras produziram um

tremendo choque e meu cérebro trabalhou rapidamente, tentando engrenar-se. Zeb? Meu amigo Zeb? Pobre amigo! Será que não tiveram tempo de aplicar-lhe o tratamento hipnótico? Mesmo naquele momento não tinha ainda me ocorrido que Zeb pudesse ter cedido somente sob tortura; imaginei simplesmente que tinham conseguido penetrar em sua mente inconsciente. Perguntei-me se ele já estaria morto e lembrei-me de que eu o havia envolvido nisso, contra o seu bom senso. Rezei por sua alma e para que ele me perdoasse.

Minha cabeça sacudiu-se com outro soco violento.

— Acorde! Você pode me ouvir. Jones revelou seus pecados.

— Revelou o quê? — murmurei.

O Grande Inquisidor afastou seus assistentes e inclinou-se sobre mim, com o rosto cheio de consideração:

— Por favor, meu filho, faça isso pelo Senhor, e por mim. Foi corajoso tentando proteger seus amigos pecadores contra o fruto de suas loucuras mas eles abandonaram você e sua coragem teimosa não significa mais nada. Não vá a julgamento com isso em sua alma. Confesse e deixe a morte vir, com seus pecados perdoados.

— Quer dizer que pretende matar-me? Pareceu-me vagamente aborrecido:

— Não disse isso. Sei que não teme a morte. O que devia temer é encontrar seu Criador com pecados ainda na alma. Abra seu coração e confesse.

— Reverendíssimo senhor, não tenho nada a confessar. Afastou-se de mim e deu ordens em voz baixa e suave:

— Continuem. Usem os automáticos agora. Não quero incendiar o seu cérebro.

Não há motivos para descrever o que ele quis dizer com "os automáticos" e não vejo nenhum sentido em tornar esta narrativa desnecessariamente horrenda. Seus métodos diferiam pouco das técnicas de tortura usadas na Idade Média e mesmo mais recentemente — exceto que seu conhecimento do sistema nervoso humano era incomparavelmente maior e seu saber do comportamento psicológico tornava suas manobras mais acertadas. Além disso, ele e seus assistentes comportavam-se como se estivessem totalmente livres de qualquer prazer sádico em seu trabalho; isso os tornava frios e eficientes.

Mas vamos pular os detalhes.

Não sei quanto tempo durou tudo. Devo ter desmaiado várias vezes, pois o que melhor se fixou em minha memória foi ter recebido um balde de água gelada no rosto, não só uma vez, mas muitas e muitas outras vezes, como um pesadelo repetitivo, cada vez seguido da inevitável injeção. Não creio que lhes tenha dito nada de importante, enquanto estava acordado, e as instruções hipnóticas dadas ao meu inconsciente devem ter-me protegido, durante o tempo em que estive fora de mim. Acho que me lembro de ter tentado inventar uma mentira sobre pecados que nunca cometi; não me lembro o que saiu daí.

Recordo-me vagamente de ter ouvido uma voz, enquanto estava semi-acordado, dizendo:

— Ele pode agüentar mais. Seu coração é forte.

Fiquei agradavelmente morto durante muito tempo, mas finalmente acordei como se despertasse de um longo sono. Estava esticado e, quando tentei mover-me na cama, senti uma dor do lado. Abri os olhos e olhei em volta; estava em uma cama num quarto sem janelas mas alegre. O rosto suave de uma jovem em uniforme de enfermeira aproximou-se rapidamente e tomou-me o pulso.

— Olá.

— Olá — respondeu-me. — Como se sente agora? Melhor?

— O que foi que aconteceu? Acabou? Ou é só um descanso?

— Quietos — admoestou-me. — Você ainda está muito fraco para falar. Mas acabou. Você está salvo entre os confrades.

— Fui resgatado?

— Foi. Agora, fique quieto.

Levantou minha cabeça e deu-me algo para beber. Voltei a dormir.

Levei dias para convalescer e me pôr em dia com os acontecimentos. A enfermaria onde acordei fazia parte de uma série de subsolos pertencentes a uma loja em Nova Jerusalém; havia uma conexão subterrânea entre ela e a sala de reuniões sob o Palácio, exatamente onde e como não sei, pois, conscientemente, nunca passei por ela.

Zeb veio visitar-me, assim que foi permitido. Tentei levantar-me da cama:

— Zeb! Zeb, amigo! Pensei que tinha morrido!

— Quem? Eu? — Aproximou-se e apertou minha mão esquerda. — O que fez pensar isso?

Contei-lhe sobre o truque que o Inquisidor tinha tentado. Sacudiu a cabeça:

— Não fui nem preso. Graças a você, amigo Johnnie! Nunca mais vou chamá-lo de burro. Se não tivesse tido aquele rasgo de genialidade de ajeitar o suéter de modo que pudesse entender o símbolo, poderiam ter-nos metido os dois na estória e nenhum de nós escaparia vivo. De modo que me dirigi diretamente ao Capitão van Eyck, que me disse para ficar escondido na sala de reuniões, onde planejavamos seu resgate.

Quis perguntar como conseguiram me tirar de lá mas minha mente saltou para um assunto mais importante:

— Zeb, onde está Judith? Você não pode encontrá-la e trazê-la para ver-me? Minha enfermeira só sorri e me diz para descansar.

Olhou-me, com surpresa:

— Não lhe disseram?

— O quê? Não, não vi ninguém a não ser a enfermeira e o médico, e tratame como um idiota. Não faça suspense, Zeb. Algo deu errado? Ela está bem, *não está?*

— Claro! Mas já está no México. Recebemos um relatório pelo circuito sensível há dois dias.

Na minha fraqueza física, quase chorei.

— Foi embora! Que golpe baixo e mesquinho! Por que não esperaram até que eu melhorasse o suficiente para lhe dizer adeus?

Zeb disse rapidamente:

— Escute aqui, seu burro... não, esqueça o "burro", que você não o é. Escute, meu velho, seu calendário está confuso. Ela já estava a caminho antes de seu

resgate, antes mesmo que tivéssemos certeza de poder resgatá-lo. Você não acha que os confrades trariam ela de volta só para deixá-los bancar os pombinhos, acha?

Pensei no assunto e acalmei-me. Era lógico, ainda que eu me sentisse amargamente desapontado. Ele mudou de assunto:

— Como se sente?

— Bastante bem.

— Disseram-me que você vai tirar o gesso da perna amanhã.

— É mesmo? Não me disseram nada. — Mexi-me, tentando encontrar uma posição mais confortável. — Estou mais ansioso para tirar esse colete mas o médico disse que vou ter que usá-lo ainda por várias semanas.

— E a sua mão? Pode dobrar os dedos? Tentei.

— Razoavelmente. Talvez tenha de escrever com a mão esquerda por uns tempos.

— Juntando tudo, parece que você não serve nem pra morrer, meu velho. Por falar nisso, se isso lhe serve de consolo, o cara que torturou Judith caiu mortinho na operação do teu resgate.

— Morreu? Que pena! Meu plano era fazer eu mesmo o serviço.

— Sem dúvida, mas você teria de entrar na fila, se ele estivesse vivo. Muita gente queria a mesma coisa. Eu, por exemplo.

— Mas eu tinha pensado em algo especial para ele. Ia fazê-lo roer as unhas.

— Roer as unhas? — Zeb pareceu confuso.

— Até os cotovelos. Entendeu agora?

— Hummm — Zeb sorriu amargamente. — Não é lá muito imaginativo, criança. Mas ele está morto, não podemos fazer mais nada.

— Ele teve uma sorte dos diabos, Zeb. Por que você não deu um jeito de agarrá-lo? Ou você tentou e as coisas foram tão rápidas, que não pôde fazer o trabalho direito?

— Eu? Nem estava na operação-resgate. Não voltei mais ao Palácio.

— O quê?

— Você não pensou que eu ainda estivesse trabalhando, pensou?

— Não tive tempo para pensar nisso.

— Naturalmente, eu não poderia voltar, depois de me ter escondido para evitar ser preso; estava liquidado. É, meu caro colega, somos ambos desertores do Exército dos Estados Unidos, com cada tira e cada agente postal do país ansioso por receber o prêmio por nossa devolução.

Assobiei baixinho e deixei as implicações de sua observação penetrarem devagar em minha mente.

Juntei-me à Conspiração por impulso. Certamente, sob a tensão de ter-me apaixonado por Judith e na excitação dos acontecimentos que se precipitaram

sobre mim como consequência de tê-la encontrado, não tive tempo para ponderar com calma. Não rompi com a Igreja como resultado de uma decisão filosófica.

Logicamente, sabia que me juntar à Conspiração significava romper todas as minhas ligações passadas, mas isso ainda não me tinha atingido emocionalmente. Como seria não vestir nunca mais o uniforme de oficial e cavalheiro? Sentia orgulho de andar pelas ruas, de entrar em lugares públicos, cômico de que todos me olhavam.

Tirei isso da cabeça. O arado estava no sulco, minha mão segurando o cabo; não havia meia-volta. Estava metido no movimento até vencermos, ou até sermos queimados por traição.

Percebi que Zeb me olhava, com ar zombeteiro:

— Com medo, Johnnie?

— Não. Mas ainda estou me adaptando. As coisas andaram rápidas demais.

— Eu sei. Bem, podemos esquecer a aposentadoria remunerada e nossos números de ordem em Point não interessam mais.

Tirou seu anel da Academia, jogou-o para cima, agarrou-o e enfiou-o no bolso.

— Mas há trabalho a ser feito, companheiro velho, e você vai descobrir que isto aqui também tem uma verdadeira engrenagem militar. Pessoalmente, já tive meu quinhão de cuspe-e-graxa e estou pouco ligando de nunca mais ouvir o "Responder à chamada!", "Oficiais, ao centro!" e "Vigia, como está a noite?". Nossos confrades sabem como usar muito bem nossos melhores talentos, e a briga é realmente importante.

Mestre Peter van Eyck veio ver-me uns dois dias depois. Sentou-se na beira da minha cama, cruzou os dedos sobre a pança e olhou-me:

— Sente-se melhor, meu filho? f

— Poderia levantar-me, se o médico deixasse.

— Ótimo. Estamos precisando de gente. Quanto menos tempo um oficial treinado passar na lista dos doentes, melhor.

Calou-se e mordeu os lábios:

— Mas, meu filho, não sei exatamente o que fazer com você.

— Como assim, senhor?

— Francamente, você nunca deveria ter sido admitido na Ordem. Em primeiro lugar, um comando militar não devia ser misturado com assuntos do coração; confunde as motivações, provoca falsas decisões. Em segundo lugar, porque o aceitamos, tivemos de dar uma demonstração de força em coisas que, do ponto de vista estritamente militar, nunca deviam ter acontecido.

Não respondi, pois não havia resposta. Ele tinha razão. Meu rosto estava quente de vergonha.

— Não fique vermelho por isso — acrescentou delicadamente. — Por outro lado, é bom para o moral da confraria atacar de vez em quando. A questão é o que fazer com você? É um cara forte, agüentou bem, mas será que entende mesmo a idéia de liberdade e de dignidade humana pela qual estamos lutando?

Hesitei um pouco:

— Mestre, posso não ser muito inteligente e Deus sabe que nunca pensei

muito em política, é verdade. Mas sei de que lado estou!

Abanou a cabeça:

— É o suficiente. Não podemos esperar que cada homem seja o seu próprio Tom Payne.

— Seu próprio o quê?

— Thomas Payne. Mas é claro que você nunca ouviu falar nele. Procure por ele em nossa biblioteca, quando tiver oportunidade. É bastante animador. Agora, conversemos quanto às suas atribuições. Seria fácil colocá-lo num trabalho de escritório aqui; seu amigo Zebadiah tem trabalhado dezesseis horas por dia, tentando arrumar nosso sistema de fichamento. Mas não posso desperdiçar vocês dois nesses trabalhos. Qual é o trabalho que melhor faz, a sua especialidade?

— Ainda não fiz nenhum trabalho de pós-graduação, senhor.

— Eu sei. Mas no que você se saía melhor? Como você era em milagres aplicados e psicologia de massa?

— Era bastante bom em milagres mas acho que sou muito desajeitado para psicodinâmica. Balística era a minha melhor matéria.

— Bem, não se pode ser bom em tudo. Gostaria de ter um técnico em moral e propaganda mas, se você não se sente preparado, não pode.

— Zeb destacava-se em sua aula de psicologia de massa, Mestre. O Comandante recomendou que ele se preparasse para o sacerdócio.

— Sei que podemos utilizá-lo, mas não aqui. Está muito interessado em Irmã Madalena; não confio em deixar casais trabalhando juntos. Pode de repente distorcer seus julgamentos. Agora, quanto a você. Será que não daria um bom assassino?

Fez-me a pergunta a sério mas quase que despreocupadamente. Tive dificuldade em acreditar no que ouvi. Sempre aceitei sem discutir que assassinato fosse um dos pecados mais terríveis, como o incesto ou a blasfêmia. Falei, sem pensar:

— Os confrades cometem *assassinatos*?

— E por que não? — Van Eyck estudou meu rosto. — Eu sempre me esqueço. John, você mataria o Grande Inquisidor, se tivesse uma oportunidade?

— É claro que sim. Mas gostaria de fazê-lo numa luta honesta.

— E acha, por acaso, que essa chance lhe seria dada? Vamos supor que nós estivéssemos naquele dia em que Irmã Judith foi presa por ele. Suponhamos que você pudesse impedi-lo e matá-lo, mas só envenenando-o ou apunhalando-o pelas costas. O que faria?

Respondi selvagememente:

— Eu o mataria!

— Não sentiria nenhuma vergonha, nenhuma culpa?

— Nenhuma!

— Então. E ele é apenas um no meio de tanta infâmia. Quem come carne não pode ter nojo do açougueiro. Cada bispo, cada ministro de Estado, cada homem que se beneficia da tirania, até o próprio Profeta, é um cúmplice diante dos assassinatos cometidos pelos inquisidores. O homem que perdoa um pecado porque usufrui do seu resultado é igualmente culpado por ele. Não percebe isso?

Estranhamente, entendi bem, pois era a doutrina ortodoxa como eu a aprendi.

Fui forçado a admitir essa nova aplicação dela. Mas Mestre Peter continuava falando:

— Claro que não pretendemos levar ninguém à vingança, pois esta ainda pertence a Deus. Nunca mandaria *você* contra o Inquisidor porque pudesse estar tentado a alegrar-se pessoalmente com isso. Não usamos a tentação do pecado como isca. O que fazemos, o que estamos fazendo é engajar homens numa operação militar calculada, numa guerra já iniciada. Um homem-chave, às vezes, vale mais do que um regimento; pegamo-lo e matamo-lo. O bispo de uma diocese pode ser tal homem; já o de um outro Estado pode ser apenas um incompetente, sustentado pelo sistema. Matamos o primeiro, deixamos o segundo onde está. Gradativamente, estamos eliminando seus melhores cérebros. Agora — inclinou-se em minha direção — quer um emprego para agarrar esses homens-chave? E um trabalho muito importante.

Pareceu-me que, nesse negócio, sempre havia alguém querendo me fazer encarar os fatos, ao invés de me deixar fugir dos mais desagradáveis, como a maioria das pessoas consegue fazer durante a vida toda. Será que eu teria estômago para essa atribuição? Será que eu podia recusá-la, uma vez que Mestre Peter tinha insinuado que pelo menos os assassinos eram voluntários? Recusá-la e tentar ignorar do fundo do meu coração o que estava acontecendo e como eu estava desculpando tudo?

Mestre Peter tinha razão; o homem que compra carne é irmão do açougueiro. O problema era melindroso, mas não moral... como o homem que é favorável à pena de morte mas que pessoalmente é "bom" demais para preparar o nó da corda ou brandir o machado. Como a pessoa que encara a guerra como inevitável, ou mesmo em certas circunstâncias como moral, mas evita o serviço militar por não gostar de matar.

Emocionalmente infantis, eticamente retardados — a mão esquerda *tem* de saber o que a direita faz e o coração é responsável por ambas. Respondi quase imediatamente:

— Mestre Peter, estou pronto para servir... desse modo ou de qualquer outro que a confraria decidir que seja melhor.

— Homem corajoso! — Ele relaxou um pouco e continuou: — Cá entre nós, é o tipo de trabalho que ofereço a cada novo recruta, quando não tenho certeza se ele entendeu que isto não é uma festinha, mas uma causa na qual deve se comprometer sem reservas: sua vida, sua fortuna, sua honra sagrada. Não temos lugar para o homem que quer dar ordens mas não pode lavar a privada.

Senti um alívio:

— Então não foi a sério que me escolheu para assassino?

— Hein? Geralmente não falo a sério; poucos homens são aptos para isso. Mas, no seu caso, acho bastante provável, porque já sabemos que tem uma qualidade indispensável e não muito comum.

Tentei pensar no que eu tinha de tão especial, mas não consegui descobrir.

— E o que é?

— Bem, é claro que eventualmente vão agarrá-lo. Nossa média tem sido de três contra sete missões cumpridas até agora; uma boa marca, mas que temos de

melhorar uma vez que homens adequados são tão raros. Mas já sabemos que, quando eles o agarrarem e levarem-no ao Inquérito, você não vai falar.

Meu rosto deve ter traído meus pensamentos. O Inquérito? Outra vez? Eu ainda estava quase morto da primeira experiência. Mestre Peter disse gentilmente:

— Claro que não precisa passar por todo o processo outra vez. Sempre protegemos os assassinos; damos um jeito dele poder suicidar-se facilmente. Não se preocupe.

Podem acreditar que, depois de ter passado pelo Inquérito, tal garantia não me pareceu dura; era um verdadeiro alívio.

— Como Mestre?

— Hein? De várias maneiras. Nossos cirurgiões podem preparar uma armadilha, de modo que você possa morrer à vontade, quando qualquer um amarrá-lo com muita força. Há também o dente furado, é claro, com cianureto ou algo do gênero; mas os dentistas estão ficando espertos quanto a isso e às vezes amordaçam o cara com a boca aberta. Mas há muitos modos. Por exemplo — esticou os braços abertos para trás, mas não muito — se eu puxasse meus braços para trás numa posição que homem nunca faz sem um esforço considerável, uma pequena cápsula entre minhas omoplatas romperia e eu faria meu último relatório. Por outro lado, você poderia bater nas minhas costas o dia inteiro e nunca rompê-la.

— Hummm... o senhor era um assassino?

— Eu? Como poderia ser, na minha função? Mas todos os nossos que se encontram em posições de máximo comprometimento estão carregados; é o mínimo que podemos fazer por eles. Além disso, tenho uma bomba na barriga — deu umas palmadinhas na pança — que leva uma sala cheia de gente junto comigo, se eu quiser.

— Poderia ter usado uma delas na semana passada — disse enfaticamente.

— Você está aqui, não está? Não despreze sua sorte. Se você precisar de uma, vai ter.

Levantou-se e preparou-se para sair:

— Enquanto isso, não fique preocupado quanto a ser escolhido como executor. O grupo de avaliação psicológica ainda terá de examiná-lo e eles são homens difíceis de convencer.

Apesar dessas palavras, eu pensei muito sobre o assunto, é claro, embora tenha deixado de preocupar-me. Deram-me um serviço leve pouco depois e passei vários dias lendo o "Iconoclasta", um jornal complacente, levemente crítico, um pouco reformador-interno, que a Conspiração usava para pavimentar o chão de seus missionários-de-campo. Era um "Sim, mas", abertamente leal ao Profeta mas apenas interessado em levantar dúvidas nas mentes dos teimosos e intolerantes. Seu veneno residia em como a coisa era dita, não no que era dito. Até tinha visto cópias dele no Palácio.

Também conheci algumas das ramificações dos quarteirões subterrâneos impressionantes de Nova Jerusalém. A loja acima de nós pertencia a um Grão-Mestre do Passado e era um importante meio de comunicação com o mundo exterior. As prateleiras da loja nos alimentavam e vestiam. Através de

pancadinhas nos circuitos de visifone que serviam comercialmente à loja, tínhamos uma ligação com o mundo externo e podíamos até colocar ligações transcontinentais, se a mensagem pudesse ser dita ou codificada, permitindo a verossimilhança de que estivesse sendo radiofonicamente transmitida. Os caminhões de entrega do proprietário podiam ser usados para sumir com fugitivos trazendo-os ou levando-os para os nossos quartéis clandestinos; soube que Judith iniciou sua fuga por ali, com uma nota fiscal que a descrevia como galochas. A rede de operações comerciais da loja era um anteparo completo e plausível para nossas operações extensivas.

Uma revolução bem-sucedida é um negócio difícil, não se iludam. Num Estado moderno, complexo e altamente industrializado, uma revolução não é levada a cabo por um punhado de conspiradores cochichando em torno de uma vela gotejante numa ruína deserta. Ela requer pessoal incontável, suprimentos, armamento moderno. E para levá-la a cabo de modo favorável, é preciso lealdade, sigilo e uma organização superior de quadros.

Meu trabalho me mantinha ocupado mas era uma "encheção de lingüiça", uma vez que estava aguardando designação. Tinha tempo de mergulhar na biblioteca e procurei por Tom Payne, que me levou a Patrick Henry, Thomas Jefferson e outros. Um mundo inteiramente novo abriu-se para mim. Tive inicialmente dificuldade em aceitar a possibilidade do que li; acredito que talvez de todos os males que um policiamento pode fazer a seus cidadãos distorcer a história seja o mais pernicioso. Por exemplo, aprendi, pela primeira vez, que os Estados Unidos não tinham sido anteriormente governados por um sanguinário emissário de Satã, até que o Primeiro Profeta se levantasse em sua ira e o expulsasse; mas tinham sido uma comunidade de homens livres, decidindo seus próprios problemas por consentimento pacífico. Não quero dizer que a primeira república tenha sido um paraíso bíblico, mas também não foi nada do que me ensinaram no colégio.

Pela primeira vez na vida, estive lendo coisas que não tinham sido aprovadas pelos censores do Profeta e o impacto em minha mente foi devastador. Às vezes dava uma espiada por cima do ombro, apavorado, para ver se havia alguém me observando, mesmo contra a minha vontade. Comecei a sentir vagamente que o sigilo é a pedra de toque de toda tirania. Não a força, mas o sigilo... censura. Quando qualquer governo, ou qualquer igreja, toma para si a função de dizer a seus subordinados que "isto você não deve ler, isto não deve ser visto, isto você está proibido de saber", o resultado final é a tirania e a opressão, por mais sagrados que sejam os motivos. Pouquíssima força é necessária para controlar um homem cuja mente já foi vendada; contrariamente, força alguma pode controlar um homem livre, um homem cuja mente é livre. Não, nem a tortura, nem o esquarterjamento, nem nada; não se pode dobrar um homem livre, o máximo que se pode fazer é matá-lo.

Meus pensamentos, na época, não caíam em silogismos; minha cabeça estava cheia de novas idéias, numa inundação incoativa, cada uma mais excitante do que a última. Descobri que as viagens interplanetárias, quase um mito em meu mundo, não pararam porque o Primeiro Profeta as tinha proibido como um pecado contra a onipotência de Deus; pararam porque se tornaram

financeiramente impossíveis e o governo do Profeta não podia subsidiá-las. Havia mesmo uma afirmação implícita de que "infiéis" (eu ainda usava essa palavra em minha mente) continuavam a enviar foguetes de pesquisa ocasionalmente e que mesmo agora havia seres humanos em Marte ou Vênus.

Fiquei tão agitado com essa idéia, que quase esqueci o compromisso que tínhamos todos assumido. Se eu não tivesse sido escolhido para os Anjos do Senhor, talvez tivesse ido trabalhar com foguetes. Era bom neste tipo de coisa que necessitasse de reflexos rápidos aliados a conhecimentos matemáticos e de mecânica. Talvez algum dia os Estados Unidos tivessem naves espaciais outra vez. Talvez eu...

Mas esse pensamento amontoava-se com uma dúzia de outros novos. Jornais estrangeiros — eu nem sequer tinha certeza se os infiéis sabiam ler e escrever. O *Times* de Londres era de leitura incrível e excitante. Paulatinamente, fui compreendendo que os britânicos não comiam mais carne humana, se é que realmente algum dia comeram. Era impressionante a semelhança deles conosco, exceto que era espantosa a inclinação deles para fazer o que quisessem; havia até cartas no *Times* criticando o governo. E havia uma outra carta assinada por um bispo da igreja infiel deles, criticando o povo por não frequentá-la. Não sei qual das duas confundiu-me mais; ambas pareceram-me indicar uma situação de anarquia aberta.

Mestre Peter informou-me de que a junta de psicologia me havia desclassificado para o trabalho de assassinio. Senti-me ao mesmo tempo aliviado e indignado. O que é que havia de errado comigo para não me ser confiada a tarefa? Pareceu-me uma falha em meu caráter, na ocasião.

— Calma — Van Eyck aconselhou-me ironicamente. — Eles fizeram um fantoche baseado no perfil de sua personalidade e parece que existem chances iguais de você ser preso na primeira vez que saísse. Não gostamos de perder homens tão depressa.

— Mas...

— Calma, homem. Dirija-se ao Quartel-General para designação.

— Ao Quartel-General? E onde fica?

— Você vai saber quando chegar lá. Apresente-se ao metamorfista da equipe.

Dr. Mueller era o transformador-de-rostos da equipe. Perguntei-lhe o que tinha em mente para mim.

— Como posso saber antes de descobrir quem você é? Mediu-me e fotografou-me, gravou minha voz, analisou meu andar, esboçou um boneco com minhas características físicas:

— Agora, vamos achar seu irmão gêmeo.

Vi o cartão selecionado passar por vários mil outros e já começava a achar que era um indivíduo especial, semelhante a nenhum outro o suficiente para permitir-me um disfarce desejável, quando dois cartões saltaram quase juntos. Antes que a máquina zunisse até parar, havia cinco cartões na cesta.

— Um belo sortimento — ruminou o Dr. Mueller, enquanto os olhava. — Um sintético, dois vivos, um morto, uma mulher. Não podemos usar uma mulher

para esse trabalho, mas vamos guardá-la em mente; pode ser muito útil algum dia saber que há uma cidadã que você pode representar com sucesso.

— E o que é um sintético? — perguntei.

— Hein? Ah, é uma personalidade composta, construída muito elaboradamente, de arquivos e antecedentes falsos. Um negócio arriscado, pois envolve falsificação dos arquivos nacionais. Não gosto de usar um sintético, pois não há mesmo nenhum modo de preencher completamente os antecedentes de um homem que nunca existiu. Prefiro remendar os antecedentes de uma pessoa real.

— Então pra que se usam os sintéticos?

— Às vezes é necessário. Quando temos de transportar um refugiado rapidamente, por exemplo, e não há nenhuma pessoa real que possamos substituir por ele. Tentamos então conservar um número bastante amplo de sintéticos fabricados. Bem, deixe-me ver — acrescentou, embaralhando os cartões — temos que escolher entre dois...

— Um minuto, Doutor — interrompi. — Por que o senhor guarda homens mortos no arquivo?

— Ah, não estão legalmente mortos. Quando um dos confrades morre e é possível esconder o fato, conservamos sua personalidade pública para um possível uso futuro. Agora, vejamos — continuou — sabe cantar?

— Não muito bem.

— Então este está fora. É um barítono. Posso fazer uma série de modificações em você mas não posso transformá-lo em cantor profissional. Não há alternativa. O que é que você acha de ser Adam Reeves, viajante comercial em têxteis? — levantou um cartão.

— Acha que eu posso me dar bem nesse papel?

— Claro, quando eu terminar meu trabalho com você. Uma quinzena depois, minha própria mãe não teria me reconhecido. Nem, pensei eu, a mãe de Reeves poderia me distinguir de seu filho. Na segunda semana, o próprio Reeves estaria pronto a trabalhar comigo. Fui gostando cada vez mais dele, à medida que o estudava. Era um homem calmo e tranquilo, de temperamento retraído, que sempre me fazia pensar nele como franzino, embora ele fosse, é claro, da minha altura, peso e estrutura óssea. De rosto nos parecíamos apenas um pouco.

Isso foi no começo. Uma operação simples fez minhas orelhas ficarem mais salientes do que a natureza as tinha feito, — enquanto equilibravam também seus lóbulos. O nariz de Reeves era levemente aquilino; um pouco de cera sob a pele tornou o meu igual ao dele. Foi necessário recapear vários dentes meus para identificá-los aos seus serviços odontológicos; essa foi a única coisa que realmente me incomodou. Meu tom de pele teve de ser alvejado em um tom ou dois; o trabalho de Reeves não o expunha muito ao sol.

Mas a parte mais difícil da identificação física foram as impressões digitais falsas. Um plástico opaco, flexível e da cor da pele foi aplicado nas pontas de meus dedos. Depois meus dedos foram colocados em moldes feitos pelas pontas dos dedos de Reeves. O trabalho foi delicado; um dedo foi refeito sete vezes, antes que Dr. Mueller se desse por satisfeito.

Isto foi apenas o começo. Tinha agora que agir como Reeves: seu andar, seus

gestos, sua maneira de rir e seus modos à mesa. Até me perguntei se poderia ser um ator profissional. Meu professor concordou e me disse que sim.

— Puxa, Lyle, você nunca vai aprender? Sua vida depende disso. Você *tem* de aprender!

— Mas pensei que estivesse representando bem o papel de Reeves — objetei timidamente.

— Representando! Esse é o problema. Você está *representando* o papel de Reeves, o que é tão falso quanto uma perna mecânica. Você tem de ser Reeves. Tente. Preocupe-se com o número de vendas, pense em sua última viagem, nas comissões, nos descontos e nas parcelas. Vamos, tente.

A cada minuto livre, eu estudava os detalhes do fluxo dos negócios de Reeves, pois eu ia mesmo ter de vender têxteis em seu lugar. Tive de aprender todo um mercado de trabalho e descobri que era mais complicado do que carregar amostras e deixar um varejista fazer sua escolha; e eu não sabia distinguir um fio sintético de outro. Antes de terminar, adquiri um novo respeito por homens de negócio. Sempre pensei que comprar e vender fosse simples; mais uma vez, estava enganado. Tive de usar o velho aparelho de tutor gramofônico e colocar os fones ao ir para cama. Nunca dormi bem com eles e acordava cada manhã com intensa dor de cabeça e meus ouvidos, ainda sensíveis depois da operação, doloridos como dois tumores.

Mas tudo isso deu certo. Em duas curtas semanas, eu *era* Adam Reeves, viajante comercial, até a raiz dos cabelos.

## 7

— Lyle — disse-me Mestre Peter van Eyck — Reeves deve pegar o *Cometa* para Cincinnati esta tarde. Você está pronto?

— Estou, senhor.

— Ótimo. Repita seus encargos.

— Bem, tenho de levar meu, quero dizer, o seu mostruário daqui para a costa. Hospedo-me no escritório de São Francisco da União Têxtil e continuo em seu lugar. Em Fênix, Arizona, assisto o culto na igreja Tabernáculo Sul. Devo ficar por ali depois e agradecer o padre pelo sermão inspirado; enquanto isso, revele quem sou ao padre por meio dos usos comuns à nossa ordem. Ele me vai facilitar a chegada ao Quartel-General.

— Tudo certo. Além de removê-lo por questões de serviço, vou usá-lo como mensageiro. Apresente-se imediatamente no laboratório de psicodinâmica. O técnico-chefe vai lhe dar as instruções.

— Está bem, Mestre.

O Mestre da Confraria levantou-se e contornou a mesa em minha direção:

— Adeus, John. Cuide-se, e que o Grande Arquiteto o ajude.

— Obrigado, Mestre. Ah, a mensagem que vou levar é importante?

— Muito importante.

Não me disse mais nada, o que me aborreceu, pois pareceu-me tolo fazer mistério sobre uma coisa que eu ia saber em alguns minutos. Mas enganei-me. No laboratório me disseram que sentasse, relaxasse e me preparasse para hipnose.

Sai dela com o calor agradável que geralmente a segue.

— É só isso — disseram-me. — Obedeça suas ordens.

— Mas, e a mensagem que eu tinha de levar?

— Já está com você.

— Por hipnose? Mas, se eu for preso, estou à mercê de qualquer psicoinvestigador que me examinar!

— Não, não está. A codificação foi feita para um par de palavras-símbolo; não há possibilidade de se lembrar até que sejam ditas a você. A possibilidade de um examinador encontrar ambas as palavras e na ordem certa é mínima. Você não vai deixar escapar a mensagem, acordado ou dormindo.

Pensei que fosse ser "carregado" para me suicidar, já que ia levar uma mensagem importante, embora não entendesse como poderiam fazê-lo no último minuto, a não ser me dando uma pílula, ou seja, um método quase inútil, se o policial sabe o que está fazendo. Mas, se eu não podia deixar escapar a mensagem, preferia correr meus riscos; não pedi veneno. De qualquer modo, não do tipo suicida; quando Satã vier me buscar, vai ter de me arrastar...

O porto de foguete que serve Nova Jerusalém é mais fácil de alcançar do que na maioria das outras cidades. Havia uma estação de metrô bem defronte à loja que escondia nosso quartel-general. Simplesmente saí da loja, peguei a passarela por cima da rua, encontrei a estação "Porto de Foguete", esperei por um cartucho vazio, coloquei o cinto de segurança em mim e em minha bagagem. O empregado lacrou-me e quase no mesmo instante estava no porto.

Comprei meu bilhete e peguei meu lugar no fim da fila, fora da estação policial do porto. Confesso que estava nervoso; embora esperasse não ter problemas em ter meu passe de viagem confirmado, os policiais que o examinariam estavam, sem dúvida, procurando por John Lyle, desertor das forças armadas. Mas eles estavam sempre à procura de alguém e eu esperava que a lista de rostos suspeitos fosse longa demais para fazê-los procurar por mim mais do que era de rotina.

A fila andava lentamente e aquilo me pareceu um mau sinal, principalmente quando reparei que várias pessoas tinham sido afastadas da fila e mandadas esperar atrás da balaustrada da estação. Fiquei nitidamente nervoso. Mas a própria espera me deu tempo para controlar-me. Enfiei meus documentos na mão do sargento, olhei para meu cronômetro, depois para o relógio da estação e outra vez para meu pulso.

O sargento estava examinando meus documentos vagarosa e minuciosamente. Olhou-me:

— Não se preocupe com seu navio — disse delicadamente. — Não pode partir até que tenhamos examinado a lista de passageiros.

Estendeu a mão por cima do balcão:

— Suas impressões digitais, por favor.

Estendi-as sem comentário. Comparou-as com as do meu passe de viagem e

com as que Reeves tinha deixado lá uma semana antes.

— É só, Sr. Reeves. Boa viagem. Agradei e parti.

O *Cometa* não estava muito lotado. Peguei um lugar junto à janela, bem na frente, e tinha acabado de me instalar para ler a última edição vespertina do *Cidade Sagrada*, quando senti tocarem-me no braço.

Era um policial.

— Quer descer, por favor?

Juntaram-me lá fora com mais outros quatro passageiros. O sargento foi bastante correto:

— Lamento ter que pedir a vocês que voltem à estação para mais identificações. Vou pedir que a bagagem de vocês seja retirada e que mudem a lista de passageiros. Seus bilhetes vão ter validade para o próximo embarque.

Soltei um grito:

— Mas eu tenho que estar em Cincinnati hoje à noite!

— Sinto muito — voltou-se para mim. — Você é Reeves, não é? Hummm... tem o peso e o tamanho certos. Ainda assim... deixe-me ver seu passe outra vez. Não chegou aqui exatamente na semana passada?

— É isso mesmo.

Examinou meus documentos outra vez.

— Ah, sim, agora me lembro; chegou na terça de manhã pelo *Peregrino*. Bem, você não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, de modo que está liberado — devolveu-me meus' documentos. — Volte para bordo. Desculpe tê-lo incomodado. Os outros venham comigo.

Voltei ao meu lugar e peguei o jornal. Poucos minutos depois, a primeira oscilação pesada dos foguetes jogou-nos para o oeste. Continuei a ler meu jornal para encobrir minha agitação e alívio, mas logo me interessei por ele. Tinha lido um jornal de Toronto naquela manhã mesma, clandestino; o contraste era espantoso. Estava de volta a um mundo onde o mundo exterior quase não existia; as notícias sobre "assuntos estrangeiros", se é que se pode dar esse nome, consistiam de brilhantes relatórios de nossas missões no exterior e algumas notícias das atrocidades cometidas pelos infiéis. Comecei a me perguntar para onde iria todo aquele dinheiro que anualmente fazia parte da contribuição para o trabalho missionário; o resto do mundo, se pudéssemos acreditar nos jornais *deles*, não parecia estar lá muito a par da existência de nossas missões.

Passei então a dar uma olhada no jornal, escolhendo itens que sabia serem falsos. Quando terminei, estávamos saindo da ionosfera e deslizando em direção a Cincy. Já tínhamos alcançado o sol e outra vez o poente.

Deve haver um mascate patife na minha árvore genealógica. Não só cobri a área de Reeves em Cincinnati como ultrapassei suas vendas. Descobri que o prazer que sentia em persuadir um varejista cabeça-dura de que ele devia ampliar a compra de seus produtos equiparava-se ao que sempre senti pelo serviço militar. Parei de me preocupar com meu disfarce e pensei somente em têxteis. Vender não é somente um ganha-pão; é um jogo, e divertido.

Parti para Kansas City no prazo certo e não tive problemas com a polícia para obter um visa para meu passe de viagem. Decidi que Nova Jerusalém tinha

sido somente um local delicado de averiguações; daqui para o oeste ninguém esperaria pegar John Lyle, antigo oficial e cavalheiro; ele devia ser um entre os milhares de procurados, perdidos nos arquivos.

O foguete para KC estava cheio; tive de sentar-me junto a outro passageiro, um cara boa pinta, com seus trinta e poucos anos. Entroolhamo-nos, enquanto eu me sentava, e depois cada um se ocupou de sua própria vida. Pedi uma mesa de colo e comecei a preencher os pedidos e outros papéis, que acumulei durante os dias ocupados e úteis em Cincinnati. Ele recostou-se e viu o noticiário na televisão, situada no final dianteiro do carro.

Senti uma cutucada mais ou menos dez minutos depois e olhei em volta. Meu colega de viagem esticou o dedo em direção à TV; nela via-se uma imensa praça pública ocupada por uma multidão. Ia para os degraus de um templo compacto, acima do qual flutuava o estandarte do Profeta, dourado e carmesim, e a flâmula de um bispado. Enquanto eu olhava, a primeira onda da multidão avançou para os degraus do templo.

Um pelotão de guardas do templo saiu correndo por uma porta lateral próxima às portas dianteiras enormes e armaram seus tripés no patamar situado acima da larga escadaria. A cena foi cortada para outro ângulo: estávamos olhando, frente a frente, os rostos da multidão correndo em nossa direção; aparentemente, através de um telefoto colocado de algum modo no telhado do templo.

O que se seguiu me fez sentir vergonha do uniforme que um dia usei. Ao invés de matá-los rapidamente, os guardas miravam baixo e queimavam-lhes as pernas. Num minuto, a primeira leva estava correndo na minha direção, subindo os degraus; no seguinte caiu, o toco cauterizado de suas pernas sacudindo-se convulsivamente. Estava observando um casal jovem bem no meio da tomada de cena; vinham correndo de mãos dadas. Quando o raio passou por eles, caíram juntos.

Ela ficou no chão. Ele conseguiu erguer-se no que tinham sido seus joelhos, deu dois passos desajeitados e moribundos em direção à moça, caindo sobre ela. Puxou sua cabeça para junto da dele e a cena foi cortada para uma vista ampla da praça.

Agarrei os fones que estavam pendurados atrás da cadeira em frente à minha e ouvi.

— ...apolis, Minnesota. A situação está sob controle e não será necessário aumentar o contingente. O Bispo Jennings declarou lei marcial, enquanto os agentes de Satã estiverem sendo cercados e a ordem restaurada. Um período de orações e jejum começará imediatamente.

Os guetos de Minnesota foram fechados e todos os párias locais serão redistribuídos em reservas em Wyoming e Montana a fim de prevenir futuras insurreições. Que isto seja um aviso para os ateus de todas as partes que pensam poder disputar o poder divino com o Profeta Encarnado.

Essa transmissão direta, feita pelo Serviço de Notícias Nenhum-Pardal-Cairá, foi patrocinada pela Mercadores Associados do Reino, revendedores dos melhores artigos domésticos religiosos. Seja o primeiro de sua paróquia a possuir uma estatueta do Profeta que miraculosamente *brilha no escuro*] Mande um

dólar, aos cuidados dessa Associação...

Desliguei os fones e pendurei-os. Por que culpar os párias? Aquela multidão não era de párias.

Fiquei de bico calado e deixei meu companheiro falar primeiro, o que ele fez, com veemência:

— Bem feito para eles, bando de idiotas! Imagine, atacar uma fortificação de mãos abanando! — falou em voz baixa, quase no meu ouvido.

— Por que será que se amotinaram? — foi tudo o que perguntei.

— Hein? Não se sabe o que se passa na cabeça de um herege. Não são certos.

— Sem dúvida alguma — concordei com firmeza. — Além disso, mesmo um herege certo da cabeça, se é que existe algum, pode ver que o governo está fazendo um bom trabalho na direção do país. Os negócios vão bem.

Acaricie minha maleta, feliz:

— Pelo menos, para mim, graças a Deus.

Falamos sobre negócios e coisas do gênero por algum tempo. Enquanto conversávamos, examinei-o. Pareceu-me o tipo comum de executivo, convencional e conservador, mas algo nele fazia-me sentir inquieto. Seria apenas meu sentimento de culpa? Ou algum sexto sentido do caçado?

Meus olhos voltaram-se para suas mãos e tive uma vaga sensação de que devia notar alguma coisa. Mas não havia nada de estranho nelas. Finalmente notei uma coisa insignificante, uma calosidade no fim da articulação do terceiro dedo de sua mão esquerda, o tipo de marca deixada pelo uso de um anel pesado durante anos e do tipo que eu mesmo tinha, por ter usado meu anel de aluno de West Point. Isto não significava nada, é claro, já que muitos homens usam anéis de sinete pesados naquele dedo. Eu mesmo estava usando um — não o meu de West Point, é claro, mas o pertencente a Reeves.

Mas por que esse imbecil convencional usaria tal anel habitualmente e depois deixaria de usar? Um fato insignificante, mas que me preocupou; um animal caçado vive observando insignificâncias. Em West Point, nunca fui considerado brilhante em psicologia; perdi divisas de cadete somente nisso. Mas agora me parecia uma boa oportunidade de aplicar o pouco que aprendi... então recapitulei mentalmente tudo o que tinha observado nele.

A primeira observação dele, seu primeiro comentário, foi sobre a imprudência de se atacar uma fortificação. Um indício de orientação militar em seu raciocínio. Mas isso não prova que seja de West Point. Ao contrário, um homem da Academia usa seu anel sempre, mesmo no túmulo, mesmo de folga e à paisana... A menos que, por alguma boa razão, não queira ser reconhecido.

Ainda estávamos conversando socialmente, eu preocupado em como fazer o processamento de dados insuficientes, quando a comissária de bordo serviu o chá. A nave estava começando a cortar os ares, pois descíamos das franjas do espaço e entrávamos no longo deslizamento para Kansas City; o tempo estava meio instável e a moça deixou respingar chá quente em sua coxa. Ele deu um berro e murmurou uma imprecisão entre-dentes. Duvido que ela tenha ouvido o que ele disse.

Mas eu ouvi, e pensei agitado sobre isso, enquanto limpava-lhe a calça

com um lenço. "B. J. idiota!" foi o termo usado, que era tipicamente gíria de West Point.

Logo, a calosidade do anel não era uma coincidência; era de West Point, um oficial de exército fingindo-se de civil. Conclusão: era quase certo que estivesse em missão para o serviço secreto. Será que a missão era eu?

Ora, ora, John! Vai ver que seu anel está na joalheria, para conserto; ele pode estar indo para casa por trinta dias. Mas no curso de uma longa conversa, ele me deixou pensar que era um negociante. Não, ele era um agente secreto.

Ainda que ele não estivesse atrás de *mim*, tinha cometido dois deslizes em minha presença. Mesmo o mais despreparado principiante (como eu, por exemplo) não dá essas escorregadas ao manter uma identidade falsa. E o serviço secreto do exército não é despreparado; é mantido pelos cérebros mais sutis do país. Muito bem, então não foram deslizes acidentais mas sim atos calculados; devia notá-los e *pensar* que eram acidentes. Por quê?

Não podia simplesmente ser por ele estar em dúvida se eu era ou não o homem que procurava. Nesse caso, partindo do velho e provado princípio de que todo o homem é pecador até que se prove inocente, ele teria apenas me prendido e eu seria levado ao Inquérito.

Então, *por quê?*

Só podia ser por eles quererem que eu andasse livre por uns tempos ainda, mas, apavorado de medo, corresse a buscar proteção... e assim levá-los aos meus colegas-conspiradores. Era uma hipótese muito elaborada, mas a única que parecia cobrir todos os fatos.

Logo que concluí que meu companheiro devia ser um agente na minha trilha, senti-me encher daquele medo frio, que embrulha o estômago, comparável somente com o enjôo marítimo. Mas, quando percebi que já tinha descoberto seus motivos, acalmei-me. O que teria Zebadiah feito?

— O primeiro princípio da intriga é não entrar em pânico pelo primeiro fato inusitado.

Sente-se e fique quieto. Se este tira quer me seguir, vou levá-lo a cada loja de Kansas City e deixá-lo observar-me enquanto eu dou uma de mascate vendendo jardas de tecido.

De qualquer modo, meu estômago sentiu-se aliviado, quando descemos em Kansas City. Esperava aquele toque suave no ombro, que é mais assustador do que um soco na cara. Mas nada aconteceu. Desejou-me um automático "Deus te guarde", adiantou-se e dirigiu-se do elevador para o ponto de táxis, enquanto ainda estavam carimbando meu passaporte. Isso não me tranquilizou, pois poderia ter-me apontado uma meia dúzia de vezes para um substituto. Fui para Nova Muehlbach de metrô, com tanta naturalidade quanto conseguia aparentar.

Minha semana em Kansas City foi boa, atingi minha cotação de vendas e consegui uma conta nova de muito bom volume. Tentei verificar se havia ou não qualquer suspeita sobre mim mas não sei se daquele dia em diante estava sendo seguido. Se estava, alguém passou uma semana extremamente chata. Mas embora eu tivesse concluído que o incidente não passara de imaginação e nervosismo, senti-me feliz de estar por fim a bordo da nave para Denver e de

observar que meu companheiro da semana anterior não era um dos passageiros.

Desembarcamos no novo campo bem a leste de Aurora, a muitas milhas do centro de Denver. A polícia examinou meus documentos e tirou minhas impressões digitais de modo rotineiro e já estava guardando minha carteira no bolso, quando o sargento me disse:

— Mostre o braço esquerdo, por favor, *Mr. Reeves*.

Enrolei a manga, tentando demonstrar um justo aborrecimento, mal-humorado. Um homem de branco tirou uma amostra de sangue:

— Apenas uma precaução normal — explicou o sargento. — O Ministério da Saúde está querendo acabar com a varíola.

Era uma desculpa esfarrapada, como eu mesmo sabia por meu treinamento em PH, mas Reeves, vendedor de têxteis, podia ignorá-la. A desculpa tornou-se ainda mais esfarrapada, quando me pediram para esperar numa saleta da estação, enquanto meu sangue era examinado. Sentei-me lá, agitadíssimo, perguntando-me que mal me poderiam fazer com dez cc de sangue, e o que eu poderia fazer sobre isso, ainda que soubesse.

Tinha tempo de sobra para pensar. A situação não parecia nada brilhante. O tempo estava se esgotando, enquanto eu estava lá sentado. Entretanto, a desculpa para me reterem era tão plausível, que não ousei levantar e correr; podia ser o que eles queriam. Assim, sentei direito e suei.

O prédio era provisório e a parede entre eu e a sala do sargento era de um laminado fino; podia ouvir as vozes através dela, sem compreender as palavras. Não encostei o ouvido, temendo ser surpreendido. Por outro lado, senti que era exatamente o que eu tinha de fazer. Coloquei minha cadeira junto à parede, sentei-me de novo, inclinei-me para trás em duas pernas da cadeira, de modo que meus ombros e minha nuca se encostassem na parede. Abri então um jornal que encontrei lá na frente do rosto e encostei o ouvido na parede.

Desse modo, podia ouvir cada palavra. O sargento contou a seu escrivão uma estória que lhe poderia render um mês de punição, se um solicitador de moral estivesse ouvindo, de qualquer modo, eu tinha ouvido a mesma estória, só que um pouco menos pesada, no próprio Palácio, assim que não fiquei muito escandalizado, nem estava em condições de me preocupar com a moral dos outros. Ouvi vários relatórios de rotina e um inquérito sobre um meio-retardado que não conseguia achar o banheiro dos homens, mas nem uma palavra sobre mim. A posição me deu câibra no pescoço.

Bem na minha frente, havia uma janela aberta dando para o campo de foguetes. Uma pequena nave apareceu no céu, freou com as unidades dianteiras e conseguiu uma bela aterrissagem perto de um quarto de milha adiante. O piloto taxeu em direção ao prédio da administração, estacionando junto à janela, a não mais de vinte e cinco jardas.

Era a versão do correio aéreo do *Gavião*, de propulsão a jato com decolagem de foguete e propugnador, a nave mais suave que já se construiu. Conheci-a bem; dirigi uma igual, jogando na posição dois no pólo aéreo do Exército, no ano em que vencemos a Marinha e Princeton.

O piloto desceu e partiu. Medí a distância até a nave. Se a ignição não

estivesse trancada, oba! E se estivesse? Talvez eu pudesse provocar um curto. Olhei pela janela aberta. Poderia estar equipada com vibropinos; se fosse o caso, era impossível adivinhar qual deles me atingiria. Mas não conseguia descobrir nenhuma fiação elétrica, nem nenhuma conexão engatilhada, e a construção frágil do edifício não facilitava escondê-las. Possivelmente só tinham alarmas de contato; talvez tivessem apenas um circuito de selênio.

Enquanto pensava, mais uma vez ouvi vozes na sala ao lado; grudei o ouvido e esforcei-me para ouvir.

— Qual é o tipo sangüíneo?

— Tipo um, sargento.

— Combina?

— Não, o de Reeves é tipo três.

— Ah, Ah! Telefone para o cara do laboratório. Vamos levá-lo para um exame de retina na cidade.

Fui desmascarado direitinho e sabia disso. Sabiam com certeza que eu não era Reeves. Quando fotografassem o tipo de vasos sangüíneos da retina de meu olho, saberiam logo quem eu era, sem levar mais tempo para isso do que mandar a foto pelo rádio para o Departamento de Moral e Investigação. A menos que já tivessem mandado cópias para Denver e outros lugares, com uma etiqueta grudada em mim.

Saltei de cabeça pela janela.

Caí apoiado nas mãos, rolei como uma bola, saltei nos meus pés, sem me ferir. Se fiz algum alarma disparar, estava ocupado demais para ouvi-lo. A porta da nave estava aberta e a ignição não estava trancada: há realmente ajuda para um filho único de mãe viúva! Não me preocupei com taxear direito, fiz a carga de explosão funcionar imediatamente, pouco me importando se a chama do foguete chamuscava meus perseguidores. Saltamos pela pista, minha querida nave e eu, depois levantei-lhe a ponta pelo giroscópio e fugimos para o oeste.

## 8

Deixei-a subir ao céu em busca de altitude e velocidade, enquanto os propulsores iam funcionando adequadamente. Fiquei exultante de ter uma boa nave comigo e os tiras muito atrás. Mas despertei do tolo otimismo que me dominava quando procurei voar em linha reta.

Se um gato escapa subindo na árvore, deve ficar nela até que o cachorro vá embora. Essa era a minha situação e no meu caso o cachorro não iria embora e nem eu podia ficar no ar indefinidamente. O alarma já devia ter soado; atrás de mim, por todos os lados, pilotos da polícia deviam estar decolando em minutos, ou mesmo em segundos. Estava sendo seguido, com certeza, e a luz do radar em vários painéis estava fornecendo informação para um computador que os iria levar até mim, independente de que direção eu tomasse.

O milagre de minha fuga começou a parecer menos milagroso. Ou

milagroso *demais*, talvez? Desde quando a polícia era tão negligente a ponto de deixar um prisioneiro numa sala com uma janela desprotegida? Será que não foi coincidência demais que uma nave que eu soubesse manobrar aparecesse diante daquela janela e fosse deixada lá, com a ignição sem trancar até que o sargento dissesse alto uma coisa que certamente me faria tentar alcançá-la?

Talvez essa tenha sido uma segunda, e bem sucedida, tentativa de me apavorar. Talvez alguém soubesse de minhas predileções pelo *Falcão*, pois tinha meu fichário espalhado diante dele e, soubesse tão bem de meu recorde de pólo aéreo quanto eu. Nesse caso, poderiam não me abater ainda; deviam estar contando comigo para levá-los a meus companheiros.

Ou, quem sabe, muito provavelmente, era mesmo uma fuga, se eu soubesse explorá-la. De qualquer maneira, não estava nem preparado para ser preso outra vez, nem para levá-los a meus confrades, e menos ainda para morrer. Tinha uma mensagem importante (disse a mim mesmo); estava ocupado demais para fazer-lhes o favor de morrer agora.

Liguei o rádio da nave para a frequência de polícia e tráfego e ouvi. Havia uma discussão entre o porto de Denver e um transporte no ar mas ninguém ainda estava berrando por mim para descer, ou ameaçando dar-me um tiro nas calças. Deixei o rádio ligado, pensando que talvez acontecesse depois.

A bússola mostrava-me algumas setenta e cinco milhas de Denver e apontava para o nordeste; surpreendeu-me verificar que só estava voando havia menos de dez minutos... Encontrava-me tão dopado de adrenalina, sem dúvida, que minha noção de tempo tinha sido distorcida. Os tanques de propulsão estavam quase cheios; eu tinha perto de dez horas e seis mil milhas de voo econômico, mas é claro que àquela velocidade poderiam até jogar-me foguetes.

Um plano, tolo e talvez impossível, certamente fruto do desespero mas melhor do que nenhum, começou a esboçar-se em minha mente. Consultei o indicador do grande-circuito e acertei a rota para a República do Havai; minha namorada apontou suavemente seu nariz para o sudeste. Voltei-me então para o gnomógrafo de combustível-velocidade-distância e esbarrei num problema: 3.100 milhas aproximadamente, a mais ou menos 800 milhas por hora, terminando com tanques vazios e dependendo da gasolina do foguete e das unidades dianteiras para amortecer uma aterrissagem com o jato frio. Arriscado.

Não que eu me importasse. Em algum ponto abaixo de mim, pouco depois de eu ter ligado o piloto automático na rota e velocidade indicadas, analistas de trabalho cibernéticos estariam dizendo a seus operadores humanos que eu estava tentando escapar para o Estado Livre do Havai, em tal curso, tal altitude e à velocidade máxima naquele círculo de... e que eu ia atravessar a costa do Pacífico entre São Francisco e Monterey em sessenta minutos, a menos que fosse interceptado. O que era certo. Mesmo que ainda estivessem brincando comigo de gato e rato, roncadores chão-à-terra levantariam do Vale de Sacramento. Se eles falhassem (pouquíssimo provável), naves com seres humanos tão rápidas ou mais rápidas ainda do que a minha namorada, com tanques cheios e sem ter de conservar um raio de ação, estariam esperando naquela altitude da costa. Não tinha esperança de escapar àquela mão de ferro.

Nem eu pretendia. Eu *queria* que eles destruíssem o amoreco que eu estava pilotando, que a destruíssem totalmente e no ar, pois não tinha intenção nenhuma de estar nela quando isso acontecesse.

Operação Cabeçudo, fase dois: como me livrar da desgraçada! Abandonar um avião a jato em pleno vôo sempre foi cuidadosamente planejado por engenheiros: você bate na alavanca de alijamento de carga e reza; o resto é feito por você. A cápsula sobrevivente fecha-se em torno de você e veda-se; em seguida a cápsula que o envolve se solta da nave. No devido momento, à pressão adequada e velocidade-aérea limite, o pára-quedas menor é disparado; ele amortece a sua queda, e lá vai você, flutuando confortavelmente em direção à boa terra de Deus, com seu balão de oxigênio de emergência por companhia.

Só há um problema: tanto a cápsula como a nave abandonada começam a mandar sinais de rádio, pontos para a cápsula traços para a nave e, para completar, a cápsula tem uma bóia-radar embutida.

O negócio todo é tão imperceptível quanto uma vaca dentro da igreja.

Fiquei lá sentado chupando o dedo e fixando o infinito. Parecia-me que o além estava mais selvagem e triste do que nunca, refletindo meu próprio estado de espírito, sem dúvida, pois sabia que treze milhas de chão estavam deslizando sob mim a cada minuto e que já era mais do que tempo de pegar meu chapéu e ir pra casa. Claro, havia uma porta bem ao meu lado; podia abrir um pára-quedas e partir. Mas não se pode abrir a porta de um avião de propulsão a jato em vôo acelerado; nem você pode alijar a carga — para fazê-lo, o avião agiria como cãozinho chutado. Nem uma brisa de oitocentas milhas por hora pode ser ignorada a 60.000 pés; eu seria cortado em fatias feito manteiga no umbral da porta.

A resposta dependia da qualidade do piloto automático dessa navezinha. Os melhores pilotos-robôs podiam fazer tudo, menos cantar hinos; alguns dos mais baratos podiam manter o curso, a velocidade e altitude, mas seus talentos terminam aí. Pessoalmente, queria saber se esse piloto automático tinha ou não um circuito de emergência para lidar com um caso de "despejo", pois pretendia parar a nave, sair dela e deixá-la continuar em direção ao Havaí, sozinha, se eu conseguisse.

Um jato de propulsão só funciona em alta velocidade; é por isso que naves a propulsão têm também um motor de foguete, do contrário não decolariam. Se você perder velocidade abaixo do ponto crítico dos motores de seu jato, eles se descarregam, tendo você que começar tudo de novo, seja com o motor do foguete, seja mergulhando de cabeça para ganhar velocidade. É um negócio delicado e grande número de pilotos de jato de propulsão encontraram seu prêmio celestial num caso inesperado de "despejo".

Minha experiência anterior com o *Falcão* não me ensinou nada, já que não se usam pilotos automáticos em pólo aéreo. Acredite-me, não se usam. Procurei então pelo manual de instrução no porta-luvas, não o encontrei, olhando então para o próprio piloto. O painel de informação tampouco dizia coisa alguma. Sem dúvida, com uma chave de parafusos e muito tempo, poderia abri-lo, examinar seus circuitos e chegar a uma conclusão — digamos, em mais ou menos um dia

e meio; esses pilotos automáticos não passam de um bolo de transistores e espaguete.

Puxei então o pára-quadras individual dos pregadores que o prendiam e comecei a me encolher dentro dele, enquanto suspirava:

— Amigo, *espero* que você tenha a geringonça necessária construída em seus circuitos.

O piloto automático não respondeu, embora não me surpreendesse muito, se o fizesse. Espremi-me de volta para o meu lugar e comecei a manipular o piloto automático. Não tinha muito tempo; já estava sobrevoando a represa do Deserto e podia ver o sol poente cintilando nas águas do Grande Lago Salgado à minha frente, à direita.

Primeiro perdi um pouco de altitude, pois 60.000 pés é um pouco rarefeito e frio, significando pouca quantidade de pressão atmosférica para o pulmão humano. Iniciei então uma curva delicada que nem arrancaria as asas de minha nave, nem me surpreenderia numa escuridão total. Tive de levá-la a uma altura considerável porque pretendia desligar os motores do foguete totalmente e forçar minha namorada a ligar suas tubulações, mergulhando de cabeça para ganhar velocidade, sendo minha intenção descer na vertical, o que provocaria o "despejo", e saltar rapidamente nesse momento. Por motivos óbvios, não queria que os motores do foguete se desligassem no exato momento em que estivesse tentando dizer adeus.

Continuei fazendo a curva até deitar-me de costas, com a terra atrás de mim e o céu adiante. Conservei-a assim, freando-a para baixo, com a intenção de fazer a curva com os motores do jato descarregados a trinta mil pés; ainda rarefeito, dentro dos limites da distância de um salto com ar respirável e ainda o bastante alto para dar à minha dama uma chance de continuar em seu mergulho sem estourar-se no planalto de Utah. A mais ou menos 28.000 pés tive aquela sensação de tola inutilidade que se sente quando os controles viram mingau e não mordem mais. Subitamente, uma luz vermelha acendeu-se no painel e ambos os motores se desligaram. Era hora de saltar.

Quase me esqueci do balão de oxigênio. Colocava o bocal entre os dentes e a proteção nasal do capacete em meu nariz, ao mesmo tempo que tentava com a outra mão abrir a porta; tudo isso bastante dificultado pelo fato de que minha nave e eu estávamos realmente em queda livre. O leve deslocamento, de ar na parte superior da trajetória da curva fez-me pesar pouco mais de alguns quilos.

A porta não se abria. Lembrei-me finalmente de bater na válvula de queda, abrindo-se ela então e quase me arremessando para fora. Agarrei-me ali por um segundo ou dois, enquanto o chão girava loucamente acima de mim. Aí a porta bateu, fechando-se e aferrolhando-se, e empurrei-me para fora do avião. Não saltei, estávamos caindo juntos e empurrei-me.

Devo ter batido a cabeça contra uma asa. De qualquer modo, há uma lacuna em minha memória até o momento em que me vi sentado no espaço a mais ou menos vinte e cinco jardas da nave. Ela descia lentamente em parafuso e céu e terra giravam preguiçosamente ao meu redor. Havia um vento tênue e frio, enquanto eu caía, mas ainda não me tinha dado conta do frio. Ficamos uns bons momentos juntos, talvez horas; o tempo parou. Depois a nave mergulhou em

linha reta e afastou-se de mim.

Tentei seguir sua descida com o olhar e dei-me conta do vento gelado em minha queda. Meus olhos doíam e lembrei-me de ter lido algo sobre pupilas congeladas; cobri-as com ambas as mãos. Ajudou muito.

Assustei-me subitamente, ficando em pânico diante da idéia de ter protelado demais o salto e de estar perto de esmagar-me no chão deserto. Descobri meus olhos e arrisquei uma olhadela.

Não, a terra ainda estava bem longe, talvez a duas ou três milhas. Minha suposição não valia muito, já que estava escuro lá. Procurei avistar a nave, não podia vê-la, até que de repente enxerguei o fogo de sua tubulação. Arrisquei-me a congelar meus olhos e observei-a com o coração exultante. O piloto automático tinha mesmo um circuito de emergência embutido para "despejo" e tudo estava ocorrendo de acordo com o plano. Minha pequena namorada apumou-se, dirigiu-se para o oeste na rota e começou a ganhar altitude, conforme tinha sido instruída a fazê-lo. Rezei para que ela conseguisse chegar ao Pacífico e morrer lá, ao invés de ser derrubada a tiros.

Observei suas tubulações reluzentes até perdê-las de vista, enquanto eu continuava a cair.

O triunfo de minha navezinha fez-me esquecer de ficar com medo. Sabia, quando me empacotei para fora, que essa tinha de ser uma queda protelada. Meu próprio corpo, ao deixar a nave, formaria um ponto secundário no painel de qualquer radar ou de qualquer outra coisa atrás da nave; minha única esperança de convencer meus perseguidores de que estavam testemunhando a uma verdadeira emergência — "despejo" — residia em afastar-me da nave tão depressa quanto possível e não ser acusado em minha descida. Isso significava cair rapidamente fora do quadro e não puxar o cordel do pára-quadras até me aproximar do chão, em escuridão total e à sombra do radar.

Mas nunca tinha protelado uma queda; na verdade, só tinha saltado duas vezes, dois fáceis treinos com um instrutor, o mínimo necessário a cada cadete a fim de formar-se. Não me senti lá muito mal enquanto mantive meus olhos fechados, mas comecei a sentir uma necessidade incontornável de puxar o cordel. Minha mão tocou a alça e apertou-a. Disse-me para largá-la mas não consegui obedecer. Ainda estava muito alto, absolutamente certo de ser visto, se eu abrisse aquele enorme alvo de bombardeio e flutuasse para baixo o resto do caminho.

Pretendia abrir o pára-quadras de repente em algum ponto entre mil e quinhentos pés acima do solo, mas meus nervos estavam exaustos e não podiam esperar tanto. Havia uma grande cidade abaixo de mim — Provo, Utah, pelo que me lembrava da localização vista mais de cima. Convenci-me de que tinha de puxar o cordel para evitar a aterrissagem bem em cima da cidade.

Bem a tempo, lembrei-me de remover o bocal de oxigênio, evitando assim um provável punhado de dentes quebrados, pois nunca fui capaz de amarrá-lo em mim; segurei-o com a mão esquerda durante o tempo todo. Acho que mesmo naquele momento poderia ter continuado a segurá-lo, mas o que fiz foi jogá-lo na direção geral de uma fazenda, esperando que caísse numa terra cultivada, ao invés de no crânio de um cidadão honesto. Puxei então a alça.

Durante um terrível meio segundo, pensei que tivesse um pára-queda defeituoso. Ele abriu, porém, e nocauteou-me — ou desmaiei de medo. Voltei a mim pendurado no arrego, com o chão balançando e girando lentamente abaixo de mim. Ainda estava muito alto e pareceu-me flutuar em direção às luzes de Provo. Respirei fundo — o ar verdadeiro é gostoso, depois do enlatado — juntei uma dose dupla de mortalhas e despejei um pouco de vento.

Passei a descer mais rápido e consegui soltar-me, bem a tempo de obter total apoio para a aterrissagem. Não podia ver bem o chão com a escuridão da noite mas sabia que estava perto; juntei os joelhos exatamente como manda o manual, surpreendendo-me a seguir, meio inesperadamente, tropeçando, caindo e enroscando-me na queda. Ela deve ser igual a um salto livre de quatorze pés; tudo o que posso dizer é que me pareceu maior.

Vi-me sentado no traseiro, esfregando meu tornozelo esquerdo .

Espiões sempre enterram seus pára-quadras, de modo que imaginei que devesse enterrar o meu. Não sentia a menor vontade de fazê-lo e nem tinha utensílios para isso; enfiei-o num esgoto que corria sob a estrada que marginava o campo, começando então a trotar aquela estrada em direção às luzes de Provo. Meu nariz e a orelha esquerda tinham sangrado e o sangue estava coagulado em meu rosto; estava imundo, tinha rasgado as calças, meu chapéu só Deus sabe onde estava, em Denver, talvez, ou sobrevoando Nevada. Meu tornozelo esquerdo parecia levemente torcido, minha mão direita estava seriamente esfolada e tinha sofrido um acidente infantil. Senti-me envaidecido.

Agüentei-me com dificuldade para não assobiar enquanto andava, tão bem me sentia. Claro, ainda estava sendo caçado, mas os funcionários do Profeta pensavam que eu ainda estava nos céus em direção ao Havaí. Pelo menos era o que eu esperava e, seja lá como for, eu ainda estava livre, vivo e razoavelmente intato. Se alguém tivesse de ser caçado, Utah era o melhor lugar para isso; tinha sido um centro de heresia e desunião desde a repressão da igreja Mormom, nos tempos do Primeiro Profeta. Se eu tivesse de me manter fora das vistas da polícia do Profeta, era bem pouco provável que alguém de lá me entregasse .

Ainda assim, deitei-me esticado na vala, cada vez que um caminhão ou outro veículo do campo se aproximava, e abandonei a estrada, seguindo outra vez pelos campos, antes de entrar na cidade propriamente dita. Dei uma imensa volta e entrei por uma rua lateral, mal iluminada. Faltavam duas horas para o toque de recolher; precisava levar adiante a primeira parte de meu plano, antes que a patrulha noturna ganhasse as ruas.

Andei a esmo pelas ruas residenciais escuras e evitei qualquer encontro frontal com pessoas por mais de uma hora, antes de encontrar o que queria: algum tipo de avião que pudesse roubar. Era um carro-aéreo de família, da marca Ford, estacionado numa vaga. A casa mais próxima estava escura.

Andei furtivamente até ele, permanecendo no escuro, e quebrei meu canivete arrombando a porta; mas consegui abri-la. A ignição estava trancada, mas não esperava ter a mesma sorte duas vezes. Recebi uma educação extremamente prática, à custa dos contribuintes, que incluía conhecimento detalhado de motores IC e, dessa vez, não havia pressa; levei vinte minutos, trabalhando no escuro, para fazer uma ligação direta.

Depois de um rápido reconhecimento da rua, entrei, liguei o auxiliar elétrico, deslizei silenciosamente pela rua, contornando a esquina antes de acender os faróis. Fui-me afastando tão ostensivamente quanto um fazendeiro voltando de suas orações na cidade. Entretanto, tinha medo de encontrar um posto policial nos limites da cidade, de modo que assim que as casas foram-se tornando raras, dirigi o carro para o primeiro campo aberto, afastando-me bem da estrada. Inesperadamente, uma roda dianteira entrou num sulco de irrigação, o que determinou minha decolagem.

O motor principal tossiu e pegou; o rotor desdobrou suas asas com um guincho agudo. O carro estava enlameado, o sulco era inclinado mas ele conseguiu. O chão afastou-se.

## 9

O carro que roubei era um calhambeque velho, mal conservado, um barulho feio nas válvulas do motor e uma vibração no rotor que não gostei nem um pouco. O importante é que andava e tinha mais de meio tanque cheio, o bastante para levar-me a Fênix. Não podia reclamar.

O pior era a falta total de outros equipamentos de navegação, além do ultrapassado robô Sperry, desequilibrado, e um monte de mapas desdobráveis do ano passado, do tipo que as melhores companhias de petróleo distribuem. Havia um rádio, mas estava quebrado.

Bem, Colombo safou-se com menos do que isso. Fênix devia ficar ao sul e perto de quinhentas milhas" daqui. Calculei meu alvo, fechando os olhos e rezando, acertei o robô na rota e liguei o carro para manter uma altitude real de quinhentos pés. Acima, poderia encontrar o trabalho cibernético; abaixo, algum polícia local podia aborrecer-me. Decidi que faróis acesos eram melhores do que apagados, não tendo tempo de pegar um bilhete, ligando-os então no "turvo". Depois, dei uma olhada em volta.

Nenhum sinal de perseguição ao norte; ao que tudo indicava, meu último roubo ainda não tinha sido notado. Quanto ao primeiro, bem, minha querida ou tinha sido abatida nesse meio tempo, ou estava bem longe, sobre o Pacífico. Pensei então que estava batendo um bom recorde para um menino bem comportado: cúmplice, antes e depois, de um assassinato, falso juramento perante o Grande Inquisidor, traição, falsa identidade e duas grandes apropriações indébitas. Havia ainda incêndio culposo, fraude, fosse ela como fosse, e rapto. Resolvi que podia livrar-me do rapto mas precisava tomar cuidado com a fraude, se descobrisse o que isso significava. Sentia-me ainda envaidecido, mesmo com o nariz sangrando de novo.

Ocorreu-me que casar com uma diácona consagrada poderia ser considerado rapto estatutário diante da lei, o que me fez sentir melhor; até ali, não queria perder nada.

Mantive-me nos controles, manobrando o piloto e evitando cidades até

chegarmos a mais de cem milhas ao sul de Provo. Dali para o sul, passando o Grand Canyon, e mais ou menos até as ruínas da velha estrada para a cidade "66", quase não havia gente; podia arriscar-me a dormir um pouco. Fixei o piloto em oitocentos pés, altitude do sol, disse-lhe severamente para tomar cuidado com árvores e penhascos, voltei para o banco de trás do carro e dormi em seguida.

Sonhei que o Grande Inquisidor tentava quebrar minha resistência, comendo um rosbife suculento em minha presença:

— Confessa? — dizia, enquanto cortava um pedaço e mastigava. — Torne as coisas fáceis para você. Prefere um pedaço mal passado ou a ponta?

Já estava quase confessando quando acordei.

O luar brilhava e estávamo-nos aproximando do Grand Canyon. Corri para os controles e manobrei a ordem sobre altitude. Temia que um simples robzinho tivesse uma depressão nervosa e derramasse capacidade elétrica ao invés de lágrimas, se eu tentasse manter a nave a apenas oitocentos pés dos pináculos e da série de altos e baixos gargantalescos.

Enquanto isso, apreciava tanto a vista que me esqueci de que estava morto de fome. Se alguém não conhece o Canyon, não adianta descrevê-lo, mas acho muito recomendável vê-lo ao luar e de cima.

Cortamo-lo em cerca de vinte minutos, devolvi o comando ao automático e comecei a procurar o que comer, revistando prateleiras e gavetas junto ao painel. Encontrei uma barra de chocolate com amêndoas e uns amendoins, o que foi uma festa para quem estava pronto para tirar o pêlo de um zorrilho... A última vez que tinha comido fora em Kansas City. Eliminei-os rapidamente e voltei a dormir.

Não me recordeo de ter ligado o alarma do piloto mas devo tê-lo feito, pois, pouco antes da madrugada, ele me acordou. A madrugada sobre o deserto era um outro item caríssimo para turistas mas eu tinha de pilotar e só pude dar uma olhadela. Abri a cratera nos ângulos certos por alguns minutos para verificar o vento e a velocidade desenvolvida em direção ao sul, passando a seguir a examinar a ponta de um mapa desdobrável. Com sorte, e presumindo que meus palpites sobre o vento estavam certos, Fênix devia aparecer em mais ou menos meia hora.

Minha sorte continuou. Passei por cima de campos bastante áridos e, subitamente, espalhado à direita, estava um amplo e plano vale do deserto, verde, com plantações irrigadas e uma grande cidade no meio — o Vale do Sol e Fênix. Aterrissei mal, num impensado leito seco de rio que levava ao Salt River Canyon. Furei um pneu e esmigalhei o rotor, mas não me importei. O que interessava é que não era provável encontrarem o carro tão cedo, nem as minhas impressões digitais... As de Reeves, quero dizer. Meia hora depois, tendo escolhido meu caminho cuidadosamente entre enormes cactos e blocos de pedras vermelhas maiores ainda, cheguei a uma estrada que dá no vale e em Fênix.

Seria uma grande caminhada até Fênix, principalmente com um tornozelo dolorido, mas decidi não arriscar uma carona. O tráfego era pouco e, durante a primeira hora, escondi-me. Foi quando um caminhão a frete me surpreendeu numa lombada; não havia nada a fazer além de acenar com naturalidade para o

motorista, enquanto me espremia contra a pedra, fingindo indiferença. Com uma freada suave, parou seu veículo pesado:

— Carona, garoto? Decidi-me num minuto:

— Quero, obrigado.

Empurrou uma escada metálica para o estribo e entrei no caminhão. Ele examinou-me:

— Irmão — disse, admirado — foi um leão montanhês ou um urso?

Tinha-me esquecido de minha aparência. Olhei-me:

— Ambos — respondi solenemente. — Estrangulei um com cada mão.

— Acredito.

— O fato é — acrescentei — que estava dirigindo um monociclo e saltei fora da estrada. No lado alto, felizmente, mas eu o destruí.

— Um monociclo? *Nesta* estrada? Não estava vindo de Globe, estava?

— Bem, tinha de descer e empurrar de vez em quando. Foi o declive que me pegou desprevenido, entretanto.

Balançou a cabeça:

— Vamos discutir a teoria do leão e do urso. Gosto mais.

Não me fez mais perguntas, o que era bom pra mim. Estava começando a me dar conta de que ficções improvisadas levam a ramificações insuspeitáveis. Nunca tinha estado na estrada de Globe.

Nem tinha entrado em um caminhão a frete e estava interessado em ver o quanto se parecia, por dentro, com a sala de controle de uma radiopatrulha de superfície do exército — mesmo bombordo e estibordo de engrenagem de velocidade a óleo controlando o rolamento da tração, muitos dos mesmos instrumentos de bordo para desenvolver a velocidade do motor, motores de velocidade a bombordo e estibordo, força de torção proporcional, etc. Eu mesmo poderia conduzi-lo.

Mas, ao invés disso, fiz-me de tolo e o encorajei a falar.

— Nunca entrei numa beleza dessas antes. Diga-me como funciona, por favor.

A pergunta o deslanchou e ouvi pela metade, enquanto pensava em como saltar em Fênix. Mostrou-me como usava força e direção nos rolamentos, apenas inclinando as duas barras de velocidade, uma em cada mão, discorrendo então sobre a economia de deixar o diesel correr a uma velocidade constante, enquanto ele alimentava a força quando necessário pelos dois lados. Deixei-o falar; com toda a certeza, o que eu mais precisava naquele momento era um banho, barbear-me e trocar de roupas ou poderia ser preso por vagabundagem pela minha aparência.

Dei-me conta de que ele me fazia uma pergunta;

— Acho que entendi — respondi — os Waterburies dirigem os rolamentos.

— Sim e não — continuou ele. — É uma conexão diesel-elétrica. Os Waterburies apenas agem como um sistema de engrenagem, embora não haja nenhuma engrenagem neles; são hidráulicos. Entendeu?

Disse que sim (poderia tê-los projetado) e arqueei em minha mente que, se a Conspiração por acaso precisasse de pilotos de carros de radiopatrulha, motoristas de caminhão a frete poderiam ser treinados para o trabalho em pouco

tempo.

Continuávamos ligeiramente em declive, mesmo depois de ter deixado o Canyon; as milhas escorriam atrás de nós. Meu anfitrião pulou para a estrada a fim de parar num restaurante de beira de estrada e posto de gasolina.

— Todos para fora — grunhiu. — Almoço para nós e suco-de-estrada para o carro.

— Gostei.

Consumimos cada um gordo bife com ovos e bacon e um enorme e doce pomelo do Arizona. Não queria me deixar pagar sua conta e tentou pagar a minha. Quando voltamos para o caminhão, parou junto à escada e olhou-me bem:

— O portão da polícia fica a mais ou menos três-quartos de milha daqui — disse suavemente. — Acho que é um lugar de verificação tão bom quanto qualquer outro.

Olhou para mim e para o outro lado.

— Humm... — disse. — Acho que gostaria de ir andando o resto do caminho, para baixar a comida. Obrigado pela carona.

— Não há de quê. Ah, existe uma estrada secundária a duzentas jardas pra trás. Ela dá uma volta para o sul e depois outra vez para o oeste, até a cidade. Tem menos tráfego.

— Ah, obrigado.

Voltei até a estrada lateral, imaginando se a minha carreira criminal estava tão clara para qualquer um. Uma coisa era certa, eu *tinha* de melhorar minha aparência, antes de entrar na cidade. A estrada secundária passava por vários ranchos, o que constatei sem ter coragem de parar. Naquele momento, aproximei-me de uma casinha ocupada por uma família indo-espânica, com o costumeiro sortimento de crianças e cachorros. Arrisquei-me; muitas dessas pessoas eram católicos clandestinos, eu sabia, e possivelmente odiavam tanto os funcionários quanto eu.

A Senhora estava em casa. Era gorda, delicada e muito índia em seu aspecto. Não podíamos conversar muito, pois meu espanhol é tipicamente escolar, mas pude pedir *água* e consegui *água*, tanto para beber quanto para me lavar. Ela costurou o rasgão de minhas calças, enquanto fiquei lá besta-mente de cuecas, com as crianças dizendo gracinhas; deu uma escovada na roupa e até me deixou usar o barbeador de seu marido. Reclamou quando eu quis pagar pelo que fez, mas manteve-me firme quanto a isso. Saí de lá com um aspecto passável.

Como o motorista havia dito, a estrada retorcia-se em direção à cidade — e com a vantagem de não encontrar a polícia. De vez em quando encontrava um supermercado da vizinhança e nele uma pequena alfaiataria. Lá esperava até que o resto de minha metamorfose em pessoa respeitável se completasse. Com minhas roupas bem passadas, manchas removidas, uma novíssima camisa e um chapéu, estava pronto para entrar na cidade e trocar uma bênção com qualquer funcionário que encontrasse, olhando-o calmamente nos olhos. Um catálogo de telefones me forneceu o endereço do Tabernáculo do Lado Sul; um mapa na parede de uma alfaiataria me orientou, sem ter de fazer perguntas. Podia andar

até lá.

Apressei-me e cheguei à igreja exatamente às onze horas, quando o culto estava começando. Suspirando aliviado, deslizei até um banco e realmente gostei do culto, como quando era criança e não sabia o que estava por trás dele. Senti-me em paz e em segurança; apesar de tudo, consegui chegar a salvo. Deixei a música tão conhecida infiltrar-se em minha alma, enquanto esperava a hora de me revelar ao pastor e deixar que ele se preocupasse em meu lugar.

Para dizer a verdade, dormi durante o sermão. Mas acordei a tempo e duvidei que alguém tenha notado. Depois fiquei por ali, esperei uma oportunidade de falar ao pastor e disse-lhe o quanto tinha gostado de seu sermão. Apertamo-nos as mãos e fiz-lhe o sinal de reconhecimento dos confrades.

Mas ele não correspondeu. Fiquei tão aborrecido com isso, que quase perdi o que ele estava dizendo:

— Obrigado, meu filho. É sempre uma boa notícia para um pastor novo saber que seus serviços são apreciados.

Acredito que minha expressão me tenha denunciado. Acrescentou :

— Está-se sentindo mal?

— Não, reverendo — gaguejei. — É que eu também não sou daqui. Então o senhor não é o Reverendo Baird?

Entrei em pânico. Baird era meu único contato com a confraria fora de Nova Jerusalém; sem ninguém para esconder-me, seria apanhado numa questão de horas. Mesmo enquanto respondia, ia fazendo grandes planos para roubar outra nave naquela noite e tentar burlar a patrulha da fronteira até o México.

Sua voz cortou meus pensamentos como se viesse de uma longa distância:

— Lamento, mas não sou, meu filho. Você queria ver o Reverendo Baird?

— Bem, não era muito importante. É um velho amigo de meu tio. Devia visitá-lo enquanto estivesse aqui e apresentar-lhe meus respeitos.

Pensava que talvez aquela simpática senhora índia pudesse me esconder até o anoitecer, quando o pastor disse:

— Isso não é difícil. Ele está na cidade. Estou apenas substituindo-o, enquanto está acamado.

Meu coração fez uma curva de cento e oitenta graus, que tentei não demonstrar.

— Se ele está doente, talvez seja melhor não incomodá-lo.

— De modo algum. Quebrou um pé e vai gostar de ter companhia.

O pastor remexeu em sua roupa, encontrou um pedaço de papel e um lápis e escreveu o endereço:

— Duas ruas acima e uma quadra para baixo. Não pode errar.

Claro que erreí, mas voltei e encontrei o endereço, uma casa de vinhedo antigo, com um toque de Nova Inglaterra. Ficava bem ao fundo de um grande jardim mal-cuidado, onde eucaliptos, palmeiras, arbustos e flores formavam uma agradável confusão. Apertei a campainha e ouvi o choro de um transmissor antigo. Alguém perguntou:

— Quem é?

— Uma visita para o Reverendo Baird, se ele quiser receber-me.

Houve um curto silêncio, enquanto ele me examinava:

— Você vai ter de entrar sozinho. Meu empregado foi ao mercado. Vá em frente e entre pelo jardim dos fundos.

A porta estalou e abriu-se.

Pisquei os olhos no escuro, atravessei uma passagem central e passei pela porta dos fundos. Um velho estava lá, sentado em um balanço, com um pé apoiado em almofadas. Baixou o livro e observou-me atentamente por cima dos óculos.

— O que quer de mim, meu filho?

— Luz.

Uma hora depois, eu estava derrubando o fim de maravilhosas "enchiladas" com leite doce e frio. Quando estendi a mão para um cacho de uvas moscatel, Padre Baird concluía suas instruções para mim.

— Nada até o escurecer, então. Alguma pergunta?

— Acho que não. Sanchez me leva para fora da cidade e me encaminha para um outro grupo de confrades, que por sua vez me levará ao Quartel-General. O que devo fazer no fim é bastante simples.

— É verdade. Entretanto, você não vai-se sentir bem. Deixei Fênix escondido no fundo falso de uma carroça de legumes. Fui embalado como mercadoria, com o nariz encostado no fundo de tábuas. Fomos parados pela polícia no portão dos limites da cidade; pude ouvir vozes bruscas com aquele tom de autoridade e a de Sanchez, fervorosa, como resposta. Alguém remexeu coisas por cima da minha cabeça e as frestas do fundo falso brilharam com a luz. Finalmente, uma voz disse:

— Está tudo certo, Ezra. Esse é o empregado do Padre Baird. Viaja para o rancho do pastor uma noite sim, outra não, ou qualquer coisa parecida.

— Bem, por que ele não disse logo?

— Fica nervoso e se atrapalha com o inglês. Tudo bem. Vá andando, *chico*. *Vaya usted con Dios*.

— *Gracias, senores. Buenas noches*.

No rancho do Reverendo Baird, fui transferido para um helicóptero, sem perigo de desmoronar dos legumes, dessa vez. Era um negócio novo, silencioso e bem equipado, manobrável por uma tripulação de dois, que tocaram comigo apertos de mão significantes mas que não me disseram nada além da ordem de entrar no compartimento de passageiros e ficar lá. Levantamos vôo imediatamente.

As janelas de meu compartimento tinham sido cobertas; não sei por onde andamos, nem por quanto tempo. Foi uma viagem dura, já que o piloto parecia firmemente disposto a colher margaridas no caminho. Era uma precaução sensata evitar ser avistado na área mas eu esperava que ele soubesse o que estava fazendo, pois não estava a fim de caçar um helicóptero em plena luz do dia. Ele deve ter espantado um monte de coiotes, e a mim também.

Finalmente, ouvi o guincho de uma trava de aterrissagem. Deslizamos sobre ela, flutuamos e batemos suavemente ao parar. Ao descermos, vi-me olhando

fixamente para a goela de dinamitador montado num tripé, sustentado por dois homens alertas e desconfiados.

Mas minha escolta deu a senha, cada guarda interrogou-me separadamente e trocamos sinais de reconhecimento. Fiquei com a impressão de tê-los desapontado um pouco por não terem conseguido me pegar; pareciam loucos para isso. Calei-me, portanto. Descemos do elevador, andamos um pouco e deixaram-me passar. Entramos por uma porta, andamos talvez cinqüenta jardas e empilhamo-nos num compartimento. O chão baixou.

Meu estômago reencontrou-se comigo e resmunguei para mim mesmo, pois não me tinham avisado de que aquilo era um elevador, mas continuei calado. Ao sair, andamos um pouco e fui levado a uma plataforma qualquer, onde disseram-me que sentasse e me segurasse, daí fomos jogados longe, numa velocidade de quebrar o pescoço. Senti-me numa montanha-russa, o que não é das melhores coisas quando se está de olhos vendados. Até ali não tinha sentido medo mesmo. Comecei a pensar que a maldade era intencional, pois poderiam ter-me avisado.

Descemos por um outro elevador, andamos algumas centenas de passos e minha venda foi removida. Tive a primeira visão do Quartel-General.

Não o reconheci como tal; simplesmente, deixei escapar um suspiro. Um de meus guardas sorriu:

— Todos fazem isso — disse friamente.

Era uma caverna de pedra calcária tão grande, que a gente se sentia mais ao ar livre do que num subterrâneo; e tão magnificamente abundante em sua estrutura, que levava a pensar em reinos encantados ou no palácio do Rei dos Anões. Imaginei que estívéssemos num subterrâneo pela descida que fizemos, mas nada me tinha preparado para o que vi.

Tinha visto fotografias do que eram as Cavernas de Carlsbad, antes que o terremoto de 96 as destruísse; o Quartel-General era algo do gênero, embora não acredite que as Cavernas de Carlsbad tenham sido tão grandes e nem cinqüenta por cento tão grandiosas. Não pude, num primeiro relance, perceber a imensidão da sala onde estava; no subsolo não há nada para julgar o tamanho e o telémetro embutido da visão humana é inútil a cinqüenta pés, sem algo a distância para dar-lhe a escala: uma casa, um homem, uma árvore ou o próprio horizonte. Uma vez que uma caverna natural não contém nada do que é conhecido, habitualmente, o olho humano não pode medi-la.

Assim, ao mesmo tempo que me dava conta de que a sala em que estava era grande, não podia adivinhar o quanto o era; meu cérebro tentou fazer uma escala que se encaixasse em meus conhecimentos prévios. Estávamos de pé acima do andar principal, em uma das pontas da sala; a coisa toda era suavemente iluminada por refletores. Esticando meu pescoço e fazendo "ahs" e "ohs" olhei para baixo e vi uma cidade de brinquedo a alguma distância abaixo de nós. Os edifíciozinhos pareciam ter um pé de altura.

Vi então minúsculas pessoas andando entre os prédios e a coisa toda de repente entrou numa escala. A cidade de brinquedo estava pelo menos a um quarto de milha ao longe; a sala toda tinha nada menos do que uma milha de profundidade e muitas centenas de pés de altura. Ao invés do medo de se sentir fechadas lá dentro, as pessoas normalmente experimentavam nas cavernas o que

eu subitamente identifiquei como a sensação inversa, agorafobia. Queria esquivar-me junto às paredes, como um camundongo tímido.

O guia que me falou tocou em meu braço:

— Você vai ter muito tempo para esticar o pescoço depois. Vamos andando.

Conduziram-me por uma trilha com meandros entre estalagmites, desde o tamanho de um dedo de neném até o de uma pirâmide egípcia, contornando piscinas de águas negras com folhagens semelhantes a de lírios d'água, de pedras vivas, crescendo nelas; ultrapassamos abóbadas úmidas que já eram velhas quando o homem era novo, sob translúcidas cortinas de ônix creme e estalactites rosa-avermelhadas e verde-escuro. Minha capacidade de me maravilhar começou a ficar sobrecarregada e desisti de tentar.

Chegamos a um andar mais ou menos térreo, em cujo teto morcegos podiam pendurar-se, e seguimos depressa para o vilarejo. As construções, como me dei conta ao chegar mais perto, não eram do tipo construído ao ar livre mas meras repartições daquela colméia plástica usada para amortecer o som — separadores de espaço, para maior eficiência e conveniência. Na maior parte, não tinham telhado. Paramos diante do maior desses cercados; na tabuleta acima da porta lia-se ADMINISTRAÇÃO. Entramos e fui levado ao departamento de pessoal. Essa sala quase me fez sentir saudades, tão correta, tão militar-mente profissional em seu mobiliário feio e eficiente. Havia até o escriturário mais velho do quadro, fungando nervosamente, o que parece ser a saída para esses funcionários em geral, desde os tempos de César. A tabuleta de sua escrivaninha descrevia-o como Oficial Autorizado R.E. Giles e estava mais do que evidente que tinha voltado a seu escritório depois de examinar-me durante horas.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Lyle — disse, apertando-me a mão e trocando sinais de reconhecimento comigo. Cocou então o nariz e fungou. — O senhor chegou perto de uma semana antes, de modo que seus aposentos não estão prontos. Que tal se o alojássemos esta noite com um cobertor-cilíndrico no saguão do BOQ e de manhã o mudássemos para outro lugar?

Disse-lhe que estava muito bem e ele pareceu aliviado.

Esperava ser tratado como um herói-conquistador na minha chegada. Sabem como é, meus novos camaradas bebendo avidamente cada palavra de meu modesto relato das aventuras e escapadas por um triz, dando graças ao Grande Arquiteto por me ter permitido vencer com minha mensagem toda-importante.

Enganei-me. O auxiliar de pessoal mandou chamar-me antes que tivesse terminado o café, mas nem sequer o vi; foi o

Sr. Giles quem me recebeu. Fiquei um pouco zangado e interrompi-o para perguntar quando seria conveniente apresentar-me formalmente ao Comandante. Fungou:

— Ah, sim. Bem, Sr. Lyle, o General-Comandante envia seus cumprimentos e pede que considere a visita de cortesia como já tendo sido feita, não só por ele como pelos chefes de departamentos. Estamos muito ocupados no momento. Mandará chamá-lo assim que tiver um minuto livre.

Sabia muito bem que o General não me tinha mandado aquele recado e que o escriturário estava simplesmente fazendo um jogo preestabelecido, o que não me fez sentir melhor.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer; fui agarrado pelo sistema. Por volta de meio-dia, já tinha sido permanentemente instalado, passado por um exame torácico, etc. e feito meu relatório. Ah, tive uma oportunidade de contar minha estória, mas para um gravador. Homens de carne e osso receberam o recado, mas não me diverti com isso; estava hipnotizado, exatamente como o fui ao recebê-lo.

Para mim, foi demais; perguntei ao psicotécnico que me trabalhou qual era a mensagem que eu tinha levado. Respondeu, empertigado:

— Não é permitido dizer ao correio que mensagem ele leva.

Seu jeito sugeria que minha pergunta tinha sido bastante inadequada.

Perdi um pouco a cabeça. Não sabia se era meu superior ou não, pois não vestia uniforme, mas pouco me importou:

— Ora essa! O que é que está acontecendo? Os confrades não *confiam* em mim? Afinal de contas, eu me arrisquei...

Interrompeu-me com um jeito bem mais conciliatório:

— Não, não é isso, de forma alguma. É para sua proteção.

— O quê?

— Método. Quanto menos você souber do que não precisa saber, menos você vai dar com a língua nos dentes se for preso — e é mais seguro para você e para todos. Por exemplo, sabe onde está agora? Poderia mostrar num mapa?

— Não.

— Nem eu. Não precisamos saber, então não nos dizem. Entretanto — continuou — não me importo de contar, de um modo geral, o que você trouxe: apenas relatórios de rotina, confirmando troços que, na maioria, já tínhamos recebido pelos circuitos sensitivos. Você ia passar por aqui, de modo que eles o encheram desses troços. Tirei três carretéis de você.

— Só coisas de rotina? Ué, o Mestre de minha confraria disse-me que eu

estava levando uma mensagem de importância vital. Aquele bobo da corte gordo!

O técnico esboçou um sorriso:

— Sinto muito, mas acho que ele estava brincando.

— É?

— Sei o que ele quis dizer. A mensagem era de importância vital, para você. Trouxe suas próprias credenciais por hipnose. Se não fosse mesmo você, nunca lhe permitiríamos acordar.

Não disse nada. Saí silenciosamente.

Meus passeios pelo departamento médico, pelo departamento psicológico etc. começaram a me dar uma noção do tamanho do lugar. A "cidade de brinquedo" que primeiramente vi era apenas o conjunto administrativo. A usina elétrica, uma pilha acondicionada, ficava em uma caverna separada com muitas jardas de paredes de pedra servindo de proteção secundária. Os casais alojavam-se onde queriam, aproximadamente um terço de nós era do sexo feminino, e geralmente escolhiam construir suas casas (ou cercados) bastante longe do agrupamento central. O arsenal e o depósito de munição ficavam numa passagem lateral, a uma distância segura dos escritórios e quartéis.

Havia água fresca em abundância, embora meio pesada, e as mesmas passagens que levavam aos riachos subterrâneos pareciam suprir a ventilação; pelo menos o ar nunca ficava viciado. Fiquei numa temperatura de 69.6 Fahrenheit e a uma umidade relativa de 32%, inverno e verão, noite e dia.

Lá pela hora do almoço fui fisgado pela organização e encontrei-me imediatamente pegando pesado num trabalho temporário, a começar logo depois do almoço. Era no arsenal, consertando e regulando dinamitadores, pistolas e espingardas de pelotão é de assalto. Poderia ter-me aborrecido por me terem pedido, ou mandado, fazer o que na realidade era trabalho de sargento de artilharia, mas todo o local parecia ser administrado com um mínimo de protocolo; por exemplo, lavávamos nossos pratos no refeitório. E pra dizer a verdade, senti-me bem de me sentar num banco do arsenal, salvo e confortavelmente, lidando com calibres, monômetros e alvos outra vez, trabalho útil e agradável.

Pouco antes do jantar daquele primeiro dia, passeava pelo saguão do BOQ e olhava em volta por uma cadeira vazia, quando ouvi uma voz de barítono muito conhecida atrás de mim:

— Johnnie! John Lyle!

Rodopiei e vi, correndo em minha direção, Zebadiah Jones. Meu velho amigo Zeb, grande como a vida e com seu rosto feio dividido numa careta.

Demo-nos batidinhas nas costas e trocamos insultos.

— Quando chegou aqui? — perguntei finalmente.

— Faz mais ou menos duas semanas.

— Faz? Então ainda estava em Nova Jerusalém, quando eu parti. Como foi que você fez pra chegar?

— Não fiz nada. Embarcaram-me como defunto, em transe profundo. Lacrado num caixão e carimbado "contagioso".

Contei-lhe minha viagem confusa e Zeb pareceu impressionado, o que

levantou meu moral. Perguntei-lhe então o que estava fazendo:

— Estou no Escritório de Psicologia e Propaganda — contou-me — sob as ordens do Coronel Novak. Agora estou escrevendo uma série de respeitáveis artigos sobre a vida particular do Profeta, seus acólitos e padres a seu serviço, quantos empregados têm, quanto custa a manutenção do Palácio, tudo sobre as cerimônias e rituais ilusórios e o negócio todo. Dizendo sempre a verdade, é claro, e tudo com uma aprovação religiosa. Mas projeto uma sombra bem espessa. A ênfase está nas jóias, nos engastes de ouro maciço e quanto custam, e fico repetindo para os caipiras o privilégio que é para eles permitir-se que paguem por tal quinquilharia e como eles deviam se sentir orgulhosos de que o representante de Deus na terra deixe que eles o sustentem.

— Não estou entendendo — disse-lhe, franzindo a testa. — As pessoas gostam do espetáculo circense. Veja o modo como os turistas em Nova Jerusalém brigam por bilhetes de entrada para ver uma cerimônia no Templo.

— Claro, claro, mas não espalhamos esses mexericos para pessoas que vão de férias a Nova Jerusalém; distribuímos para os jornais locais de comunidades de lavradores pobres no Vale do Mississipi, no sudeste e nas comunidades negras da Nova Inglaterra. Em outras palavras, espalhamos isso entre os elementos da população mais pobre e mais puritana, pessoas que estão emocionalmente convencidas de pobreza e virtude são a mesma coisa. Isso mexe com os nervos deles; com o tempo, vão enfraquecê-los e enchê-los de dúvidas.

— Você espera realmente iniciar uma rebelião com um negócio insignificante desses?

— Não é insignificante, porque age diretamente na emoção deles, abaixo do nível lógico. Você pode movimentar mil homens, apelando para seus preconceitos mais depressa do que pode convencer um através da lógica. E nem tem de ser um preconceito sobre um assunto importante. Johnnie, você entende de índices conotativos, não é?

— Bem, entendo e não entendo. Sei o que são; devem medir o efeito emocional das palavras.

— Até aí, tudo certo. Mas o poder de uma palavra não é fixo, como as doze polegadas de um pé; funciona de modo complexo e variável, dependendo do contexto, idade, sexo e ocupação do ouvinte, do local e de uma dúzia de outras coisas. Um índice é uma solução específica de uma variável que indica se uma palavra específica usada de modo específico para um tipo específico de leitor vai afetar essa pessoa favorável ou desfavoravelmente, ou se simplesmente não vai afetá-la. Dada a medida exata de um grupo a que nos dirigimos, pode ser tão matematicamente correto como qualquer ramo da engenharia. Como não temos nunca todas as informações de que precisamos, isso continua uma arte; mas uma arte muito precisa, principalmente porque usamos *feedback* através de mostragens de campo. Cada artigo que escrevo é mais irritante do que o anterior, e o leitor nunca sabe por quê.

— Parece-me bom, mas não consigo entender como é feito.

— Vou-lhe dar um exemplo simples. O que é que você preferiria? Um bife bonito, grosso, suculento, ou um pedaço de músculo do cadáver de um touro imaturo e castrado?

Fiz-lhe uma careta:

— A mim você não consegue pegar. Chame pelo nome que quiser... só não quero mal passado. Gostaria que eles chamassem para o "grude"; estou morto de fome.

— Você não se sentiu atingido porque eu o preparei para o golpe. Mas por quanto tempo um restaurante ficaria aberto, se usasse esse tipo de terminologia? Veja um outro exemplo simples, os monossílabos anglo-saxões que crianças mal-educadas escrevem nos muros. Você não pode usá-los na presença de pessoas educadas sem ofendê-las, e no entanto há perifrases ou sinônimos para cada um deles que podem ser usados na frente de qualquer um.

Balancei a cabeça, concordando:

— Creio que sim. Vejo claramente como isso poderia funcionar com outras pessoas. Mas, pessoalmente, acho que estou imune. Essas palavras-tabu não significam nada para mim, exceto que sou o bastante cuidadoso para não ofender os outros. Sou um homem educado, Zeb, mas isso não me aquece nem me arrefece. Entretanto, vejo como pode funcionar com gente ignorante.

Eu já devia saber que não se pode abrir a guarda com Zeb. Deus sabe quantas vezes ele me derrubou. Sorrii e calmamente disse uma frase com uma dessas palavras-tabu.

— *Não meta minha mãe nisso!*

Era eu que estava berrando e pulei da cadeira como um cachorro pronto para a luta. Zeb deve ter-se antecipado no momento exato e tirado o corpo fora antes de eu falar, pois, ao invés de atingi-lo no queixo, vi-me agarrado pelo pulso por uma de suas mãos, enquanto com o outro braço me agarrava num *clinch*, que parou a briga antes dela começar.

— Calma, Johnnie — murmurou em meu ouvido. — Desculpe-me. Peço humildemente desculpas. Acredite-me, não estava insultando você.

— É o que você pensa!

— É o que penso, humildemente. Você me desculpa? Enquanto esfriava os ânimos, dei-me conta de que meu estouro tinha sido muito escandaloso. Embora tivéssemos escolhido um canto tranqüilo para conversar, já havia uma dúzia ou mais de pessoas esperando pelo jantar. Pude sentir o silêncio tumular e perceber a pergunta nas mentes dos outros, se seria ou não necessário interferir. Comecei a ficar vermelho de vergonha, mais do que de raiva.

— Está bem. Solte-me.

Foi o que ele fez e sentamo-nos outra vez. Ainda estava sentido e nada inclinado a esquecer a quebra imperdoável das boas maneiras por parte de Zeb, mas a crise tinha passado. Falou-me, então, calmamente:

— Johnnie, acredite-me, não estava insultando nenhum membro da sua família. Foi uma demonstração científica do dinamismo dos índices conotativos, só isso.

— Bem, não era preciso me atingir diretamente.

— Ah, mas tinha. Estávamos falando do psicodinamismo das emoções... e as emoções são subjetivas, devem ser vividas para serem compreendidas. Você acreditava que, como um homem educado, estava imune a essa forma de

ataque; então apliquei um teste de laboratório para mostrar que ninguém está imune. Agora mesmo, o que foi que disse a você?

— Você disse que... não importa. Está bem, então foi um teste. Mas não gostaria de repeti-lo. Você já se fez claro; e eu não gostei.

— Mas o que foi que eu disse? Na verdade, que você era o legítimo produto de um casamento legal. Certo? O que há de insultante nisso?

— Mas — parei e rememorei o insulto enfurecedor e as coisas degradantes que ele tinha dito — você sabe, isso é exatamente tudo o que eles acrescentam. — Dei um sorriso amarelo. — Foi o *modo* como você disse.

— Exatamente, exatamente! Colocando em termos técnicos, selecionei termos com índices altamente negativos, para esta situação e para este ouvinte. É o que fazemos com essa propaganda, exceto que os índices emocionais são menos quantitativos para evitar suspeitas e alertar os censores; veneno lento, ao invés de um chute no estômago. O troço que escrevemos é todo sobre o Profeta, louvando-o aos céus, e assim, a irritação produzida no leitor é transferida para ele. O método atinge o leitor abaixo do pensamento consciente e age nos tabus e fetiches que infestam seu subconsciente.

Lembrei-me tristemente de minha raiva insensata:

— Estou convencido. Parece-me uma excelente solução.

— E é, cara, é. Há magia nas palavras, magia negra, se você souber invocá-la.

Depois do jantar, Zeb e eu fomos ao seu cubículo e continuamos a bater-papo. Sentia-me feliz, alegre e muito satisfeito. O fato de que pertencíamos a um complô revolucionário, um projeto bem pouco provável de ser bem sucedido e que possivelmente terminaria com a morte de nós dois em batalha ou queimados por traição não me afetava em nada. Velho amigo Zeb! E se ele tivesse, de fato, aberto a minha guarda e me atingido onde dói? Ele era minha "família" — toda a minha família. Estar com ele agora me fazia sentir do mesmo modo que quando minha mãe me sentava na cozinha e me dava bolinhos e leite.

Falamos disso e daquilo e durante a conversa aprendi mais sobre a organização, descobrindo, para minha surpresa, que nem todos os nossos colegas eram confrades. Quero dizer, não eram da Confraria.

— Mas isso não é perigoso?

— E o que não é? E o que esperava, meu velho? Muitos de nossos mais valiosos camaradas não podem unir-se à Confraria; seus princípios religiosos os impedem. Mas não temos o monopólio do ódio à tirania e do amor à liberdade e precisamos de toda ajuda que pudermos obter. Qualquer um que siga na nossa direção é um colega de viagem. Qualquer um.

Pensei no assunto. A idéia tinha lógica, embora de algum modo fosse vagamente desagradável. Decidi engoli-la depressa.

— Acho que sim. Acho que mesmo os párias podem ser de alguma utilidade para nós, quando chegar a hora de lutar, mesmo que não sejam qualificáveis como membros.

Zeb dirigiu-me um olhar que eu conhecia muito bem.

— Ora, por favor, John! Quando é que você vai crescer?

— Hein?

— Você ainda não meteu na cabeça que toda essa noção de "pária" é um bode expiatório de que toda tirania precisa?

— Sim, e daí?

— Cale-se. Tire o sexo das pessoas. Torne-o proibido, mal, limite-o a uma procriação ritual. Force-o a apoiar-se no sadismo reprimido. Dê então ao povo um bode expiatório para odiar. Deixe-o matar um de vez em quando, por medida catártica. O mecanismo é velhíssimo. Os tiranos o usavam séculos antes da palavra "psicologia" ter sido sequer inventada. Funciona, também. Você é um exemplo.

— Escute, Zeb, não tenho nada contra os párias.

— É melhor que não tenha. Vai encontrar dúzias deles aqui na Grande Confraria. E por falar nisso, esqueça a palavra "pária". Ela tem, digamos, um índice altamente negativo.

Ele calou-se e eu também; mais uma vez, precisei de tempo para colocar os pensamentos em ordem. Por favor, entendam-me: é fácil ser livre quando se foi criado em liberdade; de outro modo, *não* é. Um tigre de jardim zoológico, se fugir, volta facilmente para dentro da segurança de suas grades. Se não puder voltar, disseram-me, fica andando de um lado para o outro, dentro dos limites de umas grades que não mais existem. Creio que eu ainda estava andando dentro dos limites de meus padrões condicionados.

A mente humana é uma coisa muito complexa; há nela compartimentos que o próprio dono desconhece. Pensei que tivesse feito uma limpeza completa em minha mente e estivesse livre de toda superstição suja. Fui levado a acreditá-lo. Estava aprendendo que a "limpeza da casa" nada mais tinha sido do que varrer a sujeira para baixo dos tapetes. Levaria anos para completar a limpeza, antes que o ar puro da razão soprasse dentro de cada peça.

Está bem, prometi a mim mesmo, se eu encontrar um desses pár... não, "camaradas", trocarei sinais de reconhecimento com ele e serei educado... se ele for educado comigo! Na ocasião não achei nada hipócrita a ressalva mental que fiz.

Zeb esticou-se para trás, fumando, e deixou-me matutar. Sabia que ele fumava e ele sabia que eu o desaprovava. Mas era um pecado venial e, quando dormíamos no mesmo quarto no Palácio, nunca me passou pela cabeça denunciá-lo. Até sabia que o servente era o seu contrabandista.

— Quem é que está fornecendo o seu fumo agora? — perguntei, querendo mudar de assunto.

— O quê? Ora, compra-se na cantina, é claro. — Tirou a porcaria da boca e olhou-a. — Estes cigarros mexicanos são mais fortes do que eu gosto. Acho que eles usam fumo mesmo, ao invés do lixo a que estou acostumado. Quer um?

— Hein? Não, obrigado. Sorriu, divertido:

— Continue. Passe-me um sermão daqueles. Você vai se sentir melhor.

— Escute aqui, Zeb, não estava criticando. — Acho que esse foi um dos muitos enganos que cometi.

— Não, não. É um hábito imundo, que atrapalha minha respiração, mancha meus dentes e pode, talvez, me matar de câncer no pulmão.

Deu uma tragada grande, deixou a fumaça escorregar pelos cantos da boca e pareceu muito satisfeito:

— Mas acontece que eu *gosto* de hábitos imundos. Tirou outra baforada:

— Acontece que não é um pecado e meu castigo é aqui e agora, no gosto de minha boca todas as manhãs. O Grande Arquiteto não brada dos céus por causa disso. Entendeu, meu velho? Ele não está nem olhando.

— Não precisa ser sacrílego.

— Não estava sendo.

— Não estava? Estava zombando de um dos mais fundamentais, talvez o maior, dos preceitos religiosos: a certeza de que Deus vê tudo!

— *Quem* disse isso a *você*?

Por um momento, só consegui gaguejar:

— Ora, não é preciso. É uma certeza axiomática. É...

— Repito, *quem* disse isso a *você*? Escute aqui, retire o que disse. Talvez o Todo-Poderoso esteja me vendo fumar. Talvez seja um pecado mortal e por isso vou queimar eternamente. Talvez. Mas quem disse isso a *você*? Johnnie, você chegou ao ponto de querer chutar o Profeta e enforcá-lo numa árvore bem, bem alta. No entanto, quer manter suas convicções religiosas e usá-las como pedra de toque para julgar minha conduta. Então eu repito: *quem* disse isso a *você*? Em que montanha estava em pé quando o relâmpago veio e o iluminou? Qual o arcanjo que trouxe o recado?

Não respondi logo. Não podia. Quando o fiz, foi com uma sensação de choque e de frio:

— Zeb, acho que finalmente entendi você. É um ateu, não é?

Zeb olhou-me friamente:

— Não me chame de ateu — disse lentamente — a menos que esteja mesmo procurando barulho.

— Então não é? — Senti um grande alívio, embora ainda não o entendesse.

— Não, não sou. Não que você tenha nada com isso. Minha fé religiosa é um assunto particular entre eu e meu Deus. Você vai ter de julgar minhas convicções pelos meus atos, pois não foi convidado a interrogar-me sobre elas. Recuso-me a explicá-las ou justificá-las pra você. Ou para qualquer um... ou para o Mestre da Confraria... ou para o Grande Inquisidor, se ele perguntar.

— Você acredita em Deus?

— Já disse que sim, não disse? Não que seja da sua conta.

— Então acredita também em outras coisas?

— Claro que sim! Acredito que o homem tem obrigação de ter piedade do fraco... ser paciente com o idiota... generoso com o pobre. Acho que deve sacrificar sua vida por seus irmãos, se for pedido a ele. Mas não me proponho a provar nenhuma dessas coisas; estão acima de qualquer prova. E não lhe peço que acredite no mesmo que eu.

Soltei a respiração:

— Estou satisfeito, Zeb.

Ao invés de parecer contente, ele respondeu:

— MUITÍSSIMO gentil de sua parte, meu irmão, MUITÍSSIMO gentil. Desculpe,

não devia estar sendo sarcástico. Mas não pretendia obter sua aprovação. Você me atingiu, acidentalmente, é claro, discutindo coisas que nunca discuto.

Parou para acender outro daqueles cigarros fétidos e continuou, mais calmamente:

— John, acho que sou, a meu modo intempestivo, um homem de mentalidade muito estreita. Acredito firmemente em liberdade de crença, mas acho que essa liberdade é melhor expressa na liberdade de calar-se. Do meu ponto de vista, uma grande quantidade de piedade alardeada é presunção insuportável.

— Hein?

— Nem sempre. Conheci o homem bom, o humilde e o devoto. Mas, e o homem que garante saber o que o Grande Arquiteto está pensando? O que garante privar de Seus Planos Secretos? Choca-me como uma presunção sacrílega da pior espécie. Esse cara possivelmente nunca esteve mais perto de Seu Cavalete do que você ou eu. Mas ele se sente bem de garantir ser íntimo do Todo-Poderoso, infla seu ego e permite-lhe ditar leis para você e para mim. Lá vem o bobão aos berros, com um *QI* por volta de 90, cabelo no ouvido, roupas de baixo sujas e muita ambição. É preguiçoso demais para ser um fazendeiro, burro demais para ser engenheiro, muito pouco digno de confiança para ser um banqueiro mas, meu irmão, ele pode rezar! Depois de um tempo, já reuniu em torno dele outros bobões que não têm uma imaginação tão vivida e autoconfiança mas que gostam da idéia de falar em linha direta com o Onipotente. E aí esse cara não é mais Nehemias Escorregador mas o Primeiro Profeta.

Estava acompanhando amistosamente o que dizia, sentindo-me chocado mas de um modo agradável, até que ele mencionou o Primeiro Profeta. Talvez meu estado espiritual pudesse ser descrito como o de um "primitivo" seguidor do Primeiro Profeta, o que quer dizer, já tinha me convencido de que o Profeta Encarnado era o diabo em pessoa e de que suas palavras não valiam nada, mas essa crença não atingia as bases da fé que aprendi com minha mãe. A coisa não era expurgar e reformar a Igreja, nem destruí-la. Mencionei o fato porque meu caso particular assemelha-se com um problema militar muito sério, que se desenvolveu mais tarde. Pareceu-me que Zeb observava meu rosto:

— Magoei você outra vez, amigo? Não era o que eu queria.

— De jeito nenhum — respondi fervorosamente. Continuei explicando que, na minha opinião, os pecados do bando atual de demônios que tinham tomado conta da Igreja não invalidavam a verdadeira fé. Afinal, seja qual for a sua opinião Ou o quanto que você goste de exibir seu cinismo, as doutrinas são de uma necessidade lógica. O Profeta Encarnado e sua coorte podem pervertê-las, mas não podem destruí-las; e não interessa se o verdadeiro Profeta usava roupas de baixo sujas ou não.

Zeb suspirou, como se estivesse cansado.

— Johnnie, garanto como não pretendia entrar numa discussão sobre religião com você. Não sou do tipo agressivo. Você sabe disso. Fui empurrado para a Conspiração — fez uma pausa. — Disse que as doutrinas são uma questão de lógica?

— Você mesmo me explicou a lógica, E uma estrutura perfeita e consistente.

— É. Johnnie, o bom de se citar Deus como autoridade é que pode-se provar qualquer coisa que a gente se proponha a provar. É só uma questão de selecionar os postulados adequados, depois insistir no fato de que foram "inspirados". Ai, ninguém pode provar, de jeito nenhum, que você está errado.

— Está afirmando que o Primeiro Profeta *não* foi inspirado?

— Não estou afirmando nada. Pelo muito que você sabe, *eu* sou o Primeiro Profeta, de volta para chutar os vendilhões para fora do templo.

— Não seja... — Já estava pronto para o desafio quando bateram na porta de Zeb.

Parei e ele berrou:

— Entre!

Era a Irmã Madalena.

Cumprimentou-o de cabeça e sorriu de minha boca aberta de surpresa:

— Alô, John Lyle. Seja bem-vindo.

Era a primeira vez que a via sem estar vestindo o hábito de diácona sagrada. Estava muito bonita e bem mais moça.

— Irmã Madalena!

— Não. Sargento Andrews. "Magie" para os íntimos.

— Mas o que houve? Por que está aqui?

— Neste momento, estou aqui porque soube no jantar que você tinha chegado. Quando não o encontrei no seu quarto, cheguei à conclusão de que estava com o Zeb. Quanto ao resto, não podia mais voltar, como você ou o Zeb, e nosso esconderijo em Nova Jerusalém já estava ficando abarrotado, de modo que fui transferida para cá.

— Bem, estou satisfeito de vê-la!

— Também estou em vê-lo, John. Deu-me umas palmadinhas no rosto e sorriu de novo. Depois foi para a cama de Zeb e acomodou-se, mostrando uma quantidade imodesta de pernas. Zeb acendeu outro cigarro e ofereceu-o a ela, que o aceitou, puxou uma tragada profunda e soltou-a, como se tivesse fumado a vida inteira.

Nunca tinha visto uma mulher fumando. Podia ver Zeb observando-me, que se danasse! Quase não tomei conhecimento dele. Ao contrário, sorri e disse:

— É uma reunião *maravilhosa*. Se ao menos...

— Eu sei — concordou Maggie. — Se ao menos Judith estivesse aqui. Já teve notícias dela, John?

— Notícias dela? Como poderia ter?

— Claro, não podia. Ainda não. Mas agora pode escrever para ela.

— Ah, é? Como?

— Não sei o número do código de cor, mas pode deixar a carta na minha escrivaninha; estou no G-2. Não cole; toda correspondência pessoal tem de ser censurada e parafraseada. Escrevi para ela na semana passada, mas ainda não recebi resposta.

Pensei em me desculpar imediatamente e sair para escrever uma carta, mas não fiz nada. Era maravilhoso estar ali, com os dois, e não queria encurtar a noite. Decidi escrever antes de dormir, enquanto me dava conta, surpreso, de que

tinha me movimentado tanto que, pelo menos que eu me lembre, não tive tempo de pensar em Judith desde,... bem, desde Denver, pelo menos.

Mas nem mais tarde consegui escrever para ela naquela noite. Eram onze e meia e Maggie estava dizendo alguma coisa sobre a alvorada tocar mais cedo, quando um ordenança apareceu:

— O General Comandante cumprimenta e deseja que o Legado Lyle veja-o imediatamente.

Dei uma escovadela rápida em meu cabelo, usando a escova de Zeb, e saí correndo, desejando com todas as minhas forças que eu tivesse alguma coisa adequada para fazer, melhor do que me vestir a paisana e ficar na pior.

O interior do santuário estava escuro e deserto, à exceção de uma luz que se podia ver lá no fundo do escritório; nem mesmo o Sr. Giles estava em sua escrivaninha. Consegui chegar até lá, bati na porta, entrei, encontrando os calcanhares e fazendo uma continência:

— Legado Lyle apresentando-se ao General Comandante conforme ordenado, Senhor.

Um senhor, sentado em uma enorme escrivaninha, de costas para mim, voltou-se, olhou-me e tive outra surpresa:

— Ah, John Lyle — disse gentilmente, vindo em minha direção com a mão estendida. — Há quanto tempo, não é?

Era o Coronel Huxley, chefe do Departamento de Milagres Aplicados, quando eu era um cadete, e quase o meu único amigo entre os oficiais naquele tempo. Muitas foram as tardes de domingo em que descansi em seus aposentos, minha coronha desenganchada, livre por momentos da pressão da disciplina.

Apertei sua mão:

— Coronel... quero dizer General, senhor... pensei que estava morto!

— Morreu um coronel e surgiu um general, não é? Não, Lyle, puseram-me na lista de mortos quando entrei para a clandestinidade. É o que geralmente fazem quando um oficial desaparece; fica melhor assim. Você também está morto, não sabia?

— Ah, não, não sabia. Não que isso me interesse. Isso é maravilhoso, General.

— Ótimo.

— Mas... quero dizer, o senhor sempre... bem... — Calei-me.

— Como aterrissei aqui e com essa função? Sou um Confrade desde que tinha a sua idade, Lyle. Mas não passei para a clandestinidade até que fui obrigado. Ninguém passa. De qualquer modo, a pressão para que eu me tornasse padre ficou um pouco forte demais; o Superintendente estava bastante inquieto com o fato de ter um oficial-leigo sabendo demais sobre os ramos obscuros da física e da química. Então tirei uma licença e morri. Muito triste — ele sorriu. — Mas sente-se. Tive intenção de chamá-lo o dia todo mas andei muito ocupado. Todos meus dias são assim. Só agora é que tive tempo de ouvir a gravação de seu relatório.

Sentamo-nos, conversamos e percebi que meu cálice tinha transbordado. Respeitava Huxley mais do que a qualquer outro oficial a quem estive subordinado. Sua presença solucionava todas as dúvidas finais que eu pudesse ter.

Se a Conspiração era boa para ele, era boa para mim, pouco importando as sutilezas da doutrina. Finalmente, ele disse:

— Não o chamei a essa hora da noite só para conversar, Lyle. Tenho um trabalho para você.

— Pois não.

— Sem dúvida você já notou que temos aqui uma milícia despreparada. Cá entre nós, não estou criticando nossos camaradas — cada um deles dedicou a vida à nossa causa, coisa mais difícil para eles do que o é para você ou para mim, e todos se impuseram uma disciplina militar, coisa ainda mais difícil. Mas não tenho soldados treinados em número suficiente para manipular as coisas direito. São bem-intencionados mas sinto-me tremendamente amarrado, quando tento fazer da organização uma eficiente máquina de batalha. Estou sobrecarregado de detalhes administrativos. Você pode me ajudar?

Levantei-me.

— Sinto-me honrado de servir ao General no melhor que puder.

— Ótimo! Vou chamá-lo meu ajudante pessoal, por enquanto. Por hoje, só, Capitão. Vejo-o de manhã.

Já estava a meio caminho da porta quando a designação que me deu surpreendeu-me; pensei tratar-se de um equívoco.

Mas não era. Encontrei meu escritório na manhã seguinte por uma plaqueta onde se lia: "CAPITÃO LYLE". Do ponto de vista de um militar profissional, há uma coisa boa nas revoluções: as oportunidades para promoções rápidas são excelentes, mesmo que o pagamento tenda a ser irregular.

Meu escritório ligava-se ao do General Huxley e daí por diante praticamente vivi lá. De vez em quando, instalava uma cama de armar atrás de minha escrivaninha. No primeiro dia, já vetava lutando contra uma pilha de papéis, que deram entrada em minha cesta, às dez da noite. Tinha-me prometido chegar até o fundo dela e escrever então uma carta para Judith. Terminou virando um bilhete, pois, dirigido a mim pessoalmente, mais do que ao General, encontrei, no fundo, um memorando.

Dirigia-se ao "Legado J. Lyle", sendo que alguém rabiscou o "Legado" e escreveu "capitão". Continuei:

#### MEMORANDO PARA TODO O PESSOAL QUE SE APRESENTOU RECENTEMENTE

ASSUNTO: Relatório Pessoal de Conversão

1. Pede-se e ordena-se que escreva, tão detalhadamente quanto possível, todos os acontecimentos, pensamentos, considerações e incidentes que o levaram à decisão de juntar-se à nossa luta pela liberdade. Além de conter todos os detalhes, esse relato deve ser o mais subjetivo possível. Um relatório escrito às pressas, muito curto ou muito superficial, será devolvido para ser ampliado e corrigido, podendo ser complementado por exame hipnótico.

2. Esse relatório será considerado confidencial em sua totalidade e nenhuma parte dele pode ser mantida em segredo pelo relator. É possível substituir letras ou números em lugar de nomes próprios, se ajudar a falar mais francamente, mas o relatório tem de ser completo.

3. Nenhum tempo extra, fora de seus deveres habituais, será concedido para esse propósito, sendo que esse relatório deve ser tratado como um dever extraordinário da mais alta prioridade. Um rascunho dele é esperado para *(aqui alguém escreveu uma data e hora para dentro de menos de quarenta e oito horas; resmunguei umas expressões profanas)*.

POR ORDEM DO GENERAL COMANDANTE

(as.) M. NOVAK, Cel., FUSA

Chefe da Psicologia

Fiquei bastante aborrecido com essa exigência e decidi escrever primeiro para Judith, de qualquer jeito. O bilhete não ficou lá muito bom — como se pode escrever uma carta de amor sabendo que um ou mais desconhecidos vão lê-la e que um deles vai parafrasear suas palavras nas suas mais ternas? Além disso, enquanto escrevia para Judith, meus pensamentos voltavam-se com frequência para aquela primeira noite na trincheira, quando a conheci no Palácio. Pareceu-me que minha conversão pessoal, como o xereta do Coronel Novak a chamava, começou ali... embora minhas dúvidas tenham começado antes. Finalmente terminei o bilhete, decidido a não ir para a cama logo, mas sim me atracar com aquele raio de relatório.

Passado algum tempo, dei-me conta de que era uma hora da manhã e meu relato ainda não tinha chegado ao ponto em que fui aceito na Confraria. Meio relutante, parei de escrever (descobri que estava me interessando pelo assunto) e tranquei-o em minha escrivania.

No café da manhã seguinte, fiquei ao lado de Zeb, mostrei-lhe o memorando e interoguei-o a respeito:

— Que negócio é esse? — perguntei. — Você trabalha nisso para o alto escalão. Eles ainda suspeitam de nós, mesmo depois de nos terem deixado entrar aqui?

Zeb mal olhou o papel.

— Ah, isso. Bolas, não. Embora deva acrescentar que um espião, supondo que tenha conseguido chegar tão longe, poderia ser agarrado quando seu histórico pessoal passasse por uma análise semântica. Ninguém pode contar uma mentira tão longa e complicada.

— Mas pra que isso serve?

— E o que interessa? Escreva e preocupe-se com fazer um serviço completo. Depois, entregue.

Comecei a me irritar.

— Não sei como fazê-lo. Seria melhor perguntar ao General primeiro.

— Faça isso, se quiser passar por um idiota completo. Mas, escute, John, os psicomatemáticos que vão ler essa bobageira que você vai escrever não têm o menor interesse em você como pessoa. Não querem nem saber quem é. Uma garota dá uma olhada no seu relatório e detecta todos os nomes, inclusive o seu, se você mesmo não o tiver feito, e substitui por números; tudo antes que um analista veja. Você é só informação, e mais nada; o Chefe tem algumas pilhas de grandes projetos atrasados — não sei do que se trata — e está querendo juntar um universo estatístico de volume suficiente para ser importante.

Fiquei calmo.

— Bem, então por que não dizem logo? Esse memorando é só uma ordem insignificante. É de irritar.

Zeb encolheu os ombros:

— É porque foi preparada pela divisão de semântica. Se a de propaganda tivesse escrito isso, você teria levantado mais cedo e terminado o serviço antes do café. — E acrescentou: — Por falar nisso, ouvi dizer que foi promovido. Parabéns.

— Obrigado — sorri para ele maliciosamente. — Como é que você se sente, agora que é menos graduado do que eu, Zeb?

— O quê? Empurraram você tão longe assim? Pensei que fosse capitão.

— E sou.

— Bem, então desculpe o mau jeito, mas eu sou major.

— Ah, parabéns.

— Não se impressione. Aqui você tem de ser pelo menos coronel, senão tem de arrumar a sua cama.

Andei muito ocupado para fazer minha cama com frequência. Na maior parte do tempo, dormi no sofá do escritório e uma vez passei uma semana sem tomar banho. Tornou-se logo evidente que a Conspiração era maior e tinha mais ramificações do que eu podia imaginar. Além do mais, estava aumentando. Eu estava perto demais das árvores para ver a floresta, embora tudo, exceto os maiores segredos de Estado, itens queimáveis depois de lidos, passassem por minha escrivaninha.

Apenas tentava evitar que o General Huxley se sufocasse sob a papelada, e vi-me sufocado no lugar dele. A idéia era imaginar o que ele faria, se tivesse tempo, e fazê-lo por ele. Uma pessoa que tenha recebido treinamento em princípios de equipe ou doutrina de comando é capaz de agir assim; o truque é fazer sua mente funcionar como a de seu chefe em todos os assuntos rotineiros e poder distinguir o que é de rotina do que deve ser examinado por ele. Cometi uma parcela de erros mas, ao que tudo indica, não foram muitos, pois ele não me demitiu e, três meses depois, eu era um Major com o belo título de Chefe-Assistente de Equipe. Credite-se uma boa parte disso ao meu anel de West Point, é claro; um profissional leva grande vantagem.

Devo acrescentar que Zeb era um coronel de luxo naquela época e chefe de propaganda, sendo que seu departamento foi transferido para um quartel-general de outra localidade, que conhecia apenas pelo nome-código de JERICO.

Mas estou-me avançando na minha história. Recebi carta de Judith, mais ou menos duas semanas depois. Um bilhete bastante agradável, embora com o seu sabor alterado pela paráfrase. Pretendia respondê-la em seguida mas na verdade protelei uma semana; era um inferno saber o que escrever. Não podia contar-lhe nenhuma novidade, só que estava bem e ocupado. Se eu dissesse que a amo três vezes em uma carta, algum criptógrafo idiota poderia examinar o "padrão" e rejeitá-la por completo, se não conseguisse encontrar nenhum.

O correio seguia para o México através de um longo túnel, parte artificial mas na sua maior extensão natural, que conduzia diretamente à fronteira internacional. Uma estrada de ferro para trem elétrico, semelhante à usada em

minas, passava pelo túnel e levava não somente minhas dores de cabeça diárias sob a forma de correspondência oficial mas também uma grande quantidade de carga para suprir nossa cidade, razoavelmente grande. Havia uma dúzia de outras entradas para o Quartel-General no lado de cá da fronteira do Arizona, mas nunca soube onde elas eram; não tinha nada a ver com isso. A área inteira estendia-se sobre uma camada profunda de pedra calcária paleozóica e podia muito bem formar uma colméia da Califórnia ao Texas. A área conhecida como QG estava em uso há mais de vinte anos como refúgio para os Confrades. Ninguém sabia a dimensão das cavernas em que estávamos; apenas iluminávamos e usávamos o que precisávamos. Era o nosso esporte favorito, dos trogloditas — residentes permanentes eram "troggs"; visitantes eram "morcegos" porque viajavam à noite. Nós, os trogs, gostávamos de ir a "explorações abelhudas", piqueniques que incluíam um pouco de espeleologia amadora nos pontos inexplorados.

Era permitido pelos regulamentos, mas sujeito a precauções de segurança severas, pois podia-se quebrar uma perna bem facilmente nesses buracos. Mas o General permitia por ser necessário; era a única recreação que tínhamos e que podíamos fazer, já que alguns dos nossos não viam a luz do dia há anos.

Zeb, Maggie e eu fomos a vários, quando eu podia me livrar do trabalho. Maggie sempre trazia outra mulher com ela. A princípio reclamei mas ela me fez ver que era necessário para evitar falatórios... pau-de-cabeleira mútuos. Garantiu-me que Judith não se importaria, dadas as circunstâncias. Era uma garota diferente a cada vez e parecia dar certo o fato de Zeb sempre dar muita atenção à outra garota, enquanto eu conversava com Maggie. Cheguei a pensar que Zeb e Maggie se casariam, mas agora começava a duvidar. Pareciam feitos um para o outro como ovos com presunto, mas Maggie não demonstrava ciúmes e Zeb só podia ser descrito, em termos de honestidade, como sem-vergonha; isso é, se ele achava que Maggie se importava.

Num sábado de manhã, Zeb meteu a cabeça em meu suadouro e disse:

— Exploração abelhuda. Duas horas. Traga uma toalha. Olhei-o por cima de um monte de papéis:

— Duvido que possa ir — respondi. — E pra que a toalha?

Mas ele já se tinha ido. Maggie veio a meu escritório mais tarde para apanhar o relatório semanal da inteligência permanente e levá-lo ao Velho, mas nada lhe perguntei, pois Maggie era extremamente profissional no horário de trabalho, o sargento perfeito. Almocei no escritório, esperando terminar a tempo, sabendo, porém, que era impossível. Mais ou menos às quinze para as duas fui pegar a assinatura do General Huxley num assunto que tinha de ser despachado aquela noite pelo correio-hipno e, conseqüentemente, enviado logo ao psico a fim de que pudessem acionar o correio. Olhou-o e assinou-o, dizendo:

— O Sargento Andy me disse que você tem um encontro.

— Engano do Sargento Andrews — disse secamente. — Ainda faltam os relatórios semanais de Jerico, Aceno e Egito para serem enviados.

— Ponha-os na minha mesa e saia. É uma ordem. Não quero ver você envelhecendo de tanto trabalhar.

Não lhe disse que ele próprio não ia ao seu alojamento há mais de um mês;

sai.

Deixei a mensagem com o Coronel Novak e corri para o local onde sempre nos encontrávamos, junto ao refeitório das mulheres. Maggie estava lá com outra garota — uma loura chamada Miriam Booth, que trabalhava nas lojas do almoxarifado. Conhecia-a de vista mas nunca nos tínhamos falado. Traziam o nosso almoço de piquenique e Zeb chegou, quando estávamos sendo apresentados. Trazia, como sempre, o mon-

te de coisas portáteis que usávamos quando escolhíamos um local, um cobertor para sentarmo-nos e servir de mesa:

— Onde está sua toalha? — perguntou.

— Estava falando sério? Esqueci.

— Vá correndo buscar. Vamos andando por Appian Way. Pode nos alcançar. Vamos embora, crianças.

Eles se foram, o que me obrigou a fazer o que me mandaram. Depois de agarrar uma toalha em meu quarto, saí troteando até avistá-los, diminuindo então a marcha, bufando. O trabalho de escritório tinha me acabado com o fôlego. Ouviram-me e esperaram.

Vesti amo-nos todos de modo semelhante; as mulheres de calças, com cintos de segurança em torno da cintura e uma lanterna pendurada nele. Embora não gostasse, já estava acostumado a ver mulheres em trajes de homem. E, afinal de contas, é impraticável e bem pouco discreto escalar cavernas usando saias.

Saímos da área iluminada, dando uma volta que parecia levar a um beco sem saída; contrariamente, demos num túnel inteiramente oculto mas de fácil acesso. Zeb amarrou nossa corda de labirinto e começou a estendê-la, assim que paramos de deixar pegadas, tudo dentro dos regulamentos; Zeb era sempre muito precavido em coisas que tivessem importância.

Por talvez uns mil passos podíamos ver marcas e outras indicações de que alguém tinha andado por ali antes, tal como um lugar onde alguém ampliou uma abertura com um malho. Deixamos então o caminho já trilhado e viramos para um beco sem saída. Zeb jogou a carga no chão e voltou-se:

— Pendurem suas lanternas. Vamos escalar essa pedra.

— Aonde estamos indo?

— A um lugar que Miriam conhece. Me dá uma mãozinha, Johnnie.

A escalada foi pequena. Ajudei Zeb a subir e as garotas podiam ter-se ajudado mutuamente mas nós as puxamos com a corda, por medida de segurança. Pegamos nosso equipamento e Miriam nos orientou, cada um de nós usando sua lanterna.

Descemos pelo outro lado e havia outra passagem tão escondida, que podia passar despercebida por dez mil anos. Paramos uma vez, para que Zeb amarrasse outro rolo de corda. Pouco depois, Miriam disse:

— Devagar, pessoal. Acho que chegamos.

Zeb iluminou em volta com sua lanterna, arriou o equipamento portátil e espalhou-o. Assobiou:

— Fiu! Que lugar maravilhoso! Maggie disse docemente:

— É um amor!

Miriam apenas sorriu, triunfante.

Concordei com todos eles. Era uma caverna perfeitamente abobadada, de largura aproximada de oitenta pés e bem mais de profundidade. O quanto, não saberia dizer, pois fazia uma curva suave, escurecendo-se a seguir. Mas o mais importante do lugar era uma piscina tranqüila, de águas bem negras, que tomava quase todo o chão. Diante de nós estava uma praia minúscula, com areia de verdade que, pelo que sei, devia estar ali há milhões de anos.

Nossas vozes ecoavam agradavelmente e um pouco fantasmagóricas no interior da caverna, sendo confundidas e distorcidas pelos estalactites e cortinas pendentes do teto. Zeb foi até a beira da água, remexeu-a e testou-a com sua mão:

— Não está muito fria. Bem, o último a cair é um alcagüete. -

Reconheci o grito de desafio, embora o tivesse ouvido pela última vez, quando era criança, como sendo "o último a cair é um pária imundo". Mas aqui eu não podia acreditar nisso.

Zeb já estava desabotoando a camisa. Aproximei-me dele e disse-lhe, rápido e em voz baixa:

— Zeb! Um banho misto? Você está brincando?

— De jeito nenhum. — Olhou-me no rosto. — Por que não? O que há com você, menino? Medo de que alguém lhe imponha uma penitência? Ninguém vai, você sabe. Isso já acabou.

— Mas...

— Mas o quê?

Não soube responder. O único modo de verbalizar a situação seria através das palavras aprendidas na Igreja e sabia que Zeb iria rir de mim, diante das mulheres. Possivelmente elas também ririam, já que sabiam de tudo e eu não.

— Mas, Zeb — insisti. — Não *posso*. Você não me disse... e eu não trouxe um calção de banho.

— Nem eu. Nunca ficou pelado quando era criança? E levou uma palmada por isso?

Deu-me as costas, sem esperar por minha resposta à barbaridade que tinha dito, acrescentando:

— Vocês aí, cristais delicados, estão esperando por alguma coisa?

— Só que vocês dois terminem o debate — respondeu Maggie, aproximando-se. — Zeb, acho que Mimí e eu vamos para o outro lado da pedra, está bem?

— Certo. Espere um segundo. Nada de mergulhar de cabeça, entenderam? E um homem, para segurança, sempre na margem. John e eu nos revezando.

— Ora! — disse Miriam. — Mergulhei, na última vez em que estive aqui.

— Porque não estava comigo, garanto. Nada de mergulho, ou vou esquentar as calças de vocês onde elas são mais apertadas.

Deu de ombros.

— Está bem, Coronel Ranzinza. Vamos, Mag. Passaram por nós, contornando uma pedra do tamanho da metade de uma casa. Miriam parou, olhou bem pra mim, e sacudiu o dedo:

— Nada de ficar espiando, hein! Enrubesci até as orelhas.

Desapareceram e delas só ouvimos as risadinhas. Apresssei-me em dizer:

— Olhe, faça o que você quiser, o que lhe der na cabeça. Mas eu não estou

nessa. Vou sentar na praia e ficar como homem da segurança.

— Como queira. Ia apostar com você quem ficaria primeiro, mas ninguém está forçando nada. Pegue logo uma corda e deixe pronta para jogá-la. Não que a gente vá precisar; as duas garotas são boas nadadoras.

Disse, desesperado:

— Zeb, tenho certeza de que o General proibiria a natação nessas piscinas subterrâneas.

— Por isso é que não falamos nelas. Nunca preocupe o Comando sem necessidade, submetendo-se a ordens do exército de Josué, aproximadamente em 1400 A.C.

Começou imediatamente a despir-se.

Não sei por que Miriam me preveniu para não espiar — não que eu fosse! — pois, quando estava despida, saiu logo de detrás daquela pedra, não em nossa direção, mas em direção à água. Mas o facho de luz batia todo nela e ela até voltou-se para nós por um instante, gritando a seguir:

— Ande de uma vez, Maggie! Se se apressar, Zeb vai ser o último.

Não queria olhar — mas não conseguia tirar os olhos dela. Nunca tinha visto nada de vagamente parecido em toda a minha vida; só uma figura, uma vez, que era de um garoto de minha escola paroquial e naquela ocasião eu só dei uma olhadela e imediatamente denunciei-o.

Mas não conseguia parar de olhar, mesmo queimando de vergonha. Zeb antecipou-se a Maggie para entrar n'água e ela pouco ligou. Ele entrou rápido, quase quebrando seu próprio regulamento contra mergulhos de cabeça. Deu uma espécie de mergulho mais na superfície. Eu chamaria isso de correr para a água e começar uma competição. Seu nado de *crawl* logo ultrapassou Miriam, que tinha começado a nadar em direção ao outro extremo.

Maggie veio então de detrás da pedra e foi para a água. Não fez grandes evoluções, como Miriam, mas simplesmente entrou depressa e graciosa dentro d'água. Quando esta lhe batia pela cintura, foi afundando e saltou fora numa violenta braçada, passando ao *crawl* e seguindo os outros, que eu podia ouvir mas mal ver a distância.

Mais uma vez não podia desviar os olhos, nem que minha salvação eterna dependesse disso. O que há no corpo de uma mulher que o torna a coisa mais incrivelmente bela da terra? É, como afirmam alguns, simplesmente o instinto necessário para garantir que nos submetamos à vontade de Deus e repovemos a terra? Ou é algo estranho e mais maravilhoso?

Peguei-me declamando:

"Quão bela e amena sois, Ó amor meu, para deleitar-me,

Tendes a altura da palmeira e vossos seios são cachos de uva".

Interrompi-me, envergonhado, lembrando-me de que o Cântico dos Cânticos de Salomão era uma alegoria casta e sagrada, que nada tinha a ver com essas coisas.

Sentei-me na areia e tentei apaziguar minha alma. Senti-me melhor, depois de um tempo, e meu coração parou de bater tão forte. Quando todos voltaram nadando, com Zeb de liderança, competindo com Miriam, consegui até sorrir

para eles. Já não me parecia tão terrível e, enquanto se mantivessem dentro d'água, as mulheres não estavam expostas de modo chocante. Talvez a maldade estivesse realmente nos olhos de quem vê. Nesse caso, devia tirá-la de minha cabeça. Zeb berrou:

— Pronto para o revezamento?

— Não — respondi com firmeza. — Continuem se divertindo.

— Está bem.

Girou como um golfinho e recomeçou a nadar em outra direção. Miriam o seguiu. Maggie veio até onde estava raso, descansou seus dedos na borda, encarando-me, só com o rosto e seus ombros de marfim fora da água negra, enquanto seus cabelos longos até a cintura flutuavam em torno dela.

— Coitadinho do John! — disse suavemente. — Vou sair e substituir você.

— Não, não é preciso!

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Está bem.

Voltou-se, fez um movimento brusco e foi-se em direção aos outros. Por um vago, mágico instante, seu corpo ficou parcialmente fora d'água.

Maggie voltou para a minha extremidade da caverna, perto de dez minutos depois.

— Estou com frio — disse sumariamente, saltando fora e procurando rápido a proteção da pedra. De um certo modo ela não estava nua, mas meramente despida, como Eva. Havia uma diferença — Miriam estava nua.

Com Maggie fora d'água e nenhum de nós falando, observei pela primeira vez que não havia nenhum outro som. Não há nada mais silencioso do que uma caverna; em qualquer outro local há barulho, mas o decibel zero absoluto que se obtém em baixo da terra se se fica quieto é bem diferente.

O negócio é que eu devia estar ouvindo Zeb e Miriam nadando. Natação tem de ser barulhenta e não pode ser tão silenciosa quanto uma caverna. Levantei-me de súbito e comecei a andar. Parei então de chofre, pois não queria invadir o vestiário de Maggie, o que seria feito com mais uma dúzia de passos.

Mas estava realmente preocupado e não sabia o que fazer. Jogar a corda? Para onde? Despir-me e procurá-los? Só se fosse necessário. Chamei suavemente:

— Maggie!

— O que é, John?

— Maggie, estou preocupado.

Veio rapidamente de detrás da rocha. Já tinha vestido as calças mas segurava a toalha de modo a cobri-la da cintura para cima; tive a impressão de que estava secando os cabelos.

— Por que, John?

— Fique quieta e ouça.

— Não estou ouvindo nada.

— É isso mesmo. Devíamos ouvir. Mesmo quando vocês estavam lá do outro lado, eu podia ouvi-los nadando, fora do alcance de minha vista. Agora não há um som, um ruído. Acha possível que ambos tenham ferido a cabeça no fundo

ao mesmo tempo?

— Ah. Não se preocupe, John. Eles estão bem.

— Mas eu *estou* preocupado.

— Estão apenas descansando. Tenho certeza. Há uma outra prainha lá adiante, metade do tamanho dessa. É lá que estão. Fui até lá com eles e voltei. Estava frio.

Decidi-me, dando-me conta de que minha pudicícia tinha-me afastado de meu real dever.

— Vire-se. Não, vá para atrás da pedra. Quero me despir.

— O quê? Já disse que não é preciso.

Não se moveu. Abri a boca para gritar. Antes que o fizesse, Maggie tapou-a com a mão, o que fez a toalha sair do lugar, perturbando-nos a ambos.

— Oh, meu Deus! — disse ela rispidamente. — Cale a sua boca.

Voltou-se rápido e enrolou a toalha; ao virar-se, tinha-a colocado feito uma estola, cobrindo a sua frente o bastante bem, acho eu, sem precisar segurá-la.

— John Lyle, venha cá e sente-se. Sente-se perto de mim. Sentou-se na areia e deu umas palmadinhas no lugar junto a ela. E tal foi a firmeza com que me falou, que fiz o que me mandou.

— Perto de mim — insistiu. — Mais perto. Não quero berrar.

Movi-me cuidadosamente até que minha manga roçou seu braço nu.

— Está melhor assim — concordou ela, falando tão baixo, que sua voz não ressoava na caverna. — Agora, ouça. Há duas pessoas ali, por livre e espontânea vontade. Estão em total segurança, eu os vi. E são ambos excelentes nadadores. O que

você tem a fazer, John Lyle, é tomar conta do seu nariz e refrear essa triste tendência a interferir na vida alheia.

— Sinto muito, mas não estou entendendo. Na verdade, acho que estava.

— Puxa vida! Escute aqui, a Miriam é importante para você?

— Bem, não, não especialmente.

— Acho que não, já que você não dirigiu seis palavras a ela desde que começamos. Muito bem, então — já que não tem nenhuma razão para sentir ciúmes, se essas duas pessoas resolveram ficar sozinhas, pra que meter o seu nariz? Entendeu agora?

— Ah, acho que sim.

— Então fique quieto.

Eu estava quieto. Ela não se moveu. Senti-me intensamente atento à sua nudez, pois agora estava nua, embora coberta, e esperava que ela não estivesse alerta ao fato de eu estar. Além disso, estava ainda intensamente alerta de ser um participante em... bem, não sei em quê. Disse-me zangado que não tinha o direito de presumir o pior, como um procurador de moral. Aí disse:

— Maggie...

— O que é, John?

— Não entendo você.

— Por que não, John? Não que seja mesmo necessário.

— É que não parece ligar a mínima de que o Zeb esteja com a Miriam, sozinho.

— Devia ligar?

Fiquei confuso! Deliberadamente, ela fingia não me entender bem.

— Bem... é que, não sei como eu tive a impressão de que você e Zeb... é... bem, acho que imaginava que pretendiam casar-se, quando pudessem.

Soltou uma risadinha, onde havia pouca alegria.

— Entendo que tenha tido essa impressão. Mas, acredite-me, o negócio está resolvido, e da melhor maneira possível.

— Hein?

— Não me interprete mal. Gosto muito de Zebadiah e sei que ele também gosta de mim. Mas, psicologicamente, somos ambos dominadores. Devia ver o meu perfil gráfico, parece com as Montanhas Rochosas! Duas pessoas desse tipo não devem casar-se. Tais casamentos *não* se fazem no Paraíso, creia! Felizmente, descobrimos isso a tempo.

— Ah.

— Ah, realmente.

Agora não sei exatamente o que aconteceu depois. Estava pensando que ela parecia meio desamparada e percebi em seguida que a estava beijando. Deitou-se em meus braços e devolveu-me o beijo com um ardor que não acreditava possível. Quanto a mim, a cabeça zunia, as pupilas se dilatavam e não saberia dizer se estava a mil pés abaixo da terra ou em desfile militar.

E acabou-se. Olhou longamente em meus olhos e murmurou:

— John querido...

Pôs-se de pé subitamente, inclinou-se sobre mim, sem preocupar-se com a toalha, e deu umas palmadinhas em meu rosto:

— Judith é uma garota de sorte. Será que ela sabe disso?

— Maggie!

Virou-se e disse, sem olhar para trás:

— Tenho mesmo que acabar de me vestir. Estou gelada. Comigo ela não foi gelada.

Voltou num instante, inteiramente vestida e esfregando a toalha nos cabelos vigorosamente. Peguei minha toalha seca e ajudei-a. Creio que fiz isso sem dizer nada; a idéia apenas se formou sozinha. Seus cabelos eram espessos e lindos, gostei de enxugá-los. Davam-me arrepios.

Zeb e Miriam voltaram, enquanto me ocupava dela, não mais apostando corrida, mas nadando lentamente; podíamos ouvi-los rindo, bem antes de avistá-los. Miriam saiu da água tão despudoradamente quanto qualquer prostituta de Gomorra, porém mal a olhei. Zeb olhou-me nos olhos e disse agressivamente:

— Pronto para nadar, amigão?

Comecei a dizer que não estava com vontade e ia inventar uma desculpa por minha toalha estar molhada... quando vi Maggie observando-me... sem dizer nada, mas observando. Respindi:

— Mas claro! Vocês dois já nadaram bastante. — E gritei: — Miriam! Saia daí de detrás da pedra! Preciso trocar de roupa.

Ela deu um gritinho, uma risada e saiu, ainda arrumando-se. Fui lá pra trás com bastante dignidade.

Espero que ainda tenha conservado a dignidade ao sair. De qualquer modo,

cerrei os dentes e andei direto para a água. Estava fria de cortar, a princípio, mas só por um momento. Nunca fui da equipe universitária, mas nadei pelo time de minha turma e estive em Hudson no dia de ano novo. Gostei da piscina preta, depois de ter entrado.

Nadei até o final da piscina. Havia mesmo uma pequena praia lá. Não subi nela.

Na volta, tentei nadar por baixo d'água até o fundo. Não consegui achá-lo, mas devia estar a mais de vinte pés. Gostei de lá, negra e tremendamente calma. Se tivesse fôlego ou guelras para isso, acho que seria um bom lugar para ficar, longe de Profetas, Conspirações, papeladas, preocupações e problemas sutis demais para mim.

Subi, ofegante, rumando com dificuldade para nossa praia de piquenique. As garotas já tinham arrumado a comida e Zeb gritou para que me apressasse. Zeb e Maggie não olharam quando saí da água mas peguei Miriam de olho em mim. Creio que não enrubesci. Louras nunca fizeram meu tipo. Acho que Lilith deve ter sido lama loura.

## 11

O Conselho Supremo, formado por chefes de departamentos, General Huxley e uns outros, reunia-se uma vez por semana ou mais para aconselhar o General, trocar pontos de vista e analisar os relatórios de campo. Mais ou menos um mês de.—pois de nossa escapulida idiota à piscina subterrânea, eles estavam em reunião e eu junto, não como um membro mas como anotador. Minha secretária estava doente e pedi ao G-2 que nos emprestasse Maggie para fazer funcionar o gravador, já que ela podia ouvir os segredos de Estados. Estávamos sempre deficitários de pessoal competente. Meu chefe-titular, por exemplo, era o General Penoyer, cujo título era de Chefe de Pessoal. Mas raramente o vi, pois era também o Chefe de Artilharia. Huxley era o seu próprio chefe de pessoal e eu uma espécie de ordenança glorificado — pau para toda obra e pé-de-boi. Verificava até se Huxley tinha tomado seu remédio para estômago direitinho.

Essa reunião foi mais longa do que de costume. Os comandantes regionais de Gate, Canaan, Jerico, Babilônia e Egito estavam lá em pessoa, Nod e Damasco enviaram representantes. Enfim, cada distrito da Conspiração dos Estados Unidos, à exceção do Éden, estava presente. Usávamos uma cadeia sensível de estações de rádio para o comando de Louisville, empregando um plano de código que os próprios sensitivos não entenderiam. Podia sentir a pressão de algo grande por acontecer, embora Huxley não me tenha confidenciado nada. A sala estava ladrilhada, de modo que nem um camundongo poderia entrar.

Os costumeiros relatórios de rotina foram lidos com monotonia. Foi devidamente registrado que agora tínhamos oito mil setecentos e nove membros aceitos, fossem confrades ou membros examinados e determinados da organização militar paralela. Foram arrolados como recrutados e treinados mais

de dez vezes o número de colegas-viajantes com quem poderíamos contar num levante contra o Profeta, mas que ainda não tinham recebido treinamento para a verdadeira conspiração.

Os números não eram encorajadores. Estávamos sempre presos a um dilema: cem mil homens era o bastante para conquistar um enorme continente, ao passo que até menos de nove mil destacamentos eram gente demais para guardar o segredo de uma conspiração. Confiávamos necessariamente no velho sistema celular pelo qual nenhum homem sabia mais do que devia e não podia falar demais, independente do que inquiridor aparecesse — não, nem mesmo se fosse um espião. Mas tivemos nossas perdas semanais até mesmo nesse estágio passivo.

Toda uma célula foi surpreendida em reunião e presa em Seattle quatro dias antes; foi uma perda grave mas só três membros tinham conhecimento crítico e os três se suicidaram a tempo. Foram feitas orações por todos eles na grande reunião daquela noite, mas aqui isso era um relatório de rotina. Tínhamos perdido quatro matadores naquela semana mas vinte e três assassinatos tinham sido efetuados; um deles, o Inquisidor Mais Velho de toda a parte baixa do Vale do Mississippi.

O Chefe de Comunicações relatou que os confrades estavam preparados para incapacitar noventa e um por cento, avaliados em população abrangida, de estações de rádio e TV do país, e, com a ajuda dos grupos de assalto, podíamos contar, moderadamente, com o resto; exceto com a estação A Voz de Deus, em Nova Jerusalém, que constituía um problema especial.

O Chefe da Engenharia de Combate relatou estar pronto para sabotar o suprimento de energia de quarenta e seis grandes cidades\* mais uma vez excetuando-se Nova Jerusalém, cujo suprimento era independente, com a pilha situada sob o Templo. Até mesmo maiores interrupções podiam ser levadas a cabo em estações distribuidoras, se a operação assegurasse o emprego de homens suficientes. As principais estradas de transporte e carga podiam ser sabotadas dentro dos planos atuais e com o pessoal disponível, a fim de reduzir-se o tráfego a vinte por cento do normal.

Os relatórios se arrastavam: jornais, ação estudantil de grupo, ataque ou sabotagem de campos de foguetes, milagres, difusão de boatos, suprimento de água, incentivo a incidentes, contra-espionagem, previsão do tempo a longo alcance, distribuição de armamento. A guerra é uma coisa simples, comparada a uma revolução. A guerra é uma ciência aplicada, de princípios bem definidos e historicamente testados; soluções análogas podem ser encontradas, da balista até a Bomba-H. Mas cada revolução é uma excentricidade, uma variante, uma monstruosidade, nunca repetindo suas condições e operações, realizadas por amadores e individualistas.

Enquanto Maggie gravava as informações, eu preparava-as para serem transmitidas à sala-calculadora para análise. Estava ocupado demais até para tentar uma avaliação superficial. Houve uma espera curta, enquanto os analistas terminavam de programar e deixavam o "cérebro" trabalhar; depois, a copiadora-remota a minha frente emitiu uns poucos sons e parou. Huxley inclinou-se por cima de mim e tirou a fita, antes de eu poder pegá-la.

Olhou-a rapidamente, limpando a garganta, enquanto esperava silêncio absoluto.

— Confrades — começou — camaradas, fizemos um acordo, há muito tempo atrás, sobre nossa doutrina de procedimento. Sempre que um fator previsível, calculado, dada a margem de erro, pesado e correlacionado com qualquer outro fato significativo, resultasse num risco calculado de dois para um em nosso favor, lutaríamos. As soluções de hoje para as possibilidades equacionáveis, substituindo-se as variáveis pelas informações da semana, dão-nos uma resposta de dois para um três. Proponho marcar a hora para entrar em ação. O que acham?

Foi uma bomba de efeito retardado; ninguém disse nada. Quando a esperança é protelada por muito tempo, a realidade torna-se difícil de acreditar; e aqueles homens tinham esperado anos, alguns quase a vida inteira. De súbito ficaram de pé, berrando, soluçando, xingando, batendo uns nas costas de outros. Huxley ficou impassível, até que se acalmassem, com um sorrisinho estranho nos lábios. Levantou-se depois e disse calmamente:

— Creio que não precisamos fazer a apuração dos sentimentos. Vou marcar a hora depois de ter...

— General! Por favor! Eu não concordo.

Era o patrão de Zeb, General-de-Divisão Novak, Chefe da Psicologia. Huxley calou-se e o silêncio era cortante. Estava atônito, como todos.

Huxley falou então, com calma:

— Este conselho geralmente age por consentimento unânime. Há muito que nos organizamos no sentido de marcar a data, mas sei que não discordaria sem uma boa razão. Vamos ouvir agora o Confrade Novak.

Novak encaminhou-se lentamente para diante e encanou-os:

— Confrades — começou ele, passando os olhos por rostos perplexos e hostis — vocês me conhecem e sabem que quero esse negócio tanto quanto vocês. Dediquei os últimos dezessete anos à causa, que me custou minha família e meu lar. Mas não posso deixá-los seguir adiante sem preveni-los, quando tenho certeza de que ainda não chegou o momento. Penso... não, *sei* com precisão matemática que não estamos prontos para a revolução.

Teve de esperar e erguer ambas as mãos, pedindo silêncio; não queriam ouvi-lo.

— Escutem bem! Concordo que os planos militares estejam prontos. Admito que, se lutarmos agora, teremos uma grande possibilidade de tomar o país. Entretanto, não estamos prontos...

— Por que não?

— ...porque a maioria da população ainda acredita na religião oficial, na autoridade divina do Profeta. Podemos tomar o poder, mas não poderemos mantê-lo.

— Pro diabo, que não podemos!

— *Ouçam!* Nenhum povo se manteve submissa por muito tempo, a menos que tenha voluntariamente consentido. Por três gerações, o povo americano foi condicionado, do berço ao túmulo, pelos mais espertos e melhores psicotécnicos

do mundo. Eles *crêem!* Se vocês o soltarem agora, sem uma preparação psicológica adequada, voltarão para suas correntes, como um cavalo volta para o estábulo. Podemos ganhar a revolução, mas ela será seguida de uma guerra civil longa e sangrenta, que perderemos!

Silenciou e passou a mão trêmula pelos olhos, dizendo a Huxley:

— É só.

Vários levantaram-se imediatamente. Huxley exigiu ordem, passando a palavra ao General Penoyer, que disse:

— Gostaria de fazer umas perguntas ao irmão Novak

— Faça.

— O departamento dele pode-nos dizer a percentagem da população sinceramente devota?

Zebadiah, presente para dar assistência a seu chefe, olhou-o. Novak balançou a cabeça, consentindo que informasse.

— Sessenta e dois por cento, com margem de erro de três por cento.

— E a percentagem dos que secretamente se opõem ao governo, que nós tenhamos arrolado ou não?

— Vinte e um por cento ou mais, com margem proporcional. A estimativa classifica-os de conformistas, não-devotos mas razoavelmente satisfeitos.

— De que modo a informação é obtida?

— Hipnose-surpresa ou tipos representativos.

— Pode dar as tendências?

— Posso, sim. O governo perdeu terreno rapidamente durante os primeiros anos da depressão atual, depois a curva subiu. A nova lei do dízimo e, até certo ponto, os decretos sobre ociosidade eram impopulares e o governo ganhou o terreno perdido antes da curva tornar a descer. Naquela ocasião, os negócios melhoraram um pouco mas simultaneamente começaram nossa atual campanha de propaganda intensificada; o governo vem perdendo terreno lenta mas constantemente durante os últimos quinze meses.

— E o que mostra o primeiro derivativo? Zeb hesitou e Novak assumiu a liderança:

— Deve imaginar o segundo derivativo — disse com uma voz cansada. — O índice está aumentando.

— E então?

O Chefe da Psicologia respondeu, firme, mas relutante:

— Extrapolando, deve levar três anos e oito meses, antes que possamos correr o risco de lutar.

Penoyer voltou-se para Huxley:

— Tenho a minha resposta, General. Com o mais profundo respeito pelo General Novak e seu bem-cuidado trabalho científico, digo: vençamos enquanto podemos! Talvez nunca tenhamos outra oportunidade.

Tinha a multidão com ele.

— Penoyer tem razão! Se esperarmos, podemos ser traídos.

— Não se pode manter as coisas assim coesas para sempre.

— Já passei dez anos no subterrâneo; não quero ser enterrado aqui.

— Vençamos. E deixemos a conversão para quando pudermos controlar os

meios de comunicação.

— Guerra agora! Guerra agora!

Huxley deixou-os continuar, o rosto impassível, até que tivessem desabafado. Eu fiquei quieto, já que era muito novato para dar palpite, mas concordei com Penoyer; não podia imaginar uma espera de quase quatro anos.

Vi Zeb falando gravemente com Novak Pareciam estar discutindo e não prestavam atenção nenhuma à algazarra. Mas quando finalmente Huxley levantou a mão pedindo silêncio, Novak deixou seu lugar e correu para junto dele. O General ouviu-o por um momento, pareceu quase aborrecido e depois indeciso. Novak chamou Zeb com o dedo e ele foi correndo. Os três cochicharam por um longo momento, enquanto o conselho aguardava.

Finalmente, Huxley encarou-os de novo:

— O General Novak propôs um esquema que pode modificar toda a situação. O Conselho fica adiado para amanhã.

O plano de Novak (ou de Zeb, embora nunca se tenha declarado o autor) exigia um prazo de perto de dois meses, até a data anual do Milagre da Encarnação. O que foi visto como nada mais, nada menos, do que uma adulteração do próprio Milagre. Olhando para trás, foi um estratégia essencial, óbvio e provável; o Chefe da Psicologia estava certo. A força de um ditador não depende de armas mas sim, em sua essência, da fé que o povo deposita nele. Foi o que aconteceu com César, Napoleão, Hitler e Stálin. Era preciso atacar primeiro as bases do poder do Profeta: a crença popular de que governava por autorização direta *de Deus*.

As gerações futuras acharão, sem dúvida, impossível de acreditar na importância, na extrema importância, da fé religiosa e do poder político do Milagre da Encarnação. Para apreendê-lo, mesmo intelectualmente, é preciso entender primeiro que o povo acreditava literalmente que o Primeiro Profeta real e fisicamente vinha do Céu uma vez por ano para julgar a administração de seu sucessor designado por meios divinos e confirmá-lo em seu ofício. O povo *acreditava* nisso. A minoria em dúvida não ousava abrir a boca para discutir, de medo de terem arrancados membros por membro... e estou falando de um dilaceramento que deixa sangue no chão, não de uma figura de linguagem. Cuspir na bandeira seria menos perigoso.

Eu mesmo passei a vida acreditando nisso; nunca me ocorreu duvidar de tal ato de fé básico. E eu era o que se chama de um homem culto, que foi iniciado e treinado nos segredos e milagres menores. E eu acreditava.

Os dois meses seguintes duraram a extensão interminável do tenso período de espera, enquanto se entra nas fileiras e se aguarda o "Comecem a atirar!" Entretanto, estávamos tão ocupados diariamente que cada hora parecia curta demais. Além de preparar a intervenção ainda-mais-milagrosa no Milagre, empregávamos o tempo afiando nossas armas para melhor desempenho. Zeb e seu chefe, o General Novak, foram imediatamente destacados. Lia-se nas ordens de Novak: "continue e tome BEAULAHNAND e ocupe-se da operação BEDROCK". Eu mesmo peguei as ordens, não confiando-as a um secretário, mas ninguém me disse onde Beulahland podia ser encontrado no mapa.

Huxley também partiu na mesma ocasião, sumindo por mais de uma semana, deixando Penoyer como Comandante-em-Chefe substituto. Não me disse, é claro, por que nem onde estava indo, mas pude senti-lo. A Operação Bedrock era uma manobra psicológica, mas os meios tinham de ser físicos e meu chefe já tinha sido do Departamento de Milagres Aplicados em West Point. Ele podia ser o melhor fisicista de toda a Conspiração; de qualquer modo, podia imaginar que com certeza ele queria no mínimo ver com seus próprios olhos se os meios eram adequados e as técnicas absolutamente seguras. Se eu o conheço bem, deve ter mesmo usado solda, chave de parafuso e midrômetro — o General não se importava de sujar as mãos.

Senti a falta de Huxley. Penoyer tinha uma tendência a inverter minhas decisões nas menores coisas e fazer-me perder meu tempo e o dele com detalhes que um Comandante não podia, nem devia ocupar-se. Mas ele também se foi, por parte do tempo. Havia muitas idas e vindas e mais de uma vez tive de caçar um chefe de departamento que estivesse à mão, dizer-lhe que estava no comando e fazê-lo assinar onde eu tinha marcado. Dei para rabiscar "I. M. Bobalhão, General-de-Divisão, FUSA, Substituto", tão indecifrável quanto possível em todos os papéis internos de rotina. Creio que ninguém nunca notou.

Antes da partida de Zeb, aconteceu algo que não tinha lá muito a ver com o povo dos Estados Unidos e sua luta para reconquistar a liberdade. Mas assuntos meus, pessoais, estão tão ligados ao fato, que devo mencioná-lo. Talvez o ângulo pessoal seja bem importante; é certo que no diário de ocorrências em que esse documento foi inscrito constava como "pessoal" e "subjutivo", entretanto, guardei uma cópia e acrescentei um adendo, pois achei que me ajudaria a pôr em ordem pensamento» confusos, passando por uma metamorfose tão drástica quanto a de uma larva em mariposa. Sou um exemplar, talvez, da vasta maioria, o tipo de pessoa que precisa que lhe esfreguem as coisas no nariz antes de reconhecê-las, enquanto que Zeb, Maggie e o General Huxley pertencem a uma elite minoritária de espíritos naturalmente livres, os primeiros pensadores, os líderes.

Estava em minha escrivaninha tentando lutar com a costureira enchente de papéis quando recebi um chamado do chefe de Zeb, para apresentar-me tão logo quanto me fosse possível. Como ele já tinha recebido suas instruções, deixei um bilhete com o ordenança de Huxley e fui correndo.

Ele cortou as formalidades:

— Major, recebi uma carta para o senhor que as Comunicações mandaram para análise, a fim de determinar se devia ser parafraseada ou simplesmente destruída. Entretanto, por recomendação especial de alguém da chefia da minha divisão, tomei a responsabilidade de deixá-lo ler antes de parafrasear. Terá de lê-la aqui.

Concordei, sentindo-me bastante confuso.

Entregou-me a carta. Era bastante longa e suponho que poderia ter meia dúzia de mensagens codificadas, mesmo idéias-código que viriam através da paráfrase. Não me lembro bem como era, só do impacto que teve sobre mim. Era de Judith.

"Meu querido John... sempre vou pensar em você com carinho e não vou esquecer o que fez por mim... nunca significou para nós... o Sr. Mendoza tem sido

muito gentil... sei que vai me perdoar... ele precisa de mim; deve ter sido o destino que nos uniu... se vier à cidade do México, nossa casa é sua... vou pensar sempre em você como num irmão mais velho e forte e serei sempre sua irmã." Havia mais, muito mais, tudo desse jeito; acho que é a isso que se chama "terminar amigavelmente".

Novak pegou e tomou-me a carta.

— Não pretendo lhe dar tempo de decorá-la — disse friamente, jogando-a imediatamente no incinerador. Olhou-me. — Talvez queira sentar-se, Major. Fuma?

Não me sentei, mas estava tão tonto, que aceitei o cigarro e deixei que ele o acendesse para mim. Asfixiei-me então na fumaça e o total desconforto físico ajudou-me a voltar à realidade. Agradei e saí. Fui direto para meu quarto, telefonei para meu escritório dizendo onde poderia ser encontrado, se o General precisasse realmente de mim. Mas disse a meu secretário que me senti de repente muito mal e que não me incomodasse, tanto quanto isso fosse possível.

Fiquei lá por volta de uma hora — não sei ao certo — deitado de braços sem fazer nada, nem mesmo pensar. Houve então uma batida suave na porta, que foi aberta, deixando entrar Zeb.

— Como se sente? — perguntou.

— Abobalhado — respondi.

Não me ocorreu pensar como ele sabia e naquele momento tinha-me esquecido do "alguém da chefia" que tinha convencido Novak a me deixar ler a carta e enxergar claro.

Entrou, esticou-se numa cadeira e olhou-me. Rolei e sentei-me na beira da cama.

— Não deixe isso derrubá-lo, Johnnie — disse calmamente. — Os homens morrem e as minhocas comem, mas não de amor.

— Você não entende!

— É, não entendo — concordou. — Cada homem é o seu próprio prisioneiro, confinado em sua solidão por toda a vida. No entanto, nesse ponto específico, podemos confiar bem nas estatísticas. Tente uma coisa pra mim. Visualize Judith, em sua mente. Veja sua forma. Ouça sua voz.

— Hein?

— Faça isso.

Tentei, tentei mesmo, e, sabe, não consegui. Nunca tive um retrato dela; seu rosto agora me escapava. Zeb me observava.

— Você vai ficar bom — disse firmemente. — Agora, escute, Johnnie... eu podia ter contado. Judith é um tipo de mulher bem fêmea, toda glândulas reprodutoras e nenhum cérebro. E é bastante atraente. Solta, era normal que achasse um homem, como o oxigênio emergente vai se reassociar. Mas é inútil conversar com um homem apaixonado.

Levantou-se:

— Johnnie, tenho que ir. Detesto o mau jeito de ter que viajar e deixar você no estado em que está, mas já o vi e o velho Novak está de partida. Vai me comer vivo, se eu atrasá-lo mais. Só mais um conselho antes de ir.

Esperei.

— Sugiro que visite bastante Maggie, enquanto eu estiver fora. Ela é um bom remédio.

Foi saindo e perguntei-lhe categoricamente:

— Zeb, o que aconteceu com você e Maggie? Algo assim? Olhou-me friamente:

— O quê? Não. Nada de parecido. Não foi... bem, não foi a mesma coisa.

— Eu não entendo. Acho que não entendo as pessoas. Está me recomendando que veja muito Maggie, mesmo ela sendo sua garota. Eh, não vai ficar com ciúmes?

Encarou-me, riu e bateu em meu ombro:

— Ela é cidadã livre, Johnnie, pode crer. Se um dia você fizer o que quer que seja para magoar Maggie, eu corto a sua cabeça e bato com ela até você morrer. Não que acredite que você faça. Mas ciúmes dela? Não. Não me passa pela cabeça. Acho-a a melhor garota do mundo, mas seria mais fácil eu casar com uma leoa das montanhas.

Foi-se, deixando-me outra vez de boca aberta. Segui, porém, seu conselho, ou Maggie o fez por mim. Ela sabia de tudo — quero dizer, sobre Judith — e presumi que Zeb tivesse contado. Mas não; creio que Judith lhe escreveu primeiro. De qualquer modo, não precisei procurá-la, pois ela me encontrou logo depois do jantar, naquela noite. Conversamos um pouco e senti-me bem melhor, tanto que voltei para meu escritório e recuperei o tempo perdido durante a tarde.

Maggie e eu pegamos o hábito de conversar depois do jantar, daí por diante. Não saímos mais para excursões abelhudas; não somente nenhum de nós dois tinha tempo para isso naqueles dias como também não nos sentíamos com vontade de juntarmos um outro grupo de quatro sem Zeb. Às vezes podia parar só vinte minutos ou menos, antes de ter que voltar a minha escrivaninha, mas era o ponto alto do dia; esperava por ele.

Mesmo sem deixar a iluminada caverna principal, sem deixar os caminhos já trilhados, havia muitos passeios maravilhosamente bonitos para se fazer. Quando podíamos sair por uma hora, havia um lugar em especial que gostávamos de ir — ficava ao norte do salão, a bem meia milha das construções. A trilha formava meandros entre cogumelos de pedras calcárias geladas, grandiosas colunas, abóbadas e formas fantásticas inomináveis, parecendo tanto almas atormentadas como grandes flores exóticas, dependendo do estado de espírito de quem olhasse. Num lugar a cerca de cem pés mais alto do que o chão principal, encontramos um local a poucos pés fora da trilha permitida, onde a natureza criou um banco de pedra natural. Podíamos sentar lá e olhar embaixo a cidade de brinquedo, conversar, e Maggie aproveitava para fumar. Passei a acender-lhe os cigarros, como vi Zeb fazendo. Era uma delicadeza que ela apreciava e aprendi a evitar que a fumaça ficasse presa em minha garganta.

Perto de seis meses depois de Zeb ter partido e apenas alguns antes da Hora-M, era isto o que estávamos fazendo, enquanto conversávamos sobre como seria depois da revolução e o que faríamos de nossas vidas. Disse que possivelmente continuaria no exército regular, presumindo que por isso ou aquilo seria qualificado para tal.

— O que pretende fazer, Maggie? Soltou a fumaça devagar:

— Ainda não pensei nisso, John. Não tenho profissão, o que quero dizer é que estamos tentando, da melhor maneira, fazer com a que eu tinha se torne obsoleta.

Sorriu amargamente:

— Não tenho formação para nada útil. Posso cozinhar, costurar e cuidar de uma casa; presumo que deva procurar um emprego de doméstica, pois empregadas competentes são sempre raras, dizem.

A idéia de ver a Irmã Madalena, tão corajosa e desembaraçada, tão rápida na vibrolâmina quando foi preciso, pulando de uma agência de emprego para outra em busca de trabalho doméstico para sobreviver era-me desagradável: "Precisa-se empregada, todo serviço, dorme no emprego. Folgas quintas à noite e domingos alternados. Exige-se referências". Maggie?

Maggie que salvou minha própria talvez inútil vida, pelo menos duas vezes, sem hesitar nem medir os riscos. Não a Maggie. Falei, sem pensar:

— Escute, você não tem que fazer isso!

— É o que eu sei.

— Sim, mas bem, por que não cozinha e cuida da *minha* casa? Vou ganhar o suficiente para sustentar nós dois, mesmo que tenha de voltar a meu antigo posto. Talvez não seja muito mas... Bolas! Seria um prazer para mim.

Olhou-me:

— Ora, John, como você é generoso! — Amassou o cigarro e jogou-o longe.

— Realmente agradeço muito. Mas não daria certo. Acho que vai haver tanto mexerico depois de vencermos a guerra quanto antes. Seu coronel não gostaria disso.

Corei quase até o vermelho total e gritei:

— Não foi de modo algum o que quis dizer!

— O quê? Então o que quis dizer?

Na verdade eu mesmo não sabia até que as palavras saíram. Agora eu sabia, mas não via como verbalizar:

— Quis dizer... Escute, Maggie, você parece gostar bastante de mim... e nos damos bem. Ou seja, por que não nos... — Parei, protelando.

Levantou-se e olhou-me:

— John, você está querendo casar *comigo*? Disse bruscamente:

— É, em linhas gerais, essa é a idéia. Incomodava-me tê-la de pé diante de mim, por isso levantei-me também.

Olhou-me, séria, pesquisando meu rosto, dizendo então humildemente:

— Sinto-me honrada... e grata... e estou profundamente sensibilizada. Mas... não, John!

As lágrimas saltaram de seus olhos e começou a gritar. Parou de súbito, limpou o rosto com a manga e falou aos tropeços:

— Você agora me fez chorar. Não chorava há anos. Fui pondo meus braços em torno dela mas afastou-me:

— Não, John! Primeiro, escute. Aceito o trabalho como sua empregada, mas não vou casar com você.

— Por que não?

— Por que não? Ai, meu Deus, meu Deus! Porque sou uma mulher velha e

cansada, só por isso.

— Velha? Você não deve ser mais de um ou dois anos mais velha do que eu. Três, no máximo. Não faz diferença.

— Sou mil anos mais velha do que você. Pense no que sou, no que fui, no que sei. Primeiro eu era a "noiva", se quiser chamar assim, do Profeta.

— A culpa não foi sua!

— Talvez. Depois fui a amante de seu amigo Zebadiah. Sabia disso?

— Bem, tinha quase certeza.

— E não é tudo. Houve outros homens. Alguns porque eram úteis e uma mulher tem poucos modos de subornar. Alguns por solidão, outros por monotonia. Depois que o Profeta se cansa dela, uma mulher não parece valer muito, nem para si mesma.

— Não me importo. Não me importo! Não tem importância!

— É o que você diz agora. Depois vai se importar, terrivelmente. Acho que você sabe disso, meu querido.

— Então você não me conhece. Vamos começar de zero. Suspirou profundamente:

— Você acha que me ama, John?

— Hein? É, acho que sim.

— Você amava Judith e agora está magoado. Logo, pensa que me ama.

— Mas. Ora, eu não sei o que é amor! Quero que se case e viva comigo.

— Eu também não sei — disse tão baixinho, que quase não ouvi. Enfiou-se dentro de meus braços tão fácil e naturalmente, como se sempre tivesse vivido neles.

Quando acabamos de nos beijar, eu disse:

— Casa comigo, não é?

Jogou a cabeça para trás e fitou-me, como se tivesse medo:

— Oh, não!

— Hein? Mas pensei...

— Não, querido, não! Vou cuidar de sua casa, cozinhar para você e fazer sua cama. E dormir nela, se você quiser. Mas não precisa casar comigo.

— Mas... Bolas, Maggie, não quero as coisas desse jeito.

— Não? Vamos ver.

E escapou-me dos braços, embora não a tivesse soltado.

— Vejo-o essa noite. Lá por uma hora, depois que todos estiverem dormindo. Não tranque a porta.

— Maggie! — gritei.

Já estava longe pela trilha, correndo como se tivesse asas. Tentei alcançá-la, tropecei numa estalagmite e caí. Ao levantar-me, ela já tinha desaparecido.

É um negócio estranho. Sempre pensei que Maggie fosse bem alta, imponente, quase tão alta quanto eu. Mas quando a tomei nos braços, vi que era baixa. Tive de me curvar para beijá-la.

Na noite do Milagre, todos os que restavam de nós reuniram-se na principal sala de comunicações — meu chefe e eu, o chefe das comunicações e seus técnicos, alguns oficiais da equipe. Um punhado de homens e umas dúzias de mulheres, gente demais para apinhar a cabina de comunicações, enquanto que no refeitório principal havia uma tela eletromagnética para eles. Nossa cidade subterrânea era agora uma cidade-fantasma, com apenas uma equipe reduzida para manter as comunicações com o comando geral; todo o resto tinha ido para estações de batalha. Nós, os poucos que sobraram, não tínhamos estações de combate nessa fase. A estratégia tinha sido definida; a hora de execução foi marcada por nós para a do Milagre. Decisões táticas para um continente não podiam sair de quartéis-generais e Huxley era um general bom demais para tentá-lo. Suas tropas já estavam em posição e os comandantes seus subordinados estavam agora sozinhos; tudo o que ele podia fazer no momento era esperar e rezar.

Era tudo o que podíamos fazer, também. Não tinha mais unhas para roer.

A tela principal diante de nós mostrava, em cor brilhante e perspectiva perfeita, o interior do Templo. Os serviços religiosos se prolongavam por todo o dia: procissão, hinos, orações e mais orações, sacrifício, genuflexão, cânticos, uma interminável monotonia de ritual colorido. Meu antigo regimento estava alinhado em duas fileiras geladas, capacetes reluzentes, lanças alinhadas como os dentes de um pente. Consegui ver

Peter van Eyck, Mestre de minha loja, sua pança apertada no espartilho, imóvel diante do pelotão.

Sabia, por ter visto o despacho, que Mestre Peter tinha roubado uma cópia do filme que tínhamos de ter. Sua presença nas cerimônias nos tranquilizava; se o roubo tivesse sequer sido suspeitado, nossos planos não teriam a menor possibilidade de dar certo. Mas ele estava lá.

Nas outras três paredes da sala de comunicações, havia uma dúzia de outras telas menores, com cenas de muitas das cidades principais: multidões na praça de Rittenhouse, o Hollywood Bowl lotadíssimo, ajuntamentos em templos locais. Em cada caso, os olhos estavam todos cravados numa gigantesca tela de televisão, mostrando a mesma cena no Grande Templo que estávamos olhando. Por toda a América devia ser a mesma coisa: cada mortal que pudesse estava olhando alguma televisão em algum lugar, esperando, esperando, esperando pelo Milagre da Encarnação.

Atrás de nós um psicoperador inclinou-se sobre um sensitivo que trabalhava sob hipnose. O sensitivo, uma garota de dezenove anos, moveu-se e murmurou; o operador aproximou-se ainda mais.

Voltou-se então para Huxley e para o chefe das comunicações:

— A estação A Voz de Deus está garantida, General. Huxley meramente balançou a cabeça; teria plantado uma bananeira, se meus joelhos não estivessem tão bambos. Essa era a chave da tática e que não podia de jeito nenhum ser posta em prática até minutos antes do Milagre. Já que a televisão se move só em linha visual ou em seu cabo especial, a única possibilidade de meter-se nela com seu programa nacional era na estação de origem. Senti uma

explosão de alegria pelo sucesso, seguido por uma explosão igualmente súbita de tristeza, sabendo que nenhum deles podia esperar sobreviver àquela noite.

Não importa, se conseguissem agüentar a barra por mais alguns minutos, suas vidas não foram vãs. Encomendei suas almas ao Grande Arquiteto. Tínhamos homens para tais serviços onde necessários, na maioria confrades cujas esposas tinham enfrentado um inquisidor.

O chefe das comunicações tocou em Huxley pela manga.

— Está entrando no ar, General.

A cena surgia nítida e lenta do fundo do Templo, passava pelo altar, fixava-se e m *close-up* na arcada de marfim sobre o altar: a entrada do Sanctum Sanctorum. Estava fechado com cortinados tecidos em ouro.

A câmara elevatória parou diante do cortinado da entrada, pegando toda a tela:

— Podem tomar conta a qualquer momento agora, General.

Huxley virou-se para o psicoperador:

— Ainda é a nossa? Veja se consegue pegar algum relato da Voz de Deus.

— Nada, General. Aviso quando conseguir.

Não podia tirar os olhos da tela. Depois de uma espera interminável, a cortina abriu-se e lentamente separou-se, levantando-se e sumindo de cada lado. E lá, de pé diante de nós, quase em tamanho natural e tão nítido que até senti que ele podia sair da tela, estava o Profeta Encarnado!

Voltou a cabeça, deixando seu olhar perambular de um lado para o outro, olhando-me então, seus olhos bem dentro dos meus. Quis esconder-me. Ofeguei e disse involuntariamente:

— Quer dizer que podemos fazer uma réplica *dele*? O chefe das comunicações acenou a cabeça:

— Milímetro por milímetro, senão eu engulo a diferença. Nosso melhor ator, preparado pelos melhores cirurgiões plásticos. Talvez esse já seja o nosso filme.

— Mas é de verdade. Huxley olhou-me:

— Menos conversa, por favor, Lyle.

Foi a maior reprimenda que recebi dele; calei-me e observei a tela. Aquele rosto poderoso e sem escrúpulos, aquele olhar de fogo, um ator? Não! Eu conhecia aquele rosto; já o tinha visto várias vezes em muitas cerimônias. Alguma coisa tinha dado errado e aquele era o Profeta Encarnado em pessoa. Comecei a suar aquela transpiração fétida de medo. Acreditava piamente que, se ele chamasse meu nome pela tela, eu confessaria minhas traições e me entregaria à sua mercê.

Huxley falou, zangado:

— Não pode pegar Nova Jerusalém?

— Não, General. Sinto muito — respondeu o psicoperador.

O Profeta começou sua invocação.

Sua voz constringedora, semelhante a um órgão, derramou períodos magníficos. Pediu depois as bênçãos do Deus Eterno para o povo, no próximo ano. Fez uma pausa, olhou-me outra vez, dirigindo então seu olhar para o Céu, levantou as mãos e começou a rogar ao Primeiro Profeta, pedindo-lhe que

concedesse ao povo o prêmio inavaliável de vê-lo e ouvi-lo em carne e osso, oferecendo, para tal propósito, a carne do atual profeta como um instrumento. Esperou.

Começou a transformação, e meus cabelos ficaram em pé. Sabia agora que algo não tinha dado certo... estávamos perdidos... e só Deus sabia quantos morreram por esse engano.

Os traços do Profeta começaram a se modificar; cresceu uma polegada ou duas em tamanho; suas vestes ricas escureceram — em seu lugar, vestindo uma sobrecasaca de uma era longínqua, estava o Reverendo Nehemias Escorregador, o Primeiro Profeta e fundador da Nova Cruzada. Senti meu estômago apertar-se de medo e terror, fui criança outra vez, olhando-o pela primeira vez na igreja paroquial.

Saudou-nos primeiro com a costumeira saudação anual de amor e preocupação por seu povo. Pouco a pouco, começou a transtornar-se, seu rosto suando e suas mãos entrelaçando-se à maneira que tinha feito baixar o Espírito em mil reuniões do Vale do Mississipi; meu coração começou a bater mais depressa. Estava pregando contra o pecado em todas as suas formas — a prostituta cuja boca é como mel, os pecados da carne, os do espírito, os cambistas.

Do alto de sua paixão, ele enveredou por um novo assunto, de modo que me pegou de surpresa:

— Mas hoje não voltei para falar de pequenos pecados de um povo insignificante. Não! Vim falar de algo realmente infernal e incitá-los a cingirem suas armaduras e lutarem. Armagedão caiu sobre vocês! Levantem-se, minhas legiões, e lutem a Batalha do Senhor! Pois Satã caiu sobre vós! Ele está aqui! Entre vós! Aqui, esta noite, em carne e osso! Com a traição da serpente infiltrou-se entre vós, tomando a forma do Vigário de Deus! Sim! Disfarçou-se com falsidade, tomando a forma do *Profeta Encarnado*! Abatam-no! Abatam seus mercenários! Em nome de Deus, destruam-nos todos!

### 13

— Bruehler, da Voz de Deus — disse calmamente o psicoperador. — A estação está agora fora do ar e a demolição começa dentro de trinta segundos, aproximadamente. Será tentada uma retirada antes do prédio vir abaixo. Boa sorte. Fim da mensagem.

Huxley murmurou algo e abandonou a grande tela, agora escura. As menores, mostrando cenas do país, estavam confusas, mas encorajantes. Havia luta e motim em todo lado. Ainda atônito, eu olhava, tentando imaginar quem era o inimigo. No Hollywood Bowl a multidão fervilhava no palco e em grande número derrubava e esmagava os oficiais e clérigos lá sentados. Havia muitos guardas parados nos cantos do estádio e as coisas não deviam ter-se passado

assim. Só que em lugar dos tiros assassinos que se esperavam, houve uma única detonação de um tripé colocado a noroeste, no declive do palco, sendo um guarda alvejado, ao que tudo indica, por outro guarda.

Aparentemente, o duvidoso *tour de force* contra o Profeta estava dando certo, acima das expectativas. Se as forças governamentais estivessem tão desarticuladas como estavam no Hollywood Bowl, o trabalho não seria uma luta, mas sim a consolidação de um fato consumado.

A transmissão de Hollywood sumiu e passei a outra tela, Portland, Oregon. Mais luta. Pude ver homens com braçadeiras brancas, a única identificação que nos permitimos para a Hora-M, mas nem toda violência partia de nossos confrades de braçadeiras. Vi um protetor armado cair diante de punhos desguarnecidos e não levantar mais.

Verificando mensagens e relatórios anteriores, começamos a levar vantagem, agora que podíamos usar nosso próprio rádio, agora que tínhamos mostrado bem nossas garras, para durar um longo prazo. Parei de olhar e voltei a ajudar meu chefe a ficar informado sobre eles. Continuava tonto e ainda não podia ver mentalmente o incrível rosto do Profeta, de ambos os Profetas. Se eu próprio fiquei emocionalmente bombardeado, o que dizer do povo? Dos devotos, dos crentes?

O primeiro relatório bem definido, além das mensagens de contato, veio de Lucas, em Nova Orleães:

**CENTRO DA CIDADE SOB CONTROLE, BEM COMO FORÇA E TELECOMUNICAÇÕES. PELOTÕES DE LIMPEZA TOMANDO POSTOS POLICIAIS. GUARDAS FEDERAIS DESMORALIZADOS AQUI POR ESTÉREO-EMIÇÃO. LUTAS ESPORÁDICAS SURGIRAM ENTRE A PRÓPRIA GUARDA. PEQUENA RESISTÊNCIA ORGANIZADA. DECRETANDO ORDEM SOB LEI MARCIAL. ASSIM SEJA! LUCAS.**

Começaram então a chegar relatórios aos montes: Kansas, Detroit, Filadélfia, Denver, Boston, Minneapolis — todas as cidades principais. Variavam, mas contavam a mesma estória; o chamado às armas de nosso Profeta sintético, imediatamente seguido de um corte dos métodos normais de comunicação, tornou as forças governamentais um corpo acéfalo, bamboleante e lutando contra si mesmas. O poder do Profeta fundamentava-se na superstição e na fraude; fizemos a superstição voltar-se contra ele para destruí-lo.

A reunião naquela noite foi a melhor a que já assisti. Abarrotamos a sala de comunicações, com o chefe de comunicações agindo como secretário e passando mensagens recém-chegadas ao General Huxley, na posição de Mestre do leste, em toda a sua extensão. Eu mesmo fui chamado a ocupar lugar à mesa, como Administrador Júnior, uma honra que nunca me tinha sido conferida. O General teve de pedir um chapéu emprestado, que estava ridículo de tão pequeno para ele, mas não tinha importância. Nunca tinha visto um ritual tão grandioso, antes ou até aquele dia. Todos nós repetimos as antigas palavras do fundo do coração, como se as estivéssemos dizendo pela primeira vez. Se o avanço majestoso era interrompido para ouvir que Louisville era nossa, podia haver melhor interrupção? Estávamos partindo de zero; depois de um longo período de especulação, finalmente estávamos agindo operacionalmente.

A capital provisória foi instalada em São Luís, por sua localização central. Eu pulei o avião de Huxley até lá, onde tomamos a base do procurador do Profeta devolvendo-lhe o antigo nome de Acampamento Jefferson. Tomamos também os prédios da Universidade, restituindo-lhe o nome de Washington. Se as pessoas não mais se lembravam do verdadeiro significado desses nomes, em breve o fariam, e era um bom ponto de partida. (Aprendi, pela primeira vez, que Washington tinha sido um dos nossos.)

Assim, um dos primeiros decretos de Huxley como governante militar — não se deixou chamar sequer de "Presidente Provincial" — foi separar qualquer ligação oficial entre a Confraria e o Exército Livre dos Estados Unidos. A Confraria já tinha servido a seus propósitos, conservando vivas as esperanças dos homens livres; já estava em tempo de voltar a seus antigos caminhos e deixar que questões de ordem pública fossem resolvidas pelo povo. Esse decreto não foi feito publicamente, uma vez que o povo não tinha um conhecimento real de nós, sempre uma sociedade secreta e inteiramente clandestina por três gerações. Mas foi lido e registrado em todas as células e, tanto quanto eu saiba, respeitado.

Houve uma ressalva necessária: minha célula em Nova Jerusalém e a ordem de irmãos cooperativistas da qual Maggie tinha sido um dos membros. Pois não tinhamos ainda dominado Jerusalém, embora todo o país fosse nosso.

Isso era mais sério do que parece. Enquanto tivemos o país sob controle militar, com todas as centrais de comunicação em nossas mãos, com as Forças Federais desmoralizadas, em fuga e, em grande parte, dispersas, desarmadas ou capturadas, não conquistamos o coração do país. Mais da metade da população não estava conosco; estava simplesmente estupefata, confusa e desorganizada. Enquanto o Profeta continuasse vivo, enquanto o Templo fosse um ponto de reunião, era possível para ele conceber a idéia de arrebatar-nos a vitória.

Uma fraude, como a que usamos, tem um efeito temporário apenas; as pessoas voltam a seus antigos modos de pensar. O Profeta e seus seguidores não eram tolos; empregaram alguns dos mais perspicazes psicólogos aplicados que esse velho planeta tenha visto. Nossa contra-espionagem tornou-se perturbadoramente cônica de que eles estavam rapidamente aperfeiçoando sua clandestinidade, usando os que permaneciam devotos e aquela numerosa minoria, devota ou não, que tinha enchido os bolsos sob o antigo regime e que se via agora empobrecer. Não podíamos parar esta contra-revolução. Ora! O Profeta não tinha conseguido *nos* parar e tínhamos funcionado sob desvantagens bem maiores. Os espões do Profeta podiam trabalhar quase abertamente nos pequenos centros e no campo; nós mal tínhamos homens bastante para guardar as estações de televisão e não havia possibilidade de colocarmos um olheiro abaixo de cada mesa.

Logo tornou-se pública a encenação feita durante a chamada de Armagedão. Com isso, permitia-se que as pessoas, conscientes da fraude, interpretassem *todas*

os Milagres da Encarnação como meras encenações; truques de televisão e nada mais. Foi o que disse a Zebadiah, que ri de minha ingenuidade. As pessoas acreditam no que querem e a lógica não tem nada a ver com a coisa, garantiu-me. No presente caso, queriam acreditar na sua antiga religião como a tinham aprendido no colo de suas mães; devolvia a segurança a seus corações. Podia compreendê-los, entendê-los.

De qualquer jeito, Nova Jerusalém tinha de cair. E o tempo contava contra nós.

Enquanto nos preocupávamos com isso, uma convenção constitucional provisória teve lugar no grande auditório da universidade. Huxley a inaugurou, recusando mais uma vez o título de presidente, que lhe foi oferecido por aclamação. Declarou então bruscamente que todas as leis anteriores, desde o governo do Presidente Nehemias Escorregador, não estavam mais em vigência sendo anulada naquele momento, e que a velha constituição e seus dez primeiros artigos voltavam a vigorar, sujeitas às exigências de um controle militar temporário. Seu único propósito, falou-nos, era elaborar métodos ordenadores a fim de restaurar os processos democráticos da liberdade antiga; qualquer alteração permanente na constituição, se necessária, teria que esperar até as eleições livres.

Devolveu então o martelo, usado para manter silêncio, a Novak e partiu.

Não tinha tempo para me ocupar de política, mas escapuli do serviço e levei mais de uma tarde assistindo às sessões porque Zebadiah me avisara que importantes fogos de artifício estavam acontecendo. Deslizei para um assento no fundo da sala e fiquei ouvindo. Um dos brilhantes funcionários de Novak estava mostrando um filme. Vi apenas o final dele, mas me pareceu ser um filme mais ou menos padronizado de educação, revendo a história dos Estados Unidos, discutindo a liberdade civil, explicando os deveres de um cidadão em uma democracia livre; não se tratava do tipo de coisa mostrada nas escolas do Profeta, mas empregava as mesmas técnicas que há muito vinham sendo usadas em cada escola do país. Ao terminar o filme, o jovem brilhante, do qual nunca pude lembrar-me o nome... talvez por não gostar dele... Era Stokes? Vamos chamá-lo de Stokes, seja como for. Stokes começou a falar.

— Este filme de reorientação — começou — é, sem dúvida, totalmente inútil na reeducação de adultos. Seus hábitos de pensamento estão por demais limitados para serem afetados por algo tão simples.

— Então, para que perder tempo com isto? — alguém gritou.

— Por favor! Esse filme foi preparado para adultos, contanto que o adulto tenha sido colocado num estado de espírito receptivo. Aqui está o prólogo.

A tela iluminou-se outra vez. Era uma cena simples e pastoril, com fundo musical tranqüilo. Não pude imaginar aonde queriam chegar, mas era calmante; lembrei-me de que não tinha dormido muito durante as quatro últimas noites; por falar nisso, não podia lembrar-me de quando eu tinha dormido bem pela última vez. Escorreguei na poltrona e relaxei.

Não notei a mudança do cenário para configurações abstratas. Creio que a música continuou, mas a ela juntou-se uma voz, quente, tranqüilizante, monótona. As configurações recomeçavam e contornavam e já estavam se tornando

aborrecidas ... bem... lá... na... tela...

Mas Novak já tinha-se levantado de sua poltrona e desligado o projetor, xingando. Acordei de um salto com aquela sensação horrivelmente chocante, que quase nos faz gritar. Novak falava com rispidez tranqüila a Stokes. Voltou-se para todos nós:

— De pé! — ordenou. — Passemos à sétima etapa. Respirem fundo. Apertem a mão do próximo. Batam-lhe nas costas, com força!

Foi o que fizemos e senti-me um idiota. Irritei-me. Sentia-me tão bem há um momentinho atrás e agora me lembrava da montanha de serviço que eu tinha de mover, se quisesse passar dez minutos com Maggie naquela noite. Pensei em sair mas o jovem brilhante retomou a palavra:

— Conforme foi demonstrado pelo Dr. Novak — continuou, menos seguro de si — não é necessário usar o prólogo nesta platéia, já que não precisam de reorientação. Mas esse filme, empregado com uma técnica preparatória e, possivelmente, em alguns casos, com uma pequena dose de alguma droga hipnótica, pode servir de apoio para a produção de um temperamento político excelente em oitenta e três por cento da população. Isso foi demonstrado em um satisfatório grupo de teste. O próprio filme representa vários anos de trabalho, analisando relatórios de conversão individual de quase cada um — certo, cada um desta platéia! — que se juntou à organização quando esta ainda vivia na clandestinidade. O irrelevante foi eliminado; o essencial foi teorizado. O que sobrou converterá um devoto seguidor do Profeta em homem livre, considerando que esteja num estado receptivo à sugestão quando a ela for exposto.

Então foi por *isso* que nos pediram que expuséssemos nossas almas. Pareceu-me lógico. Deus sabia que estávamos sentados numa bomba-relógio e não podíamos esperar que cada idiota se apaixonasse por uma diácona sagrada e em consequência saísse de sua estreiteza; não havia tempo. Mas um senhor que eu não conhecia pôs-se de pé no outro lado do salão; parecia-se com os retratos de Mark Twain, um Mark Twain zangado.

— Senhor Presidente!

— Sim, camarada? Seu nome e área, por favor.

— Sabe bem o meu nome, Novak Winters, de Vermont. Concordou com esse esquema?

— Não.

A resposta foi uma declaração simples.

— Ele é um dos seus homens.

— É um cidadão livre. Supervisionei a preparação do filme e a pesquisa que o precedeu. O uso de técnicas de sugestão invalidantes partiu do grupo de pesquisa chefiado por ele. Não aprovei a idéia, mas concordei em apresentá-lo dentro desse prazo. Repito, ele é um cidadão livre, livre para se manifestar, tanto quanto você.

— Posso falar agora?

— Tem todo o direito.

O senhor levantou-se e pareceu inflar:

— Então vou falar. Senhores... Senhoras... Camaradas! Pertenço a esta organização há mais de quarenta anos, mais anos do que aquele rapazola viveu.

Tenho um irmão, tão bom quanto eu, com quem não falo há muitos anos, porque ele é um honesto devoto e suspeita que eu seja um herege. Agora esse garotão inexperiente, com sua testa saliente e suas luzes giratórias, quer "condicionar" meu irmão para torná-lo "politicamente de confiança".

Parou para arfar como um asmático e continuou:

— Homens livres não são "condicionados"! Eles são livres porque são teimosos e cruéis e preferem chegar a seus próprios preconceitos por seus próprios meios; não por serem alimentados por um funileiro de mentes, autodesignado! Não lutamos, nem nossos confrades sangraram e morreram, para trocar de patrão, por melhores que sejam suas razões. Garanto a vocês que, se estamos na confusão em que estamos, é graças aos esforços desses mesmos funileiros de mentes. Estudaram durante anos como selar um homem e cavalgá-lo. Começaram com anúncios e propaganda e coisas do gênero e aperfeiçoaram tudo a ponto de o que era uma trapaça simples e honesta, tal como qualquer vendedor poderia empregar, tornou-se uma ciência matemática que deixou o homem comum desamparado.

Apontou para Stokes:

— Garanto-lhes que os cidadãos americanos não precisam de proteção contra nada, exceto contra pessoas como ele.

— Isso é ridículo — interrompeu Stokes, elevando um pouco a voz. — Não se entregam explosivos perigosos às crianças. É no que resultariam os direitos agora.

— O povo americano não é criança.

— Pode muito bem ser! Na sua maioria. Winters passou os olhos pela platéia:

— Estão entendendo o que quero dizer, amigos? Ele está pronto para bancar Deus, como o Profeta o fez. Proponho que se dê ao povo sua liberdade, seus direitos totais, como homens livres que são filhos de Deus. Se confundirem tudo de novo, o problema é deles; mas não temos o direito de trabalhar suas mentes.

Parou e esforçou-se de novo para recuperar o fôlego. Stokes parecia desdenhoso.

— *Não podemos* tomar o mundo seguro para as crianças, nem para os homens. Deus não nos delegou poderes para isso.

Novak disse suavemente:

— Terminou, Sr. Winters?

— Terminei.

— E *você* também já disse o que tinha a dizer, Stokes. Sente-se.

Tive de sair naquele momento e o fiz discretamente, perdendo o que deve ter sido um desfecho realmente dramático, para quem se interessa pelo assunto; eu, não. O velho Sr. Winters estava caindo de ultrapassado, enquanto eu estava subindo os degraus em direção ao ar livre.

Novak não os deixou descansar. Duas resoluções foram aprovadas: que nenhum cidadão seria submetido a hipnose ou outras técnicas psicomanipuladoras sem seu consentimento escrito e que nenhum teste, religioso ou político, seria aplicado para privilegiar as primeiras eleições.

Não sei quem estava certo. Garanto que a vida ficaria mais fácil, se, nas

próximas poucas semanas, soubéssemos que o povo estava em massa conosco. Podíamos ser governantes temporários, mas quase não ousávamos andar pelas ruas uniformizados durante a noite em grupos de menos de seis.

Ah, esqueci de dizer, nós agora tínhamos uniformes; praticamente um para cada um, dos tecidos mais baratos possíveis e de tamanho padronizado do exército, ou muito grande ou muito pequeno. O meu era muito apertado. Foram estocados no lado canadense da fronteira e uniformizamos nosso pessoal tão rápido quanto possível. Um lenço amarrado no braço não é o bastante.

Além do nosso brim azul-saxônia, havia vários outros tipos de uniformes, brigadas voluntárias de outros países e algum aparelhamento americano. Os batalhões dos Mórmons tinham indumentária própria e estavam também deixando a barba crescer; entravam em ação cantando "Venham, venham, Santos", uma canção há muito esquecida. Utah era um Estado com o qual não precisávamos nos preocupar, agora que os Santos tinham recebido seu amado templo de volta. A Legião Católica tinha seu uniforme característico, o que era muito bom, já que quase nenhum deles falava inglês. Os Soldados Avançados de Cristo vestiam-se de modo diferente do nosso por terem sido um rival na clandestinidade e se ressentiram de nosso *coup d'état*; devíamos esperar por isso. O Exército de Josué, das reservas dos párias no noroeste (mais os voluntários do mundo inteiro), arranhou um vestuário que só pode ser descrito como estrangeirado.

Huxley tinha o comando tático de todos eles. Mas não era um exército; era uma turba.

Nossa única esperança nisso tudo era que o exército do Profeta não tivesse aumentado; eram menos de duzentos mil, mais propriamente uma polícia interna do que um exército, e somente uns poucos além desses conseguiram abrir caminho até Nova Jerusalém para ampliar a guarnição do Palácio. No mais, já que os Estados Unidos não tinham entrado em nenhuma guerra com outros países por mais de um século, o

Profeta não podia recrutar veteranos entre os devotos remanescentes.

Nem nós. A maior parte de nossos efetivos serviam apenas para guardar estações transmissoras e outras instalações-chave no país e era difícil encontrar homens bastantes para fazê-lo. Preparar um assalto a Nova Jerusalém requeria raspar o fundo do tacho.

Foi o que fizemos, enquanto nos asfixiávamos sob uma carga de trabalhos burocráticos que tornavam os dias no velho QG calmos e imperturbáveis. Tinha trinta funcionários sob minhas ordens agora e não sei o que a metade deles fazia. Perdia muito de meu tempo só recebendo Cidadãos Muito Importantes que Queriam Ajudar, preservando Huxley de tais visitas.

Lembro-me de um incidente que, embora sem relevância, não foi exatamente rotineiro, tornando-se importante para mim. Minha secretária executiva entrou, com uma expressão estranha:

— Coronel — disse ela — seu irmão gêmeo está lá fora.

— O quê? Não tenho irmãos.

— Um Sargento Reeves — especificou ela.

Entrou, apertamo-nos as mãos e trocamos amenidades. Estava muito

satisfeito de vê-lo e contei-lhe tudo sobre os pedidos que vendi e depois perdi em nome dele. Desculpei-me, alegando exigências militares, e acrescentei:

— Arranjei novos clientes em Kansas City, Emery, Bird, Thayer. Deve ir lá qualquer dia desses.

— Eu vou. Obrigado.

— Não sabia que era um soldado.

— Na verdade, não sou. Mas venho treinando desde que minha autorização para viajar ah... se perdeu.

— Lamento muito.

— Não se preocupe. Aprendi a usar um dinamitador e agora também sou bom em granada. Já fui considerado apto para a Operação Arremesso.

— O quê? Essa palavra-código devia ser confidencial!

— É mesmo? Acho bom dizer aos rapazes; não creio que se dêem conta disso. De qualquer forma, estou nela. E você? Ou não devia ter perguntado?

Mudei de assunto:

— Está gostando da vida militar? Planeja fazer carreira?

— É, é boa. Mas não *tão* boa assim. Mas o que vim lhe perguntar, Coronel, é sobre *você*.

— O quê?

— Pretende continuar no exército depois? Acho que pode fazer uma boa carreira, com toda a sua experiência, ao passo que eu não vou poder brilhar muito, depois que a brincadeira acabar. Mas, se por qualquer motivo, não estiver metido nisso, o que acha do negócio de tecidos?

Fiquei espantadíssimo mas respondi:

— Bem, para dizer a verdade, gostei, pelo menos, do resultado das vendas.

— Ótimo. Saí do emprego em que estava, é claro, e estou pensando seriamente em trabalhar por conta própria; um negócio que seja um trabalho e uma representação de manufaturados. Vou precisar de um sócio. O que acha?

Refleti:

— Não sei — disse devagar. — Meus planos mais longínquos vão até a Operação Arremesso. Talvez fique no exército, embora não tenha mais o mesmo atrativo que tinha para mim antigamente... cópias demais a serem tiradas e certificadas. Mas não sei. Acho que o que quero mesmo é sentar embaixo de minha parreira e de minha própria figueira.

— ... e ninguém deve assustá-lo — terminou ele. — É uma boa idéia. Mas não há razão para que você não desenrole algumas peças de tecido, enquanto fica sentado lá. A safra do figo pode não ser boa. Pense bem.

— Vou pensar. Vou mesmo.

fora de meu escritório, e aí pilotei o avião de Huxley para a área de início do ataque. Estava na nave-capitânia durante o ataque. Eu tinha pedido permissão para pilotar um jato-foguete de acordo com o meu posto de combate mas recusaram.

— Para que, John? — perguntou-me. — Não vamos ganhar a batalha no ar; será resolvida em terra.

Tinha razão, como sempre. Tínhamos poucas embarcações e menos pilotos ainda em quem pudéssemos confiar. Parte da força aérea do Profeta tinha sido sabotada no chão; um bom número escapou-se para o Canadá ou outro lugar e estava confinada. Com os aviões que tínhamos, havíamos bombardeado o Palácio e o Templo regularmente, só para mantê-los de cabeça baixa.

Mas não podíamos feri-los seriamente assim e ambos os lados sabiam disso. O Palácio, guarnecido como estava sob a terra, era talvez o melhor abrigo jamais construído. Tinha sido projetado para agüentar a impacto direto de bombas de desintegração nuclear, sem prejuízo do pessoal abrigado nos túneis mais profundos, onde o Profeta estava passando seus dias, pode-se ter certeza. Mesmo a parte acima do solo estava relativamente imune às bombas comuns de alta explosão como as que estávamos usando.

Não empregávamos bombas atômicas por três razões: não tínhamos nenhuma; os Estados Unidos eram conhecidos por não terem tido nenhuma desde o Tratado de Johannesburg, depois da Terceira Guerra Mundial. Não podíamos obter nenhuma. Poderíamos ter negociado umas duas para a Federação, se fôssemos considerados o governo legal dos Estados Unidos; mas, enquanto o Canadá nos tinha reconhecido, a Grã-Bretanha não o fizera, nem a Confederação Norte-Africana. O Brasil estava hesitante; enviou um *chargé d'affaires* a São Luís. Mas, mesmo que fôssemos realmente admitidos pela Federação, era bem pouco provável que uma quantidade maciça de armas fosse concedida para uma perturbação interna.

Finalmente, não teríamos usado uma mesmo que a colocassem no nosso colo. Não, não éramos covardes. Mas uma bomba atômica, jogada diretamente no Palácio, mataria certamente perto de cem mil ou mais de nossos compatriotas na cidade vizinha — e é quase certo que não matasse o Profeta.

Seria preciso entrar e desenterrá-lo, quase como a um texugo.

O encontro foi marcado na praia a leste do rio Delaware. Um minuto depois de meia-noite, movemo-nos para leste; trinta e quatro cruzadores terrestres, treze dos quais modernos carroções de batalha, o resto cruzadores leves ou material obsoleto, tudo remanescente da grandiosa frota do Leste do Mississipi, pertencente ao Profeta. O resto tinha sido explodido por seus antigos comandantes. As embarcações pesadas seriam usadas para abrir paredes; as leves eram escoltadas por dez transportes blindados levando tropas de choque, cinco mil guerreiros recolhidos de todo o país. Alguns deles tinham recebido treinamento militar, além do que tínhamos podido oferecer-lhes durante as poucas últimas semanas; todos eles tinham participado de lutas de rua.

Podíamos ouvir o bombardeio em Nova Jerusalém quando começamos, o desagradável *Crrrrump!*, o calafrio da onda de choque, o estouro abafado do som

no solo. O bombardeio era contínuo, durante as últimas trinta e seis horas; esperávamos que ninguém no Palácio tivesse podido dormir ultimamente, ao passo que nossas tropas tinham acabado de levantar-se de um sono profundo.

Nenhum dos carroções de batalha foi designado como nave-capitânia, de modo que improvisamos uma laje de pedra bem na popa da torre blindada, afastando o televisor de longo alcance para dar lugar ao rastreador e à laje de concentração. Suava em cima de meu mastro-improvisado no rastreador, esperando que os Céus ajudassem para que os amortecedores temporários fossem bastante bons, quando abrissemos caminho. Amontoados atrás de mim, vinham um psicoperador e sua equipe de sensitivos, oito mulheres e um neurótico de catorze anos. Numa emergência, cada um teria de arcar com quatro circuitos. Perguntava-me se seriam capazes. Uma garota loura tinha uma tosse seca e crônica e um grande bócio tireóide na garganta.

Movíamos-nos com dificuldade, aproximando-nos em zigue-zague. Huxley andava da comunicação para a laje e vice-versa, bastante calmo, olhando sobre meu ombro, lendo os despachos des preocupadamente, observando o andamento da aproximação do alvo nas telas.

A pilha de despachos junto a meu ombro cresceu. O *Cherub* tinha abalroado sua banda de rodagem a estibordo; saiu de formação mas voltaria a juntar-se a nós em trinta minutos. Penoyer informou que suas colunas se ampliavam e estavam prontas para desdobrar-se. Devido a escassez tremenda de talentos para comandar, estávamos usando uma organização de amplocomando; Penoyer comandava a ala esquerda e seu próprio carroção de batalha; Huxley era comandante das tropas, da ala direita e capitão de sua própria nave-capitânia.

Às 12.32 os televisores saíram do ar. O inimigo tinha analisado nosso padrão de seqüência variável, encontrou-o e explodiu cada tubulação dos circuitos. Teoricamente, isto é impossível; mas conseguimos. Às 12.37, o rádio saiu do ar.

Huxley parecia imperturbável:

— Passem aos circuitos de irradiação fônica. Foi tudo o que disse.

O funcionário de comunicações o havia antecipado; nossos circuitos de áudio funcionavam agora através de raios infravermelhos, de nave a nave. Huxley pendurou-se em meu ombro durante a maior parte da próxima hora, observando as posições das linhas demarcadas aumentarem. No momento, dizia:

— Acho melhor espalharmo-nos agora, John. Alguns desses pilotos não são lá muito seguros; acho melhor dar-lhes tempo para se acomodarem em suas posições, antes que algo mais aconteça.

Passei a ordem adiante e tirei meu rastreador de circuito por quinze minutos; não tinha sido feito para tantas variações, tais como altas velocidades, e não havia motivo para sobrecarregá-lo. Dezenove minutos depois, o último transporte tinha-se comunicado por telefone; fiz um acerto preliminar, liguei a primeira chave e deixei a informação corretiva entrar no ar. Por alguns minutos ocupei-me muito em equilibrar informações, movendo minhas mãos entre botões e chaves; a máquina então satisfez-se com suas próprias previsões e eu relatei:

— Rastreado, General.

Huxley inclinou-se sobre meu ombro. A linha estava um pouco retorcida mas fiquei orgulhoso deles — alguns daqueles pilotos eram motoristas de caminhões a

frete há menos de quatro semanas.

Às três da madrugada, demos o sinal precautório:

— Entrando em alinhamento! — E nossa torre blindada retumbou, quando eles a carregaram.

Às 3.31, Huxley deu a ordem:

— Plano III de Concentração, abrir fogo!

Nosso próprio amigão iniciou a luta. O primeiro tiro soltou no ar um monte de poeira que fez meus olhos lacrimejarem. O aparelho andou para trás em seus rolamentos com o coice do tiro e quase caio do cavalo. Nunca tinha cavalgado um desses canhões-foguete antes e não esperava o enorme coice. Nosso rifle grande tinha cavidades de tiro secundárias até o cano, sincronizado eletronicamente com o andamento da bomba; manteve a pressão máxima o tempo todo e apresentou uma velocidade de saída muito superior e um poder impressionante.

Também deu um coice de sacudir os ossos. Mas, da segunda vez, eu já estava preparado para ele.

Huxley ia para o periscópio entre os tiros, tentando verificar os efeitos de nosso fogo. Nova Jerusalém respondeu-os mas ainda não nos tinha alcançado. Levávamos a vantagem de atirar em um alvo fixo cuja distância conhecíamos a metro; por outro lado, nem mesmo um cruzador-terrestre pesado podia mostrar o volume de blindagens embolado sob o Palácio.

Huxley desviou-se do periscópio e observou:

— Fumaça, John.

Voltei-me para o oficial de comunicações:

— Alerta, sensitivos; usem toda a perícia!

A ordem não foi recebida nunca. Mesmo enquanto eu a passava, o oficial de comunicações perdeu contato. Mas o psicoperador já estava ocupado e eu sabia que algo estava acontecendo em todas as naves; era rotina normal e desastrosa.

Dos nossos nove sensitivos, três — o rapaz e duas moças — estavam bem acordados; os outros seis, hipnotizados. O técnico carregou primeiro o menino para uma das naves de Penoyer. O garoto estabeleceu contato quase imediatamente e Penoyer mandou um relatório:

COBERTO DE FUMAÇA. ENVIEI ALA ESQUERDA PARA PSICOLOGIA. QUAL O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO? PENOYER.

Respondi:

— Caiu a linha.

A doutrina permitia dois tipos de comunicação telepática: revezamento, pelo qual uma mensagem seria passada adiante até chegar a seu destino; e entrelaçamento de comando, pelo qual havia comunicação direta por sinais de bandeira para cada navio sob aquela bandeira, além de nave-a-nave para as unidades adjacentes. No primeiro caso, cada sensitivo levava apenas um circuito, ou seja, está em contato com um telepata somente; no segundo, podem ter de manobrar até quatro circuitos. Queria evitar sobrecarregá-los, enquanto fosse possível.

O técnico ligou os dois outros bem acordados, colocando-os dentro de nossa nave em posição fortificada, na linha de batalha, voltando então sua atenção para

os hipnotizados. Quatro deles requeriam injeções; os outros dois funcionaram, reagindo à sugestão. Pouco depois, estávamos em comunicação com os transportes e com a segunda linha de embarcações, bem como com os bombardeiros e jatos-foguetes, localizando a queda dos tiros. O jato relatou visibilidade zero e reclamou que não obtinha nada inteligível no radar. Disse-lhe que ficasse alerta; a brisa da manhã poderia afastar agora a fumaça.

Não dependíamos dele em nada; sabíamos nossas posições quase a cada palmo. Tomamos uma marca de nível como ponto de partida e nosso cálculo de posição foi verificado o tempo todo, em toda a linha de frente, cada vez que um capitão identificava uma marca no mapeamento. Além disso, os calculistas de um cruzador com pneus são extremamente minuciosos; os pneus marcam literalmente cada jarda do chão ao passar e um pequeno dispositivo diferencial compara as marcas e deixa cuidadosamente os traços da direção tomada. A fumaça não nos perturbava seriamente e podíamos continuar atirando na certa, mesmo se o radar falhasse. Por outro lado, se o comando do Palácio nos conservasse dentro da fumaça, eles é que dependeriam inteiramente do radar.

Aparentemente, o radar deles estava funcionando; bombas caíam bem em torno de nós. Ainda não tínhamos sido atingidos mas podíamos sentir o choque, quando as bombas explodiam perto de nós, e alguns dos relatórios não eram animadores. Penoyer relatou:

— *Mártir* atingido; a bomba rompeu sua casa de máquinas a estibordo. O capitão tentou fazer uma ligação cruzada e continuar a meia-velocidade, mas o trem de engrenagem estava danificado; está definitivamente fora de ação.' O *Arcanjo* superaqueceu seu canhão. Estava em formação mas sem utilidade até que o capitão da torre blindada o tenha endireitado.

Huxley ordenou-lhes que mudassem para a Formação E, um plano que empregava velocidades variadas e aparentemente cursos sem método, no entanto cuidadosamente elaborados para evitar uma colisão entre as naves. Pretendia confundir o controle de fogo do inimigo.

Às 4.11, Huxley mandou que os bombardeiros voltassem às bases. Estávamos agora dentro da cidade e os muros do Palácio estavam bem à frente, perto demais para alvejá-los confortavelmente; não queríamos perder naves, atingidas por nossas próprias bombas.

Às 4.17, fomos surpreendidos. A cobertura do abrigo superior rompeu-se, o barbeta foi danificado de modo que o canhão não mais podia apontar, a torre blindada partiu-se em toda a sua superfície posterior. O piloto morreu nos controles.

Ajudei o psicoperador a colocar as máscaras contra gases na cabeça dos hipnotizados. Huxley deixou sua plataforma, colocou sua máscara e estudou a posição de meu carro de batalha, no exato momento em que a cápsula nos atingiu.

— O *Benison* deve passar por este ponto em três minutos, John. Diga-lhes para continuar bem lentamente, aproximar-se por estibordo e recolher-nos. Diga a Penoyer que estou mudando de bandeira.

Fizemos a troca sem desastres, Huxley, eu, o psicoperador e os sensitivos.

Um dos sensitivos morreu, atingido por um estilhaço solto no ar. Outra entrou em transe profundo e não conseguimos acordá-la. Deixamo-la no carro desativado; estava tão segura lá quanto em qualquer outro lugar.

Arranquei o equipamento elétrico de meu carro e trouxe-o comigo. Tinha nele as previsões de tempo para a Formação E. Tínhamos de nos virar com aqueles, já que o rastreador não podia ser removido e estava, de qualquer modo, sem condições de reparo. Huxley estudava o mapa:

— Ligue para a rede total de comunicação, John. Pretendo atacar dentro em breve.

Ajudei o psicoperador a acertar os circuitos. Abandonando inteiramente o *Mártir* e usando o "passe a mensagem adiante" através dos auxiliares de Penoyer, substituímos a perda dos dois sensitivos. Todos eles agora carregavam quatro circuitos, à exceção do menino, que levava cinco, e da garota com tosse, que manobrava seis. O psicoperador estava preocupado, mas não havia nada a fazer.

Voltei-me para o General Huxley. Estava sentado e inicialmente pensei que estivesse às voltas com profundas reflexões; percebi depois que estava inconsciente. Foi só quando tentei levantá-lo e não consegui, que notei o sangue escorrendo pelo encosto de sua cadeira e molhando quatro mapas. Toquei-o delicadamente e encontrei, entre suas costelas e espinha, um estilhaço de aço.

Senti um toque em meu ombro, era o psicoperador:

— Penoyer relata que dentro de quatro minutos estará pronto para um ataque radioativo. Pede permissão para trocar de formação e pergunta a hora de execução.

Huxley estava fora. Morto ou ferido, não lutaria mais nessa batalha. Por lei, o comando teria de ser devolvido a Penoyer e devia dizer-lhe isso imediatamente. Mas o tempo estava curto, o que envolvia uma mudança drástica de organização, e fomos obrigados a mandar Penoyer à batalha com apenas três sensitivos. Era uma impossibilidade física.

O que eu devia fazer? Passar a bandeira ao capitão do *Benison*? Conhecia o cara, tolo, sem imaginação, um bom atirador. Não estava sequer na torre blindada, mas vinha comandando seu barco da estação de controle de fogo na torre geral. Se o chamasse agora, levaria muitos minutos para entender a situação e, quando o fizesse, daria ordens truncadas.

Com Huxley fora da jogada, não tinha eu um mínimo de autoridade real. Era um coronel criado às pressas, tendo sido major por uns dias e um legado por direito; só era o que era ao lado de Huxley. Devia passar o comando para Penoyer e perder a batalha dentro do protocolo militar adequado? *O que Huxley gostaria que eu fizesse, se ele pudesse decidir?*

Pareceu-me que, durante uma hora, preocupei-me com o problema. Mas o cronógrafo mostrou apenas trinta segundos entre o recebimento do despacho de Penoyer e minha resposta:

— Troca de formação à vontade. Alerta para sinal de execução em seis minutos.

Dada a ordem, mandei recado ao posto de socorro mais próximo para cuidar

do General.

Virei a ala direita para ataque do escalão, chamando a seguir o carro de transporte *Sweet Chariot*:

— Subplano D; deixe a formação e prossiga com a missão designada.

O psicoperador olhou-me mas transmitiu minhas ordens. O Subplano D enviava quinhentos homens da infantaria ligeira para entrar no Palácio pelo porão da loja que estava ligada ao salão da célula. Do salão da célula eles se dividiriam em pelotões e executariam as tarefas designadas. Todas as nossas tropas de choque tinham a planta do Palácio memorizada; esses tinham treinamento adicional, sabendo para onde deviam ir e o que fazer.

A maioria deles morreria, mas deviam estar capacitados para criar confusão durante o ataque. Zeb os havia treinado e agora os comandava.

Estávamos prontos:

— Todas as unidades, alerta para o ataque. Ala direita saia do flanco da fortificação direita; ala esquerda, saia do flanco da fortificação esquerda. Velocidade total de emergência em ziguezague até o ataque a distância. Preparar para concentração total de tiro, uma salva de artilharia e ataque. Alerta para execução. Acusem recebimento.

As respostas vinham, enquanto eu observava meu cronômetro, preparando para dar a ordem de execução, quando o rapaz sensível irrompeu no meio de um relatório e sacudiu-se. O técnico agarrou-o pelo pulso e sentiu-o, o rapaz afastou-o.

— Alguma notícia — disse ele. — Não estou entendendo bem.

Começou então em voz lenta:

— Para o comando geral de Mestre Peter van Eyck fortificação central de assalto com toda a força. Vou criar uma diversificação.

— Por que no centro? — perguntei.

— É o mais danificado.

Se isso fosse verdade, era de uma importância crucial. Mas suspeitei. Se a transmissão partiu de Mestre Peter, era uma armadilha. Não podia entender como ele, de sua posição, seria capaz de instalar um circuito sensível no meio da batalha.

— Diga-me a senha — disse eu.

— Não, não. Você diga para mim.

— Vou soletrá-la, pela metade.

— Soletre, então.

Foi o que fizemos. Fiquei satisfeito.

— Cancelem o último sinal. Cruzadores pesados ataquem a fortificação central, ala esquerda para o flanco esquerdo, ala direita para o flanco direito. Números variados de auxiliares, façam ataques diversificados nas fortificações esquerdas e direitas. Contingentes de igual número, continuem nos transportes. Acusem recebimento.

Dezenove segundos depois, dei ordem de execução e lá se foram. Foi como dirigir um avião-foguete numa câmara de tiro suja e superaquecida. Esmagamos muros de alvenaria, amassamos repetidamente por turnos, quase capotamos quando atingimos o porão de um enorme edifício demolido e movemo-nos com

dificuldade outra vez. Agora, não estava mais em minhas mãos, mas sim nas de cada capitão.

Ao passarmos à posição de combate, vi o psicoperador observando as pupilas do rapaz.

— Acho que ele se acabou — disse num sussurro. — Tive de sobrecarregá-lo demais na última formação de cadeia de rádios.

Duas das mulheres já tinham deixado de funcionar.

Nosso canhão grande adiantou-se para a salva final; esperamos durante um período interminável: ao todo dez segundos. Começamos a nos movimentar, aumentando a velocidade ao avançar. O *Benison* atingiu o Palácio com um estrondo, que pensei que iria rachá-lo, mas a nave não agüentou. Seu piloto, porém, já estava com a alavanca hidráulica pronta, assim que atingimos; sua curvatura recuou lentamente. Chegamos a um ângulo tão íngreme que a nave parecia ter virado tartaruga, mas os rastreadores tomaram conta da situação, avançamos e deslizamos pela brecha do muro.

Nosso canhão espocou outra vez, em alvo horizontal, direto para a parte interna do Palácio. Um pensamento passou rápido por minha cabeça — aquele era o lugar exato em que vi Judith pela primeira vez. Eu tinha dado uma volta completa.

O *Benison* esbravejava, destruindo com seu imenso peso. Esperei até que o último cruzador tivesse entrado, dando então a ordem:

— Transportes, atacar.

Feito isso, chamei Penoyer, informei-o de que Huxley estava ferido e de que o comando era agora dele.

Eu tinha terminado completamente a minha parte. Não tinha uma função, uma posição de ataque. A batalha rondava-me, mas eu não fazia parte dela; eu, que há poucos minutos atrás tinha usurpado o comando por inteiro.

Parei para acender um cigarro e me perguntei o que faria de mim. Joguei-o fora, depois de uma baforada que me satisfez até a alma, e escalei a torre de controle blindada, reaparecendo do outro lado da fenda. Uma brisa tinha começado e a fumaça estava clareando; o transporte *Escada de Jacob* podia ser visto por mim, saindo da brecha. Seus lados se abriram e pelotões de infantaria espalharam-se, dinamitadores em punho. Um fogo esporádico os combatia; alguns tombavam mas a maioria voltava e atacava a parte interna do Palácio. O *Escada de Jacob* desimpediu a fenda e o *Arca* entrou em posição.

O comandante das tropas do *Arca* tinha ordens de pegar o Profeta vivo. Desci correndo as escadas da torre blindada, disparei pela passagem entre as salas de máquinas, localizei a escotilha de emergência ao nível do chão, passando para a Popa do *Benison*. De alguma forma, consegui chegar lá sem usar ganchos, deslizei pela escotilha superior e entrei de cabeça Para baixo. Podia ver os homens correndo, do lado de fora, entre os trilhos. Peguei meu dinamitador, joguei-o no chão e tentei alcançá-los, correndo pelos trilhos da popa.

Eram homens do *Arca*, com toda a certeza. Liguei-me a um dos pelotões e corri junto com eles. Aglomeramo-nos na parte interna do Palácio.

Mas a batalha tinha terminado; não encontramos nenhuma resistência

organizada. Fomos descendo e descendo até encontrarmos a sala do Profeta, à prova de balas. A porta estava aberta e ele se encontrava lá.

Mas não o prendemos. As Virgens já o tinham feito antes de nós; não tinha mais seu ar imperioso. Tinham-lhe deixado muito pouco, o suficiente para identificá-lo em um interrogatório.

## COVENTRY

— Tem algo a declarar antes de ser pronunciada a sentença?

Os olhos suaves do juiz estudavam o rosto do acusado. Sua pergunta foi respondida por um silêncio rancoroso.

— Muito bem. O júri decidiu que o senhor violou um hábito básico de acordo com o Convênio e que através de tal ato prejudicou outro cidadão livre. É opinião do júri e da corte que o fez deliberadamente, cômico do fato de prejudicar um cidadão livre. Assim, o senhor está condenado a escolher entre as Duas Alternativas.

Um bom observador podia detectar um traço de desânimo passando pela máscara de indiferença com a qual o jovem enfrentava o julgamento. Desânimo não era um sentimento razoável; mas homens razoáveis não são sentenciados.

Depois de esperar um lapso respeitável de tempo, o juiz voltou-se para o guarda, ordenando:

— Leve-o.

O prisioneiro levantou-se subitamente, derrubando sua cadeira. Fitou selvagememente o grupo ali reunido e desandou a falar:

— Esperem! — berrou. — Tenho algo a dizer, antes! Apesar de suas maneiras grosseiras, havia nele a nobre dignidade de um animal ferido e acuado. Encarou os que estavam em torno dele, respirando pesadamente, como se fossem cães esperando para derrubá-lo.

— Bem? — perguntou. — Bem? Tenho permissão para falar ou não? Seria a melhor piada de toda esta comédia, se um condenado não pudesse dizer o que pensa, no último momento!

— Tem permissão para falar — disse-lhe o juiz, no mesmo tom despreocupado com que pronunciou a sentença — David MacKinnon, durante o tempo que quiser, e da maneira que quiser. Não há limite para esta liberdade, mesmo para os que quebraram os princípios do Convênio. Por favor, fale junto ao gravador.

MacKinnon olhou com desprezo para o microfone junto a seu rosto. A certeza de que cada palavra que dissesse seria gravada e analisada o inibia.

— Não respondo a gravadores — falou rispidamente.

— Mas precisamos dele — replicou o juiz pacientemente — a fim de que os outros possam decidir se agimos corretamente com o senhor ou não, e de acordo com o Convênio. Faça-nos essa gentileza, por favor.

— Ah... está bem! — concordou de mau grado e dirigiu sua voz em direção ao instrumento. — Não faz o menor sentido eu falar, mas, assim mesmo, vou falar e vocês vão-me ouvir... O senhor fala de seu precioso "Convênio" como se fosse algo sagrado. Não concordo e não aceito isto. Age como se tivesse sido enviado dos Céus num raio de luz. Meus avós lutaram na Segunda Revolução, mas lutaram para abolir superstições ... não para que tolos, como carneirinhos, estabelecessem novas. Havia homens naquele tempo! — olhou com desprezo em torno de si. — O que sobrou hoje? Fracos, cautelosos, compromissados, "seguros", com água nas veias. O senhor planejou o seu mundo sagrado tão

cuidadosamente, que colocou a graça e o prazer fora dele. Ninguém tem fome nunca, ninguém jamais se fere. Seus carneiros não estouram e suas colheitas não falham. Consegui até domesticar o tempo, de modo que chova educadamente, depois da meia-noite. Por que esperar até meia-noite, não sei, .. se todos vocês vão para a cama às nove!

É continuou seu relato:

— Se um de vocês, pessoas seguras, *tivessem* que sofrer uma emoção desagradável, maldito pensamento, correriam direto para a clínica psicodinâmica mais próxima e teriam suas mentes maleáveis reajustadas. Graças a Deus, não cai nunca nesse hábito de me dopar. Fico com os meus próprios sentimentos, obrigado, não importa o sabor amargo que tenham. Não conseguem nem ter relações sexuais sem primeiro consultar um psicotécnico: a mente dela é tão tola e insípida quanto a minha? Há alguma instabilidade emocional na sua família? É o suficiente para tornar qualquer homem um amordaçado. Quanto a lutar por uma mulher, se alguém tivesse peito para tanto, encontraria um funcionário em seu ombro dois minutos depois, procurando o melhor local para paralisá-lo e inquiri-lo com humildade enojante: "Posso prestar-lhe um serviço, meu senhor?"

O guarda aproximou-se ainda mais de MacKinnon, que se voltou para ele:

— Afaste-se. Ainda não terminei. — Voltou-se e acrescentou: — Disseram-me que escolhesse entre as Duas Alternativas. Bem, não é uma escolha difícil para mim. Antes de submeter-me a um tratamento, antes de entrar em uma das casas seguras e agradáveis de reorientação e deixar minha mente ser modelada por um bando de médicos de toque macio, antes de fazer qualquer coisa do gênero, prefiro escolher uma morte bonita e limpa. Ah, não. Só há uma escolha para mim, e não duas. Escolho ir para Coventry e fico feliz por isso, também... Espero nunca mais ouvir falar nos Estados Unidos! Mas há mais uma coisa que gostaria de perguntar antes de me ir: por que se preocupam com viver, de qualquer modo? Acho que qualquer um de vocês receberia bem o fim da vida tola e fútil que levam, de puro tédio, É só.

Voltou-se para o guarda:

— Você aí, vamos embora.

— Um momento, David MacKinnon — o juiz levantou uma mão restringente. — Já o ouvimos. Embora não seja de hábito, estou disposto a responder algumas de suas afirmações. Gostaria de ouvir-me?

Contra a sua vontade, mas ainda com menos vontade de parecer grosseiro diante de um pedido tão razoavelmente óbvio, o jovem concordou.

O juiz começou a falar com vocabulário universitário, apropriado para uma sala de conferências:

— David MacKinnon, falou de um modo que, sem dúvida, deve-lhe parecer sábio. Entretanto, suas palavras foram selvagens e ditas apressadamente. Sintome motivado a corrigir suas afirmações falsas sobre os fatos. O Convênio não é uma superstição, mas um simples contrato temporal feito pelos próprios revolucionários por razões pragmáticas. Querem garantir a maior liberdade possível para cada pessoa. O senhor mesmo já gozou dessa liberdade. Nenhum ato possível, nem nenhum modo de conduta, lhe foi proibido, enquanto suas ações

não prejudicaram a terceiros. Nem mesmo um ato especificamente proibido por lei poderia lhe ser imputado, a menos que o Estado fosse capaz de provar que aquele ato específico prejudicou ou provocou perigo evidente para um indivíduo em particular. Mesmo que alguém voluntária e decididamente prejudicasse outrem, como o senhor fez, o Estado não tenta fazer um julgamento moral, nem o pune. Não temos a sabedoria para fazê-lo e a cadeia de injustiças que sempre se seguiram a tais posições moralistas de coerção coloca em risco a liberdade de todos. Ao contrário, ao convicto é dada a escolha de se submeter a um reajuste psicológico para corrigir sua tendência a desejar o mal dos outros, ou permitir ao Estado que se livre dele, mandando-o para Coventry.

Depois de uma breve pausa, continuou seu discurso:

— Queixa-se de que nosso modo de viver é aborrecido e pouco romântico e insinua que o privamos da agitação a que sente ter direito. É livre para sustentar e expressar sua opinião estética sobre o nosso modo de viver, mas não deve esperar que vivamos para satisfazer seu gosto. Está livre para procurar perigo e aventura, se quiser; há ainda mais perigo nos laboratórios experimentais; há dificuldades nas montanhas da lua e morte nas florestas de Vênus. Mas o senhor não tem liberdade para nos expor à violência de sua natureza.

— Para que exagerar tanto? — MacKinnon protestou vivamente. — Fala como se eu tivesse cometido um assassinato. Simplesmente esmurrei o nariz de um homem que me ofendeu de modo ultrajante!

— Concordo com seu julgamento estético sobre aquele indivíduo — continuou calmamente o juiz — e pessoalmente sinto-me quase gratificado de que o tenha esmurrado. Mas seus testes psicométricos mostram que o senhor se crê capaz de julgar moralmente seus compatriotas e se sente pessoalmente justificado por corrigir e punir os erros deles. É um indivíduo perigoso, David MacKinnon, um perigo para todos nós, pois não podemos predizer que dano poderá cometer a seguir. De um ponto de vista social, sua ilusão o torna tão louco quanto March Hare. Como recusa o tratamento, retiramos-lhe nossa sociedade, afastamo-lo, divorciamo-nos do senhor. Para Coventry. — Voltou-se para o guarda: — Leve-o.

MacKinnon observava atentamente o porto do grande helicóptero de transporte, com uma agitação reprimida em seu peito. Lá! Devia ser ali, aquela faixa negra à distância. O helicóptero aproximou-se e certificou-se de que estavam vendo a Barreira, a parede misteriosa e impenetrável que separava os Estados Unidos da reserva conhecida como Coventry.

O guarda que o acompanhava olhou por cima da revista que estava lendo e seguiu seu olhar.

— Quase chegando, já sei — disse agradavelmente. — Bem, agora não vai demorar muito.

— Pra mim, não me parece nada tão próximo! O guarda olhou-o, zombeteiro, mas tolerante:

— Bastante ansioso para terminar com isso, hein? MacKinnon levantou bem a cabeça:

— Nunca trouxe um homem ao Portão que estivesse mais ansioso por passar por ele!

— Hummmm... talvez. Todos dizem isso, sabe? Mas ninguém passa por ele de livre e espontânea vontade.

— Estou falando a verdade!

— Todos falam. Alguns voltam, de qualquer modo.

— Diga-me: talvez me possa dar algumas "dicas" sobre as condições de vida "lá"?

— Desculpe — disse o guarda, abanando a cabeça. — Isso não é problema dos Estados Unidos, nem de seus empregados. Vai saber muito breve.

MacKinnon franziu um pouco a testa:

— Parece estranho. Tentei perguntar, mas não encontrei ninguém que quisesse admitir ter qualquer noção da vida lá dentro. E no entanto você me diz que alguns saem. Claro que alguns deles devem contar...

— Simples — sorriu o guarda. — Parte da reorientação deles é uma compulsão subconsciente, a fim de não discutir suas experiências.

— Isso é um negócio bem sórdido. Por que o governo deliberadamente conspira para evitar que eu, e pessoas como eu, saibam contra o que estão indo?

— Ouça, cara — respondeu o guarda, com leve exasperação — você nos disse para ir para o inferno. Disse-nos que podia viver sem nós. Estamos lhe dando uma sala de estar

imensa numa das melhores terras do continente, permitindo-lhe que traga tudo que lhe pertence ou que seu crédito possa comprar. Que diabo mais está querendo?

MacKinnon enrijeceu obstinadamente o rosto:

— Que garantias tenho de que há qualquer terra para mim?

— Isso é problema seu. O governo cuida de que haja bastante terra para a população. A divisão dela é algo que vocês, individualistas empedernidos, têm de resolver entre si. Você abandonou nosso tipo de cooperação social; por que esperaria garantias de nossa organização?

O guarda voltou à sua leitura, ignorando-o.

Aterrissaram em um pequeno campo que ficava junto a um muro. Não se via nenhum portão mas uma casa de guarda situava-se ao lado do campo. MacKinnon era o único passageiro. Enquanto sua escolta passava pela casa de guarda, ele desceu do compartimento de passageiros e foi para a saída da carga. Dois membros da tripulação estavam baixando a rampa para desembarcar a carga. Quando ele apareceu, um deles o olhou, dizendo:

— Bom, aqui estão suas coisas. Sirva-se. Calculou o volume de trabalho e respondeu:

— É muita coisa, não é? Vou precisar de ajuda. Pode me dar uma mãozinha?

O membro da tripulação fez uma pausa para acender um cigarro, antes de responder:

— São coisas suas. Se quer ficar com elas, tire-as. Vamos decolar em dez minutos.

Os dois passaram por ele, entrando outra vez na nave.

— Ora, vocês...

MacKinnon calou-se e guardou o resto de seu ódio para si mesmo. Grosseiros! Perdeu o último vestígio de arrependimento por ter deixado a

civilização. Mostraria que podia passar sem eles!

Mas mais de vinte minutos se passaram antes que ele ficasse de pé, junto à pilha de seus pertences, observando a subida do avião. Por sorte o capitão não tinha sido inflexível quanto ao limite de tempo. Voltou-se e começou a carregar sua tartaruga de aço. Sob a influência romântica da literatura clássica de dias idos, havia pensado em usar uma parrelha de burros, mas não conseguiu encontrar um jardim zoológico que os quisesse vender. Mas, tudo bem. Era um ignorante total

quanto às limitações, fraquezas, hábitos, vícios, doenças e cuidados dessas bestas úteis; e ignorante de sua própria ignorância. Senhor e servo teriam-se rivalizado em tornar-se mutuamente infelizes.

O veículo escolhido por ele não era um substituto absurdo dos burros. Era bem vigoroso, fácil de dirigir e quase à prova de tolos. Retirava sua força de seis jardas quadradas de telas de energia solar, situadas em seu teto baixo e curvo. Elas mantinham o motor sempre carregado ou, quando parado, reabastecia a bateria contra tempo nublado ou viagem noturna. Os suportes eram "perpétuos" e qualquer parte móvel, sem contar com o trem de aterrissagem e os controles, estavam lacrados, garantidos contra mecânicos improvisados.

Podia conservar uma velocidade de seis milhas por hora em linha reta. Quando em confronto com colinas ou terrenos esburacados, não parava, diminuindo simplesmente a velocidade até que a tarefa exigisse um nivelamento de sua produção energética constante.

A tartaruga de aço deu a MacKinnon uma sensação de independência tipo Crusoé. Não lhe tinha ocorrido que seu servo era o produto final do esforço cumulativo e da cooperação inteligente de centenas de milhares de homens, vivos ou mortos. Tinha-se acostumado durante sua vida inteira ao serviço infalível de maquinarias bem mais complicadas e via honestamente a tartaruga como parte de um equipamento de nível tão primitivo quanto o machado do lenhador ou quanto uma faca de caça. Seus talentos tinham-se dedicado no passado mais à crítica literária do que à engenharia, o que não impedia que ele acreditasse que sua inteligência inata e a ajuda de alguns livros de referência seriam tudo o que realmente precisava para fazer uma duplicata da tartaruga, se necessário.

Metal e minério seriam necessários, ele sabia, mas não viu obstáculo nisso, já que seus conhecimentos das dificuldades de exploração, mineração e metalurgia eram tão esquemáticos quanto seus conhecimentos de burros.

Seus bens ocupavam todo o compartimento do compacto e pequeno transportador. Conferiu o último item de sua relação e correu um olhar satisfeito pela lista. Pensou que qualquer explorador ou aventureiro do passado se sentiria igualmente satisfeito com tal equipagem. Podia imaginar-se mostrando a Jack London sua barraca desmontável. "Veja, Jack", ele diria, é à prova de qualquer tipo de tempo, com paredes e teto cli—

matizados, e não enferruja. É tão leve que pode ser montada em cinco minutos por você mesmo; e, no entanto, é tão forte que se pode dormir nela profundamente, com o maior urso pardo do mundo rosnando bem do lado de fora da porta."

E London cocaria a cabeça e diria: "Dave, você é maravilhoso. Se eu tivesse uma dessas em Yukon, teria sido sopa!"

Conferiu a lista de novo. Tinha comida concentrada e desidratada, além de vitaminas para os próximos seis meses. Isso lhe daria tempo bastante para construir estufas para hidróticos e começar a sementeira. Equipamento médico — não esperava usá-lo, mas é sempre melhor prevenir. Todos os tipos de livros de referência. Um rifle de esporte, leve, safra último século. Seu rosto anuviou-se um pouco com isso. O Ministério da Guerra recusou-se terminantemente a vender-lhe um dinamita-dor portátil. Quando alegou o direito de herança social comum, concordaram em fornecer os planos e especificações para que ele fizesse o seu. Muito bem, faria, no primeiro tempo de folga que tivesse.

Tudo o mais estava em ordem. MacKinnon entrou na cabina do piloto, seguiu firme os dois controles manuais e voltou o nariz da tartaruga para a casa de guarda. Tinham-no ignorado desde que a nave aterrissou; queria que abrissem o portão para partir.

Vários soldados estavam reunidos em torno da casa de guarda. Pegou um legado pela tira prateada lateral de seu *kilt* e disse-lhe:

— Estou pronto para partir. Podia abrir o portão, por favor?

— Está bem — respondeu o oficial. E voltou-se para um soldado, trajando um *kilt* liso e cinza, de um uniforme de campo particular:

— Jenkins, diga à central elétrica para ampliar. Até a abertura número três — acrescentou, medindo as dimensões da tartaruga.

Olhou para MacKinnon:

— É meu dever dizer-lhe que pode voltar à civilização, até agora, se quiser, à condição de que concorde com sua hospitalização por neurose.

— Não tenho nenhuma neurose!

— Muito bem. Se mudar de idéia no futuro, volte ao local por onde entrou. Há um alarma ali com o qual pode fazer sinal ao guarda de que deseja que abram o portão.

— Não acho que precise saber disso. O legado deu de ombros:

— Talvez não. Mas mandamos refugiados para a quarentena o tempo todo. Se eu fizesse as leis, seria ainda mais difícil sair de novo.

Foi interrompido pelo soar de um alarma. Os soldados que estavam junto a eles foram-se elegantemente, tirando seus dinamitadores do cinto, enquanto corriam. A tromba feia de um dinamitador fixo apareceu sob o topo da casa de guarda e apontou para a Barreira.

O legado respondeu à pergunta estampada no rosto de MacKinnon:

— A central elétrica está pronta para abrir o portão. Acenou elegantemente na direção do prédio e depois voltou-se:

— Dirija reto pela abertura central. É preciso muita energia para levantar o estase; se tocar na borda, vamos ter de recolher os pedaços.

Um pontinho luminoso apareceu na base da barreira do lado oposto ao que estavam. Espalhou um semicírculo através da superescuridão. Estava agora o bastante amplo para MacKinnon ver o campo diante dele, através do arco que tinha formado. Observou-o avidamente.

A abertura abriu-se até ficar com vinte pés de largura, parando então. Emoldurava um cenário de colinas agrestes e estêreis. Decepcionou-se e virou-se zangadamente para o legado:

— Fui enganado! — exclamou. — Essa terra não serve para sustentar um homem.

— Não se precipite! Há boas terras do outro lado. Além disso, não é obrigado a entrar. Se vai passar, passe!

MacKinnon enrubescceu e puxou os dois controles manuais. O trem de aterrissagem entrou e a tartaruga moveu-se com dificuldade, direto pelo Portão de Coventry.

Quando já tinha passado várias jardas depois do portão, olhou para trás. A Barreira assomava obscura atrás dele, sem nada para mostrar onde estava a abertura. Havia uma pequena cobertura de chapa laminada junto ao ponto em que tinha passado. Imaginou que lá estivesse o alarma que "o legado havia mencionado, mas não estava interessado e tornou a olhar para a frente.

Estirando-se diante dele, contorcendo-se entre colinas rochosas, havia uma estrada acidentada. Sem pavimentação e com uma superfície que há muito não era aplainada, mas com uma inclinação equilibrada colina abaixo, o que permitia à tartaruga poder manter uma velocidade respeitável. Continuou a descê-la, não porque lhe agradasse, mas por ser a única estrada que o tirava daquela vizinhança tão obviamente inadequada para suas necessidades.

A estrada estava vazia. Isso o agradava; não tinha vontade de encontrar outros seres humanos até que tivesse achado uma terra onde desejasse se fixar e onde fizesse valer seus direitos. Mas as colinas não eram desprovidas de vida; várias vezes surpreendeu vultos escuros apressando-se entre as rochas e eventualmente olhos brilhantes como pérolas respondiam seu olhar.

Não lhe ocorreu, a princípio, que esses animaizinhos tímidos, que disparavam atrás de um abrigo à sua chegada, pudessem reabastecer sua despensa; simplesmente divertia-se e sentia-se bem com a presença deles. Quando lhe ocorreu pensar que eles podiam mesmo ser usados como comida, o pensamento foi, inicialmente, repugnante para ele; o hábito de matar por "esporte" já tinha sido abolido muito antes de seu tempo e, considerando-se o desenvolvimento de proteínas sintéticas, bem baratas, durante a última metade do século precedente, o que tinha arruinado economicamente o negócio de abate de animais, duvidava se alguma vez tinha provado carne animal em toda sua vida.

Mas uma vez pensado, era lógico que partisse para a oração. Esperava viver fora do país; embora tivesse bastante comida para um futuro imediato em suas mãos, seria inteligente conservá-la usando o que o campo oferecia. Reprimiu seu nojo estético e seus receios éticos e decidiu matar um dos animaizinhos na primeira oportunidade.

Assim, descobriu onde estava o rifle, carregou-o e deixou-o à mão. Com a perversidade costumeira do mundo-como-ele-é, nenhum animal apareceu durante a próxima meia hora. Estava passando por uma pequena lombada rochosa proeminente, quando viu sua presa. Espreitou-o por detrás de uma pequena pedra, seus olhos sóbrios cautelosos e imperturbáveis. Parou a tartaruga e mirou cuidadosamente, apoiando e fixando o rifle no lado da cabina. Sua caça

facilitou-lhe as coisas, saltando de modo a ser totalmente vista.

Puxou o gatilho, involuntariamente, retesando os músculos e apertando os olhos ao fazê-lo. Naturalmente, o tiro saiu alto e para a direita.

Mas estava ocupado demais para se dar conta disso. Parecia-lhe que o mundo inteiro havia explodido. Seu ombro direito estava dormente, sua boca doía intensamente como se tivesse levado um chute, seus ouvidos zumbiam de modo estranho e desagradável. Surpreendeu-se de ver a arma intata em suas mãos e aparentemente nenhum incidente havia ocorrido.

Baixou a arma, saiu do carro, escalando-o, e correu para onde estava a criaturinha. Não havia nenhum sinal dela em parte alguma. Procurou-a na vizinhança próxima, sem encontrá-la. Intrigado, voltou à sua condução, tendo concluído que o rifle tinha algum tipo de defeito e que iria examiná-lo cuidadosamente antes de uma nova tentativa.

Seu alvo recente observava seus atos cautelosamente, a uma distância vantajosa de várias jardas, para onde fugiu em pânico ao som do tiro. Estava igualmente intrigado com os acontecimentos estarrecedores, não estando mais acostumado com armas de fogo do que MacKinnon.

Antes de dar a partida na tartaruga de novo, MacKinnon teve de examinar seu lábio superior, que estava inchado, dolorido e sangrando com um talho profundo. Isso aumentou sua convicção de que a espingarda tinha um defeito. Em nenhuma literatura romântica dos séculos dezenove ou vinte, a que estava acostumado, havia algum aviso de que, quando atirasse com uma arma de fogo o bastante pesada para derrubar um homem de costas, seria bom não manter a mão direita em posição que permitisse atingir a boca com o polegar e com a unha do polegar, na hora do coice.

Colocou um antisséptico e uma bandagem e continuou seu caminho, de algum modo vencido. O arroio seco pelo qual tinha atravessado as colinas alargou-se e as colinas eram mais verdes. Passou por uma curva fechada da estrada e viu-se diante de um amplo vale fértil, espalhado em sua frente. Espalhava-se até se perder no mormaço daquele dia quente.

A maior parte do vale estava cultivada e podia deduzir que seres humanos habitavam ali. Continuou avançando com sentimentos contraditórios. A existência de pessoas ali significava menos privações, mas não parecia que reclamar seus direitos fosse tão simples quanto esperava. De qualquer modo, Coventry era um lugar grande.

Chegou no ponto onde a estrada cedia lugar ao chão do vale, quando dois homens saltaram para a trilha. Carregavam armas, de certo modo prontas para serem usadas. Um deles gritou-lhe:

— Pare!

MacKinnon o fez e disse-lhe, quando chegaram à sua frente:

— O que quer?

— Inspeção de alfândega. Salte e fique junto ao escritório. Indicou uma construção pequena, situada a alguns pés da estrada, que MacKinnon não tinha notado anteriormente. Olhou para o homem que lhe tinha falado e sentiu um calor lento e irracional espalhar-se por suas vísceras, o que tornou seu não muito estável raciocínio ainda mais insano.

— De que diabo estão falando? Saiam do caminho e me deixem passar.

O que tinha ficado calado levantou sua arma e apontou-a para o peito de MacKinnon. O outro agarrou-o pelo braço e afastou a arma do alvo:

— Não atire nesse imbecil, Joe — disse, impaciente. — Você está sempre muito aflito.

E para MacKinnon:

— Está opondo resistência à lei. Ande, desça depressa!

— A lei?

MacKinnon soltou uma risada amarga e pegou seu rifle, que estava na assento. Não chegou a alcançar seu ombro. O homem que tinha falado o tempo todo atirou ao acaso, aparentemente sem tê-lo por alvo. O rifle de MacKinnon foi arrancado de sua mão e voou pelos ares, caindo na vala lateral da estrada, atrás da tartaruga.

O que tinha ficado calado acompanhou o vôo da espingarda desinteressadamente e observou:

— Bonito tiro, Blackie. Nem tocou no cara.

— Ah, foi só sorte — objetou o outro, mas sorrindo de prazer pelo elogio. — Ainda bem que não o acertei, de qualquer forma; evita escrever um relatório.

Reassumiu sua postura de oficial, falando outra vez a MacKinnon, que continuava sentado, aturdido, esfregando suas mãos ágeis:

— Então, menino brigão? Vai se comportar ou temos de ir tirá-lo do carro?

MacKinnon desistiu. Dirigiu a tartaruga para o local designado e esperou sombriamente pelas ordens.

— Desça e comece a descarregar a bagagem — disseram-lhe.

Obedeceu, sob coerção. Enquanto empilhava seus preciosos pertences no chão, aquele a que chamaram de Blackie separava-os em duas pilhas, enquanto Joe os catalogava em letras de forma. Observou então que Joe catalogava só os itens que estavam na primeira pilha. Entendeu por quê quando Blackie lhe disse para recarregar a tartaruga com os itens daquela pilha e começou a levar os da outra para o prédio. Começou a protestar e Joe deu-lhe um soco na boca, friamente e sem rancor. MacKinnon caiu, mas levantou-se de novo, lutando. Estava com um ódio tão cego, que teria atacado um rinoceronte de carga. Joe mediu seu arremesso e golpeou-o outra vez. Dessa vez não pôde levantar-se imediatamente.

Blackie dirigiu-se a um lavatório ao canto do escritório. Voltou com uma toalha molhada e jogou-a para MacKinnon.

— Limpe o rosto com isso, cara, e volte para a charanga. Temos de ir andando.

MacKinnon não teve tempo para pensar muito, ao levar Blackie para a cidade. Além de uma resposta sucinta de "Corte de Prisioneiros" à pergunta de MacKinnon quanto ao seu destino, Blackie não conversou, nem o outro o pressionou, por mais ansioso que estivesse para obter informações. Sua boca doía por ter recebido pancadas repetidas, sua cabeça o incomodava e não se sentia mais tentado a provocar a ação por uma fala « refletida.

Era óbvio que Coventry não era exatamente a fronteira anárquica que ele esperava. Havia um tipo de governo, ao que tudo indicava, mas não se parecia

com nada a que estivesse acostumado. Tinha imaginado uma terra de espíritos nobres e independentes, os quais davam-se mutuamente abrigo e exerciam o respeito mútuo. Haveria os malfeitores, é claro, mas seriam tratados com justiça sumária e talvez letal, tão rápido quanto demonstrassem sua natureza negativa. Tinham uma forte certeza, embora subconsciente, de que a virtude sempre vence.

Mas tendo encontrado um governo, esperava que seguisse o modelo geral a que se tinha acostumado a vida toda: eficiência honesta, consciente, racional e invariavelmente cuidadosa quanto aos direitos e liberdades dos cidadãos. Sabia que o governo não tinha sido sempre assim, mas nunca tinha passado por essa experiência; a idéia era tão remota e improvável quanto o canibalismo ou a escravidão.

Se tivesse parado de pensar sobre o assunto, poderia ter-se dado conta de que os funcionários públicos de Coventry nunca seriam psicologicamente examinados a fim de determinar sua adequação temperamental a suas funções e, uma vez que cada habitante de Coventry estava lá, como ele, por ter violado um hábito básico e ter recusado o tratamento por isso, era uma conclusão óbvia o fato de que a maioria deles cometeria erros e arbitrariedades.

Agarrou-se à esperança do conhecimento que tinha de que estava sendo levado a uma corte. Tudo o que pedia era uma chance de contar sua estória ao juiz.

Sua dependência do processo jurídico pode parecer inconsistente, tendo em vista o pouco tempo atrás em que renunciou toda confiança em governos organizados; mas, se podia renunciar verbalmente ao governo, não podia liberar-se de um condicionamento circundante que durou toda uma vida. Podia xingar a corte que o tinha humilhado, condenando-o às Duas Alternativas, mas esperava que houvesse cortes que fizessem justiça. Podia garantir sua difícil independência, mas esperava que as pessoas que encontrasse se comportassem como se ligadas pelo Convênio; não tinha encontrado outro tipo. Não podia desfazer-se de sua história passada, assim como não poderia separar-se de seu próprio corpo.

Mas ele ainda não sabia disso.

MacKinnon mal conseguiu levantar-se, quando o juiz entrou na corte. Os funcionários da corte rapidamente o aprumaram, mas não antes dele ter provocado um olhar penetrante da parte do banco de jurados. As aparências e os modos do juiz não eram tranquilizadores. Era um homem bem nutrido, de rosto avermelhado, cujo temperamento sádico era evidente tanto no rosto como na conduta. Esperaram, enquanto ele lidou drasticamente com vários acusados. Pareceu a MacKinnon, enquanto ouvia, que quase tudo era contra a lei.

Entretanto, sentiu um alívio quando seu nome foi chamado. Levantou-se e começou imediatamente a contar sua estória. O martelo do juiz o interrompeu de chofre.

— Qual é o caso? — perguntou, seu rosto tornando-se severo. — Bêbado e desordeiro, ao que parece. Vou pôr um fim a essa negligência entre os jovens, ainda que leve a última grama de força de meu corpo! — Voltou-se para o funcionário. — O réu é primário?

O funcionário sussurrou-lhe algo. O juiz olhou MacKinnon com um misto de aborrecimento e suspeita, dizendo então aos guardas aduaneiros que se aproximassem. Blackie fez um relato claro e direto, com a facilidade de um homem acostumado a prestar depoimento. A acusação sobre MacKinnon foi a de ter resistido a um oficial na execução de seu dever. Entregou a relação que seu colega havia preparado, mas não mencionou a grande quantidade de pertences que tinha sido retirada antes de ser feita a relação.

O juiz voltou-se para MacKinnon:

— Tem alguma coisa a dizer, pessoalmente?

— Claro que sim, Meritíssimo — começou avidamente. — Não há uma palavra de...

Bang! O martelo interrompeu-o. Um dos funcionários da corte correu para o lado de MacKinnon e tentou explicar-lhe a maneira adequada para se dirigir à corte. A explicação o deixou confuso. Por sua experiência, "juiz" significava um médico, um psiquiatra especializado em problemas sociais. Nem tinha ele ouvido falar de formas adequadas para uma corte. Mas corrigiu sua linguagem conforme lhe ensinaram:

— Ouça-me, Honorable Corte, este homem mente. Ele e seu colega me assaltaram e roubaram. Eu estava simplesmente...

— Ladrões geralmente pensam que estão sendo roubados quando guardas aduaneiros os pegam — esnobou o juiz. — Nega que tenha resistido à inspeção?

— Não, Meritíssimo, mas...

— É o que basta. Multa de cinco por cento acrescentada ao que estabelece a lei. Pague ao funcionário.

— Mas, Meritíssimo, não posso...

— Não pode pagar?

— Não tenho nenhum dinheiro. Apenas meus pertences.

— E então? — voltou-se ao funcionário. — Dê procedimento à condenação. Ponha seus bens sob custódia. Dez dias por vadiagem. A comunidade não quer esses imigrantes indigentes vagando por aí, atacando cidadãos servidores da lei. O próximo caso!

Arrastaram-no dali. Foi preciso o som de uma chave girando em uma porta de grades atrás dele para se dar conta de sua condenação.

— Oi, colega, como está o tempo lá fora?

A cela de detenção já tinha um outro ocupante, um homem pequeno, bem formado de corpo, que olhou de cima de um jogo solitário para se dirigir a MacKinnon. Sentava-se a cavalo no banco onde havia espalhado suas cartas e estudou o recém-chegado com um olhar despreocupado, brilhante e redondo.

— Lá fora o céu está azul, mas tempestuoso na corte — respondeu MacKinnon, tentando adotar o mesmo tom brincalhão e não se saindo muito bem. Seus lábios doíam e estragavam a cara que queria fazer.

O outro passou uma perna sobre o banco e aproximou-se dele, num passo leve e silencioso.

— Ei, amigo, deve ter acertado essa na caixa de câmbio — comentou, ao inspecionar a boca de MacKinnon. — Está doendo?

— Uma dor dos diabos — admitiu MacKinnon.

— Temos de fazer alguma coisa.

Foi até a porta da cela e sacudiu-a, produzindo um barulho de matraca:

— Ei, Esquerdista! Fogo! Venha correndo!

O guarda saracoteou e parou do lado oposto da porta da cela:

— O que é que ocê colegá, Fader? — disse descompromissadamente.

— Meu antigo colega de colégio bateu no rosto com uma chave inglesa e a dor é fora do comum. Está aí uma chance de você ir direto para o Céu, deslizando até o dispensário, agarrando um curativo e uns cinco grãos de analgésico.

A expressão do guarda não era encorajadora. O prisioneiro pareceu ofendido:

— Ora, Esquerdista, pensei que você se agarraria na oportunidade de fazer uma caridadezinha pura como essa. — Esperou um momento e acrescentou: — Vou dizer uma coisa: faz isso e eu lhe ensino como funciona aquele quebra-cabeça sobre "Quantos anos a Ana tem?". Promete?

— Primeiro você me mostra.

— Levaria muito tempo. Vou escrever como é e depois lhe dou.

Quando o guarda voltou, o colega de cela de MacKinnon tratou seus ferimentos com destreza suave, enquanto falava:

— Me chamam de Fader Magee. Qual é o seu nome, colega?

— David MacKinnon. Desculpe, mas não entendi bem seu primeiro nome.

— Fader. Não é — explicou com um sorriso irônico — o nome que minha mãe me deu. É mais um tributo profissional para a minha natureza tímida e reservada.

MacKinnon olhou-o, espantado:

— Tributo profissional? Qual é a sua profissão? Magee pareceu magoado:

— Bem, David — disse — não *lhe* fiz essa pergunta. Seja lá como for, deve ser a mesma que a sua: autopreservação.

Magee era um ouvinte complacente e MacKinnon alegrou-se com a oportunidade de contar a alguém seus problemas. Relatou a estória de como decidiu ir para Coventry ao invés de submeter-se à sentença do juiz e como logo ao chegar foi assaltado e levado à corte. Magee balançou a cabeça:

— Um homem tem que ter a apropriação indébita em seu caráter, senão não seria um guarda aduaneiro.

— Mas o que vai acontecer com os meus pertences?

— Vão leiloá-los para pagar sua multa.

— Pergunto-me o que vai sobrar para mim. Magee encarou-o:

— Sobrar? Não vai sobrar nada. Possivelmente ainda vai ter que pagar o que ficou faltando.

— É? E como?

— É um truque pelo qual o condenado paga pela execução — explicou sucintamente Magee, embora de modo obscuro. — O que quer dizer que, ao final de seus dez dias, ainda estará devendo à corte. E aí, vai para os trabalhos forçados, meu caro. Trabalha por um dólar ao dia.

— Fader, você está brincando.

— Espere pra ver. Tem muito o que aprender, Dave.

Coventry ainda era um lugar mais complexo do que MacKinnon tinha imaginado até agora. Magee explicou-lhe que havia no momento três jurisdições, soberanas e independentes. A cadeia em que estavam ficava na chamada Nova América. Tinha as formas de um governo democrático, mas o tratamento que tinha recebido já era uma boa amostra da maneira como era administrada.

— Este lugar é o próprio paraíso, comparado ao Estado Livre — afirmou Magee. — Já estive lá. O Estado Livre era uma ditadura absoluta; o cabeça da panelinha governante era designado por um "Libertador". O lema deles é "Dever e Obediência"; uma disciplina arbitrária entrou em vigor com tal severidade, que não deixava lugar para nenhuma liberdade de opinião. A teoria governamental era vagamente baseada em doutrinas funcionalistas antigas. O Estado era visto como um único organismo, com uma única cabeça, um único cérebro e um único propósito. Qualquer coisa não obrigatória estava proibida. Honestamente falando — garantiu Magee — não se pode ir para a cama lá, sem encontrar um dos seus malditos policiais secretas entre os lençóis. Mas, apesar de tudo — continuou ele — ainda é um lugar mais fácil de se viver do que com os Anjos.

— Os Anjos?

— É claro. Ainda existem. Devem ter sido uns dois ou três mil obstinados que escolheram vir para Coventry depois da Revolução, sabe disso. Ainda há uma colônia no cimo das colinas ao norte, completa, com o Profeta Encarnado e os funcionários. Não são maus "hombres" mas rezam para levá-lo para o Céu nem que tenham de matá-lo.

Todos os três Estados tinham uma curiosa característica em comum: cada um deles declarava-se o único governo legal de todos os Estados Unidos e cada um antecipava avidamente o dia em que, no futuro, pudesse exigir a porção "não resgatada", isto é, a parte fora de Coventry. Para os Anjos, era um acontecimento que ocorreria quando o Primeiro Profeta voltasse à terra para guiá-los de novo. Na Nova América, era pouco mais do que uma conveniente plataforma política, a ser esquecida depois de cada eleição. Mas, no Estado Livre, era uma política permanente.

De acordo com esse propósito, tinha havido uma série de guerras entre o Estado Livre e a Nova América. O Libertador sustentava, com bastante lógica, que a Nova América era uma parte não resgatada e que era necessário fazê-la obedecer as leis do Estado Livre, antes que as vantagens de sua cultura se espalhassem além de suas fronteiras.

As palavras de Magee destruíram o sonho de MacKinnon de encontrar uma utopia anárquica além da barreira, mas não podia deixar sua grande ilusão morrer, sem protestar:

— Mas escute aqui, Fader — insistiu — não há um lugar onde um homem possa viver calmamente sozinho, sem toda essa interferência insuportável?

— Não... não... a menos que vá para as colinas e se esconda.. Lá você estaria bem. enquanto conseguisse manter-se longe dos Anjos. Mas seria uma vida bastante escassa de lucros. Já tentou?

— Não... não de verdade. Mas li todos os clássicos: Zane Grey, Emerson Hough e outros.

— Bem... talvez consiga. Mas, se quer realmente ir para o campo e tornar-se

um eremita, é melhor tentar no Lado de Fora, onde não se fazem tantas objeções a isso.

— Não — MacKinnon esticou-se todo imediatamente. — Nunca vou fazer isso. Nunca vou me submeter a uma reorientação psicológica, só para ter uma oportunidade de viver em paz. Se pudesse voltar há uns dois meses atrás antes de ser preso, talvez fosse mesmo para as Montanhas Rochosas, ou então procuraria uma fazenda abandonada em algum lugar... Mas com aquele diagnóstico encarando-me de frente... depois de me terem dito que eu não servia para viver em sociedade até que tivesse minhas emoções remoduladas para ser enquadrado num modelinho cuidadoso, não posso enfrentar isso. Não, se significar a ida para um sanatório...

— Entendo — concordou Fader, balançando a cabeça. — Quer voltar para o Convênio, mas não quer que a Barreira o separe do resto do mundo.

— Não, não é bem isso... Bem, talvez, de uma certa forma. Diga-me, você não acha que não sirvo para viver em sociedade, acha?

— Pra mim, você parece bem — Magee tranqüilizou-o, com um sorriso irônico. — Mas também estou em Coventry, lembre-se. Talvez não sirva para julgar.

— Do jeito que fala, não parece gostar muito disso. Por que está aqui?

Magee levantou um dedo admoestador:

— Olhe! É o tipo de pergunta que não deve fazer nunca a um homem daqui. Deve presumir que veio para cá porque sabia como as coisas eram maravilhosas neste lugar.

— Ainda assim... parece que você não gosta daqui.

— Não disse que não gostava. Gosto de verdade; tem seu sabor. Suas pequenas incongruências são uma fonte de alegria inocente. E sempre que as coisas ficam quentes, posso voltar pelo portão e descansar por uns tempos num bonito hospital tranqüilo, até que as coisas se acalmem.

MacKinnon ficou outra vez confuso:

— Quando as coisas ficam quentes? Aqui também eles fornecem uma temperatura quente?

— Hein? Ah, não me referi a controle do tempo. Não há isso aqui, exceto o que vaza pela fronteira. Estou apenas usando uma antiga figura de linguagem.

— O que significa?

Magee sorriu para si mesmo:

— Você vai descobrir.

Depois do jantar — pão, cozido num prato de metal e uma maçazinha — Magee introduziu MacKinnon nos mistérios do baralho. Felizmente, MacKinnon não tinha dinheiro para perder. Magee estava agora dando as cartas, sem embalarhá-las.

— Dave — disse — está gostando da hospitalidade oferecida por esta instituição?

— Não muito. Por quê?

— Acho melhor pagarmos a conta e partirmos.

— Uma boa idéia, mas como?

— É no que estava pensando. Acha que poderia levar outra bolacha na cara,

desta vez por uma causa válida?

MacKinnon apalpou cuidadosamente o rosto:

— Acho que sim, se for necessário. Não pode ficar muito mais machucada do que já está.

— Isso, homenzinho da mamãe! Agora, escute. Esse guarda, Esquerdista, além de não ser lá muito brilhante, é muito cioso de sua aparência. Quando apagarem as luzes, você...

— Deixem-me sair! Deixem-me sair!

MacKinnon bateu nas grades e gritou. Nenhuma resposta. Recomeçou o barulho, com voz histérica de falsete. Esquerdista chegou para verificar, resmungando.

— Que diabo te mordeu? — perguntou, espreitando entre as grades.

MacKinnon passou a pedir chorosamente:

— Ah, Esquerdista, por favor, deixe-me sair daqui. Por favor! Não suporto a escuridão. Está muito escuro aqui. Por favor não me deixe sozinho.

Arremessou-se, soluçando, sobre as grades. O guarda amaldiçoou para si mesmo:

— Outro debilóide. Escute aqui: cale a boca e 'vá dormir ou eu entro aí e vou lhe dar uma coisa para ajudar a sossegar!

Começou a ir embora.

MacKinnon mudou instantaneamente para a raiva vingativa e imprevisível do irresponsável:

— Seu macaco babuíno! Seu idiota cara de rato! Aonde arranjou esse nariz?

Esquerdista voltou-se com o rosto enfurecido. Começou a falar. MacKinnon interrompeu-o imediatamente:

— Qua, qua, qua! — alegrou-se maldosamente como um menino mal-educado. — A mãe do Esquerdista foi assustada por um javali africano...

O guarda voou em direção a MacKinnon, cujo rosto estava preso entre as grades da porta. Este abaixou-se e agarrou-se simultaneamente. Sem equilíbrio ao encontrar nenhuma resistência, o guarda balançou para a frente, impulsionando seu braço entre as grades. Os dedos de MacKinnon escorregaram por seu braço, agarrando firmemente o punho de Esquerdista.

Jogou-se para trás, arrastando o guarda com ele, até que Esquerdista ficou amassado do lado de fora da porta gradeada, com um braço do lado de dentro, cujo pulso MacKinnon agarrava como se soldado a ele.

O grito que se formou na garganta de Esquerdista não chegou a sair; Magee já tinha agido. Na escuridão, silenciosas como a morte, suas mãos finas tinham serpenteado entre as grades e encaixaram-se no pescoço carnudo do guarda. Esquerdista deslocou-se e quase se livrou, mas MacKinnon jogou seu peso para a direita e torceu o braço, que agarrava com um movimento de alavanca, torturante e capaz de quebrar-lhe o osso.

Pareceu a MacKinnon que permaneceram assim, como alguma grotesca brincadeira de estátua, por um período interminável. Sua pulsação martelava em seu ouvido a ponto de temer que fosse ouvida por todos que poderiam acorrer em

socorro para Esquerdista. Finalmente, Magee falou:

— Basta! Meta a mão em seus bolsos.

Foi um trabalho desajeitado, pois suas mãos estavam entorpecidas e trêmulas pelo esforço e nada podia ser menos conveniente do que agir entre as grades. Mas as chaves estavam lá, no último bolso em que as procurou. Passou-as a Magee, que deixou o guarda escorregar para o chão e as pegou.

Magee trabalhou rápido. A porta abriu-se com um estalido aflitivo. Dave pulou por cima do corpo de Esquerdista mas Magee ajoelhou-se, tirou um cassetete do cinto do guarda e bateu-lhe com ele atrás do ouvido. MacKinnon parou.

— Você o matou?

— Ora, não — respondeu Magee suavemente. — Esquerdista é um amigo meu. Vamos embora.

Correram pelo corredor mal iluminado entre as celas, em direção à porta que levava aos escritórios da administração, sua única saída. Esquerdista a tinha deixado descuidadamente entreaberta e a luz brilhava através da fenda. Mas, ao se aproximarem silenciosamente, ouviram pisadas fortes no lado de fora. Dave procurou rápido uma proteção mas o melhor que conseguiu fazer foi esconder-se atrás de uma curva formada por uma cela e a parede. Olhou em volta, procurando Magee, mas ele tinha desaparecido.

A porta abriu-se; um homem entrou, parou e olhou em torno. MacKinnon viu que ele levava uma lâmpada ultravioleta e usava seu complemento: óculos retificadores. Compreendeu então que a escuridão não lhe dava cobertura. A lâmpada ultravioleta girou em sua direção; retesou-se para pular...

Ouviu um surdo "bum!". O guarda suspirou, oscilou lentamente, caindo como um sacco. Magee apareceu junto a ele, equilibrou-se na sola de seus pés e observou seu trabalho, enquanto acariciava o cabo do cassetete com os dedos curvados da mão esquerda.

— É o bastante — decidiu. — Vamos, Dave? Esgueirou-se pela porta, sem esperar resposta. MacKinnon seguiu-o de perto. O corredor iluminado dobrava à direita e terminava em uma porta dupla, dando para a rua. Na parede esquerda, perto da porta da rua, a porta de um escritório pequeno estava aberta.

Magee arrastou MacKinnon para junto dele:

— É uma canja — sussurrou. — Ali, agora, só tem um sargento. Passamos por ele, depois por aquela porta e depois para o ar puro...

Fez um gesto para que Dave ficasse atrás dele e rastejou silenciosamente até a porta do escritório. Depois de tirar um espelinho do bolso, deitou-se no chão, colocou a cabeça junto ao umbral da porta e pôs cuidadosamente o espelinho uma polegada ou duas depois do canto.

Ao que parece, ficou satisfeito com o reconhecimento que o periscópio improvisado fornecia, pois recuou até ajoelhar-se e voltou sua cabeça para que MacKinnon pudesse ler em seus lábios silenciosos:

— Tudo bem — soprou. — Só há...

Duzentas libras de castigo merecido caíram-lhe sobre os ombros. Um alarma estridente soou no corredor. Magee caiu lutando mas sobrepujou e afastou o guarda. Sacudiu sua cabeça livre e berrou:

— Corra, garoto!

MacKinnon podia ouvir pés correndo em algum lugar, mas não via nada além de silhuetas lutando diante dele. Sacudiu sua cabeça e ombros como um animal entorpecido, chutando então o maior dos dois contendores no rosto. O homem gritou e deixou escapar sua presa. MacKinnon agarrou seu pequeno companheiro pela nuca e derrubou-o brutalmente a seus pés. Os olhos de Magee continuavam sorrindo:

— Boa jogada, colega — comentou, com sílabas entrecortadas, enquanto se arremessavam pela porta da rua. — Que espírito esportivo! Onde aprendeu *La Savate*?

MacKinnon não teve tempo de responder, estando inteiramente ocupado em acompanhar o avanço de Magee, trançado, enganso e rápido. Abaixaram-se para atravessar a rua, descer uma viela e passar entre dois edifícios.

Os minutos seguintes, ou horas, foram confusos para MacKinnon. Lembra-se de ter depois rastejado por um telhado e de ter-se abaixado na escuridão de uma área interna, mas não conseguia lembrar-se de como subiram no telhado. Também lembrava-se de ter passado um período interminável sozinho, comprimido dentro de uma lata de lixo, e do seu terror quando passos se aproximavam da lata e uma luz brilhava através de uma fresta.

Um estalo e o som de passos em fuga logo depois o fizeram adivinhar que Fader tinha afastado os perseguidores. Mas quando Fader voltou e abriu a tampa da lata, MacKinnon quase o estrangulou, antes que se identificasse.

Quando a perseguição ativa foi afastada, Magee guiou-o através da cidade, mostrando um conhecimento sofisticado de passagens recuadas e de atalhos, além de um dom de tirar vantagens totais de abrigos. Chegaram aos subúrbios da cidade, num bairro pobre, longe do centro cívico. Magee parou:

— Chegamos ao fim da linha, garoto. Se seguir por esta rua, vai chegar a campo aberto em pouco tempo. É o que quer, não é?

— Acho que sim — respondeu MacKinnon, apreensivo e perscrutando a rua; voltou-se para dirigir-se mais uma vez a Magee.

Mas Magee tinha-se ido. Desapareceu nas sombras. Não podia vê-lo nem ouvi-lo.

MacKinnon começou a caminhar na direção sugerida com o coração pesado. Não havia nenhuma razão para esperar que Magee ficasse com ele; o serviço que Dave lhe tinha prestado com um chute feliz tinha sido pago com juros. De qualquer modo, tinha perdido a única companhia amistosa que tinha encontrado num lugar estranho. Sentiu-se só e deprimido.

Continuou andando, mantendo-se nas sombras, olhando cuidadosamente silhuetas que poderiam ser de patrulheiros. Tinha andado umas centenas de jardas e começava a se preocupar com a distância que poderia separá-lo do campo, quando alarmou-se a ponto de se arrepiar com um silvo vindo de uma porta escura.

Fez o possível para reprimir o pânico que se apossava dele e se dizia que policiais nunca silvam, quando uma sombra destacou-se da escuridão e tocou-o no braço.

— Dave — disse baixinho.

MacKinnon sentiu um alívio infantil e bem-vindo.

— Fader!

— Mudei de idéia, Dave. Os policiais o rebocariam antes da manhã. Você não conhece os truques... então voltei.

Dave sentiu-se ao mesmo tempo satisfeito e pesaroso:

— Ora, por favor, Fader — protestou. — Não devia preocupar-se comigo. Vou indo.

Magee sacudiu-o brutalmente pelo braço:

— Não seja cabeçudo. Inexperiente como você é, iria começar a gritar por seus direitos civis ou qualquer coisa assim e seria golpeado na boca outra vez. Agora, escute — continuou. — Vou levá-lo a alguns amigos meus, que o esconderão enquanto você vai aprendendo alguns truques do lugar. Mas eles estão fora da lei, entendeu? Você vai ter que bancar os três macaquinhos sagrados: não vejo, não escuto, não falo nada de mau. Acha que pode fazer isso?

— Sim, mas...

— Nada de "mas" sobre o assunto. Vamos indo!

A entrada era pelos fundos de um armazém, onde degraus conduziam para dentro de uma cova funda. Dessa abertura, disfarçada por um acúmulo de refugos, uma porta levava à parede dos fundos do edifício. Magee bateu leve e sistematicamente, esperou e ouviu. Depois sussurrou:

— Psiu! É Fader.

A porta abriu-se rapidamente e Magee foi cercado por dois braços grandes e gordos. Foi levantado por esses braços até seus pés não tocarem mais -o chão, enquanto a dona dos braços sapecava-lhe um sonoro beijo na bochecha.

— Fader — exclamou ela. — Tudo bem, companheiro? Sentimos sua falta.

— Isso é que é uma boa recepção, mamãe — respondeu, quando já estava com os pés no chão. — Mas quero apresentar um amigo meu. Mamãe Johnston, esse é David MacKinnon.

— Muito prazer em conhecê-la — disse David, com um formalismo mecânico, mas Mamãe Johnston o olhou, com uma suspeita instantânea.

— É um evacuado? — perguntou bruscamente.

— Não, Mãe, é um novo imigrante, mas respondo por ele. Está evadido e trouxe-o aqui até a coisa esfriar.

Ela tornou-se um pouco menos rígida diante de seu tom doce e persuasivo.

— Bem...

Magee beliscou sua bochecha:

— Boa menina! Quando vai casar comigo? Afastou a mão dele com um tapa:

— Ainda que fosse quarenta anos mais moça, não casaria com um patife como você! Entre, então — continuou, dirigindo-se a MacKinnon — já que é um amigo de Fader, embora isso não o recomende!

Bamboleou-se rapidamente à frente deles, descendo um lance de escadas, enquanto gritava para alguém que abrisse a porta mais abaixo.

A sala estava parcamente iluminada e mobiliada, destacando-se uma mesa longa e algumas cadeiras, nas quais uma dúzia de pessoas esquisitas estavam sentadas, bebendo e conversando. MacKinnon lembrou-se de gravuras que tinha visto de antigos bares ingleses, dos dias anteriores à Queda.

Magee foi saudado por um confuso tumulto de boas-vindas.

— Fader! Mas é ele mesmo! Onde andou todo esse tempo, Fader? Desceu pelo esgoto? Dê um jeito neles, Mãe! Fader voltou!

Ele aceitou a ovação com um aceno de mão e berrou uma saudação geral, voltando-se para MacKinnon:

— Amigos — disse, sua voz atravessando a confusão — quero apresentar a vocês Dave, o melhor cara que já chutou um carcereiro no momento exato. Se não fosse pelo Dave, não estaria aqui.

Subitamente, Dave encontrou-se sentado entre dois outros à mesa com uma caneca de cerveja enfiada em sua mão por uma jovem bonita. Encarou-a para agradecer, mas ela já havia se apressado em ajudar Mamãe Johnston a cuidar de um súbito influxo de pedidos. Sentado diante dele, estava um jovem, bastante carrancudo, que quase não se tinha preocupado em cumprimentar Magee. Olhava para MacKinnon com um rosto inexpressivo, à exceção de um tique nervoso que fazia com que seu olho direito piscasse espasmodicamente a cada poucos segundos.

— Qual é a sua? — perguntou.

— Deixe-o em paz, Alec — Magee interrompeu-o rapidamente, mas em tom amistoso. — Acaba de chegar de fora; já lhe disse isso. Mas ele é legal — continuou, elevando a voz num tom para que todos ouvissem. — Está aqui há menos de vinte e quatro horas, mas já fugiu da cadeia, bateu em dois tiras aduaneiros e esfregou os seus direitos bem na cara do velho Juiz Fleishacker. Foi ou não foi um dia atarefado?

Dave foi o centro de atenções aprovativas mas o cara com o tique insistiu:

— Está tudo muito bem, mas eu lhe fiz uma boa pergunta: qual é a dele? Se for igual à minha, não vou admitir, já está lotada.

— Esse negócio barato em que você se meteu está sempre lotado, mas não é a dele. Esqueça o assunto.

— Deixe-o responder sozinho — apartou Alec, desconfiado. Quase levantou-se. — Não acredito que seja um evacuado...

Magee parecia limpar as unhas com a ponta de uma faca pequena:

— Volte a enfiar seu nariz no copo, Alec — observou, num tom coloquial, sem levantar os olhos — ou devo cortá-lo fora e enfiá-lo nele?

O outro apalçou qualquer coisa nervosamente em sua mão. Magee pareceu não notar, mas no entanto disse-lhe:

— Se acha que pode usar um vibrador contra mim mais depressa do que uso uma faca, continue. Vai ser uma experiência interessante.

O homem diante dele parou indeciso por mais um tempo, seu tique repetindo-se sem cessar. Mamãe Johnston veio por trás dele e empurrou-o pelos ombros, dizendo:

— Crianças, crianças! Isso são modos? E diante de um convidado, ainda por cima! Fader, guarde esse furador de sapo, você me envergonha.

A faca desapareceu de suas mãos.

— Tem razão, como sempre, Mamãe — sorriu ele. — Peça a a Molly que torne a encher meu copo.

Um cara mais velho, sentado à direita de MacKinnon, tinha acompanhado os

acontecimentos com uma insegurança alcoólica, mas parecia ter entendido a essência deles, pois fixou em Dave um olhar lacrimajante e perguntou:

— Rapaz, você escapou dos velhacos?

Sua respiração acridoce chegou até MacKinnon, quando o velho inclinou-se para ele e enfatizou sua pergunta com um dedo trêmulo e de juntas inchadas.

Dave olhou para Magee, buscando conselho e esclarecimento. Magee respondeu por ele:

— Não, não é isso. Mamãe Johnston já sabia, quando o deixou entrar. Ele veio para o santuário, conforme nossa alfândega manda!

Um rumor de desagrado percorreu a sala. Molly parou de servir para ouvir melhor. Mas o velho pareceu satisfeito.

— Bom... bem bom — concordou, tomando outro gole. — O santuário deve ser dado quando necessário, se...

Suas palavras se perderam em um resmungo.

A tensão nervosa aliviou-se. A maior parte dos presentes estava subconscientemente satisfeita de acompanhar a liderança do velho e desculpar a intrusão com base na necessidade. Magee voltou-se para Dave:

— Achei que o que não soubesse não afetaria nem a você nem a nós, mas o caso foi aberto.

— Mas o que ele quis dizer?

— Gramps perguntou se você escapou dos velhacos; se era ou não um membro da antiga e honrada fraternidade dos ladrões, cortadores de pescoços e batedores de carteiras!

Magee encarou Dave no rosto com um olhar de divertimento sardônico. Dave olhou com insegurança para Magee e para os outros, viu-os trocar olhares e perguntou-se que resposta ele esperava. Alec interrompeu o silêncio:

— Bem — disse, com desprezo. — O que está esperando? Continuem e façam a pergunta a ele. Ou os grandes amigos de Fader podem usar livremente este clube apenas com a sua permissão?

— Pensei que tivesse mandado você calar a boca, Alec — respondeu fader, sem mudar de tom. — Além disso, você está omitindo um dado. Todos os colegas presentes devem decidir primeiro se querem ou não colocar a questão.

Um homenzinho calado, com um olhar permanentemente preocupado, respondeu-lhe:

— Não acho que seja bem o caso, Fader. Se ele tivesse vindo por si mesmo ou caído em nossas mãos, nesse caso, sim. Mas você o trouxe aqui. Acho que falo por todos quando digo que ele deve responder a pergunta. A menos que alguém faça alguma objeção, eu mesmo vou perguntar.

Deixou passar um lapso de tempo. Ninguém falou nada.

— Então, muito bem... Dave, você viu muito e ouviu muito. Vai nos deixar agora, ou prefere fazer o juramento de seguir nosso grupo? Devo preveni-lo que, uma vez evacuado, será para a vida toda; e só há um castigo por traição aos velhacos.

Atravessou o dedo diante da garganta, num antigo gesto indicando morte, e produziu o efeito sonoro apropriado, chupando o ar entre seus dentes. Riu, cacarejando.

Dave olhou em volta. O rosto de Magee não o ajudou:

— O que é que devo jurar? — contemporizou.

A parlamentação chegou a um fim brusco, quando soaram batidas do lado de fora. Houve um grito, abafado por duas portas fechadas e uma escada: "Abram isso aí!". Magee levantou-se rápido e acenou para Dave:

— É conosco, garoto. Vamos andando.

Avançou em direção a um rádio-gramofone antigo e pesado que estava junto à parede, alcançou-o, agitou-se por um minuto e depois tirou um dos lados do painel. Dave viu que o mecanismo tinha sido astuciosamente arrumado, de modo a que um homem pudesse espremer-se dentro dele. Magee empurrou-o para dentro, bateu com o painel, fechando-o, e deixou-o lá.

Seu rosto espremia-se junto à tela gradeada que devia cobrir a caixa de som. Molly tinha retirado os dois copos extras e estava despejando um pouco de bebida para que se esparramasse sobre a mesa, fazendo desaparecer os círculos deixados pelos copos.

MacKinnon viu Fader deslizar para baixo da mesa, desaparecendo. A impressão que se tinha era a de que estava preso ao tampo da mesa, pelo lado de baixo.

Mamãe Johnston fez uma grande encenação para abrir. A porta de baixo foi imediatamente aberta, com muito barulho. Subiu então lentamente as escadas, parando, respirando com dificuldade, queixando-se bem alto. Ouviu-a destrancar a porta da rua.

— Boa hora para se acordar gente honesta! — protestou. — Já é bastante duro fazer o trabalho e conseguir sobreviver sem deixar o que estou fazendo a cada cinco minutos e...

— Chega, velha solteirona — respondeu uma voz masculina. — Vá descendo a escada. Temos uns negócios para discutir.

— Que tipo de negócio?

— Podia ser a venda de bebida sem autorização, mas não é; não desta vez.

— Não vendo. Isso é um club? particular. Os sócios trazem a bebida; eu simplesmente os sirvo.

— Talvez seja assim. E é com os seus sócios que quero falar. Saia da frente, agora, e seja esperta.

Entraram empurrando-se pela sala, com Mamãe Johnston, ainda tagarelando, sendo levada no meio deles. O que falava era um sargento da polícia; estava acompanhado de um patrulheiro. Seguindo-os, havia mais dois homens uniformizados, mas eram soldados. Pelas marcas de seus *kilis*, MacKinnon achou que eram guardas pessoais ou civis. Isso, se as insígnias em Nova América fossem iguais às usadas nos Estados Unidos.

O sargento não deu mais atenção à Mamãe Johnston,

— Muito bem, vocês — berrou — fiquem em fila!

Foi o que fizeram, de má vontade mas rapidamente. Molly e Mamãe Johnston observavam-nos e ficaram próximas uma da outra. O sargento gritou:

— Muito bem, pessoal. Tomem conta!

O garoto que lavava a louça na cozinha tinha ficado observando, com olhos muito abertos. Deixou cair um copo, que se espatifou no chão duro, soando como

um badalo de sino no silêncio.

O homem que tinha interrogado Dave perguntou:

— O que é que há?

O sargento respondeu, com um satisfeito sorriso irônico:

— Recrutamento. Só isso. Estão alistados no exército, enquanto for necessário.

— Serviços forçados! — foi um suspiro que escapou de alguém.

Um policial avançou rudemente:

— Formem uma coluna dois a dois.

Mas o homenzinho de olhos preocupados não o fez.

— Não entendo — objetou. — Assinamos um armistício com o Estado Livre há três meses.

— Isso não é seu problema — retrucou o sargento — nem meu. Estamos recolhendo todos os homens disponíveis que não trabalhem em indústrias imprescindíveis. Vamos indo.

— Então não podem me levar.

— Por que não?

Levantou um toco de braço, cuja mão tinha sido amputada. O sargento olhou do toco para o guarda, que abanou a cabeça rancorosamente e disse:

— Está bem. Mas apresente-se no escritório de manhã e preencha uma ficha.

Começou a marchar com eles, quando Alec saiu das fileiras e encostou-se na parede, gritando:

— Não podem fazer isso comigo!

Seu vibrador mortal aparecia visível em sua mão e o lado direito de seu rosto estava retorcido, num piscar espasmódico que deixava seus dentes à mostra.

— Agarre-o, Steeves — disse o guarda.

O guarda particular deu um passo à frente mas parou quando Alec apontou o vibrador para ele. Não tinha nenhuma vontade de receber um vibrolâmina entre suas costelas e não havia dúvida quanto à periculosidade incontrolável do seu histórico opositor.

O guarda, parecendo fleumático, quase aborrecido, fez um pequeno cano preso à parede cair sobre a cabeça de Alec. Dave ouviu um suave "bum!", acompanhado de um leve tilintar. Alec ficou imóvel por uns segundos, seu rosto ainda mais retorcido, como se estivesse utilizando o limite de sua força de vontade contra um poder invisível; depois deslizou silenciosamente até o chão. O espasmo constante de seu rosto relaxou e seus traços se suavizaram, transformando-se nos de um meninozinho cansado, petulante e muito desnordeado.

— Dois de vocês carreguem ele — ordenou o guarda. — Vamos andando.

O sargento foi o último a sair. Voltou-se da porta e disse a Mamãe Johnston:

— Tem visto Fader ultimamente?

— O Fader? — parecia espantada. — Bem, ele está preso.

— Ah, é... está, sim.

Saiu.

Magee recusou a bebida que Mamãe Johnston lhe ofereceu. Dave surpreendeu-se, ao ver que pela primeira vez ele parecia preocupado.

— Não entendo — murmurou Magee, em parte para si mesmo. Depois dirigiu-se ao maneta: — Ed, atualize-me.

— Não há muitas novas desde que te agarraram, Fader. O armistício foi antes disso. Pensei, pelos jornais, que as coisas fossem se acertar para sempre.

— E eu também. Mas o governo deve esperar uma guerra, se está convocando todo o mundo — levantou-se. — Tenho de obter mais informações, Al!

O garoto da cozinha botou a cabeça na entrada da sala. — Que é que você quer, Fader?

— Dê uma volta e bata um papo com cinco ou seis mendigos. Procure o "rei" deles. Sabe onde é o covil dele?

— Claro, em cima do auditório.

— Descubra o que está ocorrendo, mas não os deixe saber que fui eu quem mandou você lá.

— Está bem, Fader. Está no papo. O garoto esgueirou-se para fora. ,

— Molly!

— O que é, Fader?

— Você não quer sair e fazer a mesma coisa com as garotas do comércio? Gostaria de saber o que elas ouviram dos fregueses.

Ela abanou a cabeça, concordando. Ele continuou:

— É melhor procurar aquela pequena de cabelos vermelhos que trabalha na Praça Sindical. Ela consegue arrancar segredos de um morto. Pegue — puxou um monte de notas de seu bolso, entregando várias para a garota. — É melhor levar essa graxa... Talvez tenha de pagar um guarda para sair do bairro.

Magee não estava disposto a falar e insistiu para que Dave fosse dormir. Foi persuadido facilmente, já que não tinha dormido desde sua chegada a Coventry. Parecia coisa do passado; estava exausto. Mamãe Johnston arrumou-lhe uma cama de emergência num quarto escuro e apinhado de coisas, no mesmo nível do subterrâneo. Não tinha os confortos de higiene a que estava acostumado: ar condicionado, música repousante, colchão hidráulico; nem era à prova de som. Sentiu falta de seu banho relaxante e automassagem, mas estava cansado demais para se preocupar. Dormiu vestido e sob lençóis, pela primeira vez em sua vida.

Acordou com dor de cabeça, um gosto na boca como de um pecado antigo e uma sensação de perigo iminente. A princípio, não pôde lembrar-se de onde estava; achou que ainda estava preso no Lado de Fora. O ambiente em volta era inexplicavelmente sórdido; já estava quase tocando a campainha para chamar o empregado e reclamar, quando sua memória juntou partes dos acontecimentos do dia anterior. Levantou-se, descobrindo que seus ossos e músculos doíam bastante e, o que era pior, que ele estava, de acordo com seus padrões, imundo. Coçou-se.

Entrou na sala comum e encontrou Magee sentado à mesa. Cumprimentou Dave:

— Oi, garoto. Já ia acordar você. Dormiu quase o dia inteiro. Temos muito o que conversar.

— Está bem, daqui a pouco. Onde fica o "refrescante"?

— Ali.

Não era exatamente o que esperava de um refrescante, mas conseguiu tomar a chuva rápida, apesar do chão lodoso.

Descobriu então que não havia secador a ar instalado lá e foi forçado a secar-se de modo insatisfatório com seu lenço. Não podia escolher roupas. Tinha de vestir as que tinha tirado, ou ficar nu. Lembrou-se de que não tinha visto nudez alguma em Coventry, mesmo nos esportes; diferença de costumes, sem dúvida.

Vestiu-se com as mesmas roupas, embora sua pele protestasse diante do toque de coisas já usadas.

Mas Mamãe Johnston já tinha feito um apetitoso café da manhã para ele. Deixou o café restaurar sua coragem, enquanto Magee falava. Segundo Fader, a situação era séria. A Nova América e o Estado Livre tinham transgredido em suas diferenças e formado uma aliança. Estavam seriamente decididos a sair de Coventry e atacar os Estados Unidos.

MacKinnon levantou os olhos, ao ouvir isso:

— Mas é ridículo, não é? O contingente deles é muito maior. Além disso, o que fariam com a Barreira?

— Não sei ainda. Mas eles têm razões para pensar que podem passar pela Barreira... e há rumores de que uma coisa pode ser usada como arma, também, de modo que um pequeno exército pode ser uma pedra no sapato dos Estados Unidos.

MacKinnon pareceu confuso:

— Bem — observou — não tenho opinião formada sobre armas que não conheço mas, quanto à Barreira... Não sou um matemático, mas sempre ouvi dizer que era teoricamente impossível quebrar a Barreira, que aquilo não é nada, mas não pode ser tocada. Claro, pode-se sobrevoá-la; mas mesmo isso implica em perigo mortal.

— Suponha que tenham encontrado algum modo de abrigar-se contra os efeitos do campo da Barreira? — sugeriu Magee. — De qualquer modo, não é essa a questão, para nós. A questão é que fizeram esse trato; o Estado Livre fornece as técnicas e a maioria dos oficiais; e a Nova América, com uma população maior, fornece a maioria dos homens. E isso significa, para nós, que não podemos ousar mostrar a cara em lugar nenhum, ou estaremos no exército antes de poder piscar. Isto me fez pensar no que vou sugerir. Assim que escurecer, vou sair agachado daqui e dirigir-me ao Portão, antes que mandem alguém atrás de mim, que pode ser bastante inteligente para olhar embaixo da mesa. Pensei que talvez quisesse vir comigo.

— Voltar para os psicólogos? — MacKinnon estava sinceramente consternado.

— Claro. Por que não? O que tem a perder? Esse maldito lugar inteiro vai ficar exatamente como o Estado Livre, dentro de poucos dias. Um cara com o seu temperamento estaria em maus lençóis o tempo todo. O que há de tão ruim num quartinho de hospital onde pode-se esconder até que as coisas se acalmem? Você não tem de tomar conhecimento dos garotos da psicologia; faça apenas barulhos animais para eles, cada vez que um meter o nariz no seu quarto, até

que se sintam desencorajados.

Dave balançou a cabeça:

— Não — disse lentamente. — Não posso fazer isso.

— O que vai fazer, então?

— Ainda não sei. Ir para as colinas, penso eu. Vou viver com os Anjos, se passar pela prova final. Não me importo que rezem por minha alma, se deixarem minha mente em paz.

Ficaram ambos em silêncio durante um lapso de tempo. Magee estava vagamente aborrecido com a teimosia de Mac-Kinnon, d'ante do que lhe parecia uma solução racional. Dave continuou a armazenar presunto grelhado, enquanto reconsiderava sua situação. Cortou outro pedaço:

— Puxa, está gostoso — comentou, para quebrar o silêncio pesado. — Não sei quando comi algo que tivesse um gosto tão bom. Diga-me...

— O quê? — perguntou Magee, olhando-o e vendo o interesse de MacKinnon escrito na testa.

— Este presunto é sintético, ou *carne mesmo*?

— É carne mesmo, ora. E daí?

Dave não respondeu. Conseguiu chegar ao banheiro, antes de devolver o que tinha comido.

Antes dele sair, Magee deu a Dave algum dinheiro, com o qual pudesse comprar as coisas que precisasse para ir às colinas. MacKinnon recusou mas Fader interrompeu-o:

— Basta de bancar o idiota completo, Dave. Não posso usar dinheiro da Nova América do Lado de Fora e você não vai permanecer vivo nas colinas, sem uma equipagem adequada. Fique aqui, quietinho, durante uns dias ainda, até que Al ou Molly compre o que precisa. E aí sim você vai ter uma oportunidade de conseguir. A menos que mude de idéia e venha comigo?

Dave meneou a cabeça e aceitou o dinheiro.

O lugar ficou vazio sem Magee. Mamãe Johnston e Dave estavam sós no clube e a cadeira vazia lembrava-lhe deprimentemente os homens que tanto o tinham impressionado. Desejava que Gramps ou o maneta aparecessem. Mesmo Alec, com seu temperamento rabugento, teria-lhe feito companhia. Perguntava-se se Alec tinha sido punido por ter resistido à convocação.

Mamãe Johnston incentivou-o a jogar damas, numa tentativa de aliviar seu espírito, tão evidentemente abatido. Sentiu-se obrigado a concordar com sua conspiração gentil, mas sua mente divagava. O Senhor Juiz tinha todo o direito de sugerir que ele procurasse aventuras na exploração interplanetária, mas só técnicos e engenheiros eram autorizados a isso. Talvez devesse ter estudado ciências ou engenharia, ao invés de literatura; poderia agora estar em Vênus, lutando contra as forças da natureza numa grande aventura, ao invés de esconder-se de fanfarrões uniformizados. Não era justo. Não devia enganar-se; não havia lugar para um perito em história literária dentro das fronteiras brutas do planeta; não era uma injustiça humana, era um duro fato natural, que devia encarar bem de frente.

Pensou amargamente no homem cujo nariz ele quebrou, motivo pelo qual foi mandado para Coventry. Talvez fosse um "sofisticado parasita", quem sabe. Mas

a lembrança da frase trouxe-lhe de volta a mesma raiva incontável que o meteu em apuros. Estava *feliz* de tê-lo socado e etc. e tal! Que direito tinha ele de andar esnobando e dizendo coisas desse tipo às pessoas?

Descobriu-se pensando com o mesmo espírito vingativo em seu pai, embora ficasse perdido, se alguém lhe pedisse para mostrar a ligação entre os dois fatos. A ligação não era visível superficialmente, pois seu pai jamais pararia por ter sido chamado de alguma coisa. Ao contrário, teria oferecido o melhor dos sorrisos e citado alguma frase nauseante sobre a luz e a doçura. O pai de Dave era um dos piores tiranos que já dominou um lar, sob o disfarce de amor-ternura. Era do tipo mais-sofrido-do-que-zangado, isso me 'magoa mais-do-que-a-você', e durante toda a sua vida tinha encontrado invariavelmente um meio de racionalizar com altruísmo para sempre fazer as coisas a seu modo. Convencido de sua infalibilidade, nunca avaliou o ponto de vista de seu filho em nada, mas o dominou em tudo; sempre por motivos altamente moralistas.

Causara dois grandes efeitos negativos em seu filho: a independência natural do menino, amassada em casa, rebelou-se cegamente contra qualquer tipo de disciplina, autoridade ou crítica que encontrasse fora de casa, que inconscientemente era identificada com a autoridade paterna a-não-ser-criticada. Em segundo lugar, durante anos de associação, Dave imitou o vício social mais perigoso de seu pai: formar julgamentos morais não-autocriticáveis sobre os outros.

Quando Dave foi preso por quebrar um costume básico, por violência atávica e ágil, seu pai lavou as mãos, afirmando que tinha feito o melhor para "torná-lo um homem" e não podia ser acusado pelo fracasso do filho em não ter usufruído da educação dada.

Uma batidinha os fez afastar o tabuleiro de damas rapidamente. Mamãe Johnston parou, antes de responder:

— Não é uma batida nossa — ponderou. — Mas não foi o bastante alta para ser dos barulhentos. Prepare-se para esconder-se.

MacKinnon esperou junto à toca da raposa em que se tinha escondido na noite anterior, enquanto Mamãe Johnston saiu para verificar. Ouviu-a tirar a tranca e abrir a porta de cima, chamando-o então em voz baixa mas apressada:

— Dave! Venha cá, Dave! Rápido!

Era Fader, inconsciente, com um rastro de seu próprio sangue atrás dele. MacKinnon arremessou-se e, colocando Fader entre os dois, conseguiram levá-lo para baixo e deitá-lo sobre a mesa. Voltou a si por um momento, quando esticavam suas pernas:

— Oi, Dave — murmurou, conseguindo esboçar um fantasma de seu sorriso bem-humorado. — Alguém roubou o meu ás.

— Você fique quieto — ralhou Mamãe Johnston, dizendo a Dave em voz baixa: — Ah, coitadinho! Dave, temos de chamar o Doutor.

— Não... podem... fazer... isso — resmungou Fader.

— Tenho de... chegar... ao Portão — sua voz sumiu.

Os dedos de Mamãe Johnston tinham se mantido ativos o tempo todo, como se manobrados por uma inteligência em separado. Uma tesoura pequena, retirada de sua roupa, expôs a extensão superficial do dano. Com olhar crítico,

ela examinou a área atingida.

— Não é trabalho para mim — decidi. — E ele deve dormir enquanto o removemos. Dave, dê-me aquele estojo de injeção, que está no armário de remédios do banheiro.

— Não, mãe! — era a voz de Magee, forte e vibrante.

— Dê-me uma pílula de pimenta — continuou. — Há...

— Mas, Fader... Ele a interrompeu:

— Tenho de ir ao Doutor — concordo. — Mas como vou chegar lá, se não posso caminhar?

— Nós levamos você.

— Obrigado, Mamãe — disse-lhe, tornando sua voz mais suave. — Sei que levariam... mas a polícia ficaria curiosa. Dê-me aquela pílula.

Dave seguiu-a até o banheiro, perguntando-lhe, enquanto ela remexia dentro do armarinho de remédios:

— Por que não chama o médico aqui, simplesmente?

— Só há um médico em quem podemos confiar e este é o Doutor. Além disso, nenhum dos outros vale o esforço de chamá-los.

Magee estava desacordado outra vez, quando voltaram para a sala. Mamãe Johnston bateu em seu rosto até que ele voltasse a si, piscando e xingando. Deu-lhe então a pílula.

O poderoso estimulante, improvável derivado de carvão de alcatrão, fez efeito quase imediato. Em todo o seu aspecto superficial, Magee estava muito bem. Sentou-se e procurou sua pulsação, em seu pulso esquerdo, com dedos firmes e sensíveis.

— Batendo certo como um metrônomo; o velho relógio agüenta bem essa dose.

Esperou, enquanto Mamãe Johnston aplicava montes de esterilizantes em seus ferimentos, e então disse adeus. MacKinnon olhou para Mamãe Johnston. Ela meneou a cabeça.

— Vou com você — disse a Fader.

— Pra quê? Só vai redobrar o risco.

— Não está em condições de viajar sozinho, com ou sem estimulante.

— Besteira. *Eu* vou ter de cuidar de *você*.

— Vou com você.

Magee sacudiu os ombros e desistiu.

Mamãe Johnston enxugou seu rosto suado, beijando-os a ambos.

Até conseguirem sair da cidade, seus avanços lembraram a MacKinnon a fuga de pesadelo, na noite anterior. Dali em diante, rumaram para o norte-noroeste, seguindo por uma estrada entre as colinas, que só deixaram quando foi necessário evitar o tráfego esparso. Uma vez quase foram surpreendidos pelo carro da patrulha, equipado com luz ultravioleta e quase invisível; mas Fader o pressentiu a tempo de agacharem-se atrás de um muro baixo que cercava um campo junto à estrada.

Dave perguntou como sabia que a patrulha estava perto. Magee riu-se:

— Sei lá como eu sei, mas creio que sentiria o cheiro de um tira plantado no meio de um rebanho de bodes.

Fader falava menos e menos, à medida que a noite avançava. Seu semblante, normalmente imperturbável, ficou marcado e velho à proporção que passava o efeito da droga. Pareceu a Dave que esta expressão inabitual dava-lhe uma noção clara do temperamento daquele homem; a máscara da dor era o seu verdadeiro rosto, mais do que os traços despreocupados que Magee normalmente mostrava ao mundo. Perguntou-se pela milésima vez o que Fader teria feito para que uma corte o julgasse socialmente doente.

Essa pergunta estava constantemente em seu cérebro, a respeito de cada pessoa que tinha encontrado em Coventry. A resposta era óbvia em muitos casos; seu tipo de instabilidade era nítida e mostrava-se imediatamente. Mamãe Johnston foi um enigma, até que ela mesma se explicou. Acompanhou seu marido na vinda a Coventry. Agora que estava viúva, preferia ficar entre amigos que conheceu e dentro dos hábitos e condições a que se tinha adaptado, do que mudar para outro e talvez menos agradável ambiente.

Magee sentou-se junto à estrada:

— Não adianta, garoto. Não vou conseguir.

— Prós diabos que não vamos. Eu levo você. Magee sorriu levemente:

— Não, estou falando sério — insistiu Dave. — A que distância estamos?

— Coisa de duas ou três milhas, talvez.

— Suba a bordo.

Colocou Magee nas costas e reiniciou a caminhada. As poucas primeiras jardas não foram difíceis; Magee pesava bem menos que Dave. Depois disso, o esforço de uma carga adicional começou a se fazer sentir. Sentiu cãibra nos braços de tanto segurar as pernas de Magee; suas costas queixavam-se do peso e da má distribuição da carga; e sua respiração era dificultada pelo gancho formado pelos braços de Magee em torno de seu pescoço.

Duas milhas para andar, talvez mais. Deixe seu peso cair para a frente e seus pés devem segui-lo, senão você cai no chão. É automático, tanto como arrancar um dente. Quanto tempo dura uma milha? Não é nada numa nave-foguete, trinta segundos num carro de passeio, dez minutos arrastando-se em um caramujo de aço, quinze minutos para tropas treinadas e em boas condições. Qual a distância delas com um homem nas costas, numa estrada árida, quando já se chega nela cansado?

Cinco mil, duzentos e oitenta pés, um número insignificante. Mas cada passo diminui vinte e quatro polegadas do total. O que sobra é ainda incompreensível, uma infinidade. Conte-os. Conte-os até ficar louco; até que os números falem sozinhos, fora de sua cabeça e o barulho!... o barulho!... o barulho!... dos pés enormes e entorpecidos martelando o seu cérebro. Conte-os de trás para frente, subtraindo dois de cada vez — não, é pior ainda; cada um que fica é ainda mais inatingível, mais um número inconcebível.

Seu mundo fechou-se, perdeu sua história e não tinha futuro. Não havia nada, absolutamente nada, apenas a necessidade torturante de levantar o pé outra vez e pisar adiante. Nenhum outro sentimento além do gasto doloroso da vontade necessária para atingir um ato sem sentido.

Foi subitamente trazido de volta à realidade, quando os braços de Magee afrouxaram-se em torno de seu pescoço. Inclinou-se para a frente e caiu sobre

um dos joelhos, a fim de evitar que sua carga escorregasse, colocando-a então lentamente no chão. Por um momento, pensou que Fader estivesse morto. Não conseguia pegar sua pulsação e o rosto relaxado e seu corpo mole assemelhavam-se aos de um cadáver; mas encostou o ouvido no peito de Magee e ouviu, com alívio, o constante *tuc-tuc* de seu coração.

Amarrou os punhos de Magee com seu lenço e forçou sua própria cabeça dentro do círculo formado pelos braços. Mas foi incapaz, em seu estado de exaustão, de lutar para colocar de novo aquele peso morto nas costas. Fader voltou a si, enquanto MacKinnon estava debatendo-se. Suas primeiras palavras foram:

— Calma, Dave. Qual é o problema? Dave explicou.

— É melhor desamarrear meus pulsos — aconselhou Fader. — Acho que posso andar um pouco.

E realmente caminhou cerca de trezentas jardas, antes de ser forçado a desistir de novo.

— Escute, Dave — disse, depois de recuperar-se parcialmente — trouxe mais algumas daquelas pílulas de pimenta?

— Sim, mas... você não pode tomar outra dose. Mataria você.

— É, eu sei. É o que dizem. Mas não é essa a minha idéia ainda. Ia sugerir que você tomasse uma.

— Ora, mas é claro! Puxa vida, Fader, como sou estúpido.

Magee pareceu-lhe tão leve quanto um casaco, a estrela da manhã brilhou mais forte e sua força parecia inesgotável. Mesmo quando deixaram a estrada e seguiram pela trilha das carroças que levava à casa do Médico no sopé das colinas, a caminhada era suportável e o peso não muito grande. Mac-Kinnon sabia que as drogas queimavam o tecido útil de seu corpo muito antes de que suas reservas adequadas tivessem se esgotado e que levaria dias para recuperar o gasto temerário, mas não se importou. Nenhum preço era alto demais para pagar o momento em que finalmente chegariam ao portão da casa do Doutor com seus próprios pés, trazendo sua carga viva e consciente.

MacKinnon não teve ordens de ver Magee durante quatro dias. Enquanto isso, foi-lhe aconselhado que seguisse a rotina de um semi-invalído, a fim de recuperar o peso que perdera em dois dias e duas noites e refazer-se do pesado esforço imposto a seu coração durante a última delas. Uma dieta altamente calórica, banhos de sol, descanso e vizinhanças tranqüilas, além de sua saúde normalmente boa, fizeram com que ele recuperasse peso e força rapidamente. Mas gostou do seu estado de "sadio-doente" muitíssimo mais pela companhia do Doutor e, principalmente, de Perséfone.

A idade cronológica de Perséfone era quinze anos. Dave nunca soube se devia achá-la muito mais velha, ou muito mais moça. Tinha nascido em Coventry e vivido sua curta vida na casa do Doutor, pois sua mãe morreu de parto naquela mesma casa. Era inteiramente infantil em muitos aspectos, não tendo qualquer experiência do mundo civilizado do Lado de Fora e mantendo pouco contato com os habitantes de Coventry, que só via quando estes

procuravam o Doutor. Mas tinha-lhe sido permitido ler o que quisesse de uma sofisticada e múltipla biblioteca de um cientista. MacKinnon surpreendia-se constantemente com o volume de seu conhecimento acadêmico e científico, bem maior do que o dele. Ela dava-lhe a impressão, enquanto conversavam, de que era uma idosa e onisciente matrona, saindo-se então com um ingênuo conceito sobre o mundo exterior, que o trazia rapidamente de volta à realidade de que ela era, na verdade, uma criança inexperiente.

Sentia-se vagamente romântico a respeito dela. Nada sério, é claro, diante de sua idade pouco núbil, mas ela era agradável à vista e ele estava faminto por companhia feminina. Era também bastante jovem para sentir-se sempre interessado por diferenças encantadoras, mentais e físicas, entre homens e mulheres.

Conseqüentemente, foi um soco em seu orgulho, quase tão duro quanto a sentença de Coventry, constatar que ela o classificava, como outros habitantes de Coventry, como um pobre coitado que precisava de ajuda e solidariedade porque não era lá muito bom da cabeça.

Ficou furioso e durante um dia inteiro amou-se sozinho, mas a necessidade humana de autojustificativa e aprovação forçaram-no a procurá-la e tentar argumentar. Explicou-lhe cuidadosamente e com pureza emocional as circunstâncias que o levaram a julgamento e prisão, embelezando o relato com sua própria filosofia e avaliações, esperando, então, confiantemente, que ela o aprovasse.

Não foi o que aconteceu.

— Não entendo o seu ponto de vista — disse ela. — Quebrou o nariz dele e, no entanto, ele não lhe tinha feito nada. Pensa que vou achar isso certo?

— Mas, Perséfone — protestou — está ignorando o fato de que ele me chamou de um nome muito insultante.

— Não vejo qual a ligação — disse ela. — Ele fez um barulho com a boca, um rótulo verbal. Se o rótulo não se aplica a você, o barulho não faz sentido. Se for verdadeiro, se você *for* a coisa a que o barulho se refere, você não é nada mais, nada menos do que a coisa que alguém, com razão, usou no rótulo verbal. Resumindo, ele não lhe fez mal algum. Mas o que fez com ele é coisa bem diferente. Quebrou-lhe o nariz. Isso é fazer mal. Por autoproteção, o resto da sociedade deve afastá-lo e decidir se você é ou não instável a ponto de possivelmente machucar outras pessoas no futuro. Se for, deve ser mantido em quarentena para tratamento, ou abandonar a sociedade, o que bem preferir.

— Acha que sou louco, não acha? — acusou ele.

— Louco? Não do modo que pensa. Você não tem uma piresia ou um tumor cerebral, ou nenhuma outra lesão que o Médico possa encontrar. Mas, do ponto de vista de suas reações semânticas, você é socialmente *insano* como qualquer fanático queimador de bruxas.

— Vamos lá, isso não é justo!

— O que é a justiça? — pegou o gatinho com que estava brincando. — Vou entrar,, está esfriando.

E foi-se para casa, seus pés descalços silenciosos pela grama.

Se a ciência da semântica tivesse se desenvolvido tão rapidamente quanto a psicodinâmica, com suas artes de propaganda instrumentais e psicologia de massa, os Estados Unidos talvez nunca tivessem caído em uma ditadura, sendo então forçados a sofrer a Segunda Revolução. Todos os princípios científicos abrangidos pelo Convênio, que marcaram o fim da revolução, foram formulados muito no passado, lá pelo primeiro quartel do século vinte.

Mas o trabalho de semânticos pioneiros, como C. K. Ogden, Alfred Korzybski e outros, só era conhecido por um punhado de estudantes, ao passo que a psicodinâmica, sob o ímpeto de guerras repetidas e mercantilização frenética de alta pressão, evoluiu aos pulos e aos saltos.

A semântica, "o sentido do sentido", forneceu um método, pela primeira vez, para aplicar o processo científico a cada ato da vida cotidiana. Porque a semântica lidava com palavras faladas e escritas como um aspecto determinante do comportamento humano, foi a princípio erroneamente confundida por muitos, que pensavam que se preocupava *apenas* com palavras, sendo do interesse somente de profissionais manipuladores delas, tais como copistas de anúncios e professores de etimologia. Um punhado de psiquiatras não-ortodoxos tentaram aplicá-la aos problemas humanos individuais, mas seu trabalho foi afastado pelas epidêmicas psicoses coletivas que destruíram a Europa e voltaram aos Estados Unidos na Idade das Trevas.

O Convênio foi o primeiro documento social científico escrito pelo homem e deve-se dar o devido crédito a seu principal autor, Dr. Micah Novak, o mesmo Novak que serviu como psicólogo do quadro de pessoal da revolução. Os revolucionários queriam estabelecer a liberdade individual máxima. Como poderíamos conseguí-la, até o grau de alta probabilidade matemática?

Primeiro, inverteram o conceito de "justiça". Examinada semanticamente, "justiça" não tem referente, não é um fenômeno observável no contínuo espaço-tempo-assunto, o qual se possa apontar e dizer "isto é justiça". A ciência só pode lidar com o que pode ser observado e medido. A Justiça não é isso; conseqüentemente, não pode nunca ter o mesmo sentido para uma pessoa e para outra; qualquer "ruído" dito sobre isso apenas acrescentará mais confusão.

Mas prejuízo, físico ou econômico, pode ser apontado e medido. Os cidadãos foram proibidos pelo Convênio de causar prejuízo a outrem. Qualquer ato que não levasse a um prejuízo, físico ou econômico, a alguma pessoa em particular, foi declarado legal.

Uma vez que tinham abandonado o conceito de "justiça", não podia haver padrões racionais de punições. A Penologia assumiu seu lugar junto à licantropia e outras bruxarias esquecidas. Entretanto, já que não era prático permitir que uma fonte de perigo permanecesse na comunidade, criminosos sociais eram examinados e reiteradores em potencial tinham a escolha de serem psicologicamente reajustados ou de se retirarem da sociedade humana, indo para Coventry.

Os primeiros rascunhos do Convênio presumiam que os socialmente insanos iriam espontaneamente ser hospitalizados e reajustados, principalmente porque a

psiquiatria existente tinha competência bastante para curar todas as psicoses funcionais e curar ou aliviar psicoses orgânicas, mas Novak predis pôs-se contra isso.

— Não! — protestou. — O governo nunca mais deve se permitir calcar a mente de qualquer cidadão sem seu consentimento, ou estaremos estabelecendo uma tirania pior do que a que tivemos. Cada homem deve ser livre para aceitar ou rejeitar o Convênio, mesmo que o julguemos louco!

Na próxima vez que David MacKinnon viu Perséfone, encontrou-a num estado de extrema agitação. Seu próprio orgulho ferido foi esquecido imediatamente.

— Então, minha querida — perguntou — qual é o grande problema?

Aos poucos foi percebendo que ela havia assistido a uma conversa entre Magee e o Doutor, tendo ouvido falar, pela primeira vez, da operação militar iminente contra os Estados Unidos. Ele acariciou a mão dela:

— Então é só isso — observou com voz aliviada. — Pensei que alguma coisa estivesse acontecendo com você.

— "É só isso"! David MacKinnon, quer dizer que você já sabia de tudo e não acha que seja um assunto que valha a pena se preocupar com ele?

— Eu? E por que me preocuparia? O que *eu* posso fazer?

— O que pode fazer? Podia atravessar a fronteira e avisá-los. É o que poderia fazer... Quanto ao por que deveria... Dave, você é incrível!

Começou a chorar e saiu da sala.

Fixou o olhar nela, a boca aberta, tomando então de empréstimo a observação feita por um de seus antepassados remotos de que as mulheres são difíceis de entender.

Perséfone não apareceu para almoçar. MacKinnon perguntou ao Doutor onde estava ela.

— Almoçou — disse o Doutor, entre garfadas — e dirigiu-se ao Portão.

— O quê? E por que o senhor a deixou ir?

— Livre arbítrio. Não me obedeceria, de qualquer modo. Ela está bem.

Dave não ouviu o final, pois já estava fora da sala e saindo, correndo. Encontrou-a retirando seu pequeno monociclo de dentro do abrigo.

— Perséfone!

— O que quer? — perguntou, com uma dignidade gelada, superior à sua idade.

— Não pode fazer isso! Foi lá que Fader foi ferido!

— Estou indo. Por favor, saia do caminho.

— Então vou com você.

— Por quê?

— Para cuidar de você. Ela fez um ar de desdém.

— Como se alguém fosse ousar me tocar.

Havia alguma verdade no que disse ela. O Doutor e cada membro de sua casa gozavam de uma imunidade pessoal, diferente da de qualquer outro em Coventry. Como uma conseqüência natural de sua formação, Coventry não tinha

quase nenhum médico competente. O número dos que cometiam crimes sociais era pequeno. A proporção dos que recusavam tratamento psiquiátrico era mínima e esses remanescentes mínimos eram quase sempre pouco dignos de confiança em sua profissão. O Doutor era um curador inato, em exílio voluntário, a fim de que pudesse gozar da oportunidade de exercer sua arte no campo mais rico disponível. Não se preocupava nem um pouco com a dificuldade da pesquisa; o que queria era pacientes, quanto mais doentes melhor, de modo que os pudesse curar.

Estava acima dos costumes e da lei. No Estado Livre, o Libertador dependia dele para dar a insulina de que carecia para que não morresse de diabete em pouco tempo. Na Nova América, seus beneficiários eram igualmente poderosos. Mesmo entre os Anjos do Senhor, o Profeta aceitava as sentenças do médico sem fazer perguntas.

Mas MacKinnon não estava satisfeito. Algum idiota ignorante, temia ele, poderia ferir a criança, sem se dar conta de seu *status* protetor. Não teve mais chances de discutir; ela deu impulso em seu monociclo subitamente, forçando-o a pular fora do caminho. Quando recuperou o equilíbrio, ela já havia descido a alameda. Não podia alcançá-la.

Voltou em menos de quatro horas. Era o que ele esperava; se uma pessoa tão ardilosa quanto Fader não tinha conseguido chegar ao Portão durante a noite, era pouco provável que uma jovem menina o fizesse à luz do dia.

Seu primeiro sentimento foi de puro alívio. Depois, esperou avidamente por uma oportunidade de falar com ela. Durante sua ausência, ele tinha pensado muito sobre a situação. Já havia concluído antecipadamente que ela falharia e, como desejava reabilitar-se diante de seus olhos, resolvera ajudá-la no projeto mais caro ao seu coração: ele mesmo levaria o aviso para o Lado de Fora!

Talvez ela pedisse essa ajuda. Na verdade, parecia provável. Até que ela tivesse voltado, ele já estava convencido de que ela pediria sua ajuda. Ele concordaria, com dignidade simples, e lá iria ele, talvez para ser ferido ou morto, mas uma figura heróica, mesmo que fracassasse.

Imaginou-se subconscientemente como uma mistura de Sidney Carton, o Cavaleiro Branco, o homem que levou o recado para Garcia, e com um leve toque de D'Artagnan.

Mas ela não lhe pediu nada. Nem sequer lhe deu uma chance de falar com ela.

Não apareceu para jantar. Depois do jantar, trancou-se com o Doutor em seu escritório. Quando reapareceu, foi direto para seu quarto. Finalmente, ele chegou à conclusão de que o melhor que tinha a fazer era dormir também.

Para a cama, dormir e recomeçar de manhã, mas as coisas não são tão simples assim. Paredes hostis encaravam-no e a outra parte crítica de sua mente decidiu passar a noite acordada. Idiota! Ela não quer sua ajuda. Por que iria querer? O que você tem que Fader não tenha? E melhor. Para ela, você é apenas mais um desparafusado, dentro da multidão deles que existe nesse lugar.

Mas *eu* não sou louco! Só porque escolhi não me submeter a ordens alheias não significa que seja *louco*. Não mesmo? Todos os outros aqui são birutas, então

o que tem você de diferente? Nem todos são — veja o Doutor... Não se iluda, cabeçudo, o Médico e Mamãe Johnston estão aqui por razões pessoais; não foram condenados. E Perséfone nasceu aqui.

E Magee? Era racional, com certeza; ou pelo menos parecia. Sentiu-se invejando, com amargura ilógica, a aparente estabilidade emocional de Magee. Por que seria ele diferente de todos nós outros?

Nós outros? Classificou-se juntamente com os outros habitantes de Coventry. Está bem, está bem, admita, seu tolo, você é apenas igual aos outros; afastado porque as pessoas honestas não queriam você por perto e estupidamente teimoso para admitir que precisa de um tratamento.

Mas pensar no tratamento fê-lo sentir-se frio e pensou de novo em seu pai. Por que seria assim? Lembrou-se de algo que o Médico lhe disse por uns dias antes:

— O que você precisa, meu filho, é enfrentar o seu pai e expulsá-lo. É uma pena que muitos filhos não mandem seus pais para o inferno!

Acendeu a luz e tentou dormir. Mas foi inútil. Por que Perséfone se preocuparia com o que pudesse acontecer com as pessoas do Lado de Fora? Ela não os conhecia; não tinha amigos lá. Se *ele* não tinha obrigações para com eles, por que *ela* estaria preocupada? Não tinha obrigações? Levou uma vida boa e fácil por muitos anos; tudo o que lhe pediram foi que se comportasse bem. Por falar nisso, o que aconteceria agora, se o Médico parasse para perguntar se você devia ou não alguma coisa a ele?

Estava ainda exaustivamente ruminando sua amarga auto-análise, quando o primeiro frio e a iluminação fraca da manhã começaram a entrar. Levantou-se, vestiu um roupão e, na ponta dos pés, foi até o quarto de Magee. A porta estava entreaberta. Meteu a cabeça dentro e murmurou:

— Fader, está acordado?

— Entre, garoto — respondeu calmamente Magee. — Qual é o problema? Não consegue dormir?

— Não...

— Nem eu. Sente-se e vamos levar o estandarte juntos.

— Fader, vou sair daqui. Vou para o Lado de Fora.

— O quê? Quando?

— Imediatamente.

— Negócio arriscado, garoto. Espere uns poucos dias e tento junto com você.

— Não, não posso esperar que fique bom. Vou avisar os Estados Unidos!

Os olhos de Magee se arregalaram um pouco, mas sua voz não se alterou.

— Você não deixou aquela pirralha magrela lhe vender uma lista de compras, Dave?

— Não. Não é bem isso. Estou fazendo isso por mim, é algo que preciso fazer. Escute aqui, Fader, e sobre aquela arma: eles têm mesmo algo que ameace os Estados Unidos?

— Temo que sim — admitiu Magee. — Não sei muito sobre o assunto, mas é algo que faz os dinamitadores parecerem brinquedo. Maior raio de ação. Não sei o que pretendem fazer com a Barreira, mas os vi enfileirando linhas de energia

pesada, antes de ser ferido na asa. Olhe, se você conseguir sair, há um cara que deve procurar; na verdade, faça o possível para encontrá-lo. É influente.

Magee rabiscou algo num pedaço de papel, dobrou-o e o entregou a MacKinnon, que o meteu no bolso distraidamente e continuou:

— Até que distância o Portão é vigiado, Fader?

— Não pode sair por lá; está fora de cogitação. Olhe o que deve fazer.

Rasgou outro pedaço de papel e começou a desenhar e a explicar.

Dave apertou a mão de Magee, antes de ir-se.

— Você se despede por mim, não é? E agradece ao Doutor? Prefiro me mandar, antes que alguém acorde.

— Claro, garoto — afirmou Fader.

MacKinnon agachou-se atrás dos arbustos e observou cuidadosamente o pequeno bando de Anjos entrando dentro da igreja fria e triste. Estremeceu, não só de medo como também por causa do ar gelado da manhã. Mas sua necessidade era maior do que seu medo. Esses fanáticos tinham comida, e ele precisava dela.

Os dois primeiros dias, depois de ter saído da casa do Doutor, foram bastante fáceis. É verdade que pegou uma gripe por dormir no chão; instalou-se em seus pulmões e ele ficou mais lento. Mas não se importava com isso agora, a não ser com prender o espirro e a tosse, até que o pequeno grupo de fiéis estivesse seguramente dentro do templo. Olhou-os passar: homens de aspecto triste, mulheres vestindo saias que se arrastavam pelo chão e cujas linhas do rosto estavam emolduradas por xales, escravas pálidas com filhos demais. Não havia luz em seus rostos. Até as crianças eram sérias.

O último deles entrou, deixando somente o sacristão no pátio da igreja, ocupado com algum dever obscuro. Depois de um tempo interminável, durante o qual MacKinnon apertou um dedo contra o lábio superior, numa tentativa furiosa de evitar um espirro, o sacristão entrou no prédio sombrio e fechou as portas.

MacKinnon rastejou para fora de seu esconderijo e correu para a casa que tinha escolhido previamente, no final da clareira mais afastada da igreja.

O cachorro era desconfiado mas ele o acalmou. A casa estava trancada mas a porta dos fundos podia ser forçada. Ficou um pouco tonto, ao ver a comida, quando a encontrou — pão duro e uma manteiga sem sal, forte, feita de leite de cabra. Dois dias antes, um passo em falso o tinha derrubado em um córrego na montanha. O tombo não lhe pareceu importante, até que descobriu que seus tablets de comida tinham virado uma papa molenga. Comeu-os durante o resto do dia mas ficaram mofados e teve de jogar fora o que sobrou.

O pão durou mais três dias de jornada mas a manteiga derreteu-se e não pôde levá-la. Enfiou o que foi possível dela dentro do pão e depois deixou escorrer o resto, sentindo-se então com muita sede.

Algumas horas depois do pão ter terminado, atingiu seu primeiro objetivo: o rio principal, do qual todos os outros arroios de Coventry eram afluentes. Em algum ponto, rio abaixo, ele mergulhava sob a cortina negra da Barreira, continuando em direção ao mar. Com o portão fechado e guardado, essa saída

constituía-se na única passagem possível para um homem desprotegido.

Mas, enquanto isso, havia água e a sede caiu sobre ele outra vez, além de ter piorado da gripe. Teria de esperar até que escurecesse para beber; havia uns vultos lá embaixo, na praia alguns em uniforme, pensou. Um deles aproximou um barquinho do ancoradouro. Tomou nota dele para si mesmo e observou-o com olhos invejosos. O barco ainda estava lá quando o sol se pôs...

O primeiro sol da manhã bateu em seu nariz e ele espirrou. Acordou bem, levantou a cabeça e olhou em volta. O barquinho de que se tinha apropriado boiava no meio do rio. Não havia remos. Não conseguia se lembrar se antes tinha tido remos ou não. A corrente era bastante forte; pareceu-lhe que devia ter flutuado para longe da Barreira, de noite. Talvez tivesse passado por baixo dela; não, que idéia ridícula!

Viu-a então, a menos de uma milha, negra e agourenta; mas foi a visão mais bem-vinda dos últimos dias. Estava muito fraco e febril para alegrar-se, mas renovou o ânimo, o que o fez prosseguir.

O barquinho rachou no fundo. Percebeu que a corrente, numa curva, o tinha levado à margem. Saltou fora desajeitadamente, suas juntas congeladas reclamando, e puxou o bojo do barco para a areia. Pensou depois melhor sobre o assunto, empurrou-o mais uma vez, impulsionando-o tanto quanto podia, e ficou olhando-o desaparecer entre curvas sinuosas. Não precisava anunciar onde tinha descido à terra.

Dormiu a maior parte do dia, levantando-se uma vez para sair do sol, quando ficou muito quente. Mas o sol tinha cozinhado muito do frio dos seus ossos e sentiu-se muito melhor quando caiu a noite.

Embora a Barreira estivesse a apenas uma milha ou menos adiante, levou a maior parte da noite para alcançá-la, seguindo pela margem do rio. Soube que tinha chegado a ela pelas nuvens de vapor que se levantavam da água. Quando o sol surgiu, pensou na situação. A Barreira estirava-se através do rio, mas a junção entre ela e a superfície dele estava escondida por nuvens revoltas. Em algum lugar, bem embaixo da superfície da água, não sabia a que profundidade, em algum ponto lá embaixo, a Barreira terminava e sua borda áspera remexia a água que tocava, transformando-a em vapor.

Lenta, relutante mas heroicamente, começou a tirar a roupa. Tinha chegado a hora e ele não a saboreava. Encontrou o pedaço de papel que Magee lhe tinha dado e tentou examiná-lo. Mas tinha sido molhado por seu mergulho involuntário no córrego da montanha e estava quase ilegível. Jogou-o fora. Parecia não ter importância.

Tiritou, ao parar hesitante na margem, embora o sol estivesse quente. Sua mente então decidiu por ele; viu uma patrulha na margem, ao longe.

Talvez o tivessem visto, talvez não. Mergulhou.

Para baixo, sempre para baixo, tanto quanto sua força o levasse. Para baixo e tentando tocar o fundo, para ter certeza de evitar aquela base mortal e cauterizante. Sentiu lama em suas mãos. Agora, era nadar sobre ela. Talvez fosse tão mortal passar por baixo quanto por cima, logo o saberia. Mas em que direção estava? Não havia como orientar-se lá embaixo.

Ficou no fundo até que seus pulmões congestionados reclamaram. Levantou-

se parcialmente e sentiu água escaldante em seu rosto. Por um tempo interminável, de dor insuportável e de solidão; deu-se conta de que estava preso entre o calor e a água; preso sob a Barreira.

Dois soldados particulares tagarelavam vagabundando num pequeno cais que ficava diante da Barreira. O rio que se derramava mais abaixo não oferecia atrativos para eles, que já o tinham olhado durante vários turnos de vigilância aborrecida. Um alarme soou atrás deles e os trouxe de volta ao estado de alerta.

— Qual o setor, Jack?

— Naquela praia. Lá está ele. Veja!

Pescaram-no e estiraram-no no cais, enquanto o sargento da guarda chegava.

— Vivo ou morto? — perguntou.

— Morto, acho — respondeu o que não estava ocupado em aplicar a ressurreição artificial.

O sargento cacarejou de um modo incongruente para seu rosto massudo e disse:

— É uma pena. Já tinha pedido uma ambulância; mande-o para a enfermaria, de qualquer jeito.

A enfermeira tentou mantê-lo quieto mas MacKinnon fez um tal tumulto, que ela foi obrigada a chamar o cirurgião plantonista.

— Bem, bem, que bobagem é essa? — O médico censurou-o, enquanto pegava seu pulso.

Dave conseguiu convencê-lo de que não ficaria quieto, nem aceitaria um soporífero até que lhe tivesse contado sua estória. Fizeram um acordo pelo qual MacKinnon poderia falar, com a condição de ser breve, e o doutor contaria a mensagem para o seu superior; em troca, Dave se sujeitaria a tomar uma injeção.

Na manhã seguinte, dois outros homens, não identificados, foram trazidos a MacKinnon pelo cirurgião. Ouviram toda a sua estória e o interrogaram detalhadamente. Foi transferido para o hospital do quartel-general naquela tarde, de ambulância. Lá foi outra vez interrogado. Estava recuperando suas forças rapidamente, mas estava ficando muito cansado daquela falação toda e queria garantias de que seu aviso estava sendo levado a sério. O último de seus interrogadores o tranqüilizou:

— Arrume-se — disse a Dave. — Vai ver o oficial em comando esta tarde.

O comandante da corporação, um sujeitinho amável, com jeito de passarinho rápido e de aspecto bem pouco militar, ouviu gravemente a estória que MacKinnon repetiu pelo que lhe parecia ser a quinquagésima vez. Balançou a cabeça, concordando, quando David terminou.

— Fique tranqüilo, David MacKinnon, todas as medidas necessárias estão sendo tomadas.

— E sobre a tal arma?

— Estão cuidando disso. E quanto à Barreira, pode não ser tão fácil quebrá-la

quanto nossos vizinhos pensam. Mas seus esforços foram apreciados. Há algo que possa fazer por você?

— Bem, não... não para mim, mas há dois amigos meus lá...

Pedi que algo fosse feito para resgatar Magee e que Perséfone pudesse sair, se quisesse.

— Já ouvi falar dessa garota — observou o general. — Vamos entrar em contato com ela. Se a qualquer momento ela desejar se tornar uma cidadã, pode-se arranjar isso. Quanto a Magee, é outra coisa... — apertou o botão do visifone de sua mesa. — Digam ao Capitão Randall para entrar.

Uma figura asseada e arrumada num uniforme de capitão dos Estados Unidos entrou a passos leves. MacKinnon olhou-o, com um interesse ocasional e educado, e seu rosto mudou totalmente de expressão:

— Fader! — berrou.

Seus cumprimentos mútuos mal foram suficientemente decorosos para a sala particular de um general em comando, mas o general não pareceu se importar. Quando se acalmaram, MacKinnon teve de perguntar o que lhe parecia mais importante:

— Mas escute aqui, Fader, nada disso faz sentido! — Parou, encarando-o, apontando então um dedo acusador. — Já sei! Você é do serviço secreto!

Fader sorriu, irônica e alegremente:

— Você pensou — observou — que o Exército dos Estados Unidos deixaria um lugar calamitoso como aquele sem ser vigiado?

O general pigarreou:

— O que planeja fazer agora, David MacKinnon?

— Hein? Eu? Bem, não tenho planos. — Pensou um pouco, voltando-se então para seu amigo: — Sabe, Fader, acho que vou aceitar o tratamento psicológico, finalmente. Você está do Lado de Fora...

— Não creio que seja necessário — interrompeu o general delicadamente.

— Não? E por que não?

— Você já se curou. Talvez não se dê conta disso, mas quatro psicotécnicos o entrevistaram. Seus relatórios são da mesma opinião. Estou autorizado a dizer-lhe que sua condição de cidadão livre lhe foi devolvida, se quiser aceitá-la.

O general e o Capitão "Fader" Randall manejaram educadamente para terminar a conferência. Randall foi até a enfermaria com seu amigo. Dave queria mil perguntas respondidas imediatamente:

— Mas, Fader, deve ter saído antes de mim.

— Um ou dois dias.

— Então meu trabalho era desnecessário!

— Não diria isso — refutou Randall. — Posso não ter terminado. Na realidade, tinham todos os detalhes antes de eu relatá-los. Há outros, de qualquer modo. — Mudando de assunto, Continuou: — Agora que você está aqui, o que pretende fazer?

— Eu? Ainda é cedo para dizer... Não vai ser literatura clássica, é uma besteira. Se não fosse um imbecil em matemática, ainda tentaria o interplanetário.

— Bem, podemos falar sobre isso esta noite — sugeriu Fader, olhando para

seu relógio. — Tenho de ir andando, mas volto mais tarde e vamos juntos para o refeitório jantar.

Saiu pela porta com a velocidade reminiscente dos ladrões de cozinha. Dave observou-o e disse subitamente:

— Ei! Fader! Por que não poderia entrar no serviço secre...

Mas Fader já se tinha ido. Tinha de se fazer a pergunta.

## O DESAJUSTADO

*"...a fim de conservar e aperfeiçoar nossas reservas interplanetárias e oferecer ocupações úteis e sadias para a juventude deste planeta."* Trecho do decreto de habilitação HR 7118, que cria a Corporação de Construção Cósmica.

— Atenção à revista da tropa!

Adequada a um campo de exercício, a voz de um sargento dos Fuzileiros Espaciais cortou a névoa e a garoa de uma feia manhã em Nova Jersey.

— Quando chamar seus nomes, respondam "Presente", dêem um passo à frente com a bagagem e embarquem. Atkins!

— Presente!

— Austin!

— Presente!

— Ayres!

— Presente!

Um por um saíram das fileiras, colocaram nos ombros os vinte quilos de pertences pessoais permitidos e marcharam penosamente para a escada do costado. Eram jovens, nenhum deles tinha mais de vinte e dois anos e, em alguns casos, o Peso da bagagem ultrapassava o do dono.

— Kaplan!

— Presente!

— Keith!

— Presente!

— Libby!

— Presente!

Um louro magriço destacou-se da fileira, limpou o nariz rapidamente e pegou seus pertences. Colocou uma sacola grande de lona a tiracolo em seus ombros, equilibrou-a e levantou uma valise com a sua mão livre. Ao subir na escada do costado, sua valise balançou contra seus joelhos. Cambaleou, indo de encontro a uma figura baixa e rija, vestida no uniforme azul-saxônia da Marinha Espacial. Dedos fortes agarraram seu braço e evitaram sua queda.

— Firme, meu filho. Vá com calma.

Uma outra mão ajeitou sua sacola de lona.

— Ah, desculpe-me, ah... — o jovem, constrangido, contou automaticamente as quatro tiras de cadarço prateado abaixo da estrela cadente — Capitão. Eu não...

— Firme a mão e entre a bordo, meu filho.

— Sim, Capitão.

A passagem para o bojo do transporte era sombria. Quando os olhos do cara se adaptavam, ele via um atirador usando a braçadeira de Mestre-de-Armas, que apontava um polegar em direção a uma porta a vácuo, aberta.

— Para lá. Encontre a sua gaveta e aguarde perto dela. Libby apressou-se

em obedecer. Dentro, encontrou uma confusão de bagagens e homens, num compartimento amplo de teto rebaixado. Uma fila de tubos incandescentes esticava-se em volta da junta do bojo com o teto, dividindo em três a parte superior; o barulho suave dos renovadores de ar faziam um fundo sonoro para as vozes dos colegas de embarque. Encontrou seu lugar no meio de pilhas de bagagens e localizou sua gaveta, sete-dez, na parede bem ao fundo. Arrancou o laque do trinco de segredo, olhou para a combinação e abriu-a. A gaveta era muito pequena, no meio de uma fileira de três. Raciocinou sobre o que poderia guardar." lá. Um alto-falante fez sumir as vozes em torno dele e pediu atenção:

— Atenção! Soldados, ouçam todos os detalhes espaciais; primeira divisão. A nave levanta vôo em doze minutos. Fechem as portas a vácuo. Desliguem os renovadores de ar dentro de menos de dois minutos. Ordens para passageiros: coloquem todo equipamento no chão e deitem-se ao sinal da luz vermelha. Permaneçam deitados até que soe o sinal de relaxar. O Mestre-de-Armas pede a compreensão de todos.

O Atirador entrou, olhou em volta e imediatamente começou a supervisionar a arrumação da bagagem. Objetos pesados foram colocados no chão. Portas trancáveis foram fechadas. Até que cada rapaz tivesse encontrado um lugar na nave e que o Mestre-de-Armas tivesse se agradado da almofada colocada atrás de sua cabeça, os tubos incandescentes ficaram vermelhos e o alto-falante zurrou:

— Toda a tripulação! Vai subir! Preparem-se para acelerar.

O Mestre-de-Armas reclinou-se contra duas valises de cruzeiro e olhou a sala. Os renovadores de ar suspiraram até parar completamente. Seguiu-se um silêncio mortal de dois minutos. Libby sentiu que seu coração começava a pular. Os dois minutos aumentaram interminavelmente. Então o bojo sacudiu-se e um ronco como o de vapor de alta pressão sendo liberado bateu em seus tímpanos. Sentiu-se subitamente muito pesado e um peso apertava seu peito e seu coração. Num indefinido tempo mais tarde os tubos incandescentes ficaram brancos e o anunciante gritou:

— Garantidos todos os detalhes da operação; vigilância normal, primeira divisão.

Os renovadores de ar zumbiram, outra vez vivos. O Mestre-de-Armas levantou-se, esfregou o traseiro e esticou os braços, dizendo:

— Muito bem, rapazes.

Dirigiu-se à porta a vácuo que ligava ao corredor e abriu-a. Libby levantou-se e tropeçou num tabique, quase caindo. Suas pernas e braços estavam entorpecidos e além disso sentia-se assustadoramente leve, como se tivesse se descartado de pelo menos metade de sua inconsistente matéria.

Durante as duas próximas horas, estava ocupado demais para pensar, ou ter saudades de casa. Malas, caixas e sacolas tinham de ser passadas para um porão mais abaixo e amarradas para não cair durante uma aceleração angulosa. Localizou e aprendeu a usar um vaso sanitário sem água. Encontrou o beliche que lhe foi designado e soube que aquelas eram as suas únicas oito horas em vinte e quatro; dois outros rapazes o usariam também. As divisões comeram em três turnos, nove turnos ao todo: vinte e quatro rapazes e um mestre-de-armas,

em uma longa mesa que atravancava um compartimento estreito da galera.

Depois do almoço, Libby voltou a arrumar sua gaveta. Estava em pé diante dela, fixando uma fotografia que pretendia prender do lado de dentro da porta, quando uma ordem encheu o compartimento:

— Atenção!

Em pé diante da porta estava o Capitão, acompanhado do Mestre-de-Armas. O Capitão começou a falar:

— Descansar. Sentem-se. McCoy, diga ao controle que ligue o exaustor desse compartimento para tirar a fumaça,

O Atirador correu para o comunicador no tabique e falou em voz baixa. Quase imediatamente o murmúrio dos renovadores atingiu uma meia oitava e ficou assim.

— Agora fumem, se quiserem. Vou conversar com vocês. Vocês estão metidos na maior coisa que já fizeram na vida. Daqui por diante, são homens, com uma das tarefas mais difíceis a cumprir que qualquer um tenha enfrentado. O que temos de fazer é parte de um grande esquema. Vocês, e centenas de milhares de outros como vocês, estão indo como pioneiros para ajustar o sistema solar de modo que os seres humanos possam usá-lo melhor. Igualmente importante é o fato de terem uma oportunidade de se transformarem em cidadãos úteis e felizes da Federação. Por uma razão ou por outra, não se sentiam ajustados na Terra. Alguns de vocês viram os trabalhos para que foram treinados, eliminados por novas invenções. Outros se meteram em encrencas por não saberem o que fazer com o lazer moderno. Talvez tenham sido chamados de meninos mal-comportados e ganharam um monte de manchas roxas por isso.

Mas todos vocês começam vida nova hoje. O único rótulo que têm nesta nave é o seu nome em cima de uma folha em branco. Depende de vocês o que vai ser escrito nela.

Agora, quanto ao nosso trabalho. Não conseguimos um dos melhores consertos-e-recondicionamentos na lua, com fins de semana na Cidade Luna e todos os confortos de casa. Nem obtivemos um planeta de alta gravidade, onde um homem possa comer uma boa refeição e esperar que ela desça. Ao invés disso, temos que ir para o Asteróide HS-5388 e transformá-lo na Estação Espacial E-M3. Não tem nenhuma atmosfera e apenas dois por cento da gravidade terrestre. Vamos brincar de moscas humanas lá por pelo menos seis meses, sem nenhuma garota para encontrar, sem televisão, sem diversões que não sejam inventadas por vocês e trabalho duro todos os dias. Vão ficar cheios do espaço e tão cheios de saudades de casa quanto possam imaginar e sofrer de agorafobia. Se não forem prudentes, pegarão uma queimadura de raio solar. O estômago vai embrulhar e vão se arrependar amargamente de terem-se alistado.

— Mas, se se comportarem e ouvirem o conselho de um espaçonauta experimentado, vão sair dessa mais fortes e saudáveis, com um pequeno crédito armazenado no banco e muita experiência e conhecimento, que não conseguiriam em quarenta anos na Terra. Serão homens, e sabem disso.

Uma última palavra. Vai ser muito desconfortável para os que não estão acostumados a isso. Apenas dêem ao colega um pouco de consideração e vocês se darão muito bem. Se tiverem alguma reclamação, ou não estiverem satisfeitos

de algum outro modo, venham ver-me. Se não, é só. Alguma pergunta?

Um dos rapazes levantou a mão.

— Capitão? — inquiriu timidamente.

— Fale, amigo, e diga-me seu nome.

— Rogers, Capitão. Vamos poder receber cartas de casa?

— Sim, mas não com muita frequência. Talvez uma vez por mês, ou algo assim. O capelão vai levar o correio, bem como todas as naves de inspeção e abastecimento.

O alto-falante da nave falou intempestivamente:

— Toda a tripulação! Vôo livre em dez minutos. Preparem-se para perder peso.

O Mestre-de-Armas supervisionou a ajustagem das malhas de suporte de bagagens. Todo equipamento solto foi amarrado e pequenos sacos de celulose foram entregues a cada homem. Assim que isso foi feito, Libby sentiu-se leve, uma sensação exatamente igual à que sentiu quando um elevador expresso parou subitamente quando subia, só que agora a sensação continuava, tornando-se cada vez mais intensa. No começo, foi uma novidade agradável, mas rapidamente tornou-se angustiante. O sangue latejava em seus ouvidos e seus pés estavam úmidos e frios. A saliva segregava em quantidade anormal. Tentou engoli-la, engasgou e tossiu. Seu estômago então estremeceu e contraiu-se num reflexo violento, doloroso e convulso, e subitamente viu-se enjoado de modo desastroso. Depois do primeiro espasmo martirizante, ouviu a voz de McCoy, berrando:

— Ei! Usem seus equipamentos de enjôo como mandei. Não deixem esse troço entrar nos renovadores.

Confusamente, Libby deu-se conta de que a repreensão o incluía. Pegou desajeitadamente seu saco de celulose, no momento exato em que um segundo tremor o sacudiu, mas conseguiu adaptar o saco em torno da boca, antes que ocorresse nova devolução. Quando acalmou-se, constatou que estava flutuando perto da parte superior, de frente para a porta. O Mestre-de-Armas em chefe deslizou pela porta e disse a McCoy:

— Como está se saindo?

— Bastante bem. Alguns rapazes perderam o saco de vômito.

— Está bem. Limpe isso. Pode usar o compartimento de estibordo.

McCoy tocou o braço de Libby:

— Ei, Rosadinho, comece a caçar borboletas. Entregou-lhe um punhado de sobras de algodão, pegou outro punhado para si e asseadamente limpou um círculo de sujeira viscosa que voava pelo compartimento.

— Verifique se o seu equipamento de enjôo está firme. Quando se sentir enjoado, pare e espere até passar.

Libby imitou-o tão bem quanto podia. Em poucos minutos, a peça estava livre dos piores detritos de enjôo. McCoy olhou em volta e disse:

— Agora limpem os farrapos imundos deles e troquem seus sacos de enjôo. Três ou quatro de vocês, tragam tudo para o compartimento de estibordo.

Naquele compartimento, os sacos foram jogados primeiro, a porta interna foi fechada e a externa aberta. Quando a porta interna foi reaberta, os sacos haviam desaparecido, carregados para o espaço por escapamento de ar. Rosadinho

dirigiu-se a McCoy:

— Temos de jogar fora nossas roupas sujas, também?

— Hum, hum. Vamos só lhes dar uma dose de vácuo. Ponham no compartimento e pendurem nos cabides superiores. Amarrem-nas bem.

Dessa vez o compartimento ficou fechado por perto de cinco minutos. Quando foi reaberto, os trajes estavam sequinhos; toda a água fervida tinha-se ido com o vácuo do espaço. Tudo o que sobrou da devolução desagradável foi um estéril resíduo de pó. McCoy examinou-os, com aprovação.

— Está bem assim. Levem-nos de volta para o outro compartimento. Dêem uma escovadela, com força, diante dos renovadores de ar.

Os próximos dias foram uma eternidade de sofrimento. A saudade de casa foi esquecida pelo aumento geral do enjôo aviltante. O Capitão concedia quinze minutos de aceleração mínima para cada um dos nove períodos de alimentação. Mas o intervalo aumentava a agonia. Libby ia para as refeições fraco e vorazmente faminto. A comida ficava dentro dele até que o vôo livre recomencesse, quando o enjôo o atacaria de novo.

No quarto dia, estava sentado contra um tabique, usufruindo do luxo de uns poucos minutos que sobravam enquanto o último turno comia, quando McCoy entrou e sentou-se a seu lado. O atirador acomodou um exaustor de fumaça em seu rosto e acendeu um cigarro. Deu uma profunda tragada e começou a conversar:

— Como está indo, cara?

— Bem, eu acho. Esse enjôo... me diga aqui, McCoy, como conseguiu se acostumar com isso?

— Vai conseguir superá-lo com o tempo. Seu corpo adquire novos reflexos, pelo que me disseram. Se aprender a engolir sem mastigar, vai se sentir bem. Chega até a gostar. É repousante e relaxante. Quatro horas de sono valem tanto quanto dez.

Libby sacudiu a cabeça tristemente:

— Acho que não vou me acostumar nunca.

— Claro que vai. É o melhor que tem a fazer. O asteróide para onde vamos não tem nenhuma gravidade na superfície; o oficial-em-chefe da equipagem disse que não ultrapassa dois por cento da gravidade normal da Terra. Não é o suficiente para curar enjôo espacial. E não vai haver nenhum modo de acelerar durante as refeições, também.

Libby arrempiou-se e segurou a cabeça entre as mãos.

Localizar um asteróide entre alguns milhares de outros não é tão fácil quanto achar Trafalgar Square em Londres, principalmente contra a cortina de estrelas amontoadas na galáxia. Decola-se da Terra com sua velocidade orbital de dezenove milhas por segundo, aproximadamente. Tenta-se ajustar uma curva conóide compósita que não interseccione a órbita de um corpo rápido e pequeno, mas que também efetue um encontro exato. O Asteróide HS-5388, "Oito-oito", fica a cerca de duas e dois décimos unidades astronômicas do sol, um pouco mais do que duzentos milhões de milhas; quando o transporte decolou, ele estava abaixo do sol mais do que a trezentos milhões de milhas. O Capitão Doyle deu instruções ao navegador para estabelecer a elipsóide básica para dirigir-se em

vôo livre em torno do sol através de uma distância decorrida de alguns trezentos e quarenta milhões de milhas. O princípio empregado é o mesmo usado por um caçador para atingir a asa de um pato voando, "orientando" o vôo do pássaro. Mas suponha que você encare o sol de frente ao atirar; suponha que o pássaro não possa ser visto de onde você está e você não tenha nenhum alvo, a não ser por alguns relatórios velhos sobre como ele voava quando foi visto pela última vez?

No nono dia de viagem, o Capitão Doyle entrou na sala de mapas e começou a socar chaves do calculador integral ponderado. Mandou seu ordenança então apresentar seus cumprimentos ao Navegador e pediu-lhe que viesse à sala de mapas. Poucos minutos depois, uma figura alta e pesada nadou através da porta, fixou-se agarrado a uma corda de segurança e saudou o Capitão.

— Bom dia, Capitão.

— Olá, Blackie.

O velho olhou-o de onde estava, preso à sela do integrador.

— Estive analisando suas correções para as acelerações do horário de refeições.

— É muito desagradável ter um bando de marinheiros de primeira viagem a bordo, Capitão.

— É, sim, mas temos de dar a esses garotos uma chance de comer, ou não poderão trabalhar quando chegarmos. Bem, quero a desaceleração começando dentro de mais ou menos dez horas, hora da nave. Como estão sua velocidade e suas coordenadas de oito horas?

O Navegador puxou um bloco de notas de sua túnica:

— Trezentas e cinquenta e oito milhas por segundo; o curso está bem em ascensão a quinze horas, oito minutos e vinte e sete segundos, inclinação mínima de sete graus e três minutos; distância solar de cento e noventa e dois milhões, quatrocentos e oitenta mil milhas. Nossa posição radial é de doze graus acima do curso e quase morto no curso RA. Quer as coordenadas do Sol?

— Não, não agora. — O Capitão inclinou-se sobre o calculador, franziu a testa, chupando a ponta da língua enquanto manobrava os controles. — Quero que corte a aceleração à cerca de um milhão de milhas dentro da órbita de Oito-oito. Detesto desperdiçar combustível, mas o cinturão está cheio de tralhas e essa maldita rocha é tão pequena, que talvez tenhamos de procurar fazer uma curva. Use desaceleração de vinte horas e comece a mudar o curso para aterrissar depois de oito horas. Use aproximação assintótica normal. Deve tê-lo em trajetória circular lado a lado do Oito-oito e voar paralelo à sua órbita pelas seis horas da manhã. Quero ser chamado às três.

— Muito bem, Capitão.

— Deixe-me ver seus cálculos, quando estiverem prontos. Vou mandar o livro de ordem mais tarde.

No tempo exato, o transportador acelerou. Pouco depois das três o Capitão entrou na sala de controles e piscou os olhos na escuridão. O sol ainda estava escondido pela fuselagem do transportador e a escuridão da meia-noite só era quebrada por um vago brilho azulado dos diais do instrumento e da fenda de luz sob o pequeno toldo do mapa. O navegador voltou-se, ao ouvir passos conhecidos:

— Bom dia, Capitão.

— Bom dia, Blackie. Já está à vista?

— Ainda não. Encontramos uma meia dúzia de rochas, mas nenhuma delas coincide.

— Alguma delas próxima?

— Não de modo desagradável. Estamos pegando um pouco de areia, de vez em quando.

— Isso não pode nos machucar; não em uma popa fendida como essa. Se os pilotos se dessem conta de que os asteróides voam em direções fixas e a velocidades computáveis, ninguém se feriria com eles. — Parou para acender um cigarro. — As pessoas falam do espaço como sendo perigoso. Claro, já foi; mas não sei de um caso nos últimos vinte anos que não pudesse ser imputado ao descuido de algum idiota.

— Tem toda razão, Capitão, A propósito, há café em cima do toldo dos mapas.

— Obrigado; já tomei lá embaixo.

Andou por perto das vigias de tanques de radar e estereoscópios e observou a escuridão coalhada de estrelas. Três cigarros depois, o vigia mais próximo dele chamou-o:

— Luz!

— A que distância?

Seu colega leu os diais externos do estereoscópio:

— Mais ponto dois, à popa um ponto três, pequeno desvio à popa. Foi para o radar e acrescentou: raio de ação sete nove quatro três.

— Confirma?

— Pode ser, Capitão. Qual é o seu círculo? — A voz do Navegador saiu abafada sob o toldo.

O primeiro vigia rapidamente girou os botões de, seu instrumento, mas o Capitão cutucou-o para o lado:

— Eu faço isso, meu filho.

Ajustou seu rosto a uma vigia biocular e inspecionou uma pequena esfera prateada, uma pequena lua. Cuidadosamente, aproximou dois fios de retículo até que ficassem exatamente na tangente da parte superior e inferior do disco.

— Anotem!

A leitura foi anotada e passada ao Navegador, que logo abaixou-se, saindo debaixo do toldo:

— É a nossa criança, Capitão.

— Ótimo.

— Devo fazer uma triangulação visual?

— Deixe o oficial-vigilante fazer isso. Desça e durma um pouco. Vou manobrar a nave até que estejamos o bastante perto para usar o telêmetro ótico.

— Obrigado, é o que vou fazer.

Dentro de poucos minutos, já se havia espalhado pela nave que o Oito-oito tinha sido avistado. Libby amontou-se junto da tropa a estibordo, com uma

multidão de colegas excitados, e tentou ver seu futuro lar através da escotilha. McCoy jogou água fria na excitação deles:

— Quando essa rocha estiver o bastante grande para ser vista a olho nu, estaremos aterrissando na estação. Ela só tem perto de cem milhas de espessura, sabem?

E assim foi. Muitas horas depois o alto-falante da nave gritou:

— Toda a tripulação! Soldados, para suas estações de aterrissagem. Fechem todas as portas a vácuo. Atenção para desligar os renovadores, ao ser dado o sinal.

McCoy obrigou-os a deitar durante as horas seguintes. Pequenos choques de rajadas de foguete alternavam-se com uma nauseante ausência de peso. Então os renovadores pararam e válvulas de percussão estalaram dentro de suas cadeiras.

A nave caiu livremente por alguns momentos, um último sinal, cinco segundos de queda e um impacto curto, leve e tormentoso. Um único toque de clarim saiu do alto-falante e os renovadores recomeçaram a zunir.

McCoy flutuava levemente em seus pés e pousou, oscilando, nos dedos dos pés:

— Toda a tripulação! Chegamos ao fim da linha.

Um cara baixo e troncudo, pouco mais moço do que a maioria deles, tentou imitá-lo desajeitadamente e saltou em direção à porta, gritando, enquanto corria:

— Vamos, colegas! Vamos sair e fazer uma exploração! O Mestre-de-Armas silenciou-o:

— Não tão depressa, garoto. Além do fato de não ter ar algum, vá direto lá para fora! Vai congelar até morrer, queimar-se até morrer e estourar como um tomate maduro. Chefe de pelotão, escolha seis homens para buscar roupas espaciais. Os outros fiquem aqui e aguardem.

O grupo de trabalho retornou logo, carregado de umas duas dúzias de embrulhos volumosos. Libby largou os quatro que carregava e observou-os, enquanto flutuavam suavemente. McCoy abriu o fecho do envelope de uma roupa e deu as explicações sobre ela:

— Isso é um tipo de serviço padrão, emissão comum, Marca IV, Modificação 2.

Agarrou a roupa pelos ombros e sacudiu-a, de modo que ficasse pendurada como uma longa roupa de baixo de inverno, com o capacete pendendo inútil entre os ombros do traje:

— É abastecido para oito horas, tendo um suprimento de oxigênio para esse período. Tem também um tanque de nitrogênio de boa qualidade e um cartucho de filtro de carbono-dióxido-vapor-d'água.

Ele continuou com a lengalenga, repetindo, praticamente letra por letra, a descrição e instruções dadas nos manuais de treinamento. McCoy conhecia essas roupas como sua língua o céu de sua boca; tal conhecimento lhe tinha salvo a vida em mais de uma ocasião.

— A roupa é tecida com fibra de vidro laminada, com asbestocelutite não-volátil. O tecido resultante é flexível e muito duradouro, tornando todos os raios normais para o espaço solar fora da órbita de Mercúrio. É vestido sobre suas

roupas comuns mas observem para que o sanfonado de metal esteja dobrado nas juntas principais. É desenhado de modo a manter

o volume interno da roupa quase constante, quando se dobram os braços e as pernas. Se não fosse assim, a pressão do gás interno tenderia a manter a roupa inflada em posição ereta e seria cansativo mover-se vestindo-a. O capacete é moldado em silicone transparente, dirigido e polarizado contra muita penetração de raio. Pode ser equipado com visores externos de qualquer tipo necessário. Ordena-se que não se use menos do que um âmbar número dois nesse capacete. Além disso, uma chapa de chumbo protege o crânio e estende-se para baixo do traje, cobrindo completamente a coluna vertebral.

A roupa está equipada com um telefone que fala e recebe. Se o rádio de vocês pifar, como costuma fazer, podem falar colocando os capacetes em contato. Alguma pergunta?

— Como é que se come e bebe durante as oito horas?

— Você não fica dentro da roupa oito horas. Pode levar bolinhas de açúcar num dispositivo do capacete, mas vocês sempre comerão na base. Quanto à água, há um bocal no capacete, que podem alcançar girando a cabeça para a esquerda, ligado a uma cantina interna. Mas não bebam mais água do que o necessário, quando estiverem usando essa roupa. Elas não têm nenhum encanamento.

As roupas foram entregues a cada cara, McCoy explicando como vesti-las. Uma delas foi esticada de costas na cabine, tendo o zíper dianteiro, que se fechava até o pescoço para enganchar no capacete, aberto inteiramente para que se visse o lado interno da abertura, de modo que a parte inferior esticava-se como meias compridas. Depois, um meneio entre cada manga e as luvas pesadas e flexíveis estavam amaciadas e ajustadas em seu lugar. Finalmente, uma sacudida desajeitada para trás esticava o pescoço com os ombros curvados e permitia que o capacete fosse colocado sobre a cabeça.

Libby acompanhou os movimentos de McCoy e levantou-se, com sua roupa vestida. Examinou o fecho que controlava a única abertura da roupa. Era resguardado por duas vedações maleáveis, unindo-se apertadas pelo próprio fecho e lacradas por pressão de ar interno. Dentro do capacete, um bocal compósito para exalar o ar levava ao filtro.

McCoy berrava em torno deles, inspecionando-os, apertando um cinto aqui e ali, dando-lhes instruções quanto ao uso dos controles externos. Satisfeito, apresentou-se ao comando, informando que sua divisão tinha recebido as instruções básicas e estava pronta para o desembarque. Teve permissão para levá-la para fora por trinta minutos de adaptação.

Seis de cada vez, ele os escoltava através da cabine de ar, e para fora, para a superfície do planetóide. Libby piscou os olhos ao brilho da rocha reluzindo ao sol, a que não estava acostumado. Embora o sol ficasse a mais de duzentos milhões de milhas de distância e banhasse o pequeno planeta com uma irradiação de apenas um quinto superior à que atingia a Terra, ainda assim a falta de atmosfera resultava em um clarão que o fazia piscar. Estava feliz de ter a proteção de seu visor de âmbar. Acima, o sol, reduzido ao tamanho de um centavo, brilhava em um céu mortalmente negro, no qual estrelas vigilantes

aglomeravam-se brilhando, juntamente com o próprio sol.

A voz de um colega soou nos ouvidos de Libby:

— Puxa! O horizonte parece perto. Aposto como não está a mais de uma milha de distância.

Libby olhou a planície achatada e nua, ponderando o assunto subconscientemente:

— Está a menos — comentou — do que um terço de milha de distância.

— Que diabo sabe você a respeito, Rosadinho? E quem lhe perguntou alguma coisa?

Libby respondeu na defensiva:

— Na realidade, está a mil seiscentos e setenta pés, considerando que meus olhos estão a cinco pés e três polegadas acima do nível do chão.

— Besteira, Rosadinho. Você está sempre tentando exhibir o quanto você pensa que sabe.

— Eu? De jeito nenhum — protestou Libby. — Se esse corpo celeste tem cem milhas de espessura e for tão redondo quanto parece, ora, é claro que o horizonte *tem* de estar a essa distância.

— *Quem* disse? McCoy interrompeu-os:

— Calem-se! Libby está bem mais perto da verdade do que você.

— Ele está exatamente certo — intrometeu-se uma voz estranha. — Tive de verificar com o Navegador antes de deixar o controle.

— É mesmo? — Era a voz de McCoy outra vez. — Se o Chefe de Equipagem diz que você está certo, Libby, então você está. Como sabia disso?

Libby enrubescceu inteiramente:

— Eu... eu não sei. Só podia ser assim.

O Atirador e o Chefe de Equipagem encararam-no mas mudaram de assunto.

Lá pelo fim do "dia" (horário da nave, pois Oito-oito tinha um período de oito horas e trinta minutos), o trabalho já estava em andamento. O transportador tinha aterrissado perto de uma fileira de colinas baixas. O Capitão escolheu uma cavidade abaulada nas colinas, de alguns mil pés de comprimento e com a metade de largura, onde fixou o acampamento permanente. Este devia ser coberto, lacrado e provido de uma atmosfera.

Na colina entre a raive e o vale, quartéis deviam ser escavados; dormitórios, refeitórios, salas de oficiais, enfermarias, sala de recreação, escritórios, almoxarifados e tudo o mais. Um túnel devia ser construído através da colina, ligando os pontos dessas salas e fazendo a conexão com uma tubulação metálica esticada de dez pés para ar, lacrada até a popa da nave onde estava a cabine de ar. Mas a tubulação e o túnel deveriam ser equipados com uma correia de transporte contínua para passageiros e carga.

Libby viu-se designado para trabalhar nos detalhes da cobertura. Ajudou um metalúrgico a subir montanha acima, com um aquecedor atômico portátil, difícil de carregar devido a uma massa de oitocentas libras, embora na verdade pesasse apenas dezesseis. O resto dos detalhes da cobertura foram desobstruir e preparar para transportar à mão a imensa tenda translúcida que deveria servir de "céu"

para o pequeno vale.

O metalúrgico situou uma marca no chão na parte interna da descida do vale, instalou o aquecedor e começou a cortar uma ranhura horizontal e funda na rocha. Manteve-a sempre ao mesmo nível, seguindo uma marca de giz desenhada sobre a parede da rocha. Libby perguntou-lhe como o trabalho tinha sido feito tão rapidamente:

— É fácil. Dois dos chefes de equipagem vieram antes com um transmissor, nivelaram isso a apenas cinquenta pés acima do nível do vale e grampearam um holofote nele. Então um deles correu como o diabo, fazendo marcas de giz na altura em que o raio de luz do holofote batia.

— Esse telhado vai ficar a apenas cinquenta pés de altura?

— Não, a média vai ser de cem. Fica abobadado no centro por pressão de ar.

— Como a da Terra?

— Metade da que é normal na Terra.

Libby concentrou-se por um instante, parecendo confuso:

— Mas, escute. Esse vale tem mil pés de comprimento e mais de quinhentos de largura. À metade de cinquenta libras por polegada quadrada e permitindo o arco do teto, é um peso de um e um oitavo bilhões de libras. Que tecido pode agüentar tanto peso?

— Teia de aranha.

— Teia de aranha?

— É, teia de aranha. Mais forte do que o melhor aço. É de seda de aranha sintética. Esse negócio que estamos usando para o telhado tem uma força de distensão de quatro mil libras em cada polegada.

Libby hesitou por um segundo e respondeu:

— Entendi. Com um aro de cerca de cento e oitenta mil polegadas nas extremidades, o ponto de maior tensão de ancoragem seria de mais ou menos seiscentos e vinte e cinco libras por polegada. Boa margem de segurança.

O metalúrgico inclinou-se sobre seu utensílio e balançou a cabeça:

— Qualquer coisa assim. Você é bem rápido em aritmética, não é, cara?

Libby espantou-se:

— Apenas gosto de deixar as coisas claras. Trabalhamos rapidamente em torno da ladeira, cortando uma fenda suave e limpa na qual a "teia de aranha" pudesse ser fixada e lacrada. A lava branquíssima cuspidada da descarga de escape rolava lentamente pela colina. Um vapor marrom fervilhava fora da superfície da rocha fundida, levantando-se a uns poucos pés e movendo-se quase imediatamente no vácuo para o pó branco que amontoava no chão. O metalúrgico apontou para o pó,

— Esse troço provoca silicose, se deixarmos ele ali e respirarmos depois.

— O que fazem com ele?

— Apenas limpam o-lo com os exaustores do aparelho de ar condicionado.

Libby aproveitou a oportunidade para fazer mais uma pergunta:

— Senhor...

— Johnson é o meu nome. Não precisa me chamar de senhor.

— Bem, Johnson, de onde tira o ar para todo esse vale, sem mencionar os túneis? Imagino que deve precisar de vinte e cinco milhões de pés cúbicos ou

mais. Fabricam-no?

— Não, daria muito trabalho. Trouxemos conosco.

— No transportador?

— Hum, hum. Em cinqüenta atmosferas. Libby pensou no assunto:

— Entendi. Desse modo, entra num espaço de oitenta pés de cada lado.

— Na verdade, é em três porções especialmente construídos, como gigantescas garrafas de ar. Esse transportador levava ar para Ganimedes. Trabalhava nele, naquele tempo; um recruta, mas mesmo assim na patota aérea.

Em três semanas, o acampamento permanente estava pronto para ser ocupado e o transportador descarregou sua bagagem. Os depósitos se encheram de utensílios e suprimentos. O Capitão Doyle mudou seu escritório de administração para o subterrâneo, passou o comando a seu primeiro oficial e deu-lhe permissão para continuar com o "dever designado", neste caso; voltou à Terra com uma tripulação reduzida.

Libby olhou-os decolar de um ponto alto da colina. Uma violenta saudade tomou conta dele. Voltaria um dia para casa? Honestamente acreditava, naquele tempo, que trocaria o resto de sua vida por cada trinta minutos que passasse com sua mãe e com Betty.

Começou a descer a colina na direção da abertura do túnel. Pelo menos, o transportador levava-lhes as cartas e com alguma sorte o capelão voltaria em breve com cartas da Terra. Mas amanhã e nos dias subseqüentes não haveria a menor graça. Tinha gostado de pertencer à patota aérea, mas amanhã voltava a seu pelotão. Não estava gostando disso; os rapazes em seu pelotão eram legais, achava, mas ele não se dava lá muito bem com eles.

Esse pelotão do Centro de Corte Criminal começou o seu grande trabalho: marcar como variola o Oito-oito com tubos de foguetes, de modo que o Capitão Doyle pudesse empurrar cem milhas de mármore para fora de sua órbita e arrebanhá-lo para uma órbita entre a Terra e Marte, para ser usado como estação espacial: um abrigo para naves com problemas, um ancoradouro para salva-vidas, uma parada para abastecedores, um posto naval avançado.

Libby foi designado para um aquecedor numa cova H-16. Era seu trabalho retirar emplacements cuidadosamente calculados, nos quais a tripulação dinamitadora pudesse colocar cargas diminutas que executavam a maior parte da escavação. Os dois pelotões que foram designados para o H-16 estavam sob a supervisão geral de um atirador-fuzileiro mais velho. O atirador sentava-se na porta da cova, segurando planos e, de vez em quando, fazendo cálculos numa régua circular, que pendia de um fio em torno de seu pescoço.

Libby tinha acabado de completar um corte bastante difícil para um dinamitador de três andares e estava esperando pelos outros, quando seus fones surpreenderam as instruções do atirador a respeito do volume da carga. Apertou seu botão de transmissão:

— Sr. Larsen! Cometeu um engano!

— Quem disse isso?

— Foi o Libby. Cometeu um engano na carga. Se colocá-la, vai explodir essa

cova e nós com ela.

O atirador-fuzileiro Larsen girou os diais de sua régua circular, antes de responder:

— Está muito "ouricado" por nada, meu filho. A carga está correta.

— Não estou, não. O senhor multiplicou, quando devia ter dividido.

— Tem alguma experiência nesse tipo de trabalho?

— Não, senhor.

Larsen dirigiu sua próxima observação para o dinamitador:

— Coloque a carga.

Começaram a fazê-lo. Libby engoliu em seco e lambeu seus lábios. Sabia o que tinha de fazer, mas tinha medo. Dois desajeitados saltos com as pernas duras o colocaram junto aos dinamitadores. Enfiou-se entre eles e tirou os eletrodos do detonador. Uma sombra passou por ele, enquanto trabalhava, e Larsen flutuou para baixo, a seu lado. Uma mão agarrou firmemente seu braço:

— Não devia ter feito isso, meu filho. É desobediência direta às ordens. Vou ter que denunciá-lo.

Começou a reconectar os circuitos de detonação.

As orelhas de Libby arderam de vergonha mas respondeu com a coragem que sua timidez permitia:

— Tinha de fazê-lo. O senhor continua enganado.

Larsen parou e olhou para o rosto obstinado:

— Bem, é uma perda de tempo, mas não quero que se submeta a uma carga da qual está com medo. Vamos refazer o cálculo juntos.

O Capitão Doyle sentou-se confortavelmente em seu escritório, tendo o pé sobre a mesa. Encarava um copo quase vazio:

— Boa cerveja, Blackie. Acha que podemos produzir mais, quando essa terminar?

— Não sei, Capitão. Trouxemos alguma levedura?

— Verifique, sim? — Voltou-se para um homem corpulento que ocupava a terceira cadeira: — Bem, Larsen, estou contente de que não tenha sido uma perda de tempo.

— O que me impressiona, Capitão, é como eu pude cometer tal erro. Verifiquei duas vezes. Se fosse um explosivo de nitro, teria percebido logo que estava enganado. Se esse garoto não tivesse dado um pinote, eu teria estourado tudo!

O Capitão Doyle bateu no ombro do velho oficial: ,

— Esqueça, Larsen. Não teria ferido ninguém; é por isso que exijo que as covas sejam evacuadas mesmo com cargas pequenas. Esses explosivos isótopos são bastante difíceis de se lidar. Veja o que aconteceu com a cova A-9. Dez dias de trabalho inutilizados por uma carga e o próprio oficial atirador a tinha aprovado. Mas quero ver esse rapaz. Como é mesmo o seu nome?

— Libby, A. J.

Doyle apertou um botão em sua escrivaninha. Alguém bateu à porta. Um grito de "Entre!" fez aparecer um adolescente, usando o distintivo da Corporação Colega-de-Convés.

— Diga ao membro da Corporação Libby que se apresente.

— Sim, Capitão.

Alguns minutos depois, Libby foi introduzido na cabine do Capitão. Olhou em torno nervosamente e notou a presença de Larsen, fato que não contribuiu para sua paz de espírito. Apresentou-se, com uma voz quase inaudível:

— Membro da Corporação Libby, Capitão.

O Capitão examinou-o:

— Bem, Libby, soube que você e Larsen tiveram uma divergência de opinião essa manhã. Conte-me como foi.

— Eu... eu não fiz por mal, Capitão.

— Claro que não. Não há problemas para você; prestou-nos a todos um grande serviço esta manhã. Diga-me, como sabia que o cálculo estava errado? Já tinha alguma experiência em mineração?

— Não, senhor. Apenas percebi que ele tinha se enganado no cálculo.

— Mas como?

Libby arrastou os pés, constrangido:

— Bem, Capitão, apenas me pareceu errado. Não se adequava.

— Um momento, Capitão. Posso fazer umas perguntas ao jovem?

Era o Comandante "Blackie" Rhodes quem falava,

— Claro. Faça.

— Você é o cara que chamam de "Rosadinho"?

Libby enrubesceu.

— Sim, senhor.

— Já ouvi falar desse rapaz.

Rhodes tirou seu imenso esqueleto da cadeira, foi a uma estante de livros e retirou um volume bastante grosso. Folheou-o, abrindo o livro diante dele, começando então a interrogar Libby:

— Qual é a raiz quadrada de noventa e cinco?

— Nove inteiros e setecentos e quarenta e sete mil avós.

— Qual a sua raiz cúbica?

— Quatro inteiros e quinhentos e sessenta e três mil avós.

— Qual o seu logaritmo?

— O seu o quê?

— Meu Deus, um garoto hoje em dia passa pela escola sem aprender isso?

A inquietação do rapaz ficou mais intensa:

— Não tive escolaridade, senhor. Meu povo não aceitou o Convênio até que papai morreu e aí tivemos de aceitar.

— Entendo. Logaritmo é o nome dado ao expoente da potência a que se deve elevar um número chamado base, para obter outro número, que é seu logaritmo. Está claro?

Libby pensou firmemente:

— Não entendo bem.

— Vou tentar de novo. Se elevar dez à segunda potência, ou seja ao quadrado, vai dar cem. Assim, o logaritmo de cem com base de dez é dois. Do mesmo modo, o logaritmo de mil com base dez é três. Agora, qual é o logaritmo de noventa e cinco?

Libby confundiu-se por um momento:

— Não consigo um número redondo. É uma fração.

— Exato..

— Então é um inteiro e novecentos e setenta e oito avós, mais ou menos.

Rhodes voltou-se para o Capitão:

— Acho que já basta como prova. Doyle abanou a cabeça pensativamente:

— É, o rapaz parece ter conhecimento intuitivo de relações aritméticas. Mas vamos ver o que mais conhece.

— Creio que terei de mandá-lo de volta à Terra para verificar adequadamente.

Libby pegou a essência da última afirmativa:

— Por favor, senhor, vai me mandar de volta para casa? Mãe se envergonharia muito de mim.

— Não, não é nada disso. Quando terminar o seu prazo, quero que você seja analisado por laboratórios psicométricos. Enquanto isso, não me separaria de você nem por um quarto de meu pagamento. Seria mais fácil deixar de fumar. Mas vamos ver o que mais sabe fazer.

Na hora subsequente, o Capitão e o Navegador ouviram Libby: primeiro, deduziu o teorema de Pitágoras; segundo, deduziu as leis de movimento de Newton e as leis balísticas de Kepler, por uma afirmação das condições em que foram obtidas; terceiro, calculou comprimento, área e volume a olho, sem erro mensurável. Tinha chegado à noção de relatividade e do contínuo tempo-espaço não-retilíneo e começava a despejar idéias mais rápido do que podia falar, quando Doyle levantou a mão:

— Basta, meu filho. Está ficando febril. Vá para a cama, agora, e venha verme amanhã de manhã. Vou tirá-lo do campo de trabalho.

— Está bem, Capitão.

— A propósito, qual o seu nome completo?

— Andrew Jackson Libby, Capitão.

— Não, sua gente nunca teria assinado o Convênio. Boa noite.

— Boa noite, Capitão.

Depois que ele se foi, os dois mais velhos discutiram sua descoberta:

— Como descobriu, Capitão?

— Bem, ele é um gênio, é claro. Um desses talentos selvagens que aparecem uma vez na vida outra na morte. Vou soltá-lo entre os meus livros e ver como se afina. Não me admiraria se fosse um leitor que lê de relance, também.

— Me intriga por que os expulsamos da Terra, esses rapazes; e não há nenhum registro deles lá.

Doyle abanou a cabeça:

— Esse é o problema dessas crianças; não se sentiram necessárias.

Oito-oito girou alguns milhões de milhas adiante, em volta do sol. As marcas de varíola de seu rosto ficaram maiores e eram marcadas com durite, esse produto de laboratório estranho e hermeticamente embalado que, geralmente, confinaria até desintegração atômica. O Oito-oito recebeu então uma série de

tapinhas gentis, sempre do lado voltado para seu curso. Em poucas semanas, os dinamitadores fizeram seu efeito e o Oito-oito estava mergulhando em uma órbita em direção ao sol.

Quando esta chegasse em sua estação um e três décimos da distância do sol na órbita terrestre, seria adulada com outra série de pancadinhas, a fim de entrar numa órbita circular. Daí por diante, ficaria conhecida como E-M3, Estação Espacial Terra-Marte, Ponto Três.

A centenas de milhões de milhas ao longe, duas outras Centrais de Corte Criminal estavam induzindo outros planetóides a abandonar suas antigas órbitas e deslizar entre a Terra e Marte para aterrissar na mesma órbita do Oito-oito. Um devia dirigir sua órbita cento e vinte graus adiante do Oito-oito, o outro cento e vinte graus abaixo. Quando E-M1, E-M2 e E-M3 fossem todos estações, nenhum viajante em apuros nos caminhos espaciais entre a Terra e Marte se encontraria longe de uma aterrissagem, ou de socorro.

Durante os meses em que o Oito-oito caiu livremente em direção ao sol, o Capitão Doyle reduziu as horas de trabalho de sua tripulação e utilizou-a no trabalho comparativamente mais leve de construir um hotel e transformar o pequeno vale coberto em um jardim. A rocha cedeu lugar à terra, fertilizantes foram usados e culturas de plantas bacterianas anaeróbicas plantadas. Então plantas condicionadas por trinta estranhas gerações de baixa gravidade em Cidade Luna foram enviadas e carinhosamente tratadas. A não ser pela baixa gravidade, Oito-oito começou a parecer "nosso lar".

Mas quando Oito-oito aproximou-se de uma tangente para a órbita hipotética futura do E-M3, o pelotão voltou às manobras de rotina, vigia sim, vigia não, com o Capitão vivendo de café preto e tirando uns cochilos na sala de planejamento.

Libby foi designado para o calculador balístico, três toneladas de metal pensante que dominava a sala de planejamentos. Amava a enorme máquina. O Chefe do Controle de Tiro deixava-o ajudar a consertá-la e cuidar dela. Libby subconscientemente pensava nela como em uma pessoa, igual a ele.

No último dia da aproximação, os choques foram mais freqüentes. Libby sentou na sela do lado direito do calculador e zumbiu as previsões para a próxima salva de tiros, enquanto exultava com a acuidade com que a máquina o acompanhava. Capitão Doyle alvoroçava-se nervosamente, parando de vez em quando para olhar por cima do ombro do Navegador. Claro que os números estavam certos mas, e se não funcionassem? Ninguém tinha movimentado uma massa tão grande antes. Suponhamos que continuasse mergulhando e mergulhando — besteira! Não era possível. Ainda assim, ficaria feliz quando ultrapassassem a velocidade crítica.

Um fuzileiro tocou seu ombro, tranqüilamente:

— Hélio do Flagship, Capitão.

— Leia.

— "Flag para Oito-oito; mensagem particular, Capitão Doyle; estou me deitando para ver você trazê-lo. Kearney."

Doyle sorriu. Foi gentil do velho. Quando chegassem à estação, convidaria o Almirante a aterrissar para jantar e mostrar-lhe o parque.

Outra salva de tiro partiu, mais pesada do que qualquer outra. A sala

estremeceu violentamente. Num minuto, os relatórios dos observadores da superfície começaram a escoar:

— Tubo nove, descarregar!

— Tubo dez, descarregar!

Mas o zumbido de Libby tinha cessado. Capitão Doyle voltou-se para ele:

— O que houve, Libby? Dormindo? Chame as estações polares. Tenho de ter um paralaxe.

— Capitão — a voz do rapaz estava baixa e trêmula.

— Fale, homem!

— Capitão, a máquina não está localizando.

— Espiões! — A cabeça grisalha do Chefe do Controle de Tiro apareceu por detrás do computador.

— Já estou trabalhando nisso. Comunico-me com o senhor em um minuto.

Abaixou-se outra vez. Depois de alguns longos minutos, reapareceu:

— Gyros caiu. É um trabalho de pelo menos doze horas de calibração.

O Capitão não disse nada, mas afastou-se e foi para o fundo da sala. O Navegador o seguiu com os olhos. Voltou, olhou para o cronômetro e disse ao Navegador:

— Bem, Blackie, se eu não tiver essa informação de tiro em sete minutos, vamos afundar. Alguma sugestão?

Rhodes sacudiu a cabeça, sem falar. Libby timidamente levantou a voz:

— Capitão! Doyle saltou:

— O quê?

— A informação de tiro é tubo treze, sete ponto seis três; tubo doze, seis ponto nove zero; tubo catorze, seis ponto oito nove.

Doyle analisou o rosto do rapaz:

— Tem certeza disso, meu filho?

— *Tem* que ser, Capitão.

Doyle ficou ereto. Dessa vez não olhou para Rhodes, mas sim para a sua frente. Então, tirou uma longa baforada de seu cigarro, olhou para a cinza e disse, com voz firme:

— Use a informação. Atire.

Quatro horas depois, Libby ainda estava zumbindo a informação de tiro, seu rosto cinza, seus olhos fechados. Desmaiou uma vez mas, quando voltou a si, ainda estava murmurando as cifras. De vez em quando o Navegador e o Capitão se revezavam, mas não havia rodízio para ele.

As salvas de tiro ficaram cada vez mais próximas, mas os choques eram mais leves.

Seguindo uma salva fraca, Libby olhou para cima, encarou o teto e disse:

— Acabou, Capitão.

— Chame as estações polares!

Os relatórios foram prontamente respondidos:

— Paralaxe constante, velocidade sideral-solar constante. O Capitão relaxou numa cadeira.

— Bem, Blackie, conseguimos. Graças a Libby! Notou então que um ar preocupado e pensativo espalhava-se pelo rosto de Libby.

— O que houve, homem? Cometemos algum deslize?

— Capitão, sabe que no outro dia o senhor disse que queria gravidade terrestre normal no parque?

— Sim. E daí?

— Se aquele livro sobre gravitação que me emprestou está correto, acho que sei um meio de consegui-la.

O Capitão olhou-o, como se o visse pela primeira vez.

— Libby, você não consegue mais me surpreender. Poderia parar com isso o tempo suficiente para jantar com o Almirante?

— Oba, Capitão, seria legal!

O áudio-circuito da Comunicação entrou no ar.

— Hélio de Flagship: "Muito bem, Oito-oito". Doyle sorriu para todos:

— É uma confirmação agradável. O áudio esbravejou outra vez:

— Hélio de Flagship: "Cancelem último comunicado, aguardem correção".

Um olhar de surpresa e preocupação espalhou-se pelo rosto de Doyle e então o áudio continuou:

— Hélio de Flagship: "Muito bem, E-M3".